



O MUNDO DO LIVRO

991 DA PRIMEIRA DA JESUS
TELEF. 9951

McKEW PARR COLLECTION



MAGELLAN
and the AGE of DISCOVERY



PRESENTED TO
BRANDEIS UNIVERSITY • 1961

Hostis Victus est.

SANS DIEU RIEN



BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

O INFANTE

D. PEDRO

CHRONICA INEDITA

POR

Gaspar Dias de Landim

VOLUME I

ESCRITORIO — RUA DOS RETROZEIROS, 147

LISBOA — 1893



BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario
LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador—MELLO D'AZEVEDO

O INFANTE D. PEDRO

CHRONICA INEDITA

POR

Gaspar Dias de Landim



ESCRITORIO

147, Rua dos Retrozeiros, 147

LISBOA

==
1892

LISBOA
Impresso na Typ. do Commercio de Portugal
41, Rua Ivens, 41

1892

ADVERTENCIA

SATISFAZENDO aos justos desejos do intrepido editor da *Bibliotheca*, destaco da massa informe dos meus apontamentos relativos á historia, — mais exactamente á lenda, — *do que morreu na Alfarrobeira*, a presente chronica que o tyrannico predominio d'essa lenda tem conservado inedita e geralmente desconhecida.

Hesitei em fazel-o, porque mais do que nunca, agora, se me impunha a convicção de que a reproducção d'estes velhos trabalhos sómente se devem fazer hoje em edições criticas, larga e fortemente illuminadas por annotação e commentario seguro, e, tanto quanto possivel, documental.

Está já explicado, porém, como as publicações d'esta *Bibliotheca* teem, por emquanto, de resignar-se a um character provisorio e modesto de simples reproducções desataviadas e, a bem dizer, desarmadas de commento e de estudo especial.

Como disse, a chronica de Landim é geralmente desconhecida.

Verão os leitores que é, tambem, extremamente

interessante na essencia e na fórma, e que certamente a obsecada subserviencia á lenda do Infante ou o cobarde receio de a perturbar na sua secular e sentimental consagração, — não mettendo já em linha de conta os preconceitos e intenções com que a politica costuma deturpar a historia, — é que tem condemnado o notavel trabalho a um esquecimento ou a um ostracismo brutalmente injusto, sob todos os aspectos.

Em copia de copia, de uma para a outra quasi sempre viciada, e nos moldes restrictos, na maioria dos casos, suspeitos, da tradicção *impressa*, se continúa a fazer a historia e o desenho do Infante D. Pedro, mais exactamente, talvez, a historia do paiz, ainda em cima submettendo-a ao prisma ou impondo-lhe a luz das preoccupações, das idéas e até dos interesses e das paixões de escola e de individuo do nosso tempo.

Alguma cousa parecida com este ultimo vicio poderá attribuir-se ou poderá transparecer na obra de Landim.

Elle era um homem dedicado aos Braganças, escrevia sobre os papeis da sua Casa, a um d'elles, — ao que pouco depois fundou a sua Dynastia, — consagrava o trabalho.

Ora tem-se imaginado que a lucta em que o Infante D. Pedro acabou por ser vencido e esmagado, fôra simplesmente uma competencia fraticida entre a Casa de Coimbra e a Casa de Bragança:— leões no berço que disputavam a herança mal segura do poder e do prestigio real.

Não foi tal, mas assim continúa a fazer-se a historia.

E sobre o leão vencido e morto, cahiu natural-

mente, a sentimentalidade geral cobrindo-o com a sua piedade, o que é respeitavel e sympathico, e reprehendendo e calumniando o vencedor, o que não é nem rasoavel, nem justo.

No fundo d'isto, ha, principalmente, o erro banal de tomar a nuvem por Juno, o incidente pela origem, a fórma pela substancia, — poderamos dizer: — pela natureza das cousas.

O Licenceado Gaspar Dias de Landim é tão pouco conhecido, como a sua obra.

Nasceu em Borba, e casou em 6 de Julho de 1605, em Arrayolos, com Francisca Barreto, filha de Nicolau Coelho e de Isabel Rodrigues, de quem teve Gaspar Barreto, que foi frade com o nome de Gaspar de S. Pedro, e Nicolau Coelho, que se doutorou e nos aparece como letrado, em Evora.

Outro filho lhe suppõe Rivara:—um Francisco Barreto de Landim, que segundo Barbosa, foi juiz de fóra, da Certã, e era morto em 1670.

Na Misericordia de Villa Viçosa e em Evora, encontrei um Gaspar Dias de Landim que não deve ser o nosso, mas que poderá ter sido o avô:—em Villa Viçosa, na doação ao Collegio de Meninos Orphãos, em 1564, de um Padrão de onze mil réis da Duqueza D. Isabel, denuncia-se fidalgo da —«Cassa del Rey nosso senhor e seu contador de sua fazenda na comarca da cidade de Evora e almoxarifado de Estremoz»,— em Evora, revela-se-nos como natural de Estremoz, residente em Evora, cavalleiro de Christo e commendador de S. Miguel da Terra da Feira, tendo disposto de uma Capella em Estremoz, em 1531, recebido Carta d'armas, de D. João III, em 1539, e casado, pela segunda vez em 2 de outubro de 1563.

D'este casamento ha até, nota precisa, dos filhos:
Nuno, baptisado em 8 d'Outubro de 1564.

André, em 31 de Março de 1567.

Vicencia, em 18 de Fêvereiro de 1569.

Deve ser ainda este Gaspar Dias o que escreve de Santa Maria, (Açores) ao Rei em 19 de Novembro de 1548 (*Arch. dos Açores*, vol 2.^o) sobre cousas de fazenda.

Que o nosso é o primeiro, o de Arrayolos, e não o outro Gaspar Dias, dil-o elle proprio no titulo da sua chronica.

Conheço duas ou tres copias d'ella, uma das quaes está na Academia das Sciencias de Lisboa, sem que esta pareça ter dado por tal, como não tem dado por muitas outras cousas interessantes que lá tem *ou teve*. Foi feita essa copia por Frei Vicente Salgado.

Mas quando escrevendo a *Senhora Duqueza* procurava uma memoria que o meu erudito amigo José Maria Nepomuceno me denunciara como feita por Landim, sobre a tragedia ducal, de 1512, emprestou-me elle a chronica do licenceado alemtejano, n'um bello volume excellentemente conservado, que não tenho a menor duvida de que é o original.

E' sobre esse volume que o editor obteve agora da generosa amabilidade de José Maria Nepomuceno que se fizesse a impressão, iniciando-se n'esta, é claro, o processo, se de processo merece o nome, indicado na *Advertencia* da publicação da *Ethiopia*.

O titulo é o seguinte:

*Copiosa Rellação das competencias
que houve n'este Reyno sobre o governo
delle entre a Rainha D. Leonor e o In-
fante D. Pedro seu cunhado: contudo
o mais digno de memoria que nestes Rey-
nos passou desde a morte del-Rei D. Du-
arte até a batalha de Alfarroubeira,
em q̄ foy morto o Infante.*

*Composto e tirado de origmaes de pe-
na antigos; pello Lic.^{do} Gaspar Di-
as de Landim da Villa de Arrayollos
Dirigido ao Excellentissimo Prince-
pe D. João 2.^o do nome Duque de
Bragança*

Em 4.^o almasso.

Foi feito pois, o trabalho, anteriormente a 1640, muito antes, até, quando D. João era apenas o Duque de Bragança e não se pensava, ou pelo menos parece que não pensava Landim, que viesse a ser Rei, pois que na dedicatoria se fazem muitas louvaminhas ao — «quarto Felippe que na tenra idade em que succedeu e está, promette prosperos e felicissimos successos a seus vassallos» -- não desfazendo no — «terceiro chamado o Santo» etc.

Realmente não falharam de todo os auspicios, aos *vassallos* portuguezes, pelo menos, que finalmente se resolveram a dar por terminada aquella pratica e decisiva experiencia de *união ibérica*.

Ora o citado Santo que melhor se chamara Demonio morreu em 1621, succedendo-lhe o filho na idade de 16 annos, tendo então 17 o nosso D. João.

Por este tempo ou pouco depois se começou naturalmente a obra.

Landim devia saber excellentemente que os Braganças eram o pesadello da dominação hespanhola; procurava, pois, diluir n'estas contumelias, o relativo attrevimento da dedicatoria, soprando amorosa e disfarçadamente, na recordação das grandesas da casa bragantina, o fogo sagrado da sua legitimidade nacional e dynastica.

Desculpe-lhe a esperteza, a cortesania forçada.

Escreve, é certo, muito distanciado dos successos que relata, mas a sua declaração de que escreve sobre papéis de penna antiga, parece confirmar-se inteiramente na maneira e em muitos incidentes da narrativa, e tanto, por vezes, que esta podera suppôr-se copia singella e despreoccupada de papéis contemporaneos d'esses incidentes ou d'esses successos por tal fórma vibra n'ella a nota immediata e intima do drama real.

Bem mais ricós do que são hoje, deveriam ser então os Archivos da Casa de Bragança, e porventura se abririam a Gaspar Dias os epistolarios e cartapacios de memorias do tempo d'aquella original e vigorosa figura do primeiro Duque — «que na virtude e excellencias foi um retrato do valeroso pae» — figura muito injustamente esquecida e maltratada, perfeitamente digna do soberbo grupo dos — «altos infantes» — portuguezes.

5 de julho, de 1892.

LUCIANO CORDEIRO.



DEDICATORIA

BEM vejo, Serenissimo Principe, que qual outro Phaetonte me pudera despenhar levantando tanto de ponto, que para obra tão humilde por razão da insufficiencia de seu author queira implorar tão alto amparo como o de V. Ex.^a, mas tomei tanto atrevimento por duas razões, que com algum fundamento me poderam mover: a primeira porque as mais das pessoas de que se trata n'esta relação foram os Reis e Principes d'onde a Real Casa de Bragança procede, de que não ha n'este reino mais que as unicas reliquias que n'ella ficaram de que V. Ex.^a é o florescente ramo, como neto da Serenissima Sr.^a Catharina, de cuja cabeça vimos em nossos tempos tão perto a corôa d'estes reinos; — a segunda razão, porque como de minha parte faltasse a sufficiencia e fossem tão humildes o auctor e estylo d'ella, sem um tão grande amparo não

seria estimada nem admittida; confiando na grande benignidade de V. Ex.^a e entendendo d'ella que como Principe tão generoso quererá pôr os olhos n'ella, e, pondo-os, cobrará novo ser e estimação que por seu auctor lhe faltava.

Nosso Senhor a Real pessoa de V. Ex.^a nos guarde por muitos annos com os mais Principes da Real Casa de Bragança para amparo d'estes reinos.

Humilde vassallo de V. Ex.^a

O LICD.^o *Gaspar Dias de Landim.*





CAPITULO I

*Em que se trata de como foi coroado El-Rei D.
Affonso V em a villa de Thomar*

NA villa de Thomar foi levantado por Rei o Principe D. Affonso V do nome, onde morreu seu pae El-Rei D. Duarte, achando-se presente á solemnidade de tal acto, o Infante D. Pedro seu tio, e porque alguns suspeitosos o queriam calumniar e infamavam com dizer que pretendia tyrannisar a corôa e fazer-se Rei, deixando-a a seus descendentes; elle pelos fazer mentirosos foi o primeiro que lhe beijou a mão com mostras de muita fidelidade e humildade e lhe fez juntamente uma breve practica n'estas palavras, em presença da Rãinha Leonor, e de toda a fidalguia dos reinos.

— «Muito alto e excellente Principe e Sr.: assim como eu ponho hoje a Vossa Alteza n'este throno em que por graça de Deus recebeis legitimamente o real sceptro e corôa d'estes reinos, assim espero com sua ajuda de vol-os ajudar a manter e deffender com

todas minhas forças, poderes e saber, todas as vezes que Vossa Alteza m'ò mandar ou eu sentir que cumpre a vosso real estado e serviço.»

Feita pelo Infante esta breve pratica, logo por seu mandado D. Duarte de Menezes, alferes mór, filho do conde D. Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta, com a bandeira real alevantada e os reis de armas e arautos com elles, o acclamaram por Rei; e acclamado, foram com ella pela villa repetindo tres vezes por ella, em diversos logares conforme o costume, com todas as solemnidades e ceremonias que ao tal acto pertenciam; porque o Infante D. Pedro por cuja ordem se faziam era mui visto e pratico em similhantes materias, e quiz que n'aquelle não ficasse nada por fazer em que se podesse mostrar grandesa e magestade, e por mostrar grande lealdade, e desenganar os que d'elle tinham ruim conceito, o que porventura nascia de lhe não terem boa vontade, e principalmente por mostrar á Rainha que aquella fôra sempre sua leal e verdadeira intenção e não outra, que lhe faziam crêr, de pretender reinar; pela qual rasão já em vida d'El-Rei seu marido lhe não mostrava boa vontade, o que tambem se attribuia ás guerras que tinham precedido entre El-Rei de Aragão D. Fernando, seu pae, com o conde de Urgel, sogro do Infante D. Pedro sobre a corôa d'aquelles reinos; e ou fosse esta a causa ou ambas, claramente se lhe conhecia não lhe ser bem affecta, e ella o não tinha muito em secreto, posto que o Infante lhe não tinha melhor vontade; mas emquanto viveu El-Rei seu marido o encobriu como muito sagaz que era, e lhe ser assim necessario por não desgostar a El-Rei seu irmão que sabia que era muito afeiçoado á Rainha, o que se viu bem pelo dis-

.....

curso do tempo, e obras que se seguiram que a elle não custaram menos que a vida, com uma morte affrontosa, e acabamento da sua casa, e a ella grandes perseguições e trabalhos, e, como se entendeu uma morte apressada, dada com grande deshumanidade com veneno, como adiante se verá.





CAPITULO II

Em que se trata dos principes que havia n'este reino, da casa real, n'este tempo

FALLECEU El-Rei D. Duarte na villa de Thomar, em o mez de Agosto de quatrocentos e trinta e oito, que foi o tempo em que foi levantado por Rei seu filho El-Rei D. Affonso, sendo casado com a Rainha D. Leonor, filha de El-Rei D. Fernando, o I de Aragão, ficando ella prenhe da infanta D. Joanna, que casou com El-Rei D. Henrique IV de Castella, chamado o *Enfermo*, e lhe ficaram mais El-Rei D. Affonso, que lhe succedeu no reino, como fica dito; o Infante D. Fernando, duque de Vizeu, mestre das Ordens de Christo e Sant'Iago, que foi pae do grande Rei D. Manuel e de D. Leonor, Rainha d'estes reinos, mulher de El-Rei D. João II, e de D. Izabel, duqueza de Bragança, mulher do duque D. Fernando II.

Ficaram mais de El-Rei D. Duarte e da Rainha D. Leonor, a Princeza D. Leonor, senhora dotada

de grandes virtudes e rara belleza, que foi mulher do Imperador Frederico III da Allemanha; a Infanta D. Catharina, que morreu donzella, posto que esteve apalavrada, e promettida com D. Duarte IV, rei de Inglaterra, e falleceu antes do matrimonio se effectuar.

E para melhor intelligencia do que se dirá adeante é necessario saber que ao tempo que morreu El-Rei D. Duarte, havia, e ficaram n'este reino o Infante D. Pedro de que já se tratou, que era duque de Coimbra, senhor de Montemór-o-Velho, Penella e outras muitas terras, Principe de grande prudencia e mui experimentado em materias de guerra e governo, de quem se podia esperar melhor fim do que teve, o qual foi mui calumniado, e suas cousas mal julgadas, como adeante veremos; — o Infante D. Henrique, duque de Vizeu, mestre da Ordem de Christo, ao qual succedeu no estado o Infante D. Fernando, seu sobrinho, de quem atraz fica dito; o qual Infante deu principio ao descobrimento das Indias Orientaes, e outras muitas terras, e provincias que se foram ajuntando á corôa d'estes reinos; — o Infante D. João, condestavel d'estes reinos, na qual dignidade tinha succedido ao grande D. Nuno Alvares Pereira, primeiro condestavel n'elles e unico restaurador da corôa de Portugal, pelo que meritissimamente lhe foi dado nome de *Pae da patria*; — o mestre D. Fernando, mestre de Aviz e senhor de Salvaterra e Athouguia, e outras terras, o qual estava detido em Fez, sobre a entrega promettida da cidade de Ceuta; — o Infante D. Affonso, filho natural, Principe de tantas partes, tão estimado e poderoso como cada um dos outros, que foi o primeiro duque de Bragança e Guimarães, successor

da casa de seu sogro o grão Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, da qual casa de Bragança procedem os mais Reis e Monarchas da Europa, em especial os reis de Portugal e Castella e imperadores da Allemanha, que por linha direita trazem sua descendencia, de que se não pôde gloriar outra alguma, não digo só de Hespanha, mas não ainda dos Principes potentados de Italia e Allemanha, porque do famoso condestavel D. Nuno Alvares ficou uma filha por nome D. Brites que lhe succedeu na casa, senhora de excellentes virtudes, a qual casou com o Infante D. Affonso, filho de El-Rei D. João I, que na virtude e excellencias foi um retrato de valoroso pae, de cujo felicissimo matrimonio nasceu a Infanta D. Izabel que foi mulher de seu tio o Infante D. João, irmão de seu pae, tão valoroso nas obras, como excellente nas virtudes, dos quaes nasceu a rainha D. Izabel, mulher de El-Rei D. João, II de Castella, dos quaes foi filha a catholica Izabel, Rainha de Castella, mulher de El-Rei D. Fernando, o primeiro d'aquelles reinos, a quem chamaram o catholico, terceira neta do grão Condestavel Nuno Alvares, e segunda neta do Infante D. Affonso, 1.^o duque-de Bragança, e n'elles se ajuntaram á corôa de Castella os reinos de Aragão, Napoles e Sicilia, com outros grandes estados, e conquistaram mais o reino de Granada, que com valoroso animo ganharam a Boaddeli, rei d'ella, chamado rei *Chiquito*, com que ficaram monarchas de toda Hespanha, excepto Portugal, e o mais pertencente a esta corôa, que depois se uniu no prudentissimo Filippe II, potentissimo Monarcha das Hespanhas, em quem todas se tornaram a ajuntar, tirando a parte d'ella que possuem os reis de Fran-

ça, e possuiram os antigos Godos, que é a Galia Narboneza, com parte de Navarra.

D'estes Reis D. Fernando e D. Izabel foi filha a princeza D. Joanna que por sua morte succedeu em todos seus Estados, e casas com Filippe, filho do imperador Maximiliano, herdeiro de outros grandes Estados, assim como Flandres, Borgonha, com outros que se ajuntaram a esta monarchia; de cujo matrimonio nasceu o grande Carlos V maximo que succedeu em todos elles, quinto neto do grão Condestavel, e quarto neto do primeiro duque de Bragança o Infante D. Affonso; ao qual Imperador succedeu seu filho Filippe II de Castella, e primeiro de toda Hespanha, que n'elle se acabou de incorporar e unir por morte de seu tio D. Henrique, ultimo Rei da corôa de Portugal no anno de mil quinhentos e oitenta e um.

Ao segundo Filippe succedeu o terceiro chamado o Santo, titulo bem merecido por suas grandes virtudes, e singular piedade; e ao terceiro, o quarto Filippe que na tenra idade em que succedeu, e está, promette prosperos e felicissimos successos a seus vassallos, e a toda sua Monarchia, e se conhece n'elle o invencivel animo do heroico bisavô e prudencia do avô, e não menos a modestia, virtude e santo zêlo de seu pae, de que se pôde esperar vermos nos largos annos que lhe dará de vida o Summo Creador, reduzido e tornado seu Imperio á idade dourada tão encarecida dos escriptores antigos.

De que fica bem claro que todas as mais casas de Hespanha ficam muito inferiores á real casa de Bragança, porque posto que algumas se possam prezar de trazerem sua descendencia das casas

reaes de Portugal e Castella e de outros Principes potentados, nenhuma se pôde gloriar de procederem d'ella as casas reaes; além d'esta grandeza tem outra não menos qualificada que é andar sempre unida por casamentos com as mesmas casas reaes.

E não sómente procederem todos estes Monarchas, por esta via, da real casa de Bragança, mas tambem por outra extirpe; porque de outra neta que teve o mesmo Infante D. Affonso, 1.^o duque de Bragança, filha do Infante D. João seu sogro, e bisneta do grão Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, chamada D. Beatriz, como sua avó, que foi mulher do Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei D. Affonso V, foi filho o grande Rei D. Manuel, cuja filha a Princeza D. Izabel casou com o inclito imperador Carlos V maximo, de quem foi filho como fica dito, o grão Monarcha Philippe II sexto neto do grão Condestavel e quinto do Infante D. Affonso, 1.^o duque de Bragança.

E finalmente, pelas ditas duas vias, procedem d'esta real casa todos os Reis de Portugal e Castella, como foram El-Rei D. João III, El-Rei D. Sebastião, unico do nome, tão exforçado como mal aconselhado e peor afortunado, e Henrique, ultimo Rei d'esta corôa, filho do mesmo Rei D. Manuel.

Havia mais a Infanta D. Filippa casada com Philippe, duque de Borgonha, Princeza de singulares virtudes e excellencia; todos filhos do valoroso Rei D. João o I.

Haviam tambem, mui chegados á casa real, o conde de Ourem, e D. Fernando, conde de Arrayollos, filhos do Infante D. Affonso 1.^o duque de Bragança, primos co-irmãos d'El-Rei D. Affonso V, o

qual D. Fernando succedeu na dita casa de Bragança por morte do Infante D. Affonso seu pae, e foi o 2.^o duque da dita casa e primeiro do nome, ao qual succedeu n'ella D. Fernando II que foi casado com a duqueza D. Izabel irmã d'El-Rei D. Manuel e irmã da rainha Leonor mulher de El-Rei D. João II.





CAPITULO III

*De como se abriu o testamento de El-Rei D. Duarte,
e duvidas que houve sobre elle*

TANTO que a Rainha D. Leonor viu levantado por Rei o Principe D. Affonso seu filho, e foi livre de seus receios, vendo que o Infante D. Pedro de quem se temia fôra o que mostrara d'isso mais gosto, e assistira ás solemnidades de seu levantamento com tanta sollicitude, se conheceu n'ella perder muita parte do odio que de antes se lhe conhecia, e se as obras da parte do Infante se foram continuando como se esperava, de todo perdera a paixão que contra elle tinha, por ter um animo bem intencionado, inclinado a todo bem; mas como ellas foram muito pelo contrario, assim tambem o odio entre elles foi em crescimento.

Depositado o defunto Rei em logar conveniente, querendo a Rainha mandar abrir seu testamento, a primeira pessoa que mandou chamar para se achar presente foi o mesmo Infante D. Pedro, e logo o In-

fante D. Affonso, ambos irmãos do Rei morto, e tios de El Rei D. Affonso, e apoz elles a seu tio da mesma Rainha, D. Pedro, arcebispo de Lisboa, porque os Infantes D. Henrique e D. João não se acharam á morte de El-Rei, nem estavam ainda em Thomar; e sendo tambem chamados muitos fidalgos e preladados, perante elles e perante alguns notarios publicos que para esse effeito se mandaram vir, foi aberto o testamento de El-Rei D. Duarte, e se viu por elle que deixava a Rainha sua mulher por universal herdeira de todo o movel, e recamara, e por tutora de seus filhos, e regente d'estes reinos, até o Principe seu filho ter idade para os governar, sem assistencia, nem ajuda de outra alguma pessoa; de que o Infante logo se mostrou com grande paixão e discontentamento que n'elle foi bem conhecido, posto que nas palavras o não mostrava, mas pela tristeza que não pôde encobrir.

Disponha mais El-Rei em seu testamento que sem embargo de quaesquer inconvenientes que se oppozessem, fosse resgatado seu irmão o Infante D. Fernando; e que quando El-Rei de Fez não quizesse vir em outro partido, se lhe entregasse a cidade de Ceuta, como com elle se tinha tratado.

Das mais cousas que disponha, se não trata por não pertencerem a esta relação.

Feita a abertura do testamento e elle publicado, começou a Rainha a usar do officio de regente como n'elle estava ordenado, mas com grande discontentamento do Infante D. Pedro, e de outros que a ella não eram affeiçãoados, e da facção e opinião do Infante, por cujo induzimento começou o povo a fazer alguns ajuntamentos, e conventiculos em que murmuravam e reprehendiam o governo da Rainha,

o que tudo era feito e persuadido pelos familiares do Infante, e outros seus afeiçoados; d'onde procedeu que um Vicente Egas se atreveu a fazer á Rainha uma pratica, em nome da cidade de Lisboa, cujo procurador era em côrtes, e em nome de todo o reino, sendo para isso acompanhado de outros muitos da parcialidade do Infante, entremetendo n'ella algumas palavras tão atrevidas, como descortezes para sua Rainha e senhora; cuja substancia se porá no capitulo seguinte.





CAPITULO IV

Da pratica que Vicente Egas fez á Rainha

SENHORA: a administração e governo d'estes reinos que Vossa Alteza tão livre e soltamente tem tomado é tão grande e profundo que muitos varões de grande saber e animo, e fortaleza, e dotados de grande prudencia o podem receiar; e receiaram muitas vezes; e por Vossa Alteza ser mulher e estrangeira, posto que dotada de grandes virtudes, e se lhe bem vê o grande desejo que tem de acertar e governar com inteiresa e satisfação, ainda que não houvera contradicção em seu governo, não se pôde cuidar, nem esperar que governará com a tal satisfação, mórmente sendo contra vontade e consentimento de todo o reino; e sobretudo deve considerar que ha n'elle quatro filhos de El-Rei D. João que está em gloria, e todos são Principes de muita prudencia, de grande poder e auctoridade, queridos e amados do reino, e naturaes d'elle,

a cada um dos quaes directamente pertence o governo e administração, e cada um d'elles ha de ter por grande quebra de sua pessoa e casa estarem sujeitos ao governo de uma mulher que nem é natural, nem herdeira do reino, e posto que elles por suas bondades, modestia e virtudes, e por respeito de El-Rei seu irmão que está em gloria, e por quietação do reino o queiram consentir, não faltarão muitos zelosos do bem do reino, e outros, amigos de novidades, que lhe farão obrar e proceder de outra maneira; com o que não se poderão evitar grandes escandalos e odios, com outros muitos males que necessariamente hão de ser impedimento para que nem elles possam governar com satisfação como cumpre ao serviço de Deus e de El-Rei seu filho em proveito do reino, o que ante todas as cousas se deve procurar, e não se fie de offerecimentos de muitos que lhe fallam á vontade, nem creia que o poder d'elles póde prevalecer contra tão poderosos Principes, porque o melhor do reino os ha de seguir, e por fim o que elles quizerem ha de ser; será tanto assim que já pelas praças e logares publicos se murmura e pratica que El-Rei nosso senhor lhe não podia deixar, nem encarregar o governo do reino, porque essa eleição pertencia sómente aos tres Estados d'elle; e é bem de presumir que d'onde aquellas cousas saiem em tão breve espaço de tempo, mais fica encoberto, principalmente sendo as pessoas que n'isso praticam de grande qualidade; pelo que eu, e os mais presentes lhe vimos a lembrar e aconselhar que para sua quietação considere todos estes inconvenientes, e deixe voluntariamente o governo do reino, antes que lhe seja forçado deixal-o, ou impedida de sua natural fraqueza ou for-

çada de outras forças maiores e contra sua vontade a constrandam a largal o, porque então será com grande menoscabo de sua pessoa, e a Vossa Alteza bem lhe basta o cuidado da criação d'El-Rei nosso senhor e de seus irmãos e o cumprimento do testamento d'El-Rei seu marido que está em gloria, que são cousas tão grandes e de tanto peso que lhe hão de dar bem em que entender, e em que tem mais obrigação de se empregar».





CAPITULO V

De como a Rainha tomou conselho com os seus

ACABADA esta pratica de Vicente Egas, a Rainha o despediu a elle e aos mais que vieram em sua companhia, sem outra resposta mais que dizer, que ella o veria com os do seu conselho, os quaes logo mandou chamar, e deu conta do atrevimento de Vicente Egas e dos que o acompanharam, e entre todos, presente a Rainha, o praticaram e tiveram por sem duvida que não era elle e seus companheiros auctores d'aquelle despejo, mas que eram obras do Infante D. Pedro e seus sequazes que já se sabia que traziam grande negociação com os povos, porque não sendo assim não tiveram atrevimento para que fóra de acto de côrtes e sem se lhe pedir parecer se atreverem a fazer semelhante pratica á Rainha.

Depois de tratado o caso se vieram a resolver que em nenhum modo abrisse caminho, nem dêsse

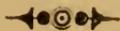
logar a se tratar de largar o governo do reino, nem sobre tal caso dêsse audiencia a pessoa alguma, posto que fosse de muito maior qualidade que Vicente Egas, e que quando fosse tal pessoa que de necessidade e cortezia se lhe não podesse negar tal audiencia, que então fossem chamados os do seu conselho, e os fidalgos e prelados que estavam em serviço de El-Rei e seu, para com o parecer d'elles dar a resposta conveniente; affirmando que El-Rei seu marido, que estava em gloria, a podia muito bem deixar por regente do reino e tutora de seus filhos, fundando-se em razões de direito, e em especial, porque a successão d'estes reinos não era de eleição, porque posto que El-Rei D. Affonso Henriques, primeiro Rei d'elles, fosse eleito por Rei, houve os Estados de Portugal por successão, e não por eleição, como filho e herdeiro do conde D. Henrique e da Princeza D. Tareja sua mãe, a quem foi dado em dote; pelo que do mesmo modo a eleição de regente pertencia a El-Rei seu marido, e não ao reino.

E a principal razão que outros apontaram para que de nenhum modo o largasse, foi que sem duvida largando-o se havia de dar ao Infante D. Pedro, em cujo poder não ficava segura a vida d'El-Rei e dos mais seus filhos, porque era um Principe muito poderoso e mui amado dos povos e gente popular do reino, e se lhe conhecera sempre grande desejo e ambição de senhorear e engrandecer suas cousas, o que junto com o poder de regente o podia criar n'elle de reinar e deixar a successão d'estes reinos a seus filhos e descendentes (se já o não tinha, como d'elle se suspeitava) e que se devia considerar que o desejo de reinar era bastante para dessarratar qual-

quer grande lealdade e fidelidade, e que não reparasse, lhe aconselharam juntamente, no trabalho do governo, porque se pelo tempo em deante se visse muito opprimida e carregada com os negocios d'elle, de sua mão daria a parte que lhe parecesse a quem visse que lhe merecia e com mais lealdade lh'o administrasse.

Finalmente asseguraram com palavras que se não temesse de nenhum, porque todos estavam prestes para a conservar e sustentar em seu estado e governo até sobre isso perderem vidas, honras e estados.

E como estes fossem dos principaes senhores e fidalgos do reino, e muitos, ficou a Rainha mui consolada e com muita confiança firme e resoluta em não largar o governo na fórma que lhe aconselhavam, e com este proposito os despediu, e se fez o ajuntamento, ficando todos com proposito firme de a sustentarem assim em memoria d'El-Rei D. Duarte que estava em gloria, que tanto amavam, o qual em vida os amara como a filhos, como d'elle se sabe, como tambem por entenderem que a elles lhe importava ser assim, não menos que á Rainha, por não conhecerem o Infante D. Pedro muito affeçoado á nobreza e fidalgos, que toda sua negociação era com a gente popular, e por favorecer demasiadamente ao povo escandalisava muitos, de que procedia serem-lhe estes pouco affeçoados, elle ser muito amado e seguido dos outros; de que nasceram muitas suspeitas contra elle procedidas de se querer fazer muito amado dos povos que sabia serem amigos de novidades, motins e levantamentos.





CAPITULO VI

De uma junta que fizeram os fidalgos em favor da Rainha

PASSADO este ajuntamento feito em presença da Rainha, d'ali a poucos dias se tornaram a juntar no convento da mesma villa os mais dos fidalgos que n'ella se acharam e, com elles, todos os do governo e justiça, e muitos cavalleiros principaes e em que foi junta a mór parte da nobreza do reino, excepto os Infantes que se não achou presente nenhum d'elles, e de consentimento de todos fez o marechal uma pratica que lhe foi commettida a elle por mais eloquente, posto que havia outros de mais qualidade, em a qual, de consentimento de todos, veiu a resolver que, em todo o caso, ficasse a Rainha com o governo do reino, e juntamente a tutoria e criação d'El-rei seu filho, persuadindo e incitando a todo o povo que em nenhum modo consentissem outra cousa assim, porque se cumprisse o que ordenara um Rei tão amigo de seus vassallos, que

melhor lhe convinha o nome de pae que de Rei, pois em todos seus trabalhos, que foram muitos n'esses poucos annos que reinou, se tinha visto; como tambem por ella ser uma senhora tão virtuosa, e de costumes tão santos e exemplares, que merecia muito mais que o governo, e que por ser estrangeira era bem que todos a servissem e mostrassem ser seus perpetuos deffensores e leaes vassallos, pois tinham recebido d'ella muitas mercês e grandes accrescentamentos, e servindo-a como eram obrigados receberiam outros muitos, muito maiores.

E que sobre tudo deviam trabalhar porque o governo não viesse ao Infante D. Pedro, pois conheciam seus rigores, e o animo com que sempre encontrara os fidalgos, e se viesse com o governo do reino, a todos havia de anniquilar e acanhar; e sobre tudo o advertissem que com suas hypocrisias e fingimentos trazia atraz si os povos e gente de baixa condição, e lhe fazia crêr que era muito justo, recto e de sã consciencia, sendo tudo pelo contrario, e que suas dissimulações havia de ser causa n'estes reinos (se fosse regente) de grandes alterações e movimentos que elle havia de ordenar, com o favor popular, pelas vias que podesse, para melhorar suas cousas, ainda que fosse com arriscar todo o reino.

E que ainda que assim não fosse não tinham que esperar d'elle, porque a todos era contrario, e sómente era affeiçãoado á gente baixa e vil, e só para esses guardava seus favores; propondo, e affirmando, por fim da sua pratica, que se os que eram presentes se unissem e seguissem a parte da Rainha, não podia prevalecer a do Infante por ser sómente favorecida de gente popular, humilde e de pouco

valor; e que além dos que presentes estavam, que era o melhor do reino, da mesma opinião eram todos os mais fidalgos e prelados, e até os mesmos Infantes irmãos de D. Pedro, porque o Infante D. Henrique o mostrava, e dizia assim, e o mesmo se sabia do Infante D. Affonso e de seus filhos os condes de Ourem e Arrayollos, e que tendo taes cabeças a que seguir não havia que temer, nem que duvidar de com seu favor sahirem com cousa tão justa, encarecendo, por conclusão da pratica, que todos o houvessem assim por bem, e o jurassem, e pozessem por escripto, o que logo foi approved por commum consentimento, e d'isso fizeram seus autos solemnes tomando todos juramento de o cumprir, que assignaram, e tanto que foi assignado o mandaram levar á Rainha, com o qual teve grande contentamento, por vêr tantas pessoas poderosas tão determinadas em seu favor.

E porventura que da muita confiança que d'este accordo teve se lhe seguiu grande damno, porque lhe foi causa de se descuidar n'estes principios, e de não acceitar alguns partidos que se lhe offereceram, que acceitara, accomodando-se com o tempo, com que escusara as perseguições que teve, e as miserias que padeceram ella e as infantas suas filhas com sua apressada morte, mui differente da que merecia por sua muita virtude e merecimentos; e do Infante D. Pedro se escusara a deshonorada morte que teve, e acabamento de sua casa, premio mal merecido de suas obras, se já não cremos os que davam mais credito ás suas suspeitas e ao que d'elle julgavam.



CAPITULO VII

Das côrtes que se fizeram em Torres Novas, e do que d'ellas se ordenou

HAVENDO a Rainha de côroar com a maior brevidade possível a El-Rei seu filho, mandou publicar côrtes na villa de Torres Novas, e avisar os grandes, assim prelados e fidalgos, e aos povos do reino, assignando-lhe dia certo; sendo tambem avisados primeiro os Infantes e os condes de Arrayollos e Ourem, e o arcebispo de Lisboa seu tio.

E sendo todos juntos n'aquella villa, em a praça junto á egreja de Santiago se armou um theatro bem armado e concertado, onde se sentou El-Rei em logar alto e decente, e logo mais abaixo os tres Infantes D. Pedro, D. Henrique e D. Affonso, e seus filhos, que como fica dito eram os condes de Ourem, e Arrayolos, e d'ahi para baixo todos os mais senhores, fidalgos, e prelados, e os procuradores das cidades e villas do reino em seus logares, conforme a precedencia de cada um.

E logo fez Vasco Fernandes de Lucena uma pratica não muito comprida, mas mui elegante e auctorisada, com graves sentenças e auctoridades para aquelle acto pertencentes, e encarecendo com ellas a fidelidade e lealdade que todos estavam obrigados a guardar a El-Rei, e o respeito e obediencia que lhe deviam como a seu Rei e senhor, posto que da casa real fossem, e de maiores edades que elle, as quaes lembranças lhe mandou fazer a Rainha por lhe parecer necessarias n'aquelle tempo, por causa dos Infantes tios do mesmo Rei, que por ser menino já se murmurava que lhe não guardavam o decoro devido tão inteiramente como tinham obrigação, o que tambem se apontou por causa dos receios que ella tinha d'esses mesmos Principes se senhorearem d'elle mais do justo.

Acabada a pratica logo os Infantes seus tios que estavam presentes lhe beijaram a mão, e deram a homenagem costumada, e após elles os condes de Ourem e Arrayollos, logo os arcebispos e prelados, fidalgos, estados do reino, alcaides de fortalezas, e procuradores de povos, e os mais que em tal acto a costumam dar.

Acabado o juramento e solemnidade d'elle, alguns procuradores se quizeram metter a tratar do governo do reino; e posto que os fidalgos lh'o quizeram impedir, porque todos, ou os mais estavam de opinião que se não havia de tirar á Rainha, não foi possivel impedir-lh'o pelo muito que fizeram por isso Vicente Egas e Pero de Serpa que eram procuradores da cidade de Lisboa, os quaes com grande calor, e instancias queriam que se desse logo ao Infante D. Pedro, em que porfiaram por grande espaço; mas por fim foram atalhados pelos fidalgos que os fize-

ram sahir com os mais procuradores sem concluirem nada n'esse dia.

O que sabido pela Rainha, como desejasse todo o bem do reino e quietação d'elle, e temesse as negociações do Infante, e se não offerecia outro impedimento mais que o seu d'elle, lhe mandou pedir pelo Infante D. Henrique se quizesse vêr com ella que tinha negocios de importancia que lhe communicar; do que elle mostrou grande contentamento, e tomando tempo para as vistas lhe foi fallar, e estiveram grande espaço praticando e tratando sobre a variedade de opiniões que havia sobre o governo do reino; e ella lhe lembrou e encareceu quão necessario era a concordia e união, e escusadas as dissensões, e que ninguem tinha mais obrigação de as atalhar que elles ambos, ella como mãe d'El-Rei D. Affonso, successor d'elle, e o Infante como filho mais velho d'El-Rei D. João, a quem tanto custara deffendel-o, e como irmão d'El-Rei D. Duarte de quem fôra tão querido, amado e honrado, em quem todo o reino tinha postos os olhos; e a estas razões ajuntou outras que bem mostrou haver n'ella grande prudencia e virtude, e lhe pediu com muitos encarecimentos que ambos regessem e governassem o reino e se concordassem e concertassem sem mais serem necessarios outros meios nem terceiros, que n'isso mostravam serem dois amigos grandes e desinteressados como era bem que fossem.

Ouviu o Infante D. Pedro, e mostrou ficar satisfeito do que com elle tratou, e mui contente, e com muita reverencia, e mostras de humildade e acatamento lhe deu muitas graças; e no fim de sua larga pratica se vieram a conformar que ficasse a Rainha com a tutoria e creação de seus filhos, e a

administração, e ao Infante a deffensão do reino e governo da justiça; com nome de deffensor d'elle; o qual meio pareceu justo e racionavel a entre ambos, e o Infante mostrou ficar muito satisfeito.

Esta concordia se fez sendo presente o Infante D. Henrique que desejou muito de os concertar, e foi o principal para virem n'ella, e posto que o arcebispo de Lisboa, tio da Rainha, e outros grandes do reino, dos que foram ajuramentados em seu favor souberam que repartia o governo com o Infante, o quizeram impedir, e se vieram a ella para o estorvar, sobre que houve grandes alterações; comtudo a Rainha esteve sempre firme no que asentara com o Infante, posto que não faltaram alguns que por a calumniarem publicavam que não queria estar pela concordia que com elle tinha feito, sendo para isso persuadida do Infante D. Affonso, alludindo que os não queria vêr concordados, antes queria que houvesse entre elles paixões por não haver effeito o casamento de El-Rei D. Affonso com a filha do Infante D. Pedro em que já se tinha tratado em vida de El-Rei D. Duarte que assim o tinha determinado, porque pretendia que casasse com sua neta a princeza D. Izabel filha do Infante D. João seu irmão, que depois casou com El-Rei D. João II de Castella, e foi mãe da Catholica Rainha Izabel; e perdeu pouco na troca dos casamentos.





CAPITULO VIII

Das novidades que se moveram sobre o governo do reino

PUBLICADA que foi a concordia feita entre a Rainha e o Infante D. Pedro, não foi approvada pelos povos e procuradores de côrtes, de que commummente se attribuia a culpa ao mesmo Infante e a seus negociantes, porque posto que no exterior e em publico mostrasse que queria estar por ella, lá lhe conheciam os que com elle tratavam mais particularmente que se não dava por satisfeito com menos que com todo o governo; pelo que logo ao outro dia em uma junta que se fez pelos procuradores e povo que se achou n'aquella villa, que a maior parte era de Lisboa e Santarem, com grandes vozes, e não pequena desordem acclamavam e bradavam que se havia de dar todo o governo ao Infante D. Pedro sem outra alguma companhia da Rainha, ou de outra pessoa; por outra parte os fidalgos, prelados, e nobreza com muita instancia insistiam, que

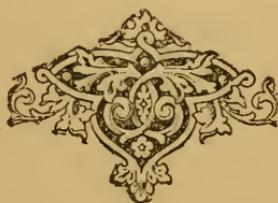
tudo havia de ficar á Rainha sem quererem admittir em cousa alguma d'elle ao Infante; sobre que houve grandes alterações entre nobres e populares, em tanto que se temeu algum grande alvoroço e motim; e para aquietarem o povo foi necessario dar audiencia a uma pratica que fez Viçente Egas, que como atraz fica dito era o procurador da cidade de Lisboa, a qual fez n'estas palavras:

Muito alto, e poderoso sr. Rei nosso, por que achamos e nos parece que ácerca do governo e regimento d'estes reinos é vossa Alteza requerido que cumprindo o testamento de El-Rei D. Duarte vosso pae que está em gloria se dê inteiramente á Rainha vossa mãe Nossa Senhora; nós como procuradores da vossa leal cidade de Lisboa em nome dos mais procuradores do reino nossos irmãos que presentes estão, dizemos com reverencia de vossa real pessoa não podia dispôr tal em seu testamento, nem deixar governador do reino a sua disposição e vontade, porque de direito a nós pertence eleger quem por defeito da madura idade de Vossa Alteza nos haja de governar, reger e deffender; isto não agrava vossa legitima successão, nem desfaz em nossa lealdade, que por ser filho legitimo primogenito, e varão, nós alegremente o reconhecemos por nosso verdadeiro Rei e Senhor e com ajuda de Deus lhe guardaremos aquella lealdade, fé e amor que como leaes vassallos lhe devemos; mas quanto a eleger Regente, e governador até Vossa Alteza ser de idade para governar, é nosso, e nós buscaremos e elegeremos quem o deva e possa fazer, porque tambem a nós sómente pertenceria eleger Rei se a legitima e real successão dos Reis d'estes reinos (o que Deus não permitta) faltasse, e se não guardaria o testa-

mento e disposição do ultimo Rei se outra cousa ordenasse, e assim pertence do mesmo modo eleger governador, e para Vossa Alteza ser bem servido basta que nós o elejamos tal que seja de vosso real sangue, e não estrangeiro, em que haja prudencia, virtudes, saber é sã consciencia com que possa bem governar, e sobre tudo lealdade a que se não possa pôr suspeita, e Vossa Alteza nos guarde nossa justiça e direitos como entendemos que fará, no que receberemos grande mercê, e vossos reinos e vasallos grande proveito e quietação; e o mesmo pedimos aos muito altos infantes, illustrissimos condes, magnificos fidalgos e prelados, nobres, cavalleiros e leal povo que aqui está junto para celebrar estas reaes côrtes, e a todos pedimos, com muita instancia que o ordenem e ponham logo em execução, pois é notorio quão necessario é.

Acabada esta pratica, como os corações dos ouvintes estavam tão varios, foram os pareceres diferentes, pelo que não pôde haver concordia, e ficaram divididos em tres opiniões e pareceres, que confundiam mais a resolução do caso, porque a nobreza estava firme na sua opinião de que se não podia, nem devia tirar o governo á Rainha; o povo e procuradores insistiam tumultuosamente que se havia de dar inteiramente ao Infante D. Pedro; a terceira opinião era dos Infantes D. Henrique e D. Affonso, e dos condes de Ourem e de Arrayollos, com outras pessoas de grande qualidade que queriam que se repartisse o governo entre a Rainha e o Infante na fórmula da concordia entre elles feita, de que era auctor o mesmo Infante D. Henrique e a favoreciam o Infante D. Affonso e seus filhos; e cada uma d'estas parcialidades dava muitas razões em confirma-

ção de sua opinião, trazendo muitos exemplos e autoridades; e sem concluirem cousa alguma altercaram por espaço de quinze dias nos quaes houve grande confusão, e pouca esperança de concórdia pela muita insistencia que cada um d'elles fazia em sustentar sua opinião, em tanto que em rasão d'ella se temeram grandes motins e revoltas da parte do povo que não soffria dilação em sua pretensão.





CAPITULO IX

Da segunda concordia que se tomou sobre o governo do reino

VENDO o Infante D. Henrique quanto importava dar-se brevemente determinação na materia do governo para atalhar tão arriscadas discordias e o grande perigo em que estava o reino, com virtuoso zêlo trabalhou por concordar o Infante seu irmão com a Rainha, e com sua grande negociação e calor que n'isso poz (em que gastou alguns dias) o veiu a effectuar com ajuda e parecer do Infante D. Affonso seu irmão, e seus filhos; e fazendo para isso ajuntar os tres estados do reino com as solemnidades, e acto de côrtes, foi por todos approvedo, e logo denunciado e publicado por Nuno Martins da Silveira, escrivão da puridade, e a concordia e substancia d'ella foi, que a Rainha ficasse por tutora, e curadora de El-Rei seu filho, e de seus irmãos, e com administração da fazenda, e provimento dos officios e cargos, e o Infante D.

Pedro por defensor do reino, e governador d'elle, e o conde de Arrayollos ficasse com o cargo da justiça sobre todas as justiças do reino, e que na côrte onde a Rainha estivesse com El-Rei seu filho andassem sempre seis do conselho repartidos a tempos com um prelado, e um dos grandes do reino, e dois cidadãos de Lisboa, e que não podessem andar mais, salvo os officiaes da casa, e serviço de El-Rei, e da Rainha e Infantes meninos, e que os mais fidalgos que viessem á côrte, e houvessem de andar n'ella por lhe importar, o não fizessem sem licença da Rainha; e com estes nomeados se terminassem todas as couzas que sobreviessem com auctoridade da Rainha que sempre havia de presidir, e com os pareceres do Infante D. Pedro, e Conde de Arrayollos, prevalecendo sempre a parte das mais vozes, com declaração que os dois cidadãos de Lisboa teriam ambos um só voto, e que sendo eguaes em votos o notificassem aos mais Infantes, e ao Conde de Ourem, e que a parte que seguissem os mais d'elles se guardasse; e de tal maneira eram feitas estas repartições, e os poderes dos governadores tão limitados, que poucas ou nenhuma couzas de importancia podia cada um d'elles despachar por si só; foi mais ordenado na mesma concordia que cada anno se fizesse um modo de côrtes particulares, a quem não haviam de vir mais que dois prelados, e cinco fidalgos, e oito cidadãos, e n'ella se determinassem algumas couzas que para as ditas côrtes annuaes se reservavam, e os do conselho por si não podiam determinar, e outras de tanta e maior qualidade, assim como mortes de grandes, perdimentos de terras da corôa, criação e instituição de leis; e que nas duas côrtes se podessem sempre emendar algumas cou-

zas que se achassem dignas de emenda; continha a dita concordia outras particularidades de não tanta importancia de que não é necessario tratar aqui, e posta esta determinação por escripto, sendo presentes alguns tabelliães publicos que para isso foram chamados, pareceu ao Infante D. Henrique se o Infante D. Pedro o assignasse, seria facil acabar com a Rainha o consentisse, e tambem assignasse; e para esse effeito lh'a mandou logo a ella assignar; o que algum tanto recuzou aconselhada e persuadida de fidalgos, e pessoas de grande qualidade, dando por razão que sendo o governo todo seu não sómente lhe tirava muita parte d'elle, mas ainda esse que lhe ficava era sujeito a pareceres de muitos de tal maneira que se podia dizer que ella ficava com nome de Regente, e aos estados do reino o poder e administração do governo, e que o seu parecer e voto não ficava de mais auctoridade que o de cada um dos outros que faziam o numero de quinze, ou vinte pessoas; e dado caso que aos mais em que era repartido o governo se lhe desse com a mesma limitação, n'elles não havia aquella razão de queixa como n'ella, porque a elles se lhe dava do que a ella pertencia; e o que peor era que os tres estados do reino tomavam para si todo o governo debaixo da ficção de o repartirem em tres governadores, e quando ella ficara com a parte que na concordia se lhe attribuia para que com os do seu conselho determinasse o que haveria por bem por quietação do reino, e por escuzar as discordias, e malles que se podiam seguir, e de outra maneira lhe não vinha bem, nem queria que o Infante D. Pedro, e o conde de Arrayollos o consentiriam na parte que se lhes attribuia.

Quem mais sentido ficou d'esta concordia e modo d'ella foi o Infante D. Pedro, porque como estava confiado em ficar com o governo inteiramente, e visse que a parte que se lhe dava era tão limitada e tão fóra do que elle esperava, se mostrou sentidissimo, e seus familiares e parciaes publicavam se lhe fizera mui grande aggravo; mas elle por não descontentar o Infante D. Henrique que tanto tinha trabalhado por esta concordia, e aos mais que foram auctores d'ella, e soubesse que a Rainha não queria assignar, respondeu que queria estar por tudo o que fôra determinado, parecendo-lhe que com aquella submissão contentaria os povos, e os mais estados, e que a Rainha por não querer acceitar ficaria em desgraça de todos; e que isso seria parte de elle alcançar todo o governo, o que bem se seguiu como se verá: ficou o Infante D. Henrique tão sentido e enfadado de vêr que a Rainha recusava assignar os instrumentos da concordia, entendendo que todo o seu trabalho ficava frustrado, que esteve determinado de se ir da côrte, e deixar estes negocios indeterminados, e o fizera se não temera a perdição e ruina do reino, e o manifesto perigo em que as cousas d'elle estavam postas, por vêr de uma parte o grande concurso de gente popular tão determinada a motins e alvoroços, e postos a aventurarem tudo por metter o Infante D. Pedro no governo; e da outra parte a nobreza e fidalguia a sustentar n'elle a Rainha, e de nenhum modo consentirem dar-se ao Infante que se não podia presumir outra couza menos que a total destruição do reino, e esta foi a causa que contra sua vontade o deteve.

Tanto que foi sabido e publicado que a Rainha

não queria assignar os instrumentos da concordia, os povos se amotinaram e determinaram de logo metter na posse de todo o governo ao Infante; e feito um ajuntamento publico, lhe mandaram recado pelo doutor Lopo Affonso (ao qual elle fez escrivão da puridade tanto que se viu no governo tirando-o a Nuno Martins da Silveira, aio de El-Rei, a quem El-Rei D. Duarte o tinha dado) e por elle avisaram ao Infante de como estavam prestes e determinados para seguir o que elle lhe ordenasse, e que sua vontade era que tomasse só o governo do reino, que viesse e o meteriam de posse; sabendo os fidalgos e nobreza d'este grande alvoroço e ajuntamento, lhe pareceu bem dissimular por então, e dar logar ao povo por se não acharem com poder bastante para o encontrar, e aconselharam a Rainha que por escusar outro maior mal assignasse as escripturas da concordia, que por então assim cumpria a seu estado, honra e quietação do reino, porque não fosse achaque o não assignar para se lhe imputar a culpa das desordens que podiam os populares cometer; e como ella sempre foi inclinada a todo o bem, mandou logo chamar o Infante D. Henrique em cujo poder estavam as escripturas da concordia, com recado que as trouxesse, que logo veio, e ella as assignou, e lhe pediu as fizesse assignar pelos Infantes e os condes seus filhos, com todos os fidalgos, prelados, e procuradores das côrtes, e as mais pessoas de qualidade, e que jurassem todos de estar por ella e a cumprir para que ficasse de todo firme, e se acabassem inquietações e discordias, affirmando-lhe que a isso a obrigava ser elle quem o tinha ordenado e quem sempre conhecera por muito amado e querido de El-Rei D. Duarte seu marido que

estava em gloria, e não menos affeiçãoado ás suas couzas d'ella; e juntamente por conservar o bem commum, e quietação do reino; o que logo foi feito, e juraram todos sobre um altar que foi levantado na capella real, e foi a Rainha a primeira que o jurou sobre um missal, e logo o Infante D. Pedro e os Infantes D. Affonso e D. Henrique, e após elles os Condes de Ourem e Arrayollos e os Arcebispos de Lisboa e Braga e todos os mais prelados e fidalgos do reino, com os procuradores das côrtes e outras muitas pessoas de qualidade.

Não durou muito nos populares e procuradores de povos a força do juramento e determinação de concordia porque logo se mostraram descontentes e arrependidos, começando a murmurar e publicamente reprehender o governo da Rainha; e os que mais inquietos se mostraram foram os cidadãos e povo de Lisboa que andavam amotinados, e alevantados sem quererem obedecer a seu governo; o que o Infante D. Pedro não atalhava como tinha de obrigação como governador e defensor do reino.





CAPITULO X

De como a Rainha passou as côrtes para a cidade, e da chegada do Infante D. João á côrte, e do que com ella succedeu

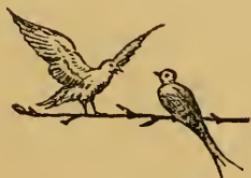
COMO n'este tempo houvesse grande carestia de mantimentos na villa de Torres Novas, e fosse cada dia em crescimento pela muita gente que concorreu ás côrtes, e pelos annos serem muito estéreis, a Rainha com El-Rei e Infantes se partiram para a cidade de Lisboa, que com a oppor-tunidade, e com a ordem que se deu em breve tempo foi provida de todos os mantimentos, com que cessou a carestia em parte, e passados alguns dias depois de estarem n'ella, sabendo o Infante D. Affonso que a Rainha tinha dado ao Infante D. Pedro um escripto de sua mão, de casar El-Rei D. Affonso com sua filha D. Izabel, e elle tivesse pensamento de casar sua neta, tambem D. Izabel, filha do Infante D. João, seu irmão e genro, com o mesmo Rei, o tratou com ella, e tratado lhe disse que mandasse

pedir o escripto ao Infante D. Pedro, no que ella veiu bem, mas lhe disse que não estavam as cousas em estado de tratar d'isso porque seria romper com elle, que dando o tempo logar se poria em ordem.

Poucos dias depois de passadas as côrtes a Lisboa, chegou a ella o Infante D. João, que por estar enfermo em Alcacer do Sal, não se havia achado na villa de Thomar ao levantamento de El-Rei, nem nas côrtes em Torres Novas á coroação de El-Rei seu sobrinho; e d'elle se conheceu bem sentir a morte de El-Rei seu irmão mais que todos os outros irmãos, e com razão, porque quando passou d'esta vida a Rainha D. Filippa sua mãe, elle e o Infante D. Fernando ficaram meninos, e El-Rei D. João seu pae recolheu comsigo ao Infante D. Fernando, e a elle deu a El-Rei D. Duarte, sendo Principe, o qual o creou e tratou como a filho, e por esta razão de creação que com elle teve, até da obrigação de irmão, houve entre elles sempre um grande amor, que foi causa de sentir sua morte extremamente; e tanto que foi na côrte, depois de beijar a El-Rei a mão com a obediencia devida, suas lagrimas sentidas, e palavras, deram claro testemunho de seu grande sentimento; e passados alguns dias em uma visita que fez á Rainha se lhe offereceu com palavras significadoras de grande amor, dizendo que então a serviria mais perfeitamente com toda a pontualidade que costumava em vida de El-Rei D. Duarte seu irmão, e ainda mais se mais podia ser; e entre as mais cousas que tocou lhe disse que lhe não parecia bem entremetter-se com os negocios do governo, e posto que n'esta materia este era seu parecer e tenção por mais decente, e mais

conforme a razão que tambem o era que em tudo o mais fosse servida e acatada e reverenciada, confirmando seu parecer com muitas razões que a Rainha lhe não acceitou bem, e o teve d'alli em deante por contrario a suas cousas, no que se não enganou, como se viu bem por obras, que ella não esperava d'elle, porque ainda que o tinha por affeçoado ás cousas do Infante D. Pedro, pois fôra creado em sua casa, e recebido d'ella muito boas obras, e estivesse tambem de permeio a pretensão do casamento de El-Rei com sua filha, sempre imaginou que estas cousas causariam n'elle diferentes effeitos, principalmente estando já as cousas no estado em que estavam, e dado na materia do governo o assento que fica dito; comtudo como lhe conheceu o animo não deixou de temer que com sua chegada haveria alguma mudança, pois elle se declarava com ella, e sabia que o povo de Lisboa não se aquietava, e só lhe faltava uma cabeça que descobertamente os favorecesse, e dêsse calor á sua determinação; porque o Infante D. Pedro por razão do que tinha asentado, e jurado, e pela contradicção que achava nos Infantes D. Henrique e D. Affonso, seus irmãos; pelo que agora vendo a cidade de Lisboa tão descontente, e o Infante D. João tão declarado lhe vieram grandes receios; no que não se enganou, porque logo começaram a fazer ajuntamentos secretos á instancia do Infante D. Pedro, umas vezes em sua casa, e outras em casa do mesmo Infante D. João, e outras partes, e passados alguns dias publicamente em praças e logares publicos, e com vozes altas, e inquietações murmuravam e reprehendiam o governo da Rainha, indo sempre estes alvoroços em crescimento de que se temiam maiores inquietações; o

que durou por muitos dias sem o Infante D. Pedro os atalhar, podendo, posto que no publico, e exteriores mostrava pezar-lhe, de que nascia que os desapaixonados discretos entendiam que tudo se fazia por seu gosto, e assim o entendia a Rainha e lh'o faziam os seus crêr.





CAPITULO XI

De como a Rainha mandou pedir ao Infante D. Pedro o escripto de casamento d'El-Rei que lhe tinha dado

VENDO a Rainha os alvoroços do povo, e sendo certificada que o Infante D. Pedro era o auctor de tudo, e que com a occasião da vinda do Infante D. João dava mais calor para conseguir a pertensão do governo, mandou chamar o Infante D. Affonso, e tractou com elle o modo que haveria para lhe mandar pedir o escripto do casamento de El-Rei seu filho que lhe tinha dado, porque além de elles assim o terem assentado, o mesmo lhe tinham aconselhado muitos fidalgos, ainda que ella duvidou muito de o fazer pela palavra que lhe tinha dada, e porque El-Rei D. Duarte assim o deixára ordenado; mas tomando por fundamento que o déra sem parecer dos Infantes, e dos grandes do Reino se determinou a pedir-lh'o; e tratando com algumas pessoas de grande qualidade para ir com este recado, não houve nenhum que o accitasse, nem se atrevesse;

pelo que o mesmo Infante D. Affonso o tomou á sua conta, e lhe foi pedir em seu nome d'ella, dando por razão que se praticaria com os Infantes seus irmãos e com outras pessoas do conselho a quem era bem que se dêsse conta, o que por então se não podia fazer, porque não estavam as cousas em estado para logo se determinarem, e lhe pediu, e rogou lh'o mandasse, que havendo logar se trataria entre todos e se faria tudo a seu gosto, e como mais conveniente fosse, dizendo-lhe tambem que não desconfiasse de tudo se fazer como mais fosse sua honra e proveito, pois as pessoas com quem se havia de tratar e o haviam de determinar eram tão conjunctas a elle em sangue, e tão amigos de seu acrescentamento.

Muito sentido ficou o Infante D. Pedro da embaixada, e recado de seu irmão, e bem lhe ocorreu logo o fim a que tirava, porque já de antes se temera d'isso; e bem entendia que seu irmão lh'o não fôra a pedir sem haver de permeio a tal pertençaõ; e assim lhe respondeu com mostras de grande sentimento e paixãõ, dizendo: que sim era verdade que tinha em seu poder o escripto, e com razão podera deixar de lh'o mandar, nem sabia com que razão lhe podia ser negado o que El-Rei seu irmão lhe tinha concedido, e a mesma Rainha confirmado, e que elle cria de sua virtude, e prudencia, que não era sua vontade faltar com a promessa, mas que lh'o faziam fazer pessoas interessadas, e pouco afeiçãoadas a elle, e a ella não muito leaes, pois em tempo que se deviam atalhar todas as occasiões de que podessem nascer discordias, as buscavam de novo; e porque não parecesse que elle á força ou contra sua vontade da Rainha queria, ou tomava o que com tanta razão se lhe devia, lhe daria o seu

alvará, mas das suas mãos iria roto e despedaçado a seu poder d'ella em testemunho da quebra de sua verdade, e palavra. Ao que o Infante D. Affonso lhe respondeu com outra semelhante paixão, que as discordias fôra bem atalharem-se, e tirar occasiões d'ellas, mas que quem mais razão tinha de assim fazer se conhecia bem ser o auctor d'ellas; e a estas se ajuntaram outras palavras não de muito amigos; e logo o Infante D. Pedro abriu um escriptorio, e tirou d'elle o alvará, e o rompeu, e feito em pedaços o entregou a seu irmão, e sem entre elles haver as palavras devidas, e costumadas se despediram; e o Infante D. Affonso se foi á Rainha, e assim ella como elle se sentiram gravemente do termo, e resposta do Infante D. Pedro, e de ahí em diante se conheceu bem n'elles a pouca affeição que se tiveram, e se encontraram em todas as occasiões que se offeceram.





CAPITULO XII

*De uma embaixada que veiu d'El-Rei de Castella,
e resposta que se lhe deu*

A NDAVAM n'este tempo na côrte d'estes reinos embaixadores d'El-Rei D. João II de Castella, os quaes tinham vindo em vida d'El-Rei D. Duarte, e não foram ouvidos por causa da enfermidade d'El-Rei D. Duarte, nem depois pela inquietação que veiu sobre o governo do reino; pelo que pareceu necessario ouvil-os, pelos continuos requerimentos que faziam; e mandando para esse effeito chamar os Infantes, a Rainha perante elles ouviu sua embaixada, que não era de muito gosto nem de honra para este reino e era a substancia d'ella pedir El-Rei de Castella que certas egrejas que foram desmembradas dos bispados de Badajoz e Tuy que estavam situadas n'estes reinos, se tornassem a sujeitar aos prelados das ditas dioceses de que foram tiradas, e que os mestrados de Aviz e Santiago d'estes reinos se tornassem aos mestres

de Castella, e os reconhecessem por superiores, pois eram membros dos ditos mestrados e havia annos que contra razão andavam desmembrados, e se tinham isentado de sua jurisdicção; e que as eleições se fizessem mui embora cá em Portugal, mas que se fossem confirmar a Castella pelos mestres e superiores das ditas ordens; requeriam mais que alguns bispados d'estes reinos eram sujeitos e do districto do arcebispado de Sevilha como sua superior, e metropole que era, que se sujeitassem e obedecessem como sempre fizeram; continha tambem a dita embaixada muitas tomadas de navios e outras embarcações de que pediam restituicção, apontando muitas razões de direito; e para esse effeito vinha entre os embaixadores um letrado tido em Hespanha pelo maior juris-consulto de seu tempo.

Ouvida sua embaixada, em que tambem tocaram aggravos de sua detença, houve sobre a resposta e despacho d'ella diversidade de tenções e pareceres, porque uns que mostravam ser mais inclinados á paz e justiça, e em especial á Rainha, queriam que se respondesse com brandura; outrosque se remetteste a resposta ás armas, que bem sentiam estavam os Reis de Castella escarmentados d'ellas e das victorias do valeroso Rei D. João I, avô d'El-Rei D. Affonso e do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, honra de Portugal: mas n'esta variedade de opiniões se conformaram em um meio com que os despediram sem resolução, respondendo que por então se não podiam determinar as materias de sua embaixada por causa das inquietações em que o reino ficara por morte d'El-Rei D. Duarte e cousas que depois recresceram; que haveria El-Rei seu conselho, e tomada resolução mandaria seus embaixadores

com a resposta mais conveniente; não faltaram alguns suspeitosos que attribuiram esta embaixada aos Infantes de Aragão irmãos da Rainha D. Leonor que tambem o eram da Rainha de Castella, mulher de El-Rei D. João, dizendo que elles a ordenaram, porque n'esse tempo governavam aquelles reinos como cunhados do mesmo Rei, que n'isso lhe dava grande mão e queria metter este reino em necessidade de seu favor para as cousas da Rainha D. Leonor obrigarem estes reinos com lhe dar a entender que por seus meios se aquietavam aquellas duvidas, para que El-Rei D. Affonso e seus governadores lhe dessem favor e ajuda contra o Condestavel de Castella D. Alvaro de Luna, que n'este tempo era mui poderoso e andava travado em guerras com os mesmos Infantes, e havia n'aquelles reinos grandes inquietações e guerras ordenadas pelo Condestavel D. Alvaro que todas carregavam sobre os mesmos Infantes como auctores do desterro em que o mesmo Condestavel havia estado, e como demaziadamente curiosos diziam mais que para assim obrigarem estes reinos a não alterarem nada no governo dado á Rainha, mas tudo eram pensamentos e considerações imaginadas e com a publicação d'ellas indignavam o reino contra a Rainha.





CAPITULO XIII

Das calumnias que se punham ao governo da Rainha

CONTINUAVA a Rainha com seu governo, e administração do reino, e o primeiro em que entendeu foi em dar aio a El-Rei D. Affonso, seu filho, por ir já para seis annos, e ser tempo de lh'o dar, para o qual cargo nomeou e elegeu Nuno Martins da Silveira, fidalgo muito nobre e dotado de grande saber e virtudes, e sobretudo muito prudente, e tal que se não podera achar outro de mais partes que elle; e como bem intencionada e virtuosa, não querendo fazer falta em seu cargo tomou o trabalho do governo com mais fervor e continuação do que sua delicada natureza soffria e era costumada; e como os requerimentos e negocios recresceram demasiadamente, por que havia muitos dias que não havia despacho, e pela boa ordem que ella deu em ouvir e despachar, era necessario demasiada continuação, que foi cauza de lhe sobrevirem algumas

indisposições, além das que lhe cauzara o parto que se lhe ia acercando, pelo que lhe foi necessario retirar-se algumas vezes por lh'o aconselharem, e persuadirem pessoas nobres, e leaes, affirmando-lhe que não tinha obrigação de ser tão continua com tanto risco de sua vida, e interpozesse aos negocios do governo alguns dias de repouzo e descanso, porque d'outra maneira não podia sua fraqueza e indisposições com tanto pezo, e podia ser causa de ficar totalmente impossibilitada para acudir ao governo do reino; pelo que algumas vezes mais constrangida por necessidade, que por vontade, cessando dos negocios, não fazendo porém falta notavel, nem de muitos dias continuos; mas como o povo andava amotinado, e determinado a não soffrer seu governo, e fosse cada dia induzido, e não soffresse vêr o Infante D. Pedro na posse d'elle, com qualquer occasião pequena lhe punham grandes calumnias, com razão ou sem ella encareciam muito suas faltas, oppondo-lhe outras muito maiores que não havia, assim como dizer que com suas donas e damas consultava e despachava os negocios do reino e governo, e que ellas por dadas e interesses e outros particulares respeitos de parentes, familiares e pessoas acceitas faziam prover nos cargos e officios de importancia pessoas incapazes, indignas d'elles, e que parecia que as ditas mulheres vendiam os ditos cargos a quem dava mais por elles; e que as materias que se haviam de despachar com homens sabios e prudentes, eleitos para isso em côrtes, se despachavam com mulheres fracas, e de pouco saber, e assim vinha a acontecer que os homens benemeritos que mereciam os cargos e despachos não eram ouvidos, nem despachados por não terem no paço mulher que por elles in-

tercedesse, ou as não obrigavam com dadivas, e lhe attribuiam outras culpas tão falsas e injustas como estas, com as quaes publicamente clamavam e murmuravam que se não soffria tal governo; ajuntando mais que o patrimonio real que se havia de gastar nas fronteiras d'Africa, e conquistas d'ella, e outras cousas tocantes á honra do reino, se gastavam como não deviam em joias de damas, e pessoas que o não mereciam; e os cargos e dignidades se davam como não deviam a pessoas em quem ficavam mal.

O que se sabia ser falso, porque a Rainha não despachava cousas de importancia sem os mais deputados como fôra ordenado nas côrtes, e no que dava procedia recta e justamente, pertendendo premiar quem o merecia, e que sempre o seu parecer era o mais acertado, e dos melhores; e por escuzar as calumnias e mormurações que sabia que havia contra ella não queria despachar coisas de importancia sem os deputados; mas como o povo andava tão determinado a prival-a do governo, e achasse tanta contradicção na nobreza, era sua tenção desacredital-a, porque mais a seu salvo podesse sahir com sua pretenção; e posto que o Infante em publico não mostrava favorecer esta tenção, bem se conhecia n'elle que lhe não discontentava posto que tratando-se com elle que se determinasse, respondia que estava ordenado em côrtes, e jurado por todos, que não havia de ir contra seu juramento, salvo se se determinasse nas côrtes que estavam para se fazer, posto que fosse contra sua vontade o accitaria e faria o que se ordenasse n'ellas por accudir ao bem commum, e proveito do reino, e com todas estas cousas como a Rainha tinha por si a nobreza, e o melhor do reino, continuou com

seu governo por alguns mezes muito contra a vontade do Infante e do povo da cidade de Lisboa que não punham em effeito sua determinação pelo respeito e contradição dos Infantes D. Henrique e D. Affonso, e dos Condes de Ourem e Arrayollos, e todos os mais fidalgos do reino. E logo no mez de Março de quatrocentos e trinta e nove se sahiu El-Rei de Lisboa com o Infante D. Fernando seu irmão, para Almada, e a Rainha com as Infantas suas filhas para sua quinta junto de Santo Antonio do Tojal por haver nas cidades muitos rebates de peste, e do mesmo mal se dizia ser fallecida a Infanta D. Filippa, sua filha em edade de doze annos, e d'ahi a poucos dias pariu a Rainha a Infanta D. Joanna, que foi mulher de El-Rei D. Henrique de Castella chamado o Enfermo; e poucos dias depois teve nova que o Infante D. Pedro seu irmão fôra morto no cerco de Napoles de um tiro de artilheria, em ajuda de El-Rei D. Affonso de Aragão que a tinha cercada, juntamente teve cartas consolatorias do Papa Eugenio das mortes de El-Rei seu marido e este irmão, em as quaes juntamente lhe pedia, e admoestava que de nenhum modo se desse Ceuta aos Mouros em troca do Infante D. Fernando, pelo muito que importava aquella força assim pela segurança da christandade, e honra d'este reino e outras razões de grande louvor para ella.





CAPITULO XIV

Como o Infante D. Pedro começou a pertender o governo descobertamente

SENDO em o mez de Agosto de quatrocentos e trinta e nove, se passou a Rainha de Santo Antonio do Tojal para Sacavem e El-Rei com o Infante D. Fernando se tornaram para Lisboa onde n'esse tempo estava o Infante D. Pedro, que cansado já de esperar que o povo de Lisboa pozesse em effeito a pertença do governo como sempre imaginou e por terceiros sollicitava, fez ajuntar em sua casa muitas pessoas em quem tinha mais confiança, e entre elles seu grande amigo Alvaro Vaz d'Almada, capitão mór do mar, aos quaes fez uma falla no principio da qual foi reprehendendo o modo do governo e as muitas faltas que fazia n'elle, e logo se queixou da pequena parte que do governo lhe coubera nas côrtes, e quão livremente a Rainha usava do governo com o favor de seus irmãos e sobrinhos e fidalgos em tanto que mostrava já não es-

timar a elle nem aos mais que sabia serem-lhe affiçoados, e a todos encontrava, e queria mal, o que bem se conhecia pelo modo com que os tratava, e o pouco que se fazia por elles, pois a nenhum se provia em cousa de importancia, nem se defferia a seus requerimentos, do que tambem procedia serem tidos em pouco, e que havendo de ser assim, e não havendo outro melhor meio, sua vontade era e estava determinado deixar aquella pequena parte do governo que lhe fôra dada, e elle individamente acceitára, e ir-se para suas terras, attento a pouca honra que recebia de estar na côrte com tanto menos cabo de sua pessoa, auctoridade e honra; dando-lhe claramente a entender n'estas palavras e outras que mais ajuntou, que não lhe dando todo o governo inteiramente nem assistiria na côrte de nenhum modo, pedindo-lhe déssem seus pareceres; e posto que houvesse alguns homens de justiça e inteireza que aconselhavam que se devia esperar as côrtes vindouras que se haviam de fazer dentro n'esse anno e no meio que se dilatavam se pedisse ao Papa relaxação dos juramentos que tomaram sobre a concordia do governo e repartição d'elle, foram poucos e a seus pareceres se não deram ouvidos, porque os cidadãos e todos os mais sem nenhuma temperança insistiam que logo se entregasse o governo ao Infante sem quererem dar ouvidos a outro meio, o que mais que todos insistiu foi o capitão Alvaro Vaz e alguns parentes que por mais persuadirem ao povo e cidadãos disseram e aconselharam ao Infante que se logo lhe não entregassem o governo livre se fosse para suas terras, porque perdia muito de sua auctoridade e estimação andando na côrte como andava com tão pouca auctoridade; e o

mesmo industriosamente lhe requeriam seus criados e familiares; mas vendo que até nos que elle tinha mais confiança e o seguiam havia diversos pareceres e a grande contradicção de seus irmãos e sobrinhos, não se atreveu a investir-se violentamente no governo, porque conhecia que se elles o encontrassem não podia sahir com sua pretensão e como tinha por propicio para ella ao Infante D. João, que descobertamente o favorecia, não se quiz determinar sem primeiro communicar com elle, para o que lhe mandou recado a Alcochete, onde estava, pedindo-lhe que se viesse a Lisboa onde o estava esperando, porque tinham que tratar cousas de muita importancia em que elle se não sabia determinar sem seu parecer, favor e ajuda; o Infante D. João tanto que teve este recado, largando todos os mais negocios se veiu com muita brevidade para Lisboa, não deixando já de entender a tenção com que o chamava, porque já tivera certeza do estado em que estava o povo de Lisboa, e dos ajuntamentos que se faziam em casa do Infante seu irmão e sobre quê.





CAPITULO XV

Da falla que tiveram os Infantes e em que se determinaram

TANTO que o Infante D. João foi na cidade de Lisboa, sê ajuntaram elle e o Infante D. Pedro em uma capellinha de Nossa Senhora do Rosario, em cujo sitio e logar foi depois edificado o mosteiro de Santos das religiosas de Santiago; e já antes de se verem tinha ido o capitão Alvaro Vaz e alguns cidadãos a vêr o Infante D. João e a rogar-lhe e persuadir-lhe que fizesse com o Infante seu irmão que logo acceitasse o governo e posse d'elle, porque elle o não queria fazer sem o seu parecer e auctoridade; e tanto que foram juntos os Infantes, o Infante D. Pedro se começou a queixar ao irmão em um largo arrazoamento que fez significando-lhe o desgosto que tinha por razão do agravo que se lhe tinha feito nas côrtes passadas na materia do governo, e que não cria fôra assim tão mal ordenado se elle se achara presente, mas que seus irmãos

D. Henrique e D. Affonso mostraram ser mais amigos da Rainha que seus d'elle, pelo que estava determinado a deixar a côrte e ir-se para suas terras; e que este parecer não era só seu, porque o mesmo lhe aconselhavam todos seus amigos creados e vassallos, posto que tambem lhe aconselhavam que logo tomasse posse do governo, por qualquer via que assim importar ao bem commum e proveito do reino e quietação delle, que lhe pedia lhe aconselhasse que meio tomaria ou qual d'aquelles seria melhor, porque entendia que como bom irmão e tão prudente como elle era lhe aconselharia o que fosse mais sua honra e proveito do mesmo reino, e que estava determinado a seguir seus conselhos. Acabada sua pratica lhe respondeu o Infante D. João que por entender o para que se queria vêr com elle tinha considerado o que no caso se devia fazer e por essa razão seria breve na resposta, que em resolução seu parecer era que logo acceitasse o governo do reino como lhe aconselhavam porque isso era o melhor, mais acertado e mais conveniente a sua honra e bem do reino e tudo o mais era curado; dizendo juntamente, que se Deus o não fizera mais velho e tão prudente, e não estiveram diante d'elle os Infantes D. Henrique e D. Affonso seus irmãos mais velhos, elle o procurara para si, e se não se lhe dera á boamente o tomara pelo modo que podera por não perder um ponto de sua honra e reputação, que dado que a Rainha era muito discreta e virtuosa, e se lhe devia todo o acatamento e cortezia por quem ella era, e por mulher de seu irmão, comtudo era grande abatimento e descredito seu d'elles haver no reino quatro irmãos de El-Rei D. Duarte e outras pessoas tão chegadas a elle em

sangue todos bastantes e merecedores de governar taes Estados como os de Portugal, e consentirem que uma mulher estrangeira que não tinha direito algum n'elles, os governasse, pelo que não duvidasse de se metter logo de posse do governo, que elle estava prestes e aparelhado para o ajudar com todo seu poder, e pois tinha de sua parte a cidade de Lisboa e todos os povos do reino que eram as forças d'elle, que não tinha que receiar, mas devia logo determinar-se e declarar-se.

Vendo o Infante D. Pedro a resolução com que seu irmão se declarava, depois de lhe dar grandes agradecimentos, lhe quiz dar a entender que em caso que n'isso se pozesse o não faria por seu interesse particular, senão pelo bem do reino e importunações d'elle, posto que bem via que o que lhe aconselhava era fundado em muita razão e justiça, se algumas pessoas principaes e a nobreza do reino o quizeram bem considerar, mas que havia um grande inconveniente que eram os Infantes seus irmãos e os condes de Ourem e Arrayolos seus sobrinhos, e que sem consentimento d'estes (aos quaes seguiam os fidalgos, e o melhor do reino) não lhe parecia seguro emprehender negocio de tanto peso, que bem sabia quanto sangue e trabalho custara a El-Rei seu pae a deffensão e recuperação d'elle, que não queria ser causa de sua destruição, a qual se podia temer da divisão que havia e das discordias que sem duvida podiam acontecer, se contra seu parecer d'elles se quizesse investir no governo; mas que havendo elles por bem o accitaria de boa vontade pelas razões que se offereciam, o que ninguem melhor que elle podia tratar com elles; ao que lhe respondeu o Infante D. João

que sem embargo d'esses impedimentos não deixasse de se declarar logo por governador, que seus irmãos e sobrinhos praticando-lh'o, e dando-lhe as razões que havia, não lhe havia de parecer mal, e que os fidalgos e nobres do reino que tanto que vissem a estes do seu parecer os seguiriam sem pôr duvida, e assim não havia de temer divisão do Reino, quanto mais que se elle se não declarasse, se não escusavam, porque os povos estavam já determinados e quasi com as armas nas mãos, e os que seguiam a parte da Rainha o não faziam por affeição que lhe tivessem, senão por seus particulares interesses, entre os quaes não deixava de haver alguns a quem o medo do castigo lh'o fazia fazer, e que muitos se haviam de apossar do patrimonio real, e a Rainha lh'o havia de dissimular por se valer d'elles, e por esta via não se escusavam maiores decepções e revoltas com grande falta de justiça; e que se offerecia outra rasão, pela qual em nenhum modo se podia consentir ter ella o governo, que era que os Infantes de Aragão, irmãos da Rainha, traziam guerras travadas com o Condestavel de Castella D. Alvaro de Luna, a que havia de ser causa de avexar muito estes reinos ou lhe diminuir as forças, porque havia de querer acudir ás desordens e guerras que elles tinham começadas, accudindo-lhe com gente e dinheiro; o que se escusaria tomando elle logo o governo, e quando elle o não fizesse, havia de persuadir a cada um dos Infantes seus irmãos que o tomasse, que não cresse que nenhum d'elles o havia de encontrar depois de tomado; assentaram por fim de sua pratica que o Infante D. João o tratasse logo com os Infantes seus irmãos, e com o que n'elles achasse se tornariam a vêr e que por emtanto subs-

tivesse no mais; e o Infante D. João se tornou para Alcochete e o Infante D. Pedro para Sacavem, onde logo foram sabedores de grandes revoltas e tumultos que se levantaram na cidade de Lisboa.





CAPITULO XVI

Das grandes revoltas e inquietações que succederam na cidade de Lisboa

ESTAVA a Rainha em Sacavem com El-Rei seu filho com pouco repouso, continuos temores por causa das novas que cada dia tinha das inquietações da cidade de Lisboa, e como fosse certificada que tudo era por negociações do Infante D. Pedro, e de seus familiares, lhe começaram a apparecer suas cousas muito peor que d'antes; e porque duas filhas de Pero Gonçalves, veador da fazenda, que estavam por damas em casa da Rainha, e uma filha de João Vaz de Almada, irmão do capitão Alvaro Vaz, soube que avisavam seus paes, e o mesmo Infante de todas as cousas que passavam em sua casa, e suas determinações se sabiam por ellas antes de se porem em effeito, e finalmente se mostravam contrarias á mesma Rainha, e muitos particulares do Infante D. Pedro, as despediu e mandou para casa de seus paes; tanto que em Lisboa foi

sabido, tomou o povo d'ahi occasião para se descòmpor contra ella, e que reprovavam, e reprehendiam todas suas cousas, dizendo que já se declarava o odio que tinha ao Infante, e a todos seus amigos e valedores, pois despedia as pessoas que a elle lhe eram acceitas; e de tal maneira se amotinou o povo e se ajuntou, que se tiveram cabeça n'esse dia houvera algum grande motim, mas se logo o não houve não tardou muitos dias, porque succedendo que a Rainha mandou passar um alvará a Nuno Martins da Silveira, aio d'El-Rei, em que lhe fazia mercê dos varejos a que os mercadores de Lisboa eram obrigados de sete em sete annos, os quaes se arrecadavam de muito tempo atraz, dos quaes lhe fez mercê para que com mais auctoridade fizesse o officio de aio de El-Rei em que o tinha provido; vendo os mercadores o tempo aparelhado para se isentarem de o pagar, com o favor do povo, fiados em sua rebellião, se queixaram em publico de os quererem arrecadar d'elles; o que vendo os cidadãos com grande alvoroço e ajuntamento do povo, e toda a cidade, se foram com elles á camara, que para esse effeito se ajuntou, onde foram ouvidos com a vontade que o odio da Rainha tinha n'elles criado, e o favor do Infante, onde foi julgada por grande tyrannia a concessão do tal direito que até então se tinha pago sem se pôr duvida; e porque um Bartholomeu Gomes, contador d'El-Rei na mesma cidade, e outro Alvaro Affonso, escrivão das sizas d'ella, que eram criados de Nuno Martins tinham em seu poder o alvará da mercê e tratavam de o dar a execução, os mandaram chamar á Camara, e a Alvaro Affonso lançaram por uma janella fóra, que se não cahira em um telhado se fizera pedaços, e ficou com as pernas quebradas, e a Bar-

tholomeu Gomes esconderam, e salvaram alguns amigos que ahi se acharam, sem outra culpa mais que virem com o mandado da Camara com o alvará como elle fôra mandado. Eram os que fizeram esta boa justiça, além da Camara e povo, alguns cidadãos nobres, os quaes vendo-se culpados e temendo graves castigos, alvoraçaram toda a cidade, andando incitando e sollicitando todos os mais cidadãos e povo para que não soffressem nem consentissem o governo da Rainha, dizendo com grandes vozes e aclamações, que era baixeza do reino e abatimento do reino governal-os uma mulher estrangeira sem experiencia nem saber que os tyranni-sava, e queria destruir, tendo na cidade seu governador e regente a quem mal, e como não deviam, não entregavam o reino, e o governo d'elle que logo se lhe entregasse, e o mandaram chamar á Camara, e com grandes vozes e alvoroços lhe rogaram que o tomasse logo, que com sua vida e fazenda lh'o haviam de sustentar; e ainda que até então em publico se não declarou de todo, vendo agora occasião, e como já estivesse determinado, os ouviu com muito gosto dando á Camara, e a todos grandes agradecimentos, e recebendo parabens se declarou com elles que o aceitariam, dando por razão, entre outras, que a Rainha se tinha declarado contra elle, mostrando por obras e palavras a má vontade que lhe tinha, e encarregando-lhe que elles o pozessem por obra, que elle estava prestes para dar a execução tudo o que elles ordenassem, e que tanto que as cousas estivessem em necessidade de sua pessoa elle acudiria logo com todo o seu poder, mas que para isso ordenassem uma cabeça a quem seguissem, que sem ella não podiam bem conseguir o que per-

tendiam. Esta resposta deu o Infante aos embaixadores que em nome da Camara o foram chamar. Quizeram logo os officiaes da camara nomeal-o e publical-o por governador com o povo e cidadãos; não faltaram, alguns d'elles de mais talento e auctoridade, que vendo sua desordem e risco, aconselharam que tomassem o conselho do Infante D. Pedro que era eleger primeiro uma cabeça a quem seguissem, porque se temia haver grandes revoltas na cidade pelos muitos fidalgos que n'ella havia que o encontravam; e ficando firmes em seu proposito de logo o elegeram por governador tanto que houvesse entre elles eleito uma cabeça, por se não acordarem quem havia de ser, se sahiram da Camara e recolheram, mas não deixaram de continuar em seus motins e ajuntamentos, posto que se metteram de permeio muitas pessoas religiosas e alguns preladados, e se faziam cada dia procissões com continuas pregações sobre a perda da cidade e todo o reino; mas não havia poder-se abrandar a furia do povo, o que vendo Pedro Annes Lobato, regedor da justiça e da casa da supplicação, fidalgo muito respeitado na côrte, o que nada era parte para aquietar tão grandes revoltas, avisou com muita brevidade a Rainha para que mandasse accudir, porque se houvesse dillação era impossivel remediar-se.





CAPITULO XVII

De como foi o Conde de Arrayollos, justiça maior, aquietar a Cidade de Lisboa

TANTO que a Rainha teve este recado de Pedro Annes Lobato, mandou logo ajuntar os fidalgos que se achavam na côrte, e os do conselho, e juntos lhe deu conta do que na cidade de Lisboa passava; e praticado entre elles o negocio, assentaram que o conde de Arrayollos como justiça maior do reino, e pessoa de grande auctoridade e valor accudisse com muita brevidade, porque d'elle só se esperaria pôr remedio n'aquellas desordens e inquietações, posto que bem conheciam a Rainha, e todos os mais, a grande difficuldade que havia por serem os motins e alevantamentos feitos pelo povo de Lisboa que andava tão desenfreado e incorrigivel que mostrava não conhecer Rei, nem Senhor, e que se não havia de aquietar com menos que com ficar o Infante D. Pedro por unico governador; o qual Infante de nenhum modo accudia, nem

mostrava acudir a estas inquietações, antes se entendia, e conhecia d'elle que lhe dava contentamento para sahir com o designio do governo. Com pouca confiança se partiu para a cidade de Lisboa o conde de Arrayollos, e tanto que n'ella foi, antes de dar nada a execução, tratou de ser bem informado pelos fidalgos e pessoas de respeito que ahi se achavam, e viviam na mesma cidade, os quaes mandou se ajuntassem no convento de S. Domingos, e informado bem d'elles lhe consultou o caso, e tratou do remedio que podia haver; e depois de informado e consultado mandou pôr editos nos lugares mais publicos em que ordenava e mandava com pena de morte, e perdimento de fazenda que todos se aquietassem e não houvessem ajuntamentos e alvoroços publicos nem secretos, e quem tivesse queixas ou aggravos se viesse a elle que lhe faria, e mandaria fazer justiça, e que na materia do governo se não intromettesse ninguem sob as mesmas penas, e quem tivesse que dizer, ou requerer sobre isso o faria nas côrtes que cedo se haviam de fazer, e então requeressem o que lhe parecesse.

Mas tanto que se viram os editos e pena d'elles, foi tão grande o alvoroço do povo e cidadãos, com tanta liberdade e desavergonhamento que se temeu alguma grande confusão e dissolução; em que o conde se não soube determinar que termos seguiria; porque os fidalgos e nobreza que seguia a parte da Rainha vendo-o na cidade se animaram grandemente e estavam postos em todo o seguirem e romperem com o povo com ajuda de muitos cavalleiros e outra gente que os seguia, e todos lhe aconselhavam que castigasse tantas insolencias e rebelliões com um castigo que fosse exemplo para os

vindouros, que os tinha prestes para tudo o que quizesse d'elles. Por outra parte o povo confiado em sua multidão ia crescendo com seus motins e ajuntamentos, com que esteve a cidade a risco de se perder, porque como muitos se achavam culpados e temessem o castigo de suas culpas, diziam publicamente que antes queriam morrer com as armas na mãos, que nas dos algozes. Succedeu tambem que um Luiz Gonçalves, escrivão da relação, disse perante alguns do povo, que com a chegada do conde se veriam na cidade as gigas da ribeira carregadas de homens mortos e de pés e mãos cortadas mais do que costumavam andar de peixe e outras couzas, e porque este fôra criado de Pedro Annes Lobato, regedor da justiça e homem da relação, entenderam que o diria com fundamento, e suas palavras fizeram grande impressão e medo nos populares e cidadãos, e em alguns se mudava em desesperação, e muitos cidadãos se sahiram da cidade por evitarem o perigo de suas pessoas com achaque de dizerem que accudiam ás suas fazendas e negociações, por se acharem culpados, e alguns que o não eram tanto temiam n'esta confusão paderem como os mais culpados; não succedeu assim na gente plebea, os quaes como desesperados postposto todo o temor continuavam em seus alvoroços e motins, andando em grandes quadrilhas por medo de serem presos, ameaçando com mortes e destruições, de tal modo que tiravam toda a esperança de haver quietação, nem modo d'ella; e vendo-se o conde desapercibido de gente de armas para poder atalhar tanta insolencia com rigor, e porque de seu era clemente e benigno, determinou levar aquelle negocio por meios mais brandos e

humanos, para o que mandou ajuntar todos os prelados e fidalgos, e cavalleiros de qualidade, em sua casa, praticando com elles sua tenção; com seu parecer assentou accomodasse com o tempo, e por via de brandura vêr se podia aquietar a cidade; para o qual effeito encarregou a um grande pregador chamado Fr. Vasco da Alagôa, da ordem dos Pregadores, e lhe mandou que pregasse o domingo seguinte no seu convento, e todo o discurso e fim de seu sermão fosse persuadir ao povo a quietação do reino, e o certificasse que sua vinda e tenção não era para matar homens, senão para lhe conservar as vidas e atalhar a destruição d'aquella grandissima e nobilissima cidade, a que estava tão arriscada pelas divisões e motins, e para pôr a todos em paz e quietação; e mandou fixar carteis em muitas partes da cidade, em que mandava que n'esse dia se achassem presentes todos no convento de S. Domingos porque ahi lhe havia de fallar e dizer o que de todos queria; e assim sendo ahi junta grande parte da fidalguia e povo no convento, começou o pregador seu sermão, em que não seguiu a ordem que o conde lhe tinha dado, antes a liberdade de muitos pregadores, e como affeiçãoado ás cousas da Rainha começou a reprehender carregadamente os cidadãos por se quererem entrometer em materia de governo, estando dado por El-Rei D. Duarte, que estava em gloria, e depois confirmado, e jurado em côrtes pelos Príncipes do reino, e os tres Estados d'elle, que quem os enganava em cuidar que haviam de remediar, ou emendar o que estava feito com tanta justiça, e solemnidade, notando-os de revoltos e insolentes, merecedores de asperos castigos, e trazendo para

exemplo os que pouco tempo havia foram dados em outro levantamento aos da cidade de Burgues por Philippe, Duque de Borgonha; e como o povo não estava em estado de ouvir semelhantes reprehensões, bastou o dito de um barbeiro que em voz alta disse que elles não eram traidores como os de Burgues, o que o frade lhe chamava, para logo se amotinarem todos e levantarem um reboliço dentro na igreja com grandes vozes e ameaças contra o pregador, o que vendo elle, estimando o perigo no que era, desamparou o pulpito sem proseguir o sermão; mas não parou aqui a indignação do povo, que tanto que o viram recolher cercaram o convento, e com grande alvoroço bradavam que lhe entregassem logo aquelle frade, senão que o derribariam logo, ou lhe poriam fogo; o que visto pelos religiosos o salvaram como melhor poderam, e lhe abriram todo o convento com medo de lh'o porem por terra, e o religioso foi buscado por todo elle com notavel alvoroço para ser despedaçado, que tão bravo, e indomavel andava o povo. De outros meios usou o conde para vêr se podia por alguma via mitigal-os, mas vendo que era sem fructo, e sua estada na cidade não era de proveito, antes se offendia sua auctoridade, se tornou para a Rainha a tratar com ella do remedio que se poderia dar.





CAPITULO XVIII

Como veiu á Cidade o Infante D. Pedro, e do que com sua vinda succedeu

SABENDO o Infante D. Pedro, que estava em Camarate, como o conde seu sobrinho não fizera na cidade de Lisboa effeito algum sobre ao que viera, se partiu para ella, achando ser boa occasião para a pertençaõ que trazia em seu pensamento, com achaque de dizer que pois o conde não podera aquietal-a, queria elle vêr se podia remedial-o, e tanto que chegou mandou ajuntar os cidadãos e povo no convento do Carmo, com os vereadores, e com alguns fidalgos que sabia serem-lhe affeioados, que em particular mandou avisar; e sendo juntos lhe fez uma pratica assaz larga em que friamente lhes reprehendeu os levantamentos e tumultos em que andavam e a desobediencia contra a Rainha, e o pouco respeito que guardavam ao conde seu sobrinho, dizendo-lhes que os que n'isso eram culpados mereciam grandes castigos, que não

deixariam de vir sobre elles se não se aquietassem, e que se tinham recebido alguns aggravos, e queriam requerer suas liberdades que o fizessem como subditos e vassallos, e não com presumpção de superiores e executores de suas vontades, trazendo-lhes muitos exemplos que foram causa de grandes destruições e castigos; o que tudo se teve n'elle por sophistico, porque se entendia e conhecia que suas palavras eram mui differentes das obras; e posto que procurou quanto poude mostrar que o que dizia era desinteressadamente sem outro intento mais que a quietação do reino, mas o conhecimento d'isso fique a Deus a quem pertence penetrar os mais intimos pensamentos de cada um, que, a nós só toca conhecer pelos actos exteriores.

O povo e cidadãos, e mais presentes depois de ouvirem com grande applauso e quietação sua resposta foi com mostras de grande agradecimento e acceitação de seus conselhos, com alguma desculpa dos tumultos passados, protestando-lhe e afirmando-lhe que não haviam de consentir os varejos, nem serem os mercadores vexados e destruidos, e por essa quizeram castigar aquelles homens como executores de tão grande tyrannia, e para darem exemplo, porque outros se não entromettessem em querer vexal-os, pedindo ao Infante com muita instancia os quizesse favorecer e amparar dos perigos em que por amor d'elle estavam mettidos, obrigando-o com muitos offerecimentos de perder por elle honras e vidas, importando á sua honra, e acrescentamento.

No fim d'este ajuntamento se levantou um grande clamor de misteres e povo, onde se ouviu em muitas e altas vozes, que em quanto elle não fosse unico governador de todo o Reino não haviam de cessar

aquellas alterações, porque assim o tinha ordenado aquella nobilissima cidade.

Não lhe pesou ao Infante D. Pedro de os ouvir, e depois de sobre isso profiarem, como visse que não passavam adiante como elle quizera, lhe disse que para as côrtes proximas que se haviam de fazer requeressem o que lhe parecesse, que elle os favoreceria e ajudaria como veriam, e despedido d'elles se tornou para Camarate.

O conde de Arrayollos tanto que foi com a Rainha e lhe deu conta do que passava na cidade, e tendo-se logo aviso d'ahi a poucos dias da ida do Infante D. Pedro a ella, e que não foi parte para aquietar, antes sómente de se congraçar com o povo, e em lugar do castigo que mereciam os deixava cheios de promessas de ser seu valedor e deffensor, em tempo que elle como governador e deffensor do Reino em lugar dos grandes castigos que por sua rebelião e motins mereciam, e elle cheio de offerecimentos do mesmo povo considerando a grande difficuldade que se offerecia, fizeram ajuntar todos os fidalgos, com os do Conselho, e tomando com elles parecer assentaram que a Rainha escrevesse á cidade e camara de Lisboa uma carta em que os certificasse que sua tenção não era outra mais que a quietação d'elles, e de todo o Reino, e que quem os informava do contrario o faria pelos pôr em odio com ella, que fossem certos que não era outra sua tenção, e pois assim era não uzassem mal de sua clemencia; que ella queria passar pelas desordens passadas, e perdoar a rebelião, e levantamentos que tiveram, desistindo elles de sua dureza e inquietações.

Escripta assim esta carta, que tambem continha

outras muitas razões significadoras da boa intenção que tinha, foi apresentada na camara pelo regedor Pedro Annes Lobato, para o que se ajuntaram na Camara os vereadores e cidadãos, e muita parte do povo; e sendo lida fez uma pratica breve em confirmação das palavras d'ella, e intenção da Rainha; o que tudo foi de tão pouco effeito como o povo estava tão obstinado, que antes damnaram que foram de remedio para o que elle pertendia, porque levados de sua dureza responderam que mandasse a Rainha castigar os seus criados, e os de sua casa que todos eram causa de todos aquelles alvoroços e receios, que logo se aquietaria tudo, e sem outra resposta despederiam a Pedro Annes; e posto que ella lhe alcançasse os animos, por os satisfazer mandou tirar grandes pesquisas e devassas, e não achou cousa de consideração que os seus fizessem, nem dissessem; de que bem conhecia que tudo procedia de sua obstinação e odio que a ella e todas suas cousas tinham, e por razão do Infante D. Pedro, o que bem claro se via, pois em tempo que lhe dava perdão de suas culpas a desestimavam, e procediam em sua contumacia, e nem resposta lhe davam na fôrma devida.





CAPITULO XIX

*Da vista que tiveram os Infantes D. Pedro e D. João
e do que n'ella trataram*

O Infante D. João estava, quando estas cousas succederam, enfermo em Alcochete, d'onde mandou pedir ao Infante D. Pedro se viesse vêr com elle, que tinham cousas de muita importancia que tratar; tanto que foram juntos lhe fez uma pratica n'estas palavras:

Senhor e irmão, por não estar em disposição para poder ir adonde estavas, vos mandei pedir viesses aqui a vêr-me, assim porque estimo muito vervos, como por saber parte de vossas cousas, as quaes não devem estar bem, nem como cumpre á vossa honra e minha, segundo a soltura e atrevimento de todos os fidalgos do reino (tirando os de minha casa) até se descompor contra vós; e para isso se remediar convém que façaes o que até agora não fizeste, que é nomeardes-vos e publicardes-vos logo por unico governador; e para sustentardes vossa

empreza tendes certos a mim e ao conde de Ourem meu cunhado, com o qual tenho já tratado; tendes tambem a cidade de Lisboa que ha muitos dias vol-o roga e requerem, e todos os povos do reino, e comnosco serão outros muitos, e venham mui embora contra nós os do juramento e Infantes de Aragão, veremos quanto importa sua resistencia.

A esta breve pratica respondeu o Infante D. Pedro:

Deixando o mais que me dizeis a esta derradeira conclusão como mais importante e substancial vos respondo que já algumas vezes vos dei conta de quão descontente estou da Rainha, e da dureza de sua condição, e não menos de seus conselheiros, porque nunca quiz perder a má vontade que tem contra mim, e Deus sabe que lhe não fui nunca, nem sou agora em culpa, antes lhe mereci sempre agradecimento, por desejar de a servir como era razão, e o galardão que d'ella houve foi sempre o odio e má vontade para commigo e minhas cousas, e muito mais agora que nunca, o que é tanto assim que já os fidalgos com seu favor como dizeis me não olham com o respeito devido, crendo que o que mais contrario me fôr mais mercês e favores terá d'ella; e por esta razão, e não menos pela segurança de minha pessoa estimara muito haver logo o governo do Reino, mas segundo as cousas estão, de presente pelas grandes divisões que ha n'elle, eu o não poderei haver sem notavel destruição; pelo que a mim me parece como já vos disse, deixarmos chegar o tempo das côrtes, que pouco hão-da tardar, e n'ellas se póde ordenar de modo que eu fique bem, porque então o poderei tomar com mais segurança e menos perigo, e se poderá negociar de maneira que não haja destruições que agora não se escuzam.

Pareceu bem ao Infante D. João a determinação, mas respondeu que receiava que o povo e cidadãos de Lisboa com os mais do reino podiam com as dilacões perder o fervor que tinham, e vontade de o pôr no governo que com tanta determinação mostravam, e se uma vez se resfriassem seriam mãos de tornar ao que importava; ao que respondeu o Infante D. Pedro.

Não temeis que assim seja que se Deus fôr servido Elle por sua grande bondade ordenará como se façam, e eu darei ordem que todos estejam firmes, e sei de certo que o não emprenderei senão em côrtes, avisando-o tambem que elle sabia que a Rainha tinha avisados os fidalgos que se apresentassem para virem ás côrtes acompanhados da gente d'armas, e pois assim era queria avisar da sua parte os povos do reino que fizessem o mesmo, e fossem prestes para qualquer necessidade que se offerecesse, e viessem a ellas aparelhados; com isso se despediram tornando-se o Infante D. Pedro para Camarate, o que era no principio de Setembro de quatro centos e trinta e nove; e logo escreveu a todas as cidades e villas do reino, e pessoas de sua parcialidade que todos os fidalgos se aparelhavam de gente de armas para o tempo das côrtes, e que todo este apparelho se fazia afim de sustentarem a Rainha no governo do Reino, no que lh'o fazia a saber para que se não descuidassem e se achassem enganados, e lhe encommendava se fizessem desde logo prestes, e o estivessem para quando tivessem recado seu; e foram avizados os mensageiros que todos em certos dias dessem as cartas nas camaras, e se partiu logo para Coimbra a pôr em ordem seus vassallos. A carta que foi para

a cidade de Lisboa se deu d'ahi a quinze dias que era o dia, e o era em que todas haviam de ser dadas, e depois de lida em camara, foi mandada publicar ao povo e fixar nas portas da Sé, onde esteve alguns dias para indignar o povo contra a Rainha; e muitos a vinham trasladar de dia e de noite, até com tochas e candeias acesas, com tanto applauso e alvoroço, que admirou as pessoas desapaixonadas, e publicamente alevantavam as cousas do Infante, e abatiam as da Rainha, havendo por licito que elle armasse os povos para lhe tirar o governo das mãos, e por injusto buscar ella meios para o deffender.

Com estas cartas se excitaram e levantaram tantos tumultos e alvoroços, com tantos ajuntamentos de gente de armas que se o Infante se achara na cidade n'esta conjuncção o pozeram logo no governo, ou a cidade se abrazara, e se não fallava em outra cousa em publico, nem em secreto, mostrando todos grande sentimento e paixão de não ser assim, e lhe responderam com grandes agradecimentos do aviso que lhe dava, e segurando-o que todos, e a todo o tempo estariam aparelhados para perderem por elle sua honra e fazenda e vida, e acrescentamentos, o que teriam cuidado de avisar a todo o Reino que fizessem o mesmo, que dispozesse e mandasse que elles não fariam mais do que elle houvesse por bem, de que ficou muito alegre e satisfeito, e o mesmo responderam todas as mais cidades e villas do Reino; e os da cidade do Porto accrescentaram mais que ninguem os havia de reger e governar senão elle, que escusado era esperar côrtes, e com estes avizos e apercebimentos, poz á Rainha mais em odio com todos; e como seu

intento era tel-os sempre firmes em odio d'ella lhes tornou a escrever d'ahi a poucos dias avisando que tinha mandado vir gente de Castella para fazer grandes castigos na cidade de Lisboa, e em outras partes para sustentar sua opinião, e ficar com o governo do reino ainda que fosse com risco de o destruir; mas a verdade é que até esse tempo se não tinha sabido, nem entendido que a Rainha pertendesse, nem tratasse de ajudas de força, posto que a podera ter grande, porque n'esse tempo seus irmãos, os Infantes de Aragão, estavam muito poderosos n'aquellès reinos, e se podia conjecturar que vendo-se opprimida e necessitada se ajudaria d'elles, e que lhe não faltariam com todo seu poder.





CAPITULO XX

Do despedimento que teve da Rainha o Infante D. Pedro

ANTES que o Infante D. Pedro se partisse de Camarate para Coimbra, foi a Sacavem a vêr El-Rei, onde estava com a Rainha sua mãe, e depois de se despedir d'elle, e lhe beijar a mão, entrou na camara da Rainha, e em pé, com a presença carregada lhe disse algumas palavras em menos acatamento do que era justo e costumava, a substancia das quaes foi recontar-lhe serviços e boas obras que dizia ter-lhe feito, e o desejo que tivera de lhe fazer outros muito maiores, de que até então não tivera d'ella outra satisfação, nem agradecimento mais que odio e má vontade, procurando sempre abatel-o, e anniquillal-o, e estranhando e reprehendendo-lhe apercebimento de gente de armas e outras cousas d'esta qualidade, e por fim lhe disse que até então o tivera por si como ella quizera, mas que d'ahi por diante o tomaria como o achasse;

e com estas palavras que bem pareciam de ameaça e rompimento sahiu da camara sem lhe fazer acatamento nem cortezia, nem quiz ouvir a resposta que começava a dar, supposto que o chamou, e a deixou com as palavras cortadas pelo meio; o que a Rainha sentiu gravissimamente, e por alguns que se acharam presentes foi tido por grande descortezia, e lhe foi bem estranhado, porque de antes nenhum dos Infantes seus cunhados a tratava com mais submissão, nem procurava adivinhar-lhe as vontades para não sahir d'ellas tanto como elle.

Sendo pois sabido e publicado o despedimento e termo d'elle, se accrescentou em ambas as parcialidades maior alvoroço e discordia; pelo que por a Rainha se não dar por segura em Sacavem, vendo o Infante declarado por inimigo, e a cidade de Lisboa posta em armas contra ella, se passou para Alemquer com toda sua casa, levando comsigo El-Rei, não acceitando o conselho de alguns que a persuadiam e aconselhavam se fosse á mesma cidade, por lhe não parecer seguro como na verdade o não era.

E tanto que em Lisboa se soube a mudança da Rainha, como não havia acto seu que não parecesse mal aos cidadãos e povo d'ella, se ajuntaram com os vereadores, e entre elles o costumado Vicente Egas como mais contrario das cousas da Rainha, e favorecedor das do Infante lhe fez uma pratica mui larga toda em seu favor d'elle, em qual encareceu grandemente os males e perigos que dizia estarem-lhes apparelhados áquella cidade e a todo o reino por ordem da Rainha, pelo que era necessario elegerem um capitão que lhe servisse de cabeça, e os deffendesse, a quem obedecessem, para o

qual effeito, pois o Infante D. Pedro estava ausente, ninguem o podia fazer melhor que o capitão Alvaro Vaz de Almada, grande amigo e familiar do Infante, e para que não houvesse duvida na eleição d'elle recontou grandes feitos seus, e de seu pae João Vaz de Almada, encarecendo sobre modo seu valor e merecimentos; o qual logo de commum consentimento foi nomeado e eleito por deffensor da cidade, capitão e alferes mór, e para haver esta eleição effeito bastou saber que era mui contrario ás couzas da Rainha e suas couzas, e mui affecto ás do Infante; o qual foi logo mandado chamar a uma quinta aonde estava, e em entrando na cidade, chegando á Ribeira se juntou todo o povo e cidadãos com elle para o acompanhar, e d'ahi o levaram á camara com grande alvoroço e muitas exclamações de libertador e deffensor d'aquella cidade, e entrando na camara lhe foi entregue a bandeira com muitas condições e declarações todas em favor do Infante D. Pedro, e contrarias á Rainha; com as quaes elle a recebeu, e com palavras significadoras de grande agradecimento prometeu tudo cumprir.

Os cidadãos e povo muito satisfeitos, confiados e a seu parecer seguros de todos os medos e destruições que sobre si fingiam haverem de vir, e lh'ò faziam crêr, e por taes se deram com a eleição do seu deffensor.

Era Alvaro Vaz de Almada cavalleiro que assim n'este reino, como em outros tinha feito grandes couzas por seu exforço em que cabiam aquelles e outros maiores cargos, ainda que foi notado de temerario e arrogante, e como tal deu muita cousa, e foi a principal parte da casa do Infante D. Pedro,

de sua honra e vida; e por seu exforço foi feito por El-Rei de França conde de Abranches, e em Inglaterra por valorosos feitos lhe foi dada a honra da Garrotea, da qual n'aquelle tempo se honraram muitos Principes, e em Portugal depois de tornado a elle foi feito por El-Rei D. Duarte Capitão-mór do mar.

Poucos dias depois d'esta eleição, o povo e officiaes mechanicos persuadidos de Alvaro Vaz, com alguns cidadãos se ajuntaram em S. Domingos, onde com grande grita e aclamações nomearam por unico governador do reino ao Infante D. Pedro, de que logo fizeram fazer um accordo por escripto que todos assignaram com determinação de não consentirem outra cousa d'alli em diante, promettendo todos de sobre isso morrer sendo necessario.

O qual ao principio pareceu de pouco momento como feito por gente plebea, e de pouco ser, mas não pareceu assim ao regedor Pedro Annes, que por ser muito servidor da Rainha, se foi logo a Alemquer a lh'o fazer saber, havendo por principio mui contrario a suas cousas, por se entender que fôra por negociação do mesmo Infante, e não menos do Infante D. João, advertindo-lhe que não deixara de haver descuido o que se não soffria em cousas de tanto pezo, sendo por elle muitas vezes avisada, e perguntando-lhe ella se haveria remedio para se impedir, respondeu que não sabia outro mais que pedil-o a Deus; e depois de sobre isso se aconselhar com os do seu conselho, e fidalgos de sua casa, pareceu a todos bem que outra vez escrevesse á camara, cidade e povo de Lisboa com muita brandura, e mostras de amor, porque se este remedio não fosse de proveito, não ficava

outro mais que o das armas, porque já todos tinham entendido do Infante D. Pedro que não esperava mais que a determinação do povo; e porque além das justas e honestas razões da carta que logo escreveu, Pedro Annes que foi com ella, disse na camara outras muitas com muita prudencia e discrição. De tudo se fez pouco caso, e os vereadores e cidadãos responderam que elles não podiam re-frear o povo determinado; mas da frieza de sua resposta, e do pouco que por isso faziam se entendeu que eram consentidores, e davam a isso vento, tão determinado andava o povo que bem se via ser impossivel poder-se remediar, principalmente porque se sabia que o movedor d'este atrevimento era o capitão Alvaro Vaz, a quem o povo e toda a cidade seguia com grande applauso e vontade, como tão particular valedor do Infante D. Pedro.





CAPITULO XXI

De uma grande discordia da cidade com o Arcebispo D. Pedro tio da Rainha

NÃO é materia de duvida que da parte da Rainha houve sempre um grande desejo de haver paz e concordia; mas andava o povo tão determinado, contra ella que de qualquer coisa tomavam occasião para seus desaforamentos; succedeu pois que tanto que o povo fez o accordo de que se trata, ficou muito satisfeito até vir o Infante D. Pedro a quem tinha mandado recado a Coimbra que viesse. Succedeu que como o Arcebispo de Lisboa D. Pedro, tio da Rainha, que pousava nos paços da Alcaçova junto a Santa Cruz, e entre elles, e o Castello estava um lanço de muro que se estendia até á porta de Martim Moniz, o qual elle mandou abrir com uma porta para o muro, e sahindo por ella corriam por cima do muro ficando a porta da cidade de baixo, e da outra parte dos paços onde estavam os estudos tinha já de antes fei-

to uma torre forte e muito formosa, e como agora as cousas da Rainha fossem tão encontradas e odiosas ao povo, ao que se ajuntou que alguns criados do Arcebispo de Lisboa fallavam demasiado ameaçando com o poder dos Infantes de Aragão seus irmãos, e se dizia tambem que o mesmo Arcebispo dera armas aos mesmos criados, d'aqui nasceram novas inquietações na cidade porque o povo fez logo ajuntar os cidadãos com os vereadores na camara, e lhe fez queixa do Arcebispo dizendo que ameaçava com guerra, e se aviara para ella, e lhe mandasse logo derribar a torre e tudo o mais que tinha feito em cima do muro, e o deixasse desoccupado e livre, e desoccupasse tambem a porta da cidade que tinha tomado; e como fosse necessario pouco por ser cousa da Rainha cujas cousas eram tão odiadas, lh'o mandaram logo notificar por dois cidadãos, do qual recado e notificação se apaixonou muito o Arcebispo e lhe não deu a resposta que elles queriam; de que os cidadãos tornaram á camara alterados, e com recado que não queria obedecer, sobre que houve pareceres mui precipitados, e de gente não sujeita á razão; faltou pouco para os porem em execução; mas como nunca faltam animos bem intencionados os quaes pela maior parte se acham nas pessoas de mais qualidade e saber, prevaleceu o parecer d'estes com que o povo se mitigou, e assentaram que sem mais rigores e excessos fossem os cubellos e muros desembaraçados, e a porta que sahia para o muro tapada, o que em continente se effectuou, de que o Arcebispo ficou mui escandalizado, e se sahio da cidade dando-se por affrontado, e dentro de poucos dias se sahio do reino, porque não parou aqui o povo contra elle.

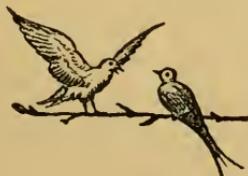
Com esta pequena occasião se tornou a cidade a alvoroçar, e da camara em nome de todos mandaram recado ao Infante D. João que sabiam que favorecia sua opinião d'elles, em que lhe pediam encarecidamente (significando-lhe o perigo da cidade) que pois o Infante D. Pedro estava tão distante não podia vir com a pressa que era necessario, que lhe fizesse mercê de querer vir amparal-os, e deffendel-os.

Não lhe pezou ao Infante d'aquelle recado, e logo que o teve se partiu a satisfazel-os e tanto que foi na cidade se foi ás casas da moeda onde pouzou, em a qual foram logo juntos muitos cidadãos, com o povo, e lhe recontaram e deram conta de como tinham eleito ao Infante D. Pedro por governador, e da paixão grande que tinham de logo o elle não começar a reger e governar, o que pois assim era, e elle estava ausente, que por entanto elle os amparasse contra os males com que os ameaçavam, e elles temiam.

Louvou-lhe muito o Infante sua determinação, e lhe encommendou que de nenhum modo desistissem d'ella porque assim importava ao bem do reino, e de cada um d'elles; esta approvação, e confirmação de sua resposta lhe não foi louvada, antes reprehendida por todos os melhores do reino, e em particular pelos Infantes seus irmãos, e mais pessoas da casa real, e reprehenderam por indecente a Principe tão prudente, por dar a mão em materia de tanta importancia a cousa feita por gente plebea, em que a elle e a seus irmãos e cunhados se tinha feito a mor offensa, e a toda a nobresa do reino a que pertencia similhante eleição; e pela mesma razão a não quizeram confirmar.

A Rainha vendo que se chegava o tempo das côrtes, posto que bem via a difficuldade dos seus negocios não deixou de fazer as diligencias necessarias escrevendo a todos os fidalgos principaes, e prelados e ás cidades e villas, lembrando-lhe a boa intenção e animo que sempre tivera de os governar com satisfação e a obrigação que todos tinham a El-Rei D. Duarte que estava em gloria de haver por bem o que elle ordenara, lembrando-lhe tambem alguns beneficios que lhe tinha feitos, e obrigando-os com novas promessas, advertindo os fidalgos que viessem apparelhados para que nas côrtes não recibessem forças, e pudessem sustentar a sua parte e direito, e pedindo aos povos que desistissem das sem razões que lhe faziam em lhe querer tirar o governo, desmaginando-os dos medos que lhes faziam quem tratava de apartal-os do seu serviço e obediencia publicando e fazendo-lhe crêr que se queria ajudar da gente de armas de fóra do reino para fazer grandes castigos, encommendando-lhes que nas côrtes que se esperavam cessassem de novidades, e não cuidassem que podiam emendar o que El-Rei seu Senhor deixara ordenado, e que depois fóra confirmado e jurado por todo o reino e principes d'elle, e pelo mesmo Infante D. Pedro que lh'o queria tirar, fazendo alguns protestos fundados em sua justiça, e boa intenção, mandando que por descargo seu se pozessem suas cartas nas camaras, sés, e mosteiros, porque se depois viessem alguns trabalhos ao reino se lhe não podesse dar culpa: mas esta sua boa intenção não foi parte para fazer alguma mudança, nos animos obstinados dos povos, antes foram tão mal recebidas suas cartas que os que as levaram foram em algumas partes maltratados, e um

Gomes Borges, escrivão da chancellaria, porque ficou uma d'este modo nas portas da Sé de Lisboa foi o povo tão indignado contra elle que com muita difficuldade escapou da morte a unha de cavallo, e se veiu a Alemquer á Rainha por salvar a vida.





CAPITULO XXII

De como os cidadãos de Lisboa publicaram por governador ao Infante D. Pedro

ESTANDO as cousas n'esta confusão se ajuntaram na cidade Diogo Affonso, jurista, e outro Lopo Fernandes, tanoeiro velho e rico, e muito favorecido do Infante D. João, homens inquietos e atrevidos, que foram sempre os principaes movedores d'estas inquietações, aos quaes todo o povo seguia, e fizeram ajuntar na camara os cidadãos e vereadores, e juntos lhe fez Diogo Affonso uma practica em que persuadiu que antes das côrtes mettessem de posse do governo ao Infante D. Pedro, e que por nenhum modo consentissem ser nem um só dia governados por uma mulher sem experiencia que determinava destruir todo o reino, auctorisando sua practica com muitas auctoridades do testamento novo e velho, e com muitas conclusões de direito e exemplos, concluindo que no Infante D. Pedro havia todas as partes que se requeriam para

se lhe dar este e outros governos, e em caso que elle o não quizesse acceitar deviam-no obrigar, e forçar sendo necessario: acabada sua practica lhe deu por ella as graças um dos vereadores em nome da camara; e logo pediram ao capitão Alvaro Vaz desse seu parecer, o qual não deu sómente no governo, como lhe pediam, mas ainda passou adiante dizendo que juntamente se havia de ordenar que El-Rei D. Affonso fosse tirado a sua mãe, e creado fóra da conversação de mulheres, porque posto que fosse menino já n'aquella idade de seis annos em que estava era bem que o fossem affeiçoando e inclinando ás armas, e não ás delicias e branduras de mulheres, e que quanto ao governo muito de antes houvera de ser entregue ao Infante.

Apoz Alvaro Vaz se seguiu Ruy Gomes da Gram, um dos principaes cidadãos de Lisboa, que com muitas razões e palavras persuadiu que se não devia dilatar, porque dilatando-se podia haver duvida de se sahir com a pertença nas côrtes, pela grande contradicção que havia de ambas as partes, e que pelo menos se podia temer alguma grande destruição, posto que sahissem com elle, não só n'aquella nobilissima cidade, mas em todo o Reino, o que se devia atalhar; d'este mesmo parecer foram todos os mais cidadãos, e o povo com grandes vozes e perseverança acclamava que logo ficasse posto em effeito, que uma vez posto no governo, elles o sustentariam e deffenderiam a todo o seu poder, e contra todas as forças humanas; e posto que alguns cidadãos quizeram dar pareceres em contrario, como foi Martim Dias que com muitas rasões bem concertadas e efficazes mostrou que não podiam, nem deviam eleger governador antes das côrtes porque

se fazia grande aggravo aos mesmos Infantes irmãos do Infante D. Pedro e aos filhos do Infante D. Afonso, e antes de se fazer nada houveram de ser avisados, e com sua auctoridade e conselho, e parecer de todos devia ser feito, mórmente que as côrtes estavam tão proximas, e n'ellas melhor que n'outro tempo se podia fazer, e que se antes d'ellas ordenavam e publicavam, mais parecia e se podia dizer que estavam pelo que o povo ordenava, que não pelo seu voto, o que erà de grande descredito para elles e todo o reino, não deixou este parecer de contentar alguns, mas foram tão poucos que não pôde prevalecer com os que o quizeram effectuar, e com grande confusão e brados de commum consentimento de todos, e grandes acclamações do povo assentaram que logo se pozesse aquellá determinação por escripto, e fosse por todos assignada, com declaração que d'alli em diante não consentissem o governo da Rainha; o que tudo se fez na fórma do capitulo seguinte, e as palavras formaes do accordo são estas.



CAPITULO XXIII

Em que se contem a fôrma do accordo da Camara de Lisboa

EM nome de Deus nosso Salvador e Redemptor Jesu Christo, e de sua Santissima mãe a Virgem Maria nossa Senhora, accordamos em uma voz, e accordo todos os fidalgos e cidadãos, e povo d'esta cidade de Lisboa, considerando o trabalho e grande destruição que em todo o reino ha por ter diversos regentes entre os quaes ha grande divisão com grande damno e perda da Republica, e querendo accudir e remediar os taes danos em serviço de Deus, e de El-Rei nosso Senhor como quem o ama muito leal e verdadeiramente, accordamos e determinamos que n'estas côrtes que com favor de Deus serão feitas, depois de conhecermos a grande lealdade, e muita prudencia do muito alto, e excellente principe, e Senhor o Infante D. Pedro, e como é filho legitimo do muito poderoso e victorioso Senhor Rei D. João nosso Se-

nhor cuja alma Deus tem, e o mais velho do sangue chegado á mui alta e real corôa do muito alto e excellente principe El-Rei D. Affonso nosso Senhor, que elle Senhor Infante seja regente livremente in solidum n'estes reinos até que prazendo a Deus El-Rei nosso Senhor seja em idade para os governar, ao qual tempo o dito Senhor Infante seu leal sangue e vassallo lhe deixará livremente a posse de seus reinos e senhorios, e lhe entregará a administração e governo d'elles para elle os governar e administrar como fizeram os mui virtuosos reis seus antepassados de cujo tronco elle descende, e succedendo tal caso que o Senhor Infante D. Pedro não possa ter o governo d'elles, pela mesma fórma e maneira será dado aos mui leaes principes e Senhores, os Infantes D. Henrique e D. João seus irmãos, e fallecendo elles seja por semelhante modo dado ao Senhor Infante D. Fernando que Deus traga com liberdade de Africa; e faltando elle, ou não vindo então, pela mesma fórma venha ao Infante D. Affonso e a seus filhos os condes de Ourem e Arrayollos, e cada um d'elles o que vier os governe até que El-Rei nosso Senhor seja em idade para os governar; e assim accordamos e determinamos que a muito alta, excellente e presada Rainha D. Leonor nossa Senhora madre de El-Rei nosso Senhor seja sempre em sua vida e honra mantida, acatada e servida em seu alto e real estado, e por esta mui nobre e leal cidade de Lisboa e povo d'ella seja sempre feito tanto serviço e mando como em vida de El-Rei D. Duarte nosso Senhor, e como até agora foi, e assim como somos obrigados por ser madre d'El-Rei nosso Senhor, e suas grandes virtudes.

Acabado de escrever este accordo houve alguns que quizeram que tambem n'elle se tratasse e dispozesse sobre a titoria d'El-Rei e seus irmãos, e se desse logo á Rainha, pois não havia duvida que El-Rei D. Duarte lh'a podia dar; e sobre esta materia fez alguma instancia Martim Pires, um dos principaes cidadãos de Lisboa, mas foi tão mal recebido do povo, e de muitos cidadãos, que lhe foi necessario recolher-se bem acompanhado de outros muitos fidalgos, porque o buscava o mesmo povo com grande alvoroço para o despedaçar.

Este accordo posto em escripto como vae pelas mesmas palavras, pelo que se levar algumas que pelo estylo de agora não estejam muito politicas, se pode attribuir áquelles tempos antigos em que não estavam tão levantados como hoje; e tanto que foi escripto, foi assignado pelos vereadores e cidadãos, e o mandaram logo ao Infante D. João por Vasco Gil, seu confessor, que para isso mandaram chamar á camara, mandando-lhe por elle dizer que o submettiam á sua prudencia e emenda, o qual lh'o louvou, e tornando-lh'o com resposta que o approvava e louvava não como cousa feita por homens, mas como inspirado por Deus, e que ao outro dia fossem ao Espirito Santo ouvir missa com elle que tinha algumas cousas que lhe dizer; o que assim se fez, e ouvida a missa que elle mandou celebrar por seus capellães com muita solemnidade, apartou os da Camara e cidadãos de Lisboa, e lhes referiu a sustancia do accordo que fizeram, louvando-lhes muito e agradecendo-lhes mandarem-lh'o, e se lhes offereceu com muitas palavras significadoras de amor e agradecimento, encarregando-lhes que pois aquella era a verdade, que a

sustentassem, e não desistissem d'ella propostos todos os inconvenientes que se lhe oppozessem, promettendo-lhes de sua parte os ajudar a sustental-o; pelo que vendo-se favorecidos, ao outro dia fizeram ajuntar o povo em S. Domingos aonde foi publicado e lido do pulpito por Pedreanes Serrabodes, conego da Sé da mesma cidade, recontando a maneira que se tivera n'elle, e a solemnidade com que se fizera, e como estava approvado e louvado pelo Infante D. João, persuadindo que todos o approvassem como cousa tão justa e bem ordenada; e foi tanto o alvoroço do povo que não deixou acabar a pratica, porque um Diogo Frz, alfayate, bradou em altas vozes que não havia que esperar senão estarem todos pelo feito, e assignarem, e que mandassem logo vir o Infante D. Pedro que começasse a governar; apoz esta voz se seguiram tantas na mesma conformidade que se não entendiam, nem ouviam uns aos outros; e foi logo pelos vereadores mandado que todos assignassem o accordo, como foram assignando, enchendo-se um caderno de signaes com tão grande inquietação sobre quem havia de chegar primeiro a assignar, que se temeram alguns escandalos e revoltas, e se affogaram algumas pessoas n'aquelles apertos, porque cada um temia não ter logar para assignar, e que não assignando não ficaria honrado, o que não foi muito ser assim, porque o povo indomito não sabe ter modo, nem termo; e finalmente assignaram todas aquelles que poderam de qual estado e qualidade, que para todos houve logar.



CAPITULO XXIV

Em que foi notificado o accordo á Rainha e ao Infante D. Henrique

SENDO o accordo acabado de assignar, o mandaram intimar e notificar á Rainha, que sendo-lhe notificado, respondeu com muita quietação e modestia com palavras graves, reprehendendo o atrevimento do povo e cidadãos da cidade de Lisboa em se quererem entremetter em eleger Regente, e lhe quererem tirar a ella o governo que El-Rei D. Duarte seu senhor, que estava em gloria lhe deixara e depois fôra confirmado e jurado pelo mesmo Infante D. Pedro que injustamente lh'o procurava tirar, e sendo tambem jurado pelos mais Infantes e nobreza do Reino, protestando que não seria por sua culpa se sobre isso houvesse no Reino alguma guerra; de que os mensageiros tornaram mui descontentes para a cidade, e a cidade e povo ficou em maior odio com ella.

Foi logo levado ao Infante D. Pedro á cidade de

Coimbra, o qual o recebeu e approvou agradecendo-o com grandes promessas e offercimentos que fez a todo o povo e cidade de Lisboa, promettendo governar com grande satisfação, e de cumprir e manter todas as condicções escriptas n'elle; e assim foi tambem mandado e notificado a todas as cidades e villas do reino, que o approvaram com grandes festas; e sendo levado ao Infante D. Henrique, o não houve por bem e o reprovou, com declaração que não encontrava, nem lhe parecia mal dar-se o governo ao Infante D. Pedro, antes estava n'elle muito bem, mas reprehendeu o modo da eleição por tomarem o povo e cidadãos de Lisboa tanto atrevimento, que havendo no reino tantas pessoas da Casa Real com as quaes primeiro se havia de tratar, e a ellas pertencia a determinação do caso, elles se atrevessem a eleger governador de propria auctoridade, avizando-os que nas côrtes que cedo se haviam de fazer o requeressem e tratassem da materia da eleição, e que então daria seu parecer, dizendo mais que se espantava muito do Infante D. João, seu irmão, o approvar e consentir n'elle; e finalmente os avizou que não inquietassem a paz e o socego do reino, significando-lhes os grandes inconvenientes que havia e impediam pôr-se em execução antes das Côrtes, principalmente as grandes divizões do reino, auctorisando seu parecer com muitas razões graves e de maduro conselho, dignas de tal princepe.

Muito quebrantou os animos dos cidadãos de Lisboa e povo a resistencia do Infante D. Henrique; e porque tambem lhe disse que em pessoa havia de ir a Coimbra a vêr-se com seu irmão sobre isso, e até elle não vir não fizessem novidades

algumas, não era menor o impedimento que se lhe offerencia do Infante D. Affonso, do qual sabiam que claramente reprehendia tal accordo, e por nenhum modo queria consentir se desse ao Infante D. Pedro, e por esta razão lh'o não levaram, nem trataram de o confirmar por elle, porque era notorio que o não havia de fazer; e sabendo o Infante D. João que o Infante D. Henrique o reprovava, confiado que a seu rogo o approvaria e haveria por bem, se foi a vêr com elle para lhe persuadir que o assignasse e houvesse por bem, e lhe pediu e rogou com muita instancia, affirmando-lhe que se fizera com sua auctoridade, e encarecendo a necessidade em que o reino estava de ser assim, e os grandes damnos que havia pela diversidade de governadores, e quanto ia em ser antes um só que muitos, o qual não devia ser outro que o Infante D. Pedro em quem não faltava nenhuma das qualidades necessarias, e ser o irmão mais velho de todos elles, e finalmente lhe pediu com muitos encarecimentos pozesse ao pé do accordo com elle, e assignassem ambas estas palavras = *hoc confirmat Deus quod operatus est nobis.*

Não pôde o Infante D. João acabar com seu irmão quizesse assignar, antes importunadolhe estranhou muito o fazer tanto por isso, reprehendendo o parecer de todos os que o seguiam como por ser cousa tanto contra suas honras d'elles mesmos, e contra o juramento que tinham feito quando se repartiu o governo, com outras muitas razões de muito fundamento; não podendo o Infante D. João acabar com seu irmão que assignasse, muito sentido e apaixonado se partiu d'elle, mas todas as pessoas bem entendidas e apaixonadas o tiveram por

muito acertado como de Principe tão prudente, e tudo o contrario por errado, como cousa feita por povo tão inconsiderado como todas suas cousas são.





CAPITULO XXV

De como a cidade de Lisboa privou o Arcebispo do Arcebispado e foi levado o accordo ao Infante D. Affonso, e preparamentos para as côrtes

Mui descontentes estavam os cidadãos de Lisboa e officiaes da camara da resposta do Infante D. Henrique; e posto que até então duvidaram de mandal-o ao Infante D. Affonso que estava na sua villa de Barcellos, comtudo ordenaram mandar-lh'o e aos condes seus filhos que tambem senão achavam na cidade de Lisboa; o qual elle reprehendeu e estranhou aos cidadãos que o levaram com as mesmas razões que o Infante D. Henrique, e com maior determinação por estar de per meio o casamento que pertendia d'El-Rei com sua neta filha do Infante D. João, o qual tambem pertendia o Infante D. Pedro para sua filha; nem foi recebido com menos descontentamento dos condes de Ourem e Arrayollos.

Sucedeu no mesmo tempo que indo um ourives da cidade de Lisboa a Alhandra a negociar

com o Arcebispo D. Pedro, e tornando para a cidade se foi á camara e deu conta aos vereadores que o Arcebispo dispendera muitas palavras contra a cidade e seus accordos, ameaçando-a com cerco de gentes estrangeiras, e com grandes castigos que dizia não podiam faltar, nem tardariam por via dos Infantes de Aragão, e ajudas do mesmo reino; sobre que houve novos tumultos e ajuntamentos, de que se fizeram na camara autos dizendo n'elles que blasfemava, e que era desleal e traidor á corôa, e a seu rei, e o suspenderam por sentença sua, dada em camara, da dignidade episcopal, e para melhor dizer o privaram do Arcebispado, confiscando-lhe as rendas d'elle, e fizeram muitos capitulos e queixas que mandaram ao Papa e Curia Romana, com os quaes foi despachado um cidadão chamado João Lourenço Farinha, com supplicatorias em nome de El-Rei, dos Infantes, e todo o reino, dando culpas de blasfemo, traidor, e revoltoso (que a tanto se atreve um povo desenfreado); mas João Lourenço posto que partiu d'estes reinos, e chegou a Roma, não se atreveu a apparecer ante o Papa, nem apresentar papeis alguns, porque foi avisado que não apparecesse porque corria grande perigo, que já se sabia na Curia Romana o que a cidade de Lisboa tinha feito e determinado contra o Arcebispo, o qual se tinha já queixado ao Papa da sentença de privação que a cidade tinha dado contra elle, e estava o caso tido em Roma por mui escandaloso e exorbitante, e mandado proceder com todo o rigor de censuras contra Lisboa, como procedeu a que não quizeram obedecer.

No tempo que estas cousas passavam estava o Arcebispo na Alhandra, e sabendo da inquietação

da cidade, temendo como era razão o perigo em que estava, se sahiu de Alhandra por se apartar da côrte, e querendo-se metter em Obidos, terra do seu Arcebispado, o não quizeram recolher, nem outros logares da Diocese, e se passou a Castella onde esteve por algum tempo até ser restituído, como adiante se verá.

Sendo a Rainha certificada da determinação do povo de Lisboa, e como o governo era já accéitado pelo Infante D. Pedro, por conselho dos fidalgos de sua casa, e da d'El-Rei, e dos mais que se acharam na côrte, escreveu a todos os fidalgos e prelados do reino que não viessem ás côrtes, e se escusassem do melhor modo que podessem, porque conforme as inquietações e alvoroços da cidade e povo de Lisboa, todos os da sua parte corriam perigo, que antes mandassem procuradores com bastantes poderes para se escusarem de não ir a ellas, protestando que não era logar seguro para elles, andando como andava o povo amotinado e rebelde, que assignando-as n'outro logar seguro estavam prestes para se acharem n'ellas, protestando não consentir, nem obedecer a cousa alguma que se determinasse fazendo-se na dita cidade; o que alguns assim fizeram, como foram o Prior do Crato, o Arcebispo de Braga, D. Duarte, Senhor de Bragança, D. Duarte de Menezes, Fernão Coutinho, Gonçalo Pereira, Luiz Alvares de Sousa, o marechal Pero Gomes de Abreu, Leonel de Lima, Alonso Pires de Tavora, Diogo Soares de Albergaria, Fernão Soares, Ruy Vaz Pereira, Gomes Freire, Lopo Vaz de Castello Branco, Martim Affonso de Mello, Diogo Lopes Lobo, Fernão de Sá, D. Sancho de Noronha, todos fidalgos de grandes casas e estados, de que os mais

tinham terras da corôa, e eram donatarios, e senhores d'ellas, e outros muitos fidalgos de que se não escreve por não serem tão qualificados, nem de casas tão antigas, dos quaes não veiu nenhum ás côrtes, posto que foram chamados por cartas particulares, conforme o costume do reino, pelo Infante governador, em nome d'El-Rei, e da camara de Lisboa.





CAPITULO XXVI

Das duvidas que houve sobre a entrega do castello de Lisboa ao Infante

ERA alcaide-mór da cidade de Lisboa n'este tempo, D. Affonso, Senhor de Cascaes, e tinha o castello pela Rainha cuja parte seguia, e com elle estava dentro no castello seu filho D. Fernando, com outros fidalgos seus parentes e amigos, que seguiam a mesma opinião, com a gente de suas casas, os quaes vendo a cidade tão alvoroçada, temendo alguma força do povo, se fizeram fortes repartindo suas estancias com suas rondas e vigias, o que vendo os da cidade, com achaque de dizerem que de cima do muro lhes diziam affrontas, confusamente ordenaram pôr cerco ao castello e combatel-o, mas o Infante D. João por evitar os males que d'ahi se podiam seguir, impediu por então o cerco, e tomou á sua conta socegar alteração tão perniciosa como fôra da cidade com o castello, o que procurou fazer por via de D. Maria de Vas-

concellos, com a qual fallou no mosteiro de S. Francisco, e com palavras mui cortezes deu conta da inquietação do povo e alvoroços que na cidade havia contra seu marido e filho, que fizesse com elles que entregassem o castello, ou consentissem que elle mesmo Infante se recolhesse n'elle, e elles tivessem mui embora as forças e homenagem, que o faria por segurança sua d'elles, e aquietar o povo e cidade.

D. Maria se foi ao castello e o tratou com seu marido, e elle com os fidalgos que o acompanhavam, e consultado com elles, deu por resposta ao Infante que não haviam de dar o castello nem receber-o n'elle, posto que D. Affonso sempre foi de parecer de o entregarem, e recolherem o Infante, mas seu filho D. Fernando, como mancebo orgulhoso em quem o sangue e pñtos de honra ferviam no peito, o houve por abatimento de sua pessoa, e do mesmo parecer foram os mais fidalgos que estavam com elles, tendo por mais justa e mais segura como seguida de toda a fidalguia, e nobreza.

Esta resposta tornou ao Infante D. João e depois de dada lhe disse que se tanta vontade tinha de haver aquelle castello porque não a tinha de haver todos os do reino, pois estava em sua mão o podia fazer, que para certeza d'isso soubesse que a Rainha lhe mandava dizer por ella que estava tão sentida, e magoada das tyrannias e sem razões que o Infante D. Pedro lhe tinha feitas, e cada dia ordenava de que lhe nascia um medo que lhe faria outras muito maiores se fosse governador, que antes se offerceria a todos os trabalhos e perigos do mundo que consentir que se lhe dêsse o governo do reino, e que seus reccios não eram sómente pelo deixar e

se lhe tirar das mãos, mas pelos grandes temores que se lhe representavam se elle o governasse, e para que não parecesse que eram fingimentos, que ella haveria por bem que elle mesmo D. João fosse governador, ou cada um de seus irmãos os Infantes D. Affonso ou D. Henrique e a cada um d'elles o deixaria, e largaria de muito boa vontade, ainda que com tão justa razão lhe pertencia, porque assim ficaria livre de seus receios, e do medo que tinha ao Infante D. Pedro, e que em effeito o não tinha por tão leal como a cada um dos outros Infantes, que lhe conhecia, e conhecera sempre debaixo de sua hypocrisia uma presumpção de se não sujeitar, nem obedecer a ninguem, e estes temores não eram n'ella novos, porque já em vida d'El-Rei D. Duarte tivera os mesmos receios, e não se lhe podia tirar da imaginação que do Infante D. Pedro lhe haviam de vir a ella, e suas cousas todo o mal, e nenhum bem; e que a mesma Rainha tinha praticado com ella, e assim lh'o mandava fazer a saber, e sua vontade era que El-Rei seu filho cazasse com a Senhora Infanta D. Isabel sua filha, e que succedendo assim o teria em lugar de pae, e lhe entregaria todas suas cousas como irmão mais querido, e amado d'El-Rei D. Duarte seu Senhor, que estava em gloria. A todas estas palavras e offercimentos respondeu o Infante D. João n'estas formaes palavras:

D. Maria, para que vos responda em breves palavras, a mim me peza muito de vosso marido, e filho não virem em alguns partidos dos que lhe offereci, e sabe Deus que eu o fazia por seu bem; se de o não fazer lhe vier algum mal, pezar-me-ha; e quanto as outras cousas que da parte da Senhora

Rainha me dissestes, dizei a sua Alteza que nunca Deus queira que entre os filhos de El-Rei D. João meu pae, que sempre viveram em tanta concordia, seja agora causa cada uma das cousas que me dizeis para que se desamem e desconcertem, e o haveria por temor de Deus, e vergonha do mundo não digo eu pertender, ou acceitar, mas ainda passar-me pela imaginação o governo do reino, havendo n'elle tres irmãos mais velhos que eu, como são os Infantes D. Pedro, D. Henrique e D. Affonso; e quanto ao cazamento de El-Rei meu Senhor com minha filha, não estando os negocios no estado em que estão certo fôra grande mercê, e a maior honra que eu podera desejar; mas de uma cousa sede bem certa, que de melhor vontade, e com menos sentimento soffrera vêl-a no mundo em o mais baixo estado que elle tem para dar (o que Deus não permitta) que cazal-a por tal modo contra a honra e vontade do Infante meu irmão que me tem, e eu lhe tenho mui verdadeiro amor, porque não sómente erraria contra elle que o tem já intentado, sendo cousa mui acertada, mas ainda contra a alma de El-Rei meu irmão e Senhor que está em gloria, cuja vontade assim na vida como á hora da morte se sabe que foi essa d'esse cazamento, e assim é razão que se faça, e eu hei de favorecer emquanto mim fôr; e quanto aos temores que me dizeis da Senhora Rainha, dizei a sua Alteza que perca essa imaginação que é sem nenhum fundamento, que olhe que não só a meu irmão, mas a todos nos offende, e que pondo de parte o que por vós me manda accometter, me terá a seu mandado, e me conheça por fiel servidor, e lhe peço por mercê queira viver fóra d'estas inquietações, e não cure de cousas que

nem a ella, nem ao Reino estão bem, e vós por quem sois por vossa discrição assim lh'o aconselhae. E com isto se despediu d'ella.

Os da cidade tanto que souberam que D. Affonso não queria entregar o castello, alvoroçados e amotinados com dizer que podia d'ahi vir algum grande mal á cidade e ao reino, e o que é mais certo pelo grande odio que tinham á Rainha, e induzidos pelo Infante D. João, pozeram logo cerco ao castello com tanta vigilancia e cuidado, e o vallaram, e cercaram todo de vallas e altas cavas, pondo suas estancias repartidas de gente armada por tal ordem, que de dia, nem de noite podia entrar, nem sahir pessoa alguma, nem se lhe podia dar soccorro de mantimento, gente, ou munições, do que estava muito desprovido, o que tudo se fazia por trama do capitão Alvaro Vaz que em semelhantes materias era bem experimentado; e como D. Affonso e seu filho entraram no Castello apressadamente, se não poderam aperceber, e passados alguns dias de cerco, vendo-se os cercados apertados, com pouca gente e menos ordem para se deffender, e sem esperança de soccorro, entregaram o castello ao Infante D. João, havendo primeiro d'elle seguro para todos os que estavam dentro, e tudo o que n'elle tinham, e deixando-o em poder do Infante se foram para a Rainha.





CAPITULO XXVII

Como se prepararam as côrtes, e não quiz a Rainha vir a ellas

CHEGAVA-SE o tempo das côrtes, pelo que os Infantes D. Henrique e D. João escreveram ao Infante D. Affonso seu irmão que estava em Barcellos, que com a brevidade possivel se viesse á cidade de Lisboa, porque tinham que tratar com elle muitas couzas que importava serem tratadas antes d'ellas; o qual veiu logo, e tanto que foi na cidade se ajuntaram no Carmo, e entre as mais que trataram foi que era necessario em todo o cazo ser a Rainha presente a ellas, e porque sabiam que sua tenção não era essa, como era notorio, ordenaram que um d'elles a fosse visitar, e persuadir-lhe que viesse; e porque tambem sabiam que o Infante D. João o não acabaria com ella por o ter por mui contrario, principalmente n'este tempo, por razão da resposta que tinha dado a D. Maria de Vasconcellos, e da entrega do Castello de Lisboa, e dado que do

Infante D. Henrique não tivesse essa desconfiança, se sabia que tinha mais affeição ao Infante D. Afonso, pela qual razão assentaram que elle fosse fazer a visita, e tratar com ella de sua vinda ás côrtes, o que elle fez mais por rogo dos seus irmãos, que por lhe parecer bem, porque o seu foi sempre que se não deviam fazer as côrtes em Lisboa, pela inquietação do povo e preparações do Infante D. Pedro, mas estavam as couzas em tal estado que não podia ser menos, por já estarem aprestados para ella, e avizados os Estados do Reino, e outras razões.

O Infante D. Affonso se partiu para Alemquer onde a Rainha estava, e levou em sua companhia o Conde de Arrayollos seu filho, e tanto que foram na villa todos os fidalgos d'ella os foram a visitar da sua parte da mesma Rainha, e lhe pediram que olhassem por suas couzas, e as favorecessem porque só n'elles tinham sua confiança, ao que lhe responderam, que bem certa devia Sua Alteza de estar de que os tinha a seu serviço em que nunca fariam couza contra ella; e sabendo que guardavam a villa e punham vigias com medo do povo de Lisboa, lh'o estranharam, dizendo que não haviam de ter atrevimento para tomar armas contra a Rainha, e todos os seus motins e alvoroços não eram mais que de portas a dentro, de que elles se escuzaram com encarecer o grande odio que a cidade lhe tinha, e com o cerco que poucos dias havia tinham posto ao castello da mesma cidade, e pela estima em que os tinham, pois a todos os que estavam com a Rainha lhe não sabiam outro nome senão os inimigos.

Logo no mesmo dia foram a vizitar a Rainha, e

depois de haver de parte a parte muitos offercimentos, ella lhe fez muitas queixas das sem razões que o Infante D. Pedro lhe fazia, e tratou do grande desejo que tinha de El-Rei cazar com sua neta, como já tinham algumas vezes praticado, e assim de que folgara que o governo do reino ficara a um dos Infantes, qualquer que fosse, comtanto que não fôra o Infante D. Pedro, por muitas cauzas e razões, e a principal, por não haver por segura a vida de seus filhos debaixo de seu poder.

Passadas estas praticas, a quem o Infante respondeu com outras muitas de agradecimento, e com palavra de não faltar nunca elle, nem o Conde seu filho, em materias de seu serviço e honra, lhe disse como seus irmãos, e elle pertendiam pôr as cousas em paz e quietação, e sobre isso e outros negocios de muita importancia assim, do governo do reino, como do resgate do Infante D. Fernando, e a scisma que havia succedido no Pontificado, era necessario acharem-se presentes nas côrtes El-Rei, e ella, ao que a Rainha lhe respondeu, que ella iria ás côrtes por satisfazer a elle, e ao Infante D. Henrique, mas que para isso haviam de aperceber algumas cousas, a primeira que o accordo feito pela cidade de Lisboa e povo d'ella se havia de haver por nenhum, e se havia de tratar da materia do governo como se não fôra feita sobre isso determinação alguma, e que os Infâtes D. Pedro e D. João haviam de deixar fazer a eleição livre, e haver por desobrigados alguns fidalgos, procuradores e outras pessoas, do juramento que lhe tinham feito fazer de lhe darem o governo, e haver os taes juramentos por irritos e nenhuns, para que podessem dar seus votos livres a quem entendiam se devia justiça, e

que as côrtes se não haviam de fazer na cidade de Lisboa, por quanto não era logar seguro para ella, nem para os fidalgos, os quaes não podiam votar livres em seu favor sem grande perigo de suas pessoas, pela soberba e insolencia do povo da dita cidade, que já estava posto em armas, mas com determinação de ficar o Infante D. Pedro sem esse cargo que elles diziam que lhe tinham dado, ainda que fosse com risco de se perder a cidade; dizendo-lhe por fim que pois havia ser justo o que determinava, e todos ou os mais fidalgos do reino assim lh'o tinham aconselhado, os quaes todos determinavam não se achar nas côrtes não se satisfazendo ao que ella pedia.

Parecendo-lhe ao Infante D. Affonso que a Rainha no que pedia tinha razão, a não quiz persuadir, e se despediram d'ella, elle e seu filho com esta resposta escripta, e assignada de sua mão; e não faltaram alguns curiosos que affirmavam que elles mesmos lhe aconselharam que a fizesse assim; e tanto que tornaram a Lisboa assentaram com os mais Infantes que o mesmo Infante D. Affonso fosse a Coimbra a fallar com o Infante D. Pedro a vêr se os podia concertar, ou que elle quizesse vir n'aquellas condições que a Rainha pedia, e logo se partiu sem dillação.





CAPITULO XXVIII

Do que passou o Infante D. Affonso com o Infante D. Pedro sobre as condicções que a Rainha pedia

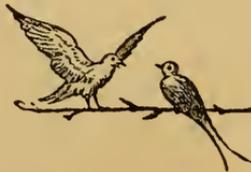
TANTO que o Infante D. Affonso foi na cidade de Coimbra e foi recebido em casa do Infante D. Pedro, seu irmão, passadas as primeiras vistas lhe deu conta de como entre elle e os Infantes seus irmãos tinham tratado pelo desejo que n'elles havia de haver concordia e de escuzarem os trabalhos e desaventuras que estavam ameaçando estes reinos, assim pela diversidade e contradicção dos naturaes, como de fóra d'elles, que se conformassem com a Rainha, e lhe deu conta das condicções que ella pedia, e que aos Infantes lhe pareciam bem fundadas, e lhe pediu quizesse vir n'ellas porque não parecesse que queria tomar o governo do reino contra o parecer commum de todo elle, e em odio de toda a nobreza, que então mais pareceria ser tyrannico que não eleito pelos Estados do Reino.

O Infante D. Pedro tendo bem ouvido a seu irmão

lhe disse que faria tudo o que n'elle estivesse por atalhar discordias, mas tudo foram palavras e mostras exteriores, mas vindo a proposito para effectuar, nem quiz vir a concordar-se, nem vir em nenhuma das condicções que a Rainha pedia, respondendo que elle não havia impedir a boa inclinação que a cidade tinha a suas cousas, e que o accordo que elles tomaram de lhe dar o governo, com elles se tratasse, e a elles se pedisse que o revogassem, e para se requerer fosse a Rainha ás Côrtes de Lisboa, e que elle não tinha obrigado com juramento pessoa alguma para lhe dar o governo ou voto para elle, e quanto o que dizia que as Côrtes se não fizessem em Lisboa, não era razão, porque como cabeça d'estes Reinos se deviam fazer como sempre se costumou, e que a Rainha não tinha que temer dos alvoços da cidade, nem os fidalgos, estando elles presentes, que lhe não consentiriam ser-lhe feito agravo algum.

Bem entendeu o Infante D. Affonso que seu irmão não viria em partido algum como não fosse ficar com todo o governo, e como os animos de ambos não eram muito conformes, e a elle lhe parecesse sua causa mais justa, e por outros respeitos propoz de em tudo o que podesse favorecer a causa da Rainha e encontrar a do Infante seu irmão; pelo que logo de Coimbra se foi a Guimarães, e de lá mandou recado a alguns prelados e fidalgos mais qualificados que se viessem a vêr com elle, que tinha que tratar com elles sobre materias tocantes ás côrtes que estavam para se fazer; a que accudiram todos os que seguiam as partes da Rainha, e foram os principaes d'este ajuntamento, D. Sancho, Arcebispo de Braga, o Prior do Crato, D. Duarte de

Menezes, D. Sancho de Noronha, Leonel de Lima, Alvaro Pires de Tavora, Luiz Alves de Sousa, e outros muitos fidalgos e prelados d'aquellas partes; e juntos lhes deu conta do que tratara com o Infante seu irmão, e como o achara duro e mui fóra de vir em partido algum que justo e arrasado fosse, antes o achara determinado a se não aquietar com menos que com ficar governador in solidum, pelo que lhe encommendou que pois sua ida ás côrtes havia de ser sem proveito, e os povos haviam de fazer o que quizessem, que escusassem a ida a ellas cada um com a melhor razão que podesse, e os seguiu que não temessem, porque elle forçadamente se havia de achar n'ellas, e sendo presente sempre seria com segurança de suas pessoas e honras, ainda que o Infante D. Pedro outra cousa pretendesse.





CAPITULO XXIX

*Da vinda do Infante D. Pedro á cidade de Lisboa,
e do que com ella succedeu*

BEM acompanhado não sómente da gente de sua casa, mas de outra muita que ajuntou, e procurou, assim de seus vassallos, como de outros que o não eram, apercebidos de armas e do mais necessario como quem ia de guerra, partiu o Infante D. Pedro de Coimbra para Lisboa, e além da gente de menos qualidade, iam com elle o Bispo de Coimbra, João Gomes da Silva, D. Fernando de Menezes, Alvaro Gonçalves de Athaide, D. Fadrique de Castro, Fernão Coutinho, irmão do Marechal, Gonçalo Vaz Coutinho, Meirinho mór, e João de Athaide, que eram os fidalgos que o seguiam d'aquellas partes da Beira, e entre Douro e Minho, com os quaes e com sua gente, e com a que o Infante tinha faziam mil e oitocentos homens de cavallo, e de pé dois mil e seiscentos, que logo pare-

ceu acompanhamento demaziado para quem ia pacificamente a côrtes, como elle publicava.

E sendo a Rainha informada de sua vinda, e tivesse cada dia novas que vinha com tanta gente armada, e em som de guerra, se affligiu grandemente, e muito mais quando soube que o Infante de Torres Vedras fazia o caminho por Alemquer onde ella estava com El-Rei, dizendo elle que ia por levar consigo El-Rei ás côrtes; e por o desviar do proposito que diziam que levava lhe mandou recado por Henrique Pereira, fidalgo da sua casa, que o foi tomar em Alfeizirão onde lh'o deu, em que lhe mandava dizer que escuzava sua ida n'aquella fórma por Alemquer, porque parecia grande desacatamento vir com tanta gente, e na fórma que elle vinha por onde El-Rei estava e ella tão desacompanhada e com tão pouca, e que a villa não era capaz para agasalhar tanta gente, e menos bastante para lhe dar mantimentos. E sendo o Infante como era em tudo o mais bem attentado, e devera vêr com quanta razão a Rainha o advertia do que elle devera ter primeiro advertencia, não foi a resposta como d'elle se esperava, que foi dizer-lhe: Henrique Pereira, vossa vinda sobre tal cazo fôra bem escusada, e verdadeiramente assim me salteiam estes accidentes que não sei em que hão de parar, nem que vos responda, dizei sómente que me doem muito estes temores e suspeitas, e quero que saiba que dos que mais se mostram afeiçoados a seu serviço, d'esses se deve fiar menos, pois tão erradamente a aconselham, e mais contra mim que desejo mais servil-a que enojal-a; e já não trato do que cumpre ao estado e serviço de El-Rei meu senhor, porque em desejar de lealmente o servir e

amar não darei vantagem a pessoa do mundo, e o que ella ha de ganhar com seguir esses conselhos o tempo lh'o dirá que esse lhe dou por testemunha.

Com esta resposta se tornou Henrique Pereira á Rainha que ainda a esperava peor pelo conceito que tinha d'elle, e o Infante mudou o caminho pelo Lumiar aonde já o estavam esperando alguns cidadãos de Lisboa que lhe pediram da parte da cidade que se detivesse alguns dias ahi, porque antes que entrasse n'ella tinham muitas cousas que tratar com elle, principalmente que queriam que entrasse logo como governador, e como tal se lhe fizesse o recebimento e entrada.

Elle o fez como lh'o pediam, e toda a negociação foi persuadirem que se publicasse logo ali por tal, e entrasse já na cidade com o nome e exercicio de governador, e o não quizesse pôr em duvida nas Côrtes pela grande contradicção que podia haver da parte dos mesmos Infantes, e de alguns dos fidalgos que na cidade estavam. Elle os despediu, e mandou que se recolhessem que lá seria logo com elles para que n'ella ordenassem o que fosse mais acertado para o reino, e para a sua honra d'elle, dando-lhes muitos agradecimentos com promessas de grandes mercês; e tornados á cidade ordenaram eleger, e elegeram doze cidadãos para determinarem as cousas que succedessem para que não fosse necessario juntarem-se cada dia, e foram eleitos os que ao Infante lhe pareceu mais affeiçoados e obrigados a elle; os quaes juntos determinaram que o Infante D. Pedro fosse logo entregue do governo tanto que entrasse na cidade; a qual determinação foi logo publicada no refeitorio de S. Domingos, que foi aprovada com grande applauso e contentamento do po-

vo com grandes vozes e alvoroço; e logo os doze elegeram d'entre si tres que fossem com esta embaixada ao Infante que ainda estava no Lumiar, os quaes foram Pero de Serpa, Martim Sapata e Rui Gomes da Gram, que com muita brevidade foram com sua embaixada, e lhe notificaram e pediram quizesse ao outro dia entrar na cidade e tomar posse, e ser seu hospede.

O Infante depois de lhes agradecer sua determinação e ida, deu mostras de por então se escuzar, mas bem se entendeu que queria que o rogassem para que lhe não fosse estranhado por seus irmãos, e em especial pelo Infante D. Henrique a quem tinha grande respeito, e sabia que sempre fôra de parecer que se esperassem as Côrtes, e sem elle lhes dar consentimento, se o tomasse, queria que se entendesse que o fazia contra sua vontade, e assim lhes respondeu que seu accordo fôra mui bem ordenado, e tudo por elles feito estava como devia; comtudo elle pelo que á sua pessoa e auctoridade devia não se havia de entremeter absolutamente sem seus irmãos o haverem por bem, que a elle lhe parecia que não era necessario tanta pressa que fosse de algum inconveniente esperar pelas Côrtes que já se estavam preparando, que assim o determinassem trabalhar n'ellas para que viesse a effeito, que elle seria mui satisfeito de entrar no governo por parecer commum de todos, especialmente de seus irmãos.

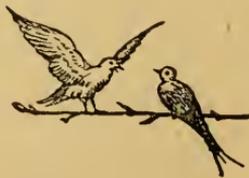
A esta resposta tornaram a replicar os cidadãos, que aquellas justificações era bem que elle as fizesse quando já as não tivera feito muitas vezes, e todas as que mais fazia eram desnecessarias, que elles tinham todos os consentimentos dos pro-

curadores por escripto, que os mostrariam cada vez que fosse necessario, e quanto ao de seus irmãos, ahi estava o Infante D. João que não sómente o approvava, antes reprehendia o não estar já posto em execução, e os mais o não contradiziam, e portanto lhe pediam que não resistisse a cousa tão justa e necessaria, e quizesse escusar novos desconcertos e alvoroços do povo, que depois seria impossivel, e mui trabalhoso de aquietar. Mostrando o Infante que contra sua vontade, e constrangido dos cidadãos e fidalgos que comsigo trazia, acceitou logo o cargo, e ordenou entrar na cidade ao outro dia já com nome de governador, e mandou que o não esperassem com procissão como determinavam, nem com as festas e ceremonias que tinham ordenadas, que sua entrada fosse como soia ser, e o costumavam receber; e assim se fez sendo recebido ás portas da cidade pelo Infante D. João, e por alguns fidalgos, cidadãos e povo com grande prazer e alegria, e se foi direito ás casas do Mestre de Aviz que estavam junto á Sé.

Ao outro dia, festa de todos os Santos, foi ouvir missa á mesma Sé, onde lhe foi requerido tomasse o juramento que a cidade tinha ordenado, o qual tomou nas mãos de D. Alvaro, Bispo de Evora, onde em publico jurou, e prometeu com as mãos levantadas que poz sobre um missal e um cruxifixo, de governar, e deffender bem e lealmente estes reinos em nome de El-Rei seu senhor, até elle ser de idade e disposição de não ter necessidade de outrem por elle governar, e que então lh'os entregaria livremente sem contradicção ou cautella, e sempre o serviria com amor e lealdade como bom e leal vassallo, e que nas materias de muito pezo toma-

ria o parecer dos Infantes seus irmãos e com elle as determinaria.

Acabado o juramento todos os procuradores das cidades e villas do reino que na Côrte estavam, que já eram muitos ou a mór parte dos que haviam de ser, juraram e prometteram de emquanto elle governasse de obedecerem em nome de El-Rei seu senhor e como tal o servirem; e o mesmo juraram os fidalgos que com elle vieram e alguns da cidade com os da Camara, e os doze cidadãos; acabados os juramentos, se acabou a solemnidade d'aquelle dia com tal alvoroço e contentamento do povo e cidadãos, que se davam parabens uns aos outros de o terem posto em effeito.





CAPITULO XXX

Como se começaram as côrtes e do que n'ellas se fez

ALGUNS dias tardaram em se ajuntar os que foram chamados para as côrtes e haviam de vir a ellas, e por essa causa se não poderam começar até os dez de Dezembro do anno de quatrocentos e trinta e nove, em o qual dia sendo juntos no passo de Alcaçova os Infantes D. Pedro, D. Henrique, D. Affonso e D. João e os condês de Ourem e Arrayollos e alguns prelados e fidalgos (porque os mais d'elles não quizeram vir), e os procuradores das cidades e villas do reino; o Infante D. João se levantou e disse, que algumas cousas que elle queria propôr por serviço de Deus e de El-Rei e proveito do reino, por não estar em disposição para as poder dizer por si, encommendava ao dr. Diogo Affonso as dissesse e pedia que todos o ouvissem; e logo Diogo Affonso fez uma oração bem copiosa em a qual o primeiro e principal que tratou

foi louvar e approvar a eleição do Infante D. Pedro por unico governador, reprovando e reprehendendo a repartição e concordia que fôra feita nas côrtes de Torres Novas em que o mesmo Infante D. João se não achara, e apontou como de direito, nem divino, nem humano, mulher não podia ser governadora, nem ter cargo de governar, nem outro sim se podia repartir em dois, mas que necessariamente havia de ser um só, e que não podia nem devia ser outro que o mesmo Infante D. Pedro, e que a Rainha fosse servida e reverenciada e acatada de todos como era razão, e como mulher e mãe de dois Reis tão queridos e amados n'estes reinos, e por ella merecer por suas exemplares virtudes, e real sangue, e lhe fosse dada toda a parte das rendas do reino que fosse necessario para o sustento d'ella e de El-Rei seu filho e dos mais irmãos, para que os tivesse e creasse com aquella auctoridade e magestade, que a taes Principes era devido, acrescentando outras muitas cousas tocantes ao governo, com que acabou sua oração.

Foi geralmente por todos approvado o que o dr. Diogo Affonso disse em sua oração, de que se fizeram actos solemnes, escriptos por quatro notarios publicos da mesma cidade, que foram Ruy Galvão, Martim Gil, Lopo Affonso e Gonçalo Botelho, em o qual assignaram os Infantes, e com elles alguns prelados e fidalgos, que foram presentes, mas o conde de Arrayollos o não quiz assignar, nem quiz nunca conhecer ao Infante D. Pedro por governador, nem nomeal-o por esse, posto que obedeceu a seus mandados melhor que muitos que o assignaram, e se claramente o não encontrou, foi por ver quão pouco importaria, pois todos o festavam

com grande applauso e mostras de alegria, excepto elle e o Infante D. Affonso seu pae, e o Infante D. Henrique, aos quaes nunca pôde parecer bem, por terem jurado e assentado outra cousa como fica dito, mas como fosse sem remedio não trataram d'ellà.

Foi tambem accordado que o Infante fizesse juramento de fidelidade e de governar o reino guardando em tudo o bem da corôa, proveito commum do reino e serviço de El-Rei, e lh'o entregar livremente como fosse de idade e disposição para o governar e deffender; o qual logo o fez de que logo se fizeram outros auctos solemnes, que elle e os mais Infantes e seus filhos assignaram; e logo o mesmo Infante governador avisou a Rainha por carta sua da eleição, que n'elle era feita, e o mesmo fizeram alguns fidalgos que ahi se acharam, escrevendo-se em nome de todos em que lhe pediam o houvesse assim por bem, e quizesse vir com El-Rei á cidade onde lhe seria feito todo o serviço que era razão, para em sua presença se tratarem algumas cousas que a seu estado, serviço e bem do reino eram necessarias. Com este recado mandou o Infante Alvaro Gonçalves de Athaide, homem fidalgo e bem entendido, de quem fiava muito.

Recebeu a Rainha este recado com grande sentimento e tristeza, e por conselho dos que com ella estavam, substancialmente respondeu que não havia razão para que os que estavam em Lisboa com o povo d'ella podessem ajuntar côrtes, nem chamal-as sem mandado de El-Rei seu filho, e seu d'ella, nem ella as havia por taes, antes tudo o que nas ditas côrtes se fizera, havia por nullo, e que se os Infantes seus irmãos o houvessem por bem, se começassem de novo, e ella iria a ellas, mas que

havia de ir com nome e exercicio de regente e que d'esta maneira iria com El-Rei seu filho a mesma a celebral-as e assistir a ellas, e que de outra maneira não iria, nem haveria por vallida cousa alguma que n'ellas se fizesse; a qual resposta mandou tomar por auctos publicos para sempre constar de sua repugnancia.

Com esta resposta se tornou Alvaro Gonçalves aos Infantes, que vendo-a tão contraria, e resoluta contra o que tinham ordenado, accordaram mandar com os mesmos requerimentos o dr. Affonso Nogueira, famoso theologo, e o provincial dos religiosos de S. Francisco da observancia, que fôra confessor de El-Rei D. Duarte, que depois veiu a ser Arcebispo de Lisboa, como pessoas espirituaes de muitas lettras e auctoridade; os quaes para trazerem a Rainha ao que pertendiam lhe deram muitas razões cheias de bons e santos conselhos e avisos e a não poderam mover de seu proposito; e com esta resposta se tornaram.





CAPITULO XXXI

De como o Infante D. Henrique foi fallar com a Rainha sobre sua vinda d'ella e El-Rei ás côrtes

VENDO o Infante D. Pedro como a Rainha estava firme em não ir ás côrtes, nem havia quem n'isso a mudasse sem as condições que tinha dito a Alvaro Gonçalves, ficou muito descontente e apaixonado, e o povo notavelmente alvoraçado; e deixadas muitas praticas e pareceres que se moveram, foi tomado pelos Infantes seus irmãos o mais suave meio e mais efficaz, e foi que o Infante D. Henrique fosse em pessoa para acabar com ella que quizesse vir, e quando não o houvesse por bem que viesse El-Rei, com promessa e palavra certa que acabadas as côrtes lh'o tornariam logo; o qual Infante com a brevidade possível se foi a Alemquer a tratá-lo com ella, e depois de grandes duvidas e resistencia que ella fez, posto que nunca quiz ir assistir pessoalmente a Lisboa nas côrtes, persuadida do Infante e rogada muito d'elle lhe deu

palavra de deixar ir El-Rei, dando-lh'a o Infante primeiro de que logo passado aquelle acto de côrtes lhe ser tornado para que ella o criasse, que foi parte para mover sua boa inclinação que para todo o bem se achavam n'ella desejos, ainda que fosse com perda de seu direito.

Ao outro dia se foi a Rainha de Alemquer com El-Rei, e em sua companhia o Infante D. Henrique e o Infante D. Fernando, menino de cinco annos, e foi pousar a Santo Antonio, nas casas do Arcebispo de Lisboa.

Tanto que o Infante D. Pedro foi avisado do Infante D. Henrique que a Rainha concedera o que com ella ía tratar, e estava já em Santo Antonio, ficou mui alegre e entendeu que haviam de acabar com ella tudo o que quizessem e elle levava ordenado, e se foi logo a Santo Antonio e com grande acatamento beijou a mão a El-Rei e á Rainha, de que ella se quiz escusar, e estiveram á festa do Natal, e ahi vieram tambem os mais Infantes a beijar a mão a El-Rei, e visitar a Rainha, e se foram e tornaram para a cidade; e passada a festa os quatro Infantes e os condes filhos do Infante D. Affonso com grande acompanhamento de fidalgos e prelados, a camara de Lisboa e cidadãos, e outra muita gente, vieram a Santo Antonio a buscar El-Rei e o Infante D. Fernando seu irmão, dando-lhe primeiro palavra o Infante D. Pedro e os Infantes seus irmãos e segurança por seus escriptos e assignados, de lh'os tornarem logo a seu poder para os ella ter, criar e governar até El-Rei ser de idade para seus reinos governar, porque sem isso os não quiz entregar, nem apartar de si; a qual palavra lhe não cumpriu o Infante D. Pedro, porque posto que então lh'os entregou, não

tardaram muitos dias que lh'os não tirasse do poder com suas traças; o que então se attribuiu a querer segurar o casamento de El-Rei com sua filha que depois não foi muito bem logrado.





CAPITULO XXXII

Como El-Rei entrou em Lisboa e do que mais succedeu

DE Santo Antonio do Tojal onde El-Rei estava, se embarcou por mar para Lisboa acompanhado dos Infantes seus tios, e dos Condes seus primos, com todos os mais que os tinham acompanhado até Santo Antonio, e da cidade o foram esperar todos os mais fidalgos e pessoas de qualidade que n'ella se achavam, e foi recebido ás portas d'ella debaixo de pallio com grande concurso de gente. D'ahi foi levado á Sé e d'ella aos paços da Alcaçova, indo El-Rei e o Infante seu irmão e os quatro Infantes seus tios e os dois Condes primos, todos a cavallo, e todos os mais a pé, com tanta magestade, cerimonia e festas, que para tempo de tantas dissensões se não esperavam; e o Infante D. Pedro foi o que poz El-Rei a cavallo e o apeou, não sómente aquelle dia, mas o fazia muitas vezes com grande acatamento e reverencia,

e com a mesma o serviu com tanta pontualidade que mostrava ser falso o que d'elle murmuravam os que lhe queriam pôr nota de desleal; e passado o recebimento mandou logo o Infante D. Pedro a Ruy Gonçalves de Castello Branco, mestre sala, que com muita perfeição a fizesse, em que se haviam de celebrar as solemnidades das côrtes, e determinado que foi a 10 de janeiro de 440, foi assentado El-Rei em sua cadeira e throno real, logo a seus pés o menino Infante e consecutivamente os Infantes seus tios e os condes de Ourem e Arrayollos, e mais abaixo os prelados, conforme a auctoridade de cada um, e do mesmo modo os procuradores do reino como em semelhantes actos couvinha; e havendo grande silencio, o dr. Diogo Affonso fez uma pratica e oração em nome de El-Rei, cuja substancia e principal intenção foi confirmar a eleição feita pelo povo e cidadãos (que de muitos foi julgado por maior erro que quantos foram passados n'esta materia) do Infante D. Pedro por governador, dando-lhe por isso muitos agradecimentos ao mesmo povo e cidadãos, e promettendo-lhe por isso grandes honras e mercês, e persuadiram ao mesmo governador que assim o fizesse com elles e governasse e administrasse o reino como d'elle se esperava, mandando a todos em geral que lhe obedecessem como a sua propria pessoa.

Acabada a oração se levantou o Infante D. Pedro do seu lugar, e posto o joelho em terra beijou a mão a El-Rei, e El-Rei lhe entregou o sello real e com elle o poder e governo do reino; e logo apoz elle lhe beijaram a mão os mais Infantes conforme estavam assentados, e apoz elles os prelados e fidalgos conforme as suas qualidades e assentos; e

por fim, acabadas as solemnidades das côrtes, foi tornado El-Rei á Rainha e com elle o Infante D. Fernando, levando-o o mesmo governador e os mais Infantes a Santo Antonio com o acompanhamento com que foi trazido, conforme a palavra que lhe tinham dada.

Passados alguns dias fez o Infante D. Pedro ajuntar na mesma sala das côrtes alguns fidalgos, com os do conselho, procuradores e povo, e sendo junto lhe fez em pé uma falla com muita affabilidade e mostras de agradecimento, dizendo entre outras cousas que pelo grande cargo que lhe fôra encarregado era necessario mostrasse outro homem e por outro o conhecerem, após o que lhe deu alguns avisos admoestando-os do que haviam de fazer inviolavelmente, avisando-os que os que bem vivessem e fizessem o que deviam, esperassem d'elle favores e mercês; e os que pelo contrario, pena e castigos, encommendando que reverenciassem e acatassem e obedecessem seus mandados, ajudando-o a deffender com sua fazenda e vida como elle faria por todo o reino e por cada um em particular quando fosse necessario; e confiassem d'elle e tivessem por certo que tudo o que fizesse tirava a bom fim, como era o serviço de Deus e o d'El-Rei seu Senhor, e bem commum, e dado que a elles lhe parecesse outra cousa o não entendessem assim, antes o tomassem com bom zêlo e tenção com que elle o fazia, ao qual rasoamento lhe foi respondido por um cidadão que para isso foi eleito, por nome Pero de Serpa, de quem já se falou; e a resposta foi como o Infante quiz.

Não ficou o Infante D. Affonso muito satisfeito de se dar a seu irmão o Infante D. Pedro o governo tão

livre e desembaraçado, e determinando em parte diminuir seu poder e que não usasse d'elle tão livremente como entendia que usaria, ordenou certos capitulos em que pertendia limitar-lhe os poderes, exprimindo os casos que elle não poderia despachar sem seus irmãos, e que outros em que era necessaria maior deliberação, se reservassem para as côrtes que estava ordenado fazerem-se, e formando nos ditos capitulos regimento que o Infante D. Pedro havia de guardar em seu governo, o qual communicou com seus irmãos e outras pessoas de grande qualidade que para isso fez ajuntar, e a muitos d'elles pareceu bem, e de outros não foi bem recebido, e entre todos ordenaram que se desse copia d'elles aos estados do reino para que dessem seus pareceres; mas vindo a tratar-se com os procuradores e cidadãos, nem ouvil-o queriam. É sabido pelo povo se começou a amotinar; e como tudo o que se ordenou era feito por elle, tambem n'isso sahiu com o que quiz, e assim se houveram por escusados os capitulos, porque todos temiam de se encontrar com gente amotinada, receiando alguns grande desgraça.

Tratou tambem o Infante D. Affonso de restituir n'aquellas côrtes ao Arcebispo de Lisboa D. Pedro, seu cunhado, com cuja irmã casou depois da morte da primeira mulher, filha do Condestavel o grão Nuno Alvares Pereira, o qual Arcebispo estava retirado a Castella; e o não poudé acabar pela resistencia que fizeram os cidadãos pelo odio que tinham ao Arcebispo, com todas as cousas da Rainha, dizendo que o não haviam de consentir, e que haviam de seguir sua appellação que tinham em Roma, sobre as censuras e excom-

munhões que elle lhes tinha postas, que até se não determinarem não havia que tratar.

O Infante D. Pedro por satisfazer a seu irmão com palavras e aquietal-o por tirar todos os inconvenientes que se lhe oppunham, mostrou fazer muitas diligencias pelo effectuar, as quaes com mais animo e vontade fez o Infante D. João, mas como o povo e cidadãos sabiam que as do Infante D. Pedro eram mais que as apparencias, porque na verdade elle era o principal impedimento, e se tinha por certo que se elle quizera o acabara facilmente, nem a elle lhe fizera a cidade e povo resistencia alguma, se lhe não conheceram o animo; quanto mais que como regente o podera ordenar e mandar, mas sua tenção foi sempre contentar o povo e tel-o certo para suas pretensões; pelo que Pero de Serpa, um dos cidadãos de mais auctoridade, em nome da cidade, se escusou dizendo que indubitavelmente haviam de seguir sua appellação e justiça, e que durante ella o Arcebispo havia de estar suspenso e haviam de trabalhar quanto podessem porque fosse privado da dignidade e Arcebispado; com o que os Infantes D. Affonso e D. João cessaram da sua pretensão.

Ficou o Infante D. Affonso muito enfadado e sentido, não dos cidadãos e povo, porque d'elles não esperavam mais; mas do Infante D. Pedro, conhecendo que elle era o que o encontrava.

Esta paixão durou muitos tempos entre elles, e foi muita parte, como alguns querem, dos grandes males que ás casas de ambos depois succederam, como se viu pelos tempos em diante, com muito maior damno da casa do Infante D. Pedro, que de todo se acabou dentro de poucos annos.

Sucedeu logo que o Infante governador concedeu á cidade, além de outras muitas liberdades e mercês, que não houvesse aposentadoria e se fizessem casas, e os estados em que El-Rei e os cortezãos pousassem; com o mesmo privilegio se deu depois a Evora e Santarem.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO

INDEX

INDEX

	Pag.
ADVERTENCIA	5
DEDICATORIA	11
CAPITULO I. — Em que se trata de como foi coroado El-Rei D. Affonso V em a villa de Thomar.....	13
CAPITULO II. — Em que se trata dos principes que havia n'este reino, da casa real, n'este tempo.....	16
CAPITULO III. — De como se abriu o testamento de El- Rei D. Duarte, e duvidas que houve sobre elle.....	22
CAPITULO IV. — Da pratica que Vicente Egas fez á Rai- nha	25
CAPITULO V. — De como a Rainha tomou conselho com os seus.....	28
CAPITULO VI. — De uma junta que fizeram os fidalgos em favor da Rainha.....	31
CAPITULO VII. — Das côrtes que se fizeram em Torres Novas, e do que d'ellas se ordenou.....	34
CAPITULO VIII. — Das novidades que se moveram sobre o governo do reino.....	38
CAPITULO IX. — Da segunda concordia que se tomou so- bre o governo do reino.....	42
CAPITULO X. — De como a Rainha passou as côrtes pa- ra a cidade, e da chegada do Infante D. João á côr- te, e do que com ella succedeu ..	48
CAPITULO XI. — De como a Rainha mandou pedir ao Infante D. Pedro o escripto de casamento d'El-Rei que lhe tinha dado.....	52
CAPITULO XII. — De uma embaixada que veiu d'El-Rei de Castella e resposta que se lhe deu.....	55
CAPITULO XIII. — Das calumnias que se punham ao go- verno da Rainha.....	58

INDEX

CAPITULO XIV. — Como o Infante D. Pedro começou a pretender o governo descobertamente.....	62
CAPITULO XV. — Da falla que tiveram os Infantes e em que se determinaram	65
CAPITULO XVI. — Das grandes revoltas e inquietações que succederam na cidade de Lisboa.....	70
CAPITULO XVII. — De como foi o Conde de Arrayollos, justiça maior, aquietar a cidade de Lisboa.....	74
CAPITULO XVIII. — Como veiu á cidade o Infante D. Pedro, e do que com sua vinda succedeu	79
CAPITULO XIX. — Da vista que tiveram os Infantes D. Pedro e D. João e do que n'ella trataram	83
CAPITULO XX. — Do despedimento que teve da Rainha o Infante D. Pedro.....	88
CAPITULO XXI. — De uma grande discordia da cidade com o Arcebispo D. Pedro, tio da Rainha	93
CAPITULO XXII. — De como os cidadãos de Lisboa publicaram por governador ao Infante D. Pedro	98
CAPITULO XXIII. — Em que se contem a fórmula do accordo da Camara de Lisboa.....	101
CAPITULO XXIV. — Em que foi notificado o accordo á Rainha e ao Infante D. Henrique.....	105
CAPITULO XXV. — De como a cidade de Lisboa privou o Arcebispo do arcebispado e foi levado o accordo ao Infante D. Affonso, e preparamentos para as côrtes	109
CAPITULO XXVI. — Das duvidas que houve sobre a entrega do castello de Lisboa ao Infante.....	113
CAPITULO XXVII. — Como se prepararam as côrtes, e não quiz a Rainha vir a ellas.....	118
CAPITULO XXVIII. — Do que passou o Infante D. Affonso com o Infante D. Pedro sobre as condições que a Rainha pedia.....	122
CAPITULO XXIX. — Da vinda do Infante D. Pedro á cidade de Lisboa, e do que com ella succedeu.....	125
CAPITULO XXX. — Como se começaram as côrtes e do que n'ellas se fez.....	131
CAPITULO XXXI. — De como o Infante D. Henrique foi fallar com a Rainha sobre sua vinda d'ella e El-Rei ás côrtes	135
CAPITULO XXXII. — Como El-Rei entrou em Lisboa e do que mais succedeu	138

OBRAS PUBLICADAS

- I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas 600
- II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Garry de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas..... 600
- III — ETHIOPIA ORIENTAL, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 2.7000
- IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 1.^o volume 350
- V — O INFANTE D. PEDRO, 2.^o volume 350
- VI — O INFANTE D. PEDRO, 3.^o volume (em publicação).

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO—LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador—MELLO D'AZEVEDO

O INFANTE

D. PEDRO

CHRONICA INEDITA

POR

Gaspar Dias de Landim

VOLUME II

ESCRITORIO—RUA DOS RETROZEIROS, 147

LISBOA — 1893

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador—MELLO D'AZEVEDO

O INFANTE D. PEDRO

CHRONICA INEDITA

POR

Gaspar Dias de Landim

LIVRO SEGUNDO



ESCRITORIO

147, *Rua dos Retroçeiros*, 147

LISBOA

—
1893

LISBOA

Impresso na Typ. do Commercio de Portugal

41, Rua Ivens, 41

—
1892



LIVRO SEGUNDO

CAPITULO I

Em que se contem como o Infante D. Pedro tratou de tirar El-rei á Rainha

ESTANDO já as côrtes e despachos d'ellas concluidos, e o Infante D. Pedro posto no governo com tanto applauso e contentamento de Lisboa, e todos os procuradores despedidos para se partirem para suas casas; como não ficasse o Infante D. Pedro satisfeito emquanto El-Rei lhe não ficasse entregue por achar que assim convinha a suas pretensões, e como elle não queria que se soubesse que se fazia por sua ordem; foi induzido um dos procuradores da cidade do Porto, por nome João Gonçalves, para ser auctor d'esta pertença e boa obra, o qual com seu companheiro se foi á camara estando os vereadores e mais officiaes d'ella junctos, que intenderam se iam despedir, e o João Gonçalves lhe fallou n'esta fórma:

Srs. A mim e a meu companheiro que vós e todos os mais companheiros e irmãos nossos que em nome do reino a estas côrtas viemos, as quaes daes por acabadas e absolutas, e certo muitas cousas se concluíram n'ellas de grande importancia em que El-Rei, nosso senhor, está mui bem servido e nós contentes e satisfeitos, mas o principal está por fazer e requerer, sem o qual, a nosso parecer, tudo o que se fez é nada.

Os vereadores e alguns cidadãos que se acharam na camara (que por ser n'aquelles tempos sempre se ajuntavam) enleados e confusos, porque o tinham por homem experimentado e prudente, e como tal fallaria com fundamento, lhe disseram e pediram que se declarasse a falta que houvera e ficara por ordenar nas côrtes. Respondeu que o que se havia ainda de ordenar, por se escusarem grandes damnos e inconvenientes, era que não ficasse El-Rei em poder da Rainha por muitas razões; a primeira porque sendo creado entre mulheres sempre ficaria afeminado e inhabil para emprehender cousas grandes, o que em qualquer homem era grande falta, quanto mais em um Rei tão poderoso do qual esperavam grandes conquistas em Africa e outras partes; a segunda que sendo sua criação em companhia de sua mãe, o perigo do Infante D. Pedro e outras muitas pessoas era mui certo e evidente, porque como ella sentia tanto e tinha por tão grande abatimento de sua pessoa e estado tirar-se-lhe o governo com tudo o mais que nas côrtes fôra ordenado, como por suas queixas, cartas e protestações se mostrava, crearia El-Rei em odio seu e dos Infantes que não fossem favorecedores de suas cousas e das mais pessoas que favorecessm a parte do

governador, do que depois poderia succeder grande malles a elle e a todos, sem esperança de remedio, porque naturalmente as cousas que os moços percebem na tenra idade ficam mais impressas no entendimento, e a memoria lhes representa mais vivas, e assim succederia a El-Rei, que sua mãe lhe pediria vingança muito a miudo, tendo-o em seu poder, e d'ahi lhe ficaria o animo damnado contra todos aquelles de quem ella pedisse e a quem não tivesse boa vontade (como se El-Rei não houvesse de vir a saber o que se faria a sua mãe); a terceira que assentou era que se escusariam os grandes gastos e despezas, para as quaes não bastavam as rendas do reino, porque creando-se El-Rei com sua mãe e sendo o Infante governador, necessariamente havia de haver grandes gastos desnecessarios, porque o Infante como regente era necessario ter casa conforme a seu cargo e dignidade, e outra tal El-Rei com a Rainha, o que era engano, porque apartando-se El-Rei com o Infante não eram necessarias tão grandes despezas; em que bem queria dar a entender que a Rainha não havia de ter casa como quem era, nem se havia de fazer despeza com ella, pois estando El-Rei com o Infante não havia de haver mais que uma casa real; pelo que parece que queria que vivesse a Rainha como pessoa privada, e não como quem ella era, que tudo se encaminhava em seu odio d'ella.

De tal maneira contentou os vereadores e cidadãos que presentes se acharam a sem razão d'estes dois procuradores que logo fizeram ajuntar todos os mais cidadãos, que com grande alvoroço foram juntos, e com elles grande concurso de povo; e consultado e praticado entre todos, sem mais dar em

conta aos Infantes nem a outra pessoa nenhuma, assentaram que El-Rei e o Infante D. Fernando fossem logo entregues em poder do Regente ; sendo assim que n'esse tempo El-rei era de sete annos e o Infante de menos de cinco ; de que logo avisaram ao Infante governador, ao que respondeu no publico que primeiro o queria tratar com os Infantes seus irmãos e com seus sobrinhos ; o que tanto que foi sabido todos julgaram serem traças do mesmo Infante, e assim praticou em uma junta que o Infante D. Affonso fez de muitos fidalgos, em que tiveram por sem duvida que em tudo tirava o Infante D. Pedro a seus particulares interesses e para ter maior caminho de pôr em effeito suas pertenções e se fazer senhor de todas as forças e rendas do re'no e tirar á Rainha a casa e auctoridade que lhe era devida, como em effeito fez, porque não descançou até lhe tirar quanto de razão e justiça lhe era devido. Do mesmo parecer foi tambem o Infante D. Henrique ; mas andava o povo tão demasiado, que contra vontade dos mesmos Infantes e dos mais fidalgos e prelados que foram presentes, se assentou que lhe fossem tirados e entregues ao Infante governador, favorecendo esta parte o Infante D. João ; de que se viu bem quanta razão tivera a Rainha de recusar fazerem as côrtes em Lisboa, que senão se fizeram ahi, não tivera o povo poder para usar com ella tão grande tyrannia, nem o Infante D. Pedro sahira com pertenção tão injusta.

Tanto que assim foi assentado pelos cidadãos, procuradores e povo de Lisboa o mandaram fazer a saber ao Infante governador por trez cidadãos para isso eleitos ; e tanto que lhe foi notificado mostrou não saber d'isso nada, e disse que rogava á

cidade e a todos os procuradores que cessassem d'estas novidades porque com ellas mais mostravam paixão e odio contra a Rainha, que proveito do reino, que quando fosse cousa necessaria lhe não daria nada de se presumir d'elle, e pois que o não era sentia muito pôr-se-lhe a culpa d'isso, e que elle havia por mais justo e arrazoado crear-se El-Rei seu senhor em casa e poder de sua mãe, nem os inconvenientes que apontavam eram de tantas considerações como diziam, e que até ser El-Rei de quatorze annos sentiria muito o apartamento da Rainha sua mãe, e não perderia por estar em sua companhia o valoroso animo que já n'aquella tenra idade se lhe conhecia, e quanto ao outro inconveniente que apontavam, não havia que reparar, porque a Rainha era tão virtuosa e de tão santos costumes que não procuraria senão todo o bem do reino e de seus vassallos, e que o tempo lhe mostraria que para sua quietação e saude lhe era necessario com a companhia e criação de seus filhos e que deviam ter respeito a sua consolação d'ella, que depois de tão grande afflicção, como a perda d'El-Rei D. Duarte seu marido, de quem fôra tão querida, não se lhe devia dar outra egual como seria tirar-lhe de diante dos olhos a seus filhos, e lhe lembrava mais que para sua quietação e segurança lhe importava ser assim porque El-Rei era menino, e como os mais sujeito a todos os males e casos, de que podia acontecer morrer (o que Deus não permitisse) e lhe causaria notavel pena e tristeza estar em seu poder, e ao reino daria grande suspeita, porque quando sem fundamento algum o queriam notar de desleal, que faria se tivesse um tão grande como esse; quanto mais que com o cargo de governador tinha

tantas occupações que não podia accudir bem ao serviço d'El-Rei seu senhor, como era razão.

Se foram estas razões mui bem ditas pelo Infante governador, mas melhor entendidas dos cidadãos e povo, que mui bem sabiam não dizerem com o seu animo, e lhe responderam que elles conheciam bem sua justiça e consciencia e de sua inteireza e grande lealdade, conheciam ser falsa toda a nota que seus inimigos lhe queriam pôr, e que em resolução não haviam de consentir que um tão alto principe como El-Rei seu senhor, de quem tinham tão grandes esperanças fosse creado entre mulheres, e que pois n'elle concorriam todas as razões para o dever crear que assim o fizesse e o mandasse ensinar letras e reaes costumes e o levasse a caça de monte, e sobretudo fosse exercitado nas armas para que se afeiçoasse a ellas, e estimasse os soldados e fosse visto e pratico em tudo como pertencia a tão alto principe; e d'ahi procederia que como El-Rei era de tão são e perfeito entendimento conheceria que o servir bem e lealmente, sem gratificação o honraria, e faria aquelle accrescentamento que com o favor de Deus lhe mereceria.

Não quiz o Infante perder occasião, nem quiz ser mais rogado, dizendo que pois assim queriam, e se não podia escusar, que acceitava, mas que havia poucos dias que haviam dado elle e seus irmãos palavra de ella o crear, e assim não podia ser sem se tratar com elles, e que ninguem o podia melhor fazer que os mesmos vereadores e cidadãos, e que havendo-o elles por bem o mesmo lhe pareceria a elle; e tornando com esta resposta se ajuntaram os procuradores com os da camara e muitos cidadãos e se foram aos Infantes que a sua instancia se ajun-

taram, e lhe deram conta de sua determinação, sobre que houve grandes duvidas, porque o Infante D. Affonso e seus filhos de nenhum modo queriam vir n'isso; e pela parte contraria o Infante D. João insistia assim ser necesssario, e que em todo o caso havia de ser. O Infante D. Henrique tambem favorecia a parte da Rainha; mas comtudo a dos procuradores, cidadãos e povo que contra o parecer e resistencia que houve por parte da Rainha que com ajuda do Infante D. João que fosse El Rei e o Infante D. Fernando entregues ao Infante D. Pedro, e quando ella por bem os não quizesse dar, lhe fossem tirados contra sua vontade; mas que querendo ella andar em companhia de El-Rei seu filho em casa e poder do Infante governador o poderia fazer.





CAPITULO II

De como a Rainha foi avisada, e como os Infantes foram fallar com ella sobre alguma concordia

FEITO que foi este accordo foi tambem notificado á Rainha, que respondeu que ella como mulher fraca e estrangeira não podia resistir á força que lhe queriam fazer, e que o Infante D. Pedro bem podia fazer de sua vontade justiça, mas que Deus que era a verdadeira justiça via as muitas sem razões que lhe faziam, e Elle o determinaria como fosse servido, e sabendo o Infante governador de sua resposta pediu aos Infantes seus irmãos e a seus sobrinhos os condes quizessem todos ir com elle a Santo Antonio onde ella ainda estava com El-Rei, que porventura acabariam que quizesse crear El-Rei em sua companhia d'elle, o que mostrava pertender com entranhavel desejo, affirmando-lhe que esperava com o favor de Deus fazel-o com tanta satisfação (de que sempre duvidou) que lhe faria perder as suspeitas, que sem causa lhe faziam crêr;

e louvando-lhe os Infantes este desejo, se foram com elle a Santo Antonio, mandando diante recado á Rainha de sua ida; e depois de a visitarem, o trataram com elia dando-lhe muitas razões para a trazerem a seu intento, mas por muito que fizeram não poderam sahir com elle nem acabar nada enquanto lhe não ficasse a administração da fazenda pela ordem que fôra accordado nas côrtes de Torres Novas, e affirmado com juramento solemne pelo Infante regente, e por todos elles propondo-lhe como as côrtes de Lisboa o não eram, e o que n'ellas se fizera não tinha força alguma, nem o povo de Lisboa eram pessoas nem tinham poder e auctoridade para fazer governador contra vontade dos mesmos Infantes e de toda a fidalguia e nobreza do reino. E depois de altercações e justificações d'ella, se resolveu em que se a despeza que se houvesse de fazer com a casa de El-Rei e sua, houvesse de correr por seu mandado e ordem, e a casa do mesmo Rei se houvesse de governar por seu mandado sem dependencia do Infante D. Pedro, nem ser necessario ordem nem mandado seu d'elle, que ella andaria em sua companhia trazendo El-Rei comsigo e que de outra maneira não faria, no que não quiz vir o Infante D. Pedro, posto que os Infantes D. Henrique e D. Affonso e seus filhos insistiram muito com elle que acceitasse este ultimo meio de que bem se colligiu que tudo eram negociações suas e que o povo e cidadãos faziam o que elle lhe ordenava. E depois de sobre isso altercarem sem concluirem em nada, se despediram da Rainha sem levarem El-Rei, porque ella o não quiz entregar ao Infante governador, nem elles serem conformes na entrega; mas tanto que foram na cidade e o povo

e cidadãos souberam que os não quizera entregar, houve novos tumultos e alvoroços e grandes ajuntamentos, e os que mais humanamente tratavam o negocio foram de parecer que logo lhes fossem tirar do poder e os entregassem ao Infante governador, do que sendo avisada a Rainha ficou indeterminada com temor de algum grande desacato ou notavel força por se vêr desacompanhada, porque os fidalgos que eram de sua parcialidade e sempre a acompanharam, tanto que viram ao Infante de posse do governo, e o povo de Lisboa tão amotinado em seu favor se recolheram a suas terras os mais d'elles, com tanto sentimento d'ella que vivia em continuas queixas, de que El-Rei n'aquella sua tenra idade sentia gran parte, e o dissimulava como se tivera mais madura idade e entendimento.





CAPITULO III

De como a Rainha se apartou de El-Rei, e o deixou em Santo Antonio, e como o Infante se entregou d'elle

Tão grandes foram as angustias e desconso-
lações da Rainha vendo-se desacompanhada
dos fidalgos, e sabendo as alterações e re-
voltas que havia na cidade porque não entregára
El-Rei ao Infante D. Pedro, que ficou atalhada, e
indeterminada sem saber que fizesse; pelo que logo
mandou vir ante si aos fidalgos de sua casa que
com ella estavam e juntos lhe disse em presença do
menino Rei e do Infante seu irmão que já sabiam
que por ella não os entregar ao Infante andava a
cidade alvoraçada, e se temia de alguma grande
desordem, pelo que lhe pedia n'aquella oppressão e
aperto como leaes vassallos lhe aconselhassem o que
faria, porque ella se não sabia determinar, e entre
outras muitas cousas significadoras de sua grande
angustia que disse, que suppozeram para significar
o grande aperto de suas cousas, disse: não pode
haver maior afflicção de que memoração recebe
vendo-se cercada de tantas perseguições nascidas
d'aquelles que mais razão tinham de me buscar

consolações por muitas obras boas, e mercês que lhes tenho feitas, que chega sua tyrannia e crueldade a me quererem privar da vista e companhia de meus amados filhos, dos quaes a natural piedade junta com o grande amor que lhes tenho me constrange a me não poder apartar d'elles, sem tempo que tenho tão presente a morte de El-Rei D. Duarte meu senhor, e o que n'elle perdi, com as quaes cousas tenho o coração tão opprimido e apertado que vos não posso significar o que minha alma sente, ao que se ajunta o receio da pouca segurança que meus filhos podem ter fóra de minha companhia, que segundo já descobre o Infante D. Pedro o grande desejo que tem de reinar, quem duvida que para livremente o fazer lhes encurte as vidas; e vós sabeis mui bem as muitas dissimulações e hypocrisias que n'elle ha, com que tudo saberá fazer e encobrir. Tambem sabeis como é adorado e seguido da gente baixa e povos, de que venho a estar metida em dois grandes extremos que me hão de acabar em breve tempo a vida, porque de uma parte o amor de mãe, me não soffre apartar-me d'elles e deixar de creal-os e amparal-os ainda que seja sujeita a mil inclemencias e tyrannias de meu inimigo o Infante D. Pedro e ser serva de quem até agora me serviu, porque lhe possa procurar a vida, ou quando menos acompanhal-os na morte, ou deixal-ós de todo á disposição da fortuna e de quem lh'a procura tirar e tão aventuradas como a minha, e sua quer. Ao primeiro me leva o amor de mãe e o desejo de os não desamparar, ao segundo me obriga o ser quem sou a quem não é licito sujeitar-se a quem não deve, e a um descoberto inimigo, o que tem tanta força commigo que mil vidas que tivera per-

dera antes que fazel-o. Obriga-me comtudo tanto o amor de meus filhos e o evidente perigo em que os deixo sem meu amparo e companhia, que me não sei determinar, nem me basta n'esta grande miseria o juizo; pelo que vos peço que se vedes o poder descobrir algum caminho que em tão miseravel fortuna, me possa dar algum allivio, vós m'o mostreis pelo que deveis a leaes vassallos e virtuosos varões, e pelo que se deve a uma viuva desamparada, tão perseguida e maltratada de seus inimigos que ha tão pouco vistes tão querida e estimadas n'estes reinos.

Com tanto sentimento e lagrimas disse a Rainha estas palavras, que não houve nos presentes algum que n'ellas lhe não fizesse companhia; e depois que n'ellas gastaram algum espaço, tomando entre si pareceres lhe responderam que as cousas estavam em tal estado que lhe não sentiam outro allivio nem consolação mais que pôr tudo nas mãos de Deus; que quanto as duvidas que tinha, a confusão em que estava o mais acertado era deixar seus filhos á disposição da ventura, porque seu real sangue e grande qualidade não era justo sujeitar-se a um homem tão seu inimigo que segundo o odio que lhe tinha lhe daria cada dia mil desgostos e desacataria, e sua real pessoa andaria sempre abatida e aniquilada, sujeita a quem não devia nem era justo; e que tinha tambem obrigação de ter respeito para o não fazer ao desamparo de seus creados que com tanto amor a tinham servido, porque ajuntando sua casa com a do Infante lhe era necessario a elles ausentarem-se do reino, ou serem n'elle peor tratados que os judeus inimigos da fé (em o qual tempo os d'aquella perversa na-

ção andavam mui perseguidos como elles merecem não sómente em Hespanha mas em as mais partes da Europa) o que ella tambem podia ter por abatimento e vituperio de sua real pessoa; e que bem sabia que o Infante tinha tantas cautellas e fingimentos com que fazia ao povo crêr seus enganos com que tudo o que fazia e ordenava, tinham por bem feito, nem elle havia mister mais para pôr em execução tudo o que quizesse que o povo de Lisboa e gente vil que o tinham por seu idolo e o haviam de sustentar contra justiça em tudo o que quizesse ordenar, e que como os tinha a elles por contrarios os havia de perseguir, e os povos pelo contentar haviam de fazer o mesmo; e em conclusão o que lhe parecia, e em que se resolviam era que como lhe não ficasse o governo da casa de El-Rei seu filho com sua despeza e provimento d'ella por sua mesma auctoridade sem dependencia do Infante governador, e sem se sujeitar a andar necessariamente em sua companhia não aceitasse outro partido, que pois havia de ser agravada o fosse em tudo, que a emenda d'isso não podia conforme ao que os Infantes seus irmãos lhe tinham escripto de Castella, e que em Portugal lhe não faltavam muitos favores como eram o Infante D. Affonso seu cunhado e seus filhos e o prior do Crato com todos os melhores fidalgos do reino, cavalleiros e nobreza d'elle; e que quanto ao que dizia que andando em companhia de seus filhos olharia por sua vida, totalmente se enganava porque se o Infante tinha tenção de lh'a tirar, muito melhor e mais seguramente o podia fazer em sua companhia sob capa de andarem a seu cargo, antes sua mesma companhia lhe podia servir de apparelho para sem

receio nenhum o fazer, porque quem tinha industria para alcançar a saber seus conselhos mais secretos e não sómente o que n'elles se tratava, mas se assim se pôde dizer o que elle tinha em suspeito, como lhe faltaria industria para acabar tudo o que quizesse e lhe tirar a vida, posto que andassem a seu cargo o fazel-a culpada e com o favor dos povos sahir com tudo o que mais quizesse? E que finalmente por esta razão e outras concluiam, e seu parecer era que abrisse mão d'El-Rei seu filho e do Infante D. Fernando e os offerecesse ao sacrificio sob guarda de Deus e de sua ventura, que sendo Elle servido teria cuidado de os guardar, e que confiasse que brevemente se poriam as cousas em mui differente estado.

Não faltaram alguns contemplativos que foram de parecer que acceitasse qualquer partido, e o que mais n'isso insistiu foi um Pero Lourenço de Almeida, fidalgo mui principal e homem de muita prudencia que aconselhava que se devia a Rainha accomodar com o tempo e accetar o meio que o governador commettia não querendo elle vir em outro, e crear seus filhos pospondo todos os estímulos da honra e presunção porque mui differentemente podia olhar por sua vida e saude andando em sua companhia e trazendo-os em seu poder e que n'isso não perdia nada de sua auctoridade e decoro, pois o faria pelo amor que lhe tinha e não por outro algum respeito, dizendo-lhe juntamente que puzesse os olhos em suas cousas, e olhasse como cada dia empeoravam, e que se porventura então não acceitasse aquelle partido, quando o quizesse accetar lh'o não faria o governador e que podia acontecer que se não contentaria com lhe tirar

os filhos e a vexaria com maiores malles e perseguições; que não se fiasse das ajudas dos Infantes seus irmãos em que tinha postas as esperanças e de outros principes e fidalgos do reino que tudo havia de montar nada, porque seus irmãos andavam mui desavindos e occupados em Castella nas guerras que traziam com o condestavel D. Alvaro de Luna e tinham bem que fazer em se deffender d'elle, e lhe não podiam valer; e que os fidalgos do reino não tinham cabeça nem se haviam de ajuntar porque como o não fizeram para a sustentar no governo em tempo que o tinha, menos o fariam ágora que o governador estava tão poderoso e todo o reino em seu favor; e que o Infante D. Affonso e seus filhos que eram as pessoas que de sua parte mais poder tinham no reino não estavam tão desavindos com o Infante D. Pedro que se houvessem de declarar tanto contra elle em seu favor.

Bem entendeu que as palavras de Pero Lourenço tinham muito fundamento; mas era tão inteira e de tanta opinião que se determinou antes a padeecer todos os trabalhos que lhe podiam vir que sujeitar-se ao Infante regente como quem o tinha por seu mortal inimigo e assim determinou o deixar El-Rei e o Infante D. Fernando ahi em Santo Antonio e ir-se com as Infantas suas filhas por escusar outro maior mal, porque tinha por momentos recado dos grandes alvoroços e ajuntamentos, que na cidade havia sobre lh'os tirar do poder á força; pelo que logo mandou a ella chamar alguns fidalgos de sua casa que lá estavam que secretamente vieram a seu chamado com medo do povo.



CAPITULO IV

Do despedimento que a Rainha fez de El-Rei seu filho e do Infante D. Fernando

SENDO juntos os fidalgos que ainda seguiam a facção da Rainha por ser em domingo, sendo passada a meia noute mandou que se lhe dissesse missa, e tanto que foi dita fez levantar a seus filhos da cama, e tomando El-Rei nos braços com grande copia de lagrimas lhe disse estas palavras: Filho e Senhor, permitta o alto e poderoso Deus por sua grande misericordia e piedade livrar-vos de vossos e meus inimigos, e conservar-vos a vida, e não me deixar desamparada de vós como o sou de El-Rei vosso pae. E com estas se despediu d'elle e do Infante D. Fernando a quem teve por outro espaço em seus braços com tão grande pranto seu e do mesmo Rei e Infante, e de todos os mais que se achavam presentes que foi para todos um triste e chorocho spectaculo e se acrescentou mais com

a nova que se espalhou que da cidade sahia para aquella parte muita gente e que toda ella se abalava para Santo Antonio, o que por ser tão subito causou em todos gran temor de que El-Rei foi tão salteado que por grande espaço esteve pegado com a Rainha sua mãe ajudando-lhe com muitas lagrimas a sentir aquella perseguição e o mesmo faziam os mais Infantes seus irmãos; e passado aquelle termo e repentina confuzão a consolou dizendo-lhe que se não affligisse que aquelles trabalhos teriam fim, que pedisse a Deus lhé desse vida com outras palavras de tanto peso que pediam mais idade n'elle, e lhe foi muito notado e tido por grande avizo que com querer tanto a sua mãe e sentir em extremo seu apartamento e depois pelo tempo em diante vêr as perseguições que teve no tempo que viveu estando debaixo do governo do Infante seu tio, se lhe não ouvia palavra alguma contra elle, posto que todas as vezes que se fallava em cousas suas se lhe conhecia uma notavel tristeza que alguns attribuiam a saudade da Rainha sua mãe; finalmente deixando seus filhos se partiu para Cintra acompanhada de fidalgos de sua casa e de outros alguns que nunca a desampararam; e sabendo o Infante D. Henrique bem de manhã sua partida, se partiu com grande pressa em seu seguimento pela alcançar no caminho e fazer tornar movido de compaixão, por ser informado da grande afflicção com que se partira; e já a não pode alcançar senão em Cintra, e dado que procurou quanto lhe foi possivel pela fazer tornar para seus filhos fazendo-lhe grandes promessas, o não pode acabar com ella, e lhe respondeu que não havia mais que palavras e que não sómente se lhe não cumpriam, mas

nem ainda juramentos que não tinha já que se fiar do Infante D. Pedro; que muito bem sabia que se na sua mão estivera cumpril-as, que não houvera falta n'ellas, mas que bem via que elle não podia mais que favorecel-a com bons desejos; e que o Infante seu irmão com o favor da gente baixa podia e acabava quanto queria, e assim não tinha já que esperar senão muitos trabalhos e perseguições, que bem sabia que não haviam de parar ali.

Vendo o Infante D. Henrique que não podia acabar nada com a Rainha, se tornou para a cidade mui desgostoso e triste; os Infantes D. Pedro e D. João sabendo pela manhã como a Rainha era ida de Santo Antonio e deixára El-Rei e o Infante D. Fernando se partiram logo em busca d'elles, e os acharam desfeitos em lagrimas com alguns fidalgos que os estavam consolando, querendo divertil-os e apartal-os de sua paixão, e posto que os Infantes lhe disseram muitas cousas para os consolar e alegrar, e o mesmo fizeram pelo caminho até chegar á cidade, lhe não quiz El-Rei responder nem dizer palavra alguma; e tanto que foram na cidade deu o governador a cada um sua casa, que até então ambos estavam juntos, e lhe deu outros officiaes e ministros, excluindo os que a Rainha lhe tinha dado, o que El-Rei tambem sentiu muito.





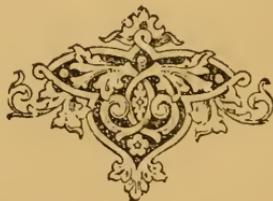
CAPITULO V

*De como a cidade quiz levantar estatua ao Infante
D. Pedro*

VENDO os cidadãos de Lisboa postas já em conclusão as cousas que tanto desejavam, e o Infante D. Pedro de posse do governo do reino e administração d'elle e d'El-Rei e Infante D. Fernando, tirados do poder da Rainha, por tão grandiosas e altas façanhas como estas, quizeram-lhe levantar uma estatua em gratificação d'isso, e de lhe tirar a obrigação da aposentadoria, a qual tratavam pôr á porta dos estaus que elle tinha mandado fazer, e perguntando ao mesmo Infante em que fórma o haveria por melhor; elle simulando rosto triste e melancholisado dizendo-lhe e mandando-lhe que a não pozessem, com estas palavras: «Amigos, amigos, agora me quereis pôr estatua, pois crêde que ha de vir tempo em que vós, ou vossos filhos em galardão das mercês que vos fiz, e de outras que vos desejo fazer a haveis de des-

pedaçar e ás pedradas lhe quebrareis os olhos». Das quaes palavras foram tão escandalisados os cidadãos e povo que não souberam que lhe responder e muitos houve que as não attribuiram a bom fim, porque as interpretavam ao Infante pertender que os cidadãos e povo se alvoraçassem mais em seu favor e levantassem algum grande motim, de que se elle aproveitasse para a pertença do reino, que a Rainha e outros muitos n'elle imaginavam. Succedeu mais que d'ahi a algum tempo estando elle em Coimbra, sahindo um dia com o Infante D. Henrique pela porta da cidade chamada de S. Bento, e olhando para as armas que estão em cima do portal que são uma mulher dentro em uma copa com uma corôa na cabeça dando uma teta a um leão e outra a uma serpente, lhe disse o Infante D. Henrique pelo contentar: bem pôde, senhor irmão, comparar-se a vós esta figura, pois de uma parte daes mantimento ao leão que significa Castella, e da outra o daes a Portugal que é a serpe nosso timbre; o que assim dizia porque n'aquelle tempo ordenava o Infante governador mandar a Castella um grande soccorro que mandou ao condestable D. Alvaro de Luna contra os Infantes de Aragão, irmãos da Rainha, que tambem o eram da Rainha de Castella; e ouvindo o infante D. Pedro a seu irmão lhe respondeu: verdade é, irmão, mas vêde-a melhor e considerae que está sobre o calix que significa sangue ou grandes trabalhos de que mais claro se collige que de meus serviços e beneficios esse ha de ser o mais certo premio e galardão; a qual resposta lhe foi tambem attribuida a mal porque julgavam d'elle que com os medos que representava queria incitar os povos á sua tyran-

nia por os conhecer tão seus afeiçãoados; mas os segredos e intimos do animo só Deus os pode alcançar; comtudo os prognosticos lhe sahiram bem verdadeiros, o que elle bem podera evitar se temperara suas cousas e se houvera com a Rainha como a razão pedia, como se verá pelo discurso d'este tratado.





CAPITULO VI

De como a Rainha se queixou aos Infantes de Aragão, e á Rainha de Castella, seus irmãos

DA villa de Cintra se passou a Rainha logo a Alemquer e tanto que foi n'elle e a paixão teve algum termo e lhe deu lugar, dado que a ausencia de seus filhos a tivesse em continuas lagrimas de que nunca cessou, por um creado de sua casa se mandou queixar á Rainha de Castella e aos Infantes de Aragão seus irmãos, do Infante D. Pedro, escrevendo-lhe copiosamente tudo o que se passava em Portugal, e as traças e invenções com que o Infante D. Pedro favorecido dos povos e gente plebeia lhe tirara o governo do reino que El-Rei seu marido lhe deixara, e se metter a estava de posse d'elle, e não sómente lhe tirara o governo, mas tambem a criação e tutela de seus filhos, e a consolação que tinha em sua companhia, e não paravam aqui as perseguições e sem razões com que a opprimia, porque tambem publicavam que a ha-

viam de prender, o que elle não castigava, nem atalhava, de que se entendia que o mesmo governador o consentia ao povo, e o havia por bem por ficar mais livre de impedimentos, para conseguir e pôr em effeito a pertença do reino que já claramente se lhe conhecia; que pois estes aggravos e abatimentos de sangue tocavam tanto a elles e a real casa de Aragão, quizessem accudir com brevidade porque quanto se dilatasse mais seria mais difficiloso o remedio, e pois eram tão participantes nos aggravos e affrontas, não dissimulassem em cousa de tanto peso. A Rainha de Castella e os Infantes seus irmãos o sentiram em extremo, mas porque n'esse tempo andavam mui occupados com as competencias que tinham com o condestavel D. Alvaro de Luna que andava mui poderoso, e elles senão achavam com forças para accudir em um tempo á guerra que com elle tinham, e fazer outra ao Infante governador, tomaram o meio de embaixadas, crendo que com ellas alcançariam pelo menos que se dêsse á Rainha a creação d'El-Rei e seu irmão o Infante D. Fernando, com a administração e governo de sua casa. E para esse effeito ordenaram que viesse com a embaixada D. Affonso Henriques, muito seu parente e de El-Rei D. João seu cunhado, que era o segundo do nome em Castella, o qual D. Affonso era bisneto de El-Rei D. Henrique o primeiro d'aquelles reinos, que como pessoa tão qualificada entenderam não deixaria de fazer effeito; o qual veiu a este reino e propoz sua embaixada em presença do governador e dos Infantes seus irmãos e dos condes de Ourem e Arrayollos, que para a ouvirem foram todos chamados; a substancia da qual era, que posto que a Rainha D. Leonor

podera pertender, e lhe pertencia todo o governo do reino como fôra ordenado por El-Rei D. Duarte seu marido, comtudo ella por mais quietação sua e bem do mesmo reino havia por bem perder seu direito comtanto que se guardasse o que nas primeiras côrtes que se fizeram em Torres Novas fôra ordenado e jurado pelo mesmo Infante D. Pedro e pelos Infantes seus irmãos, e o mesmo approvaram todos os fidalgos e prelados com todas as cidades e villas do reino, pelo que com nenhuma razão lhe podia ser tirado, e pois ella se contentava e aquietava com o governo da fazenda e creação e tutella de seus filhos, o Infante D. Pedro se devia contentar com ser governador e deffensor do reino que era a parte mais principal e auctorisada do governo, e que devia notar, e vêr que não sómente se offendia e escandalisava Hespanha com as sem razões que se usavam com ella, mas ainda toda ou a maior parte da Europa onde a fama de tão grandes sem razões se estendia, pois senão contentavam de lhe tirar o governo do reino e tudo que de justiça era seu, mas tambem os filhos que parira, o que nem entre gentes barbaras se permittia; e finalmente concluiu que por entanto que se tomava determinação no mais, que lhe tornassem El-Rei e o Infante seu irmão para sua consolação, e que sobre as mais duvidas se trataria e assentaria o que mais justo e arrazoado fosse.

A toda esta embaixada e particularidades d'ella respondeu logo o Infante D. Pedro que á Rainha lhe não era feita injustiça nem aggravo algum nem se lhe tiravam senão trabalhos e cuidados com que suas fracas forças não podiam; e que ella devia consentir no parecer d'elles e de todo o reino por

mais sua quietação e que a administração d'ella de razão nem de direito lhe podia pertencer, e que fôra dada a quem se devia; em o que tocava a criação de El-Rei e do Infante seu irmão, que fôra determinado por todo o reino que a Rainha o não tivesse; e que se não havia de alterar, nem mudar cousa alguma do que estava ordenado pelos Principes d'elle e os trez estados do reino; o que D. Affonso lhe replicou e lhe foi respondido pelo Infante governador; e por muita instancia que fez sobre lhe serem tomados os filhos e tutellas d'elles allegando muitas razões e sobre todos os inconvenientes das guerras entre estes dois reinos, mortes de gentes, destruições de terras, com outras cousas d'esta qualidade, se lhe não deu outra melhor resposta, e com esta o houveram por despedido e se partiu mui descontente, e foi a Alemquer vizitar a Rainha, e depois de lhe dar conta de sua embaixada e da sua resposta e despacho que lhe fôra dado, a consolou dizendo que tivesse boas esperanças que quando seu cunhado o governador a não quizesse restituir, que por força havia de ser restituída e vingada pelos Infantes seus irmãos, offerecendo-se a ser o executor d'isso com muita gente de pé e de cavallo como principal capitão que era d'aquelles reinos, e particular amigo dos Infantes; com as quaes promessas deixou a Rainha algum tanto consolada, posto que lhe não soffria o coração vêr-se apartada de seus filhos, o que junto com o receio que tinha de sua morte e da tyrannia do Infante governador lhe trazia o coração em continuas atribulações.

D. Affonso se tornou com a ruim resposta de sua embaixada á Rainha de Castella e aos Infantes;

mas como elles não estavam em estado de emprender novas guerras, por não parecer que desamparavam de todo os negocios da Rainha, tornaram a mandar outra segunda embaixada com a qual veiu o Adayão de Segovia, e a deu ao Infante governador sendo presentes seus irmãos e sobrinhos, uzando n'ella de mui differentes termos dos que usara D. Affonso que tinha dado a sua com grande arrogancia e altivez, misturada com grandes ameaças; e esta deu o Adayão com brandas e cortezãs palavras fundadas em amor, parentesco e amizade, em que pedia se guardasse á Rainha a reverencia e acatamento que tinham de obrigação, e lhe tivessem a fé e amor que lhe deviam como a Rainha que fôra sua e mãe de seu Rei, e como a estrangeira lhe seria mal julgado o máo tratamento que se lhe fazia, e lhe guardassem a sua justiça, e pelo menos lhe não tirassem a consolação que recebia em crear seus filhos; ao que lhe foi respondido pelos Infantes, que elles eram muito contentes, e estavam prestes para em tudo a servir e honrar como se fôra vivo El-Rei D. Duarte que estava em gloria, mas que na materia de lhe tornar os filhos na fórma que ella queria, não estava em estado de poder ser, porque fôra assentado em Côrtes por todo o reino se entregassem ao Infante governador, e se lh'os quizesse tornar, seria causa de grandes inquietações de todo o reino, o que ella tinha obrigação de atalhar como mãe do mesmo Rei; e rogaram ao Adayão fosse fallar com a Rainha, e lhe aconselhasse se quizesse aquietar, e não desse causa a novos movimentos, inquietações e guerras de que tanto mal podia resultar, porque com isso ella seria servida, amada e reverenciada como mãe de El-Rei,

e mulher de El-Rei D. Duarte que estava em gloria, e de contrario já via o que podia esperar.

O Adayão se partiu de Lisboa para Alemquer a vizitar a Rainha e dar-lhe conta de sua embaixada e resposta que d'ella houvera, e como o governador não queria vir em sua pertençaõ de lhe tornar El-Rei, e seu irmão, e os grandes inconvenientes que sobre isso se lhe oppunham, e lhe aconselhou que por quanto os negocios de seus irmãos não estavam n'aquella quietação e estado que convinha para poderem accudir a suas cousas com tanta presteza como se requeria, que entretanto dissimulasse e temperasse suas paixões o melhor que podesse, que tanto que os seus negocios fossem postos em boa ordem em Castella, logo em Portugal se trataria de a dar aos seus, e que n'aquelle meio tempo era conselho proveitoso não se mostrar tão descubertamente inimiga do Infante governador, antes com muita paciencia dissimular todas as semrazões que lhe eram feitas, e as que mais lhe fizessem. Não deixou a Rainha de ficar em sua grande tristeza e paixão por vêr o pouco remedio que via em suas cousas, e que as embaixadas lhe não serviam de allivio e consolação, nem a teve nunca, porque o Infante D. Pedro não deixou de a perseguir nunca até o fim da vida.





CAPITULO VII

*Em que se trata de como se entendeu no resgate do
Infante D. Fernando que não teve effeito*

TINHA cessado por algum tempo o que se começara a tratar sobre o resgate do Infante D. Fernando que estava em poder de El-Rei de Marrocos de que se não pode tratar até então por causa das inquietações do reino e das competencias do Infante D. Pedro com a Rainha sobre o governo; e dado que por muitas vezes os mouros haviam sido accommettidos com grande quantidade de captivos e por outras vias, nunca quizeram concluir em nada, posto que por vezes deram mostras de acceitar resgate; e finalmente se veiu El-Rei de Marrocos a declarar que o não havia de dar sem lhe entregarem a cidade de Ceuta segundo a fórmula do contrato que fôra feito com o Infante D. Henrique e os outros capitães da infeliz jornada de Tanger, e no tempo que a Rainha e o Infante D. Pedro e o conde de Arrayollos governavam, por sa-

tisfazer ao Infante D. Fernando, e cumprir a vontade de El-Rei D. Duarte que em seu testamento o mandara e deixara mui encommendado, se determinou o governador com os do conselho que Ceuta fosse entregada, pospostas todas as admoestações do Papa Eugenio, conselhos e pareceres de muitos principes christãos e sobre isso passou as provisões e poderes necessarios com os quaes foram por embaixadores Martim de Tavora, reposteiro-mór e o doutor Gomes Eanes, desembargador do paço, e chegando a Arzila acharam que era morto Salabencala que fôra senhor de Ceuta ao tempo que foi tomada aos mouros, e era ao tempo que morreu o alcaide de Tanger e Arzila, com o qual os embaixadores o haviam de tratar, e havia ficado por sua morte por tutor de seu filho maior Muleybuquer que estava em Portugal e fôra captivo no cerco de Tanger; e querendo os embaixadores tratar com o tutor Muleybuquer, certificando-o de como levavam largos poderes, e quantos eram necessarios para a entrega da cidade; elle se lh'o escuzou dizendo que era materia de tanto negocio e importancia a entrega de Ceuta e a capitania d'ella de tanta honra para o conde de Villa Real que não havia em toda a Mauritania homem que se persuadissem se havia de entregar, principalmente emquanto o conde D. Fernando a tivesse e fosse capitão d'ella que havia de dar mil escuzas e razões para mostrar que não desobedecia a El-Rei de Portugal e seus governadores; e posto que os embaixadores quizeram persuadir outra cousa, nunca quiz vir á conclusão, nem se pode com elle effectuar nada, e finalmente concluíram que Muleybuquer avisasse a El-Rei de Fez Muleybusar da vinda dos embaixa

dores, porque tinha em seu poder o Infante D. Fernando e que se queria no negocio da entrega de Ceuta boa concluzão, mandasse tornar o Infante a Arzila, e como ahi se fosse, se o conde D. Fernando logo não entregasse a cidade como estava ordenado, que então se daria outro meio com que sem haver falta se effectuasse a entrega. D'esta conclusão foi o mouro contente e assentaram mais que emquanto se punha em effeito a vinda do Infante de Marrocos, tornassem os embaixadores a estes reinos, que mandasse o governador com elles outra pessoa a quem fosse entregue a cidade quando o conde D. Fernando logo a não quizesse entregar, sendo entregue o Infante D. Fernando.

Com esta determinação tornaram ao reino os embaixadores, e por acharem o Infante D. Pedro na maior força de suas discordias e o reino inquieto, se não pode tratar do caso e se absteve de todo o Infante D. Pedro estar de posse do governo; o qual logo mandou vir ante si os embaixadores e sendo ouvidos foi o negocio tratado com mais determinação e depois de muitas duvidas e conselho que sobre isso tomaram se resolveu que Ceuta fosse entregada logo quando El-Rei de Fez não quizesse vir em outro partido, e por tirar todos os impedimentos e satisfazer á duvida de Muleybuquer de que a não entregaria o conde D. Fernando por parecer que tinha algum fundamento, se ordenou que fosse entregue a cidade a D. Fernando de Castro e a seu filho D. Alvaro de Castro ou a qualquer d'elles para a entregarem a Muleybuquer e receberem por ella ao Infante D. Fernando e que o conde partisse logo para o reino onde se lhe daria satisfação pela capitania d'ella; e que Martim de Tavora

e o outro embaixador seu companheiro estivessem em Arzilla fazendo o negocio das entregas. Para o que logo foram chamados D. Fernando de Castro e seu filho, o qual o acceitou com grande contentamento e alvoroço; e como era fidalgo illustrissimo, prudente e muito rico, ordenou sua ida com grande apparato por mar e por terra, ao que se dizia que o moviam esperanças que levava de o Infante D. Fernando casar com uma filha sua, parecendo-lhe que seria gran parte para o alcançar ser elle o auctor da sua liberdade; e com estas esperanças levou á sua custa todos os preparamentos de sua camara e os mais necessarios para casa de tal principe e levava mais navios para o conde D. Fernando se vir com todos os moradores da cidade e se recolherem ao reino e dois mil e duzentos homens luzidos e mui bem concertados em sua companhia e para segurança do Infante, entre os quaes iam muitos fidalgos da casa de El-Rei e dos Infantes e com este apparato partiu de Lisboa com prospero vento no mez de Abril de 1441, e passando o cabo de S. Vicente se adiantou o seu galeão da mais armada e indo só mas á vista d'ella se topou com uma carraca de genovezes que andava a corso, a qual o veiu demandar e o afferrou, e posto que D. Fernando se quizesse escusar de vir com elles ás mãos por razão da amizade que este reino tinha com aquella republica, não quizeram elles havel-o por bem e finalmente vieram a pelejar com grande valor de D. Fernando e dos fidalgos que com elle iam em seu galeão e durando a peleja por grande espaço, foi elle morto de um tiro de artilheria, e morreram juntamente os fidalgos e gente do galeão porque a carraca era muito mais poderosa e trazia

muita gente bem armada, e a do galeão ia mais ornada de festas que de armas para a peleja; foi por fim entrado e roubado dos genovezes, os quaes recolhida a rica preza, receiosos perviram que com prospero vento se vinha a armada a elles, metteram as vellas e tomaram por deffensa metter agua em meio, e com grande ligeireza da carraca em breve tempo se pozeram em seguro. Chegaram os navios ao galeão de seu capitão e achando-o morto e o navio roubado e destroçado, e vendo que já não estava em sua mão tomar vingança porque o inimigo se alongava muito e sua carraca era muito ligeira como de corsarios, deram volta a Tavira e o enter-raram em S. Francisco com muitas lagrimas e sentimento de sua morte, e de seu repentino desastre, e triste fortuna. Seu filho D. Alvaro a quem ficava a cargo o negocio do resgate do Infante e capitania, sem fazer mais detença caminhou para Ceuta e de lá fez saber ao Infante governador a dura fortuna de seu pae, pedindo-lhe mandasse novos poderes porque o conde de Villa Real punha duvida na entrega da cidade; e posto n'este tempo D. Alvaro fosse mancebo, era de tão bom entendimento e tão prudente que não duvidou o governador mandar-lhe nova commissão com todos os poderes como lh'os tinha dado em companhia de seu pae, e tratando elle o negocio com Muleybuquer e com El-Rei de Fez, Lazaracharnarim, grande privado de El-Rei e alcaide da mesma cidade de Fez, lhe aconselhou que por nenhum modo se entregasse o Infante, nem sahisse de Fez sem primeiro ser Ceuta entregue, porque não era materia de confiança que os portuguezes não a haviam de entregar por mais segurança que para isso dessem; e assim ordenou e mandou

El-Rei que se fizesse, e o mesmo tinha de antes ordenado Muleybuquer; mas vendo que o negocio se tratava com mais deliberação e que infallivelmente a queriam entregar, e para esse effeito se entregara a D. Alvaro, e era mandado tornar o conde D. Fernando ao reino, o conselho de Larache disse El-Rei que era contente da entrega e troca, se lhe entregassem primeiro a cidade, e que para segurança da pessoa e entrega do Infante se fiassem de sua palavra e juramento que elle jurava por Mafoma de o entregar tanto que Ceuta fôra entregue; no que não quizeram vir os embaixadores nem D. Alvaro, conformando-se todos que as entregas se fizessem ambas a um mesmo tempo, assignando muitos modos como se podiam fazer sem temor de engano ou duvida. Em nenhum d'estes quiz vir El-Rei de Fez, de que se entendeu e viu claramente que não queria fazer a troca, e a razão que se dava e o que se podia julgar era que El-Rei não queria vêr Ceuta em poder de mouros, porque como estava muito malquistado por suas tyrannias e crueldades, se temia da sua lealdade e queria vêl-os opprimidos e apertados com as guerras das nossas fronteiras de Ceuta, que ordinariamente os traziam inquietos com muitas entradas, e faltando-lhe aquella perseguição se voltariam contra elle para se livrar de suas tyrannias; o que assim entendido pelos embaixadores avisaram logo o governador de tudo quanto se passava, o qual sendo bem informado, mandou que se viessem para o reino e houvesse por escusada a negociação, que se consultaria sobre outro meio e se o podesse haver para ser livre o Infante, e se apontaram alguns, mas nenhum teve effeito, e assim veiu o Infante D. Fernando a morrer d'ahi a alguns annos

em Marrocos, soffrendo grandes miserias e trabalhos n'um captiveiro miserabilissimo, o que tudo El-Rei de Fez lhe ordenara e fazia padecer por dar a entender aos principes d'Africa, e a todos os de sua seita mahometana que o fazia em odio dos principes d'este reino, porque se lhe não entregava a cidade de Ceuta, e sendo tanto pelo contrario que elle mesmo não quiz fazer a troca; os quaes trabalhos soffreu o Infante com muita paciencia e humildade, que lhe deram não menos nome que de santo milagroso com que ficou bem illustrado seu real sangue, e por muitas vezes d'aquelle aspero captiveiro avisou ao Infante governador, e aos mais Infantes seus irmãos que de nenhum modo se fizesse éntrega da cidade de Ceuta, dizendo que ia muito mais em se conservar pelo que importava a christandade, que em sua liberdade ou vida.





CAPITULO VIII

De como se partiu a Rainha d'Alemquer para Almeirim

ESTAVA a Rainha na villa de Alemquer, cercada de contiuas tristezas e paixões, que se lhe acrescentavam mais por ser avisada por muitas vezes que o Infante governador sabia todas as cousas que se ordenavam em seu conselho secreto e até os segredos da sua casa, de que veiu em conhecimento que dos que estavam em sua casa e seu serviço alguns o faziam mais por contemplação do governador que por lhe serem leaes; e tambem soube que na mesma villa andavam sempre espias que o avisavam de tudo o que se passava, e o mesmo faziam muitos naturaes da mesma villa, com que se viu totalmente opprimida e quasi privada da liberdade e impossibilitada para tratar de seu remedio, pelo que os seus lhe aconselhavam que se passasse de Alemquer para Almeirim e sobre todos o que mais n'isso insistiu foi o Prior do Crato,

D. Nuno de Goyos, que nunca deixou de a acompanhar e servir enquanto esteve n'estes reinos; porque d'ahi com mais commodidade e segurança se podia communicar com seus irmãos e com os fidalgos do reino, o que poz logo em execução.

Tanto que o Infante D. Pedro soube da sua partida concebeu grande desgosto e paixão, porque ficando-lhe tão desviada não podia cada dia ter recado do que ella fazia por suas espias, e por essa causa determinou passar-se com El-Rei de Lisboa para Santarem, por ficar mais perto e lhe tirar a commodidade de ser vigiada e favorecida de fidalgos, e tratarem com ella o moverem alguma novidade de que elle se temia, e para tambem saber todos os tratos e conselhos que entre elles e os Infantes seus irmãos se tratavam, e tanto que foi em Santarem lhe mandou um recado pelo doutor Vasco Fernandes, em que lhe pedia que se socegasse e aquietasse no reino, e seria servida e amada como era razão, e que não admitisse nem crêsse os maus conselheiros que lhe eram causa de grandes perjuizos para sua alma e grande quebra para seu estado e honra, com outras couzas d'esta qualidade; a que ella lhe respondeu que as obras que d'elle tinha recebidas lhe aconselhavam o modo e animo com que accetaria o seu recado e conselhos, que elles respondiam por ella. Recebida que teve esta resposta mandou o Infante publicar sob graves penas que nenhuma pessoa de grande ou pequena qualidade aconselhasse a Rainha nem tratasse com ella na materia do governo, nem nas mais que estavam determinadas nas côrtes que se fizeram na cidade de Lisboa, nem outrosim dessem causa alguma a inquietar as cousas do rei-

no e governo; e o mesmo foi notificado em particular a muitos fidalgos de grandes casas e estados, e em geral postos editos publicos por todo o reino; o que foi causa de que muitos fidalgos com medo de penas se recolheram para suas terras e não continuaram tanto nas vizitas a casa da Rainha, que era o fim a que o Infante tirava, e não faltaram outros, ainda que poucos, que confiados em seu poder e valias da Rainha que não fizeram muito caso d'estas penas; dos quaes o governador se não temia por os não vêr bem unidos; e todos seus medos e receios eram do Infante D. Affonso e dos Infantes de Aragão que tornavam a ser poderosos e favorecidos d'El-Rei D. João de Castella seu cunhado.

Dentro de poucos dias depois de a Rainha ser em Almeirim foram tomadas cartas suas em Punhete, que mandava a seus irmãos, que foram trazidas ao governador, em as quaes recontava muitas vexações e sem razões que lhe tinha feitas e fazia cada dia, em tanto que chegava a mandar os seus criados e fidalgos de sua casa que a não servissem, e os obrigava com graves penas a que a desamparassem, e os persuadia a que a aborrecessem, que não consentissem ser tão maltratada e dessem ordem que com a maior brevidade possivel se dêsse remedio a suas cousas, e quando não fosse possivel ser logo, dessem mostras de começar as guerras com algumas entradas por aquella parte que mais contraria lhe era, por que porventura com medo os mesmos povos se mudariam, e que fossem certos que lhe não haviam de faltar no reino grandes ajudas, porque o melhor d'elle e toda a nobreza e fidalguia não esperavam mais que vêl-os n'elle com soccorro para se declararem e pôr em campo por sua parte, e prin-

principalmente o Infante D. Affonso e seus filhos a quem seguia a mór parte do reino. Bem conheceu o Infante que se as cousas se ordenassem como a Rainha propunha que não deixaria de haver trabalhos n'estes reinos; e não duvidava que se os Infantes irmãos da Rainha entrassem com gente de guerra que se seguiria tudo o que a Rainha dizia, principalmente tendo os fidalgos cabeça que os governasse; e não duvidava que seu irmão o Infante D. Affonso o fosse, porque bem sabia d'elle que em tudo o que podia o encontrava, e que havendo effeito a entrada dos Infantes de Aragão no reino, se havia de unir com elles com toda a nobreza. Pelo que determinou atalhal-o com lhe fazer guerra a elles em Castella, ou pelo menos ajudar a quem lh'a fizesse; e como sabia, e era notorio que elles andavam mui desavindos com o Condestable D. Alvaro de Luna, a quem não faltava poder e sagacidade com pouco temor de Deus, ao qual seguia e ajudava D. Gutierrez, Mestre de Alcantara, que não era de melhores partes que elle e tão grande inimigo dos Infantes, se carteu com elles e fizeram entre todos uma liga para lhe fazerem guerra e lhe impedir a passagem a estes reinos, o que puzeram em effeito' mandando o governador grandes ajudas de gente, munições e dinheiro, e lhe sahiu tão certo seu pensamento e pertençaõ que o Condestable e o Mestre com sua ajuda apertaram de maneira com os Infantes que não poderam dar ajuda á Rainha sua irmã, e em se deffender d'elles tiveram bem que fazer. E Durando as guerras, com consentimento d'El-Rei D. João se vieram os Infantes a sahir de Castella, ou foram lançados d'ella, e se foram a Aragão a El-Rei seu irmão; com que se ensoberbe-

ceu tanto o Condestable e se fez tão insolente que usou mil tyrannias e crueldades n'aquelles reinos, que veiu a ser degolado em publico cada falso, paga bem merecida de suas obras, porque posto que o Summo Creador algum tempo dissimula com os máos, lhe chega sempre o castigo quando menos o temem.





CAPITULO IX

De como o Infante D. Affonso ajuntou os fidalgos de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes, em favor da Rainha

PUBLICADA que foi a liga que o Infante fez com o Condestable de Castella e Mestre de Alcantara contra os Infantes irmãos da Rainha, foi commumente reprehendida e tida injusta de toda a nobreza d'estes reinos; e a Rainha se mandou queixar d'ella ao Infante D. Affonso e seus filhos e a toda a fidalguia do reino, por ser com os homens com que se fazia, e contra os tios d'El-Rei d'estes reinos, e a mesma queixa á Rainha de Castella, sua irmã, dizendo que já o governador se não contentava de a perseguir a ella dentro n'elles, mas ainda fóra d'elles contra seus irmãos, com o Condestable D. Alvaro, satisfazendo aos particulares odios que o mesmo Condestable com elles tinha, posto que são estratagemas de guerra de que cada um se póde valer e com que se póde livrar das vexações do inimigo.

Tanto que o Infante D. Affonso teve este recado da Rainha, o sentiu gravissimamente, assim pelo parentesco que tinha com os Infantes de Aragão, como primos que eram de sua mulher, com a qual segunda vez casara sendo morta a Infante D. Brites sua primeira mulher, filha do grão Condestable D. Nuno Alvares Pereira, pois as obras não podem ser dignamente louvadas conforme a seus merecimentos; este parentesco o obrigava a deffender suas causas, como tambem por ser em odio da Rainha, com quem tinha o mesmo parentesco; e logo que teve este recado da Rainha se foi a Guimarães, d'onde avisou aos condes seus filhos e ao Prior do Crato, e o mesmo recado mandou aos fidalgos mais principaes de que por aquellas comarcas tinham suas casas, os quaes se ajuntaram brevemente n'aquella villa, e dando-lhe conta da liga, e praticando-lhe a elles a injustiça d'ella, e de quão mau exemplo era por ser feita em nome d'El-Rei d'estes reinos, e contra os tios do mesmo Rei, para vingar e satisfazer paixões de particulares inimigos que contra elles se queriam satisfazer e contra a mesma Rainha mãe de seu Rei, a que era necessario accudirem, podendo ser dado algum remedio; pelo que todos assentaram favorecer a Rainha e pedir ao Infante quizesse tomar a sua conta ser cabeça e governal-os, e que de outra maneira não podia haver ordem nem dar-se a execução cousa que se ordenasse; o que por elle foi acceitado, e a primeira cousa que ordenaram foi avisar os Infantes irmãos da Rainha, que deixadas todas as mais paixões e competencias d'aquelles reinos e guerras que traziam com o Condestable e Mestre d'Alcantara, se passassem logo a esses reinos com a mais

gente que podessem, que o Infante D. Affonso os esperava com o melhor d'elles, e não seria poderoso o Infante governador para lhe resistir, e lhe conviria pedir partido, e ou a Rainha ficaria com tudo, ou pelo menos com o que d'elle quizesse, porque toda a parte do reino que seguia ao Infante era gente de pouca importancia, e todo o melhor era de sua parte. E despachados com este recado fieis mensageiros retomaram as suas terras para se fazerem prestes para que tanto que os Infantes pozessem ordem em sua vinda e entrassem, os achassem apercebidos. Não era a ordem dada de pouco fundamento, mas não teve o effeito esperado, que posto que os Infantes lhe pareceu que era melhor conselho o quizeram seguir e se começaram a fazer prestes de gentes e o mais necessario para a passagem, e no reino se soube tambem; e tanto que veiu á noticia do Infante D. Pedro viu bem quão caro lhe custaria deffender-se se os Infantes passassem na fórma que estava ordenado, principalmente vendo o Infante D. Affonso tão declarado contra si, que tinha acceitado, como acceitou, ser deffensor por parte da Rainha contra elle com todos os melhores fidalgos do reino; pelo que logo avisou os Infantes D. Henrique e D. João que se viessem a vêr com elle para tratarem sobre esse caso, e tomando conselho com elles e com outros da sua parcialidade assentaram que ante tudo era necesssario impedir os tratos do Infante D. Affonso com a Rainha; e para esse effeito se pozeram muitas espias pelos logares por onde se podiam communicar por cartas e mensageiros, e na villa de Almeirim se pozeram diligentes vigias para saberem todos os que saham d'ella e para onde, o que se fez constante vigilancia que não po-

dia sahir nem entrar recado que não fosse tomado, e tambem ordenaram que o Infante D. Henrique se passasse para a sua cidade de Vizeu, e que de ahi com muito cuidado procurasse que não passassem cartas ou recados alguns para o Infante D. Affonso ou para os Infantes de Aragão que não fossem tomados; e para impedir a passagem dos Infantes de Aragão com gente de Castella, ordenaram mandar os embaixadores a El-Rei D. João em que lhe pedissem e requeressem que não consentisse o passar gente armada de seus reinos para estes, pois com elle não havia razão de guerra, que não quizesse dar-lhe occasião e principio. Os quaes foram de tanto effeito que El-Rei D. João mandou pôr em muitas partes de seus reinos editos publicos com gravissimas penas deffendendo que nenhuma pessoa de nenhuma qualidade passasse a estes a fazer ou ajudar a fazer guerra; e assim os Infantes não poderam passar com o apparelho que convinha, pelo que por parte da Rainha se não pôde sahir com cousa de importancia; e não foi muito acabar-se tudo com El-Rei D. João, porque como n'aquelle tempo privava muito com elle o Condestable D. Alvaro de Luna, e tudo se governava por elle, com o qual o Infante governador estava liado contra os mesmos Infantes, e dado que a Rainha sua mulher e os mesmos Infantes fizeram o que de sua parte lhe foi possivel, não poderam alcançar licença d'El-Rei para passar; o condestavel era o mesmo que pertendia impedil-o e dispunha tudo a seu arbitrio; não foram de menos effeito os guardas e vigias que se pozeram, porque foram tão sollicitos que não sahia carta nem despacho que não fosse tomado, o que se fez com tanto excesso que a Rainha se jul-

gou por preza por se não poder communicar com o Infante D. Affonso nem com seus irmãos; o mesmo effeito fazia o Infante D. Henrique em Vizeu que não lhe escapou recado que fosse por aquellas partes que não lhe fosse á mão, e posto que muitos fidalgos e pessoas de qualidade se vieram para a Rainha, parecendo infallivelmente que suas cousas estavam em estado de ficar bem, confiados na entrada dos Infantes de Aragão e no poder do Infante D. Affonso, sendo por cousa certa que o governo havia de tornar á Rainha, vendo agora como as cousas se mudavam e ficava tudo frustrado, a tornavam a desamparar e lhe aconselhavam que se concertasse de algum modo com o Infante e se accommodasse com o tempo, pois via quanto empeoravam suas cousas, e a impossibilidade que se offerencia á sua pretensão, significando-lhe e pedindo-lhe que assentasse que suas honras, vidas e fazendas estavam em perigo manifesto, as quaes ella tinha obrigação de lhe querer conservar para algum tempo a poderem servir com mais effeito do que então podia haver.

Não tinha a Rainha vontade de viver em semelhante partido, mas por satisfazer aos que lhe pediam, e lhe foram sempre leaes amigos, e por que livrar do perigo que sobre elles via se offereceu acceitar qualquer meio, porque como o Infante governador se via já livre e desprezado dos medos que tivera, tratava voltar contra todos os que lhe foram contrarios e castigal-os; pelo que ella vendo suas cousas em tanta miseria mandou chamar o ministro da ordem de S. Francisco, e por elle e por Ruy Gonçalves, secretario, mandou que de qualquer modo que podessem se concertassem com elle, tirando o melhor partido que podessem.



CAPITULO X

*De como a Rainha se concertou com o governador,
cujo concerto se lhe não guardou*

FORAM o secretario Ruy Gonçalves e o Ministro dos frades de S. Francisco, como dissemos, por mandado da Rainha ao Infante governador a tratar com elle de algum concerto e concordia, ao qual levavam cartas de sua mão d'ella, em que lhe dizia como seu desejo era a quietação de sua alma e socego do Reino, e esquecer-se dos agravos que tinha recebidos, que se houvesse com ella como era razão e como mãe de seu Rei e senhor, e mulher de um Rei seu irmão, que tanto quiz e honrou a elle e a seus irmãos, e que lhe lembrava que nos maus tratamentos que se lhe faziam, ganhavam muito em trat-a como merecia e que seu desejo era ser sua irmã e por essa ser tratada e nomeada, com outras muitas palavras d'esta conformidade, ao que elles accrescentaram outras muitas encaminhadas a sua tenção. Lidas as cartas pelo governador, e ouvidos os embaixadores, mostrou

sentir-se no que tocava a dizer que fôra d'elle agravada, dizendo que sua tenção fôra sempre servil-a como tinha de obrigação, mas que ruins conselheiros lhe não deixavam a ella usar da sua real condição, mas que folgava porque já o tempo a ia desmaginando; e vendo que sómente tratava de concerto sem pedir o governo, e se submettia a tudo o que a elle lhe parecesse com que se usasse com ella como quem era, e a não tivessem como presa e impossibilitada de usar de sua liberdade, mostrou grande gosto de ouvir, e respondeu a suas razões com outras de grande cortezia e com a mesma lhe tornou a escrever, e finalmente se concertaram, tornando primeiro o Ministro e Ruy Gonçalves á Rainha a lhe dar conta dos tratos da concordia, e accitados por ambas as partes seus escriptos de uma e outra parte em que se não continha mais que dizer ella que se queria aquietar sem tratar de guerras ou movimentos sobre o regimento do reino, servindo-a e tratando-a como quem ella era e lhe era devido; e da parte do governador se promettia de a servir e honrar e prover com todo o cuidado, e mandar que todos assim o fizessem como em a vida de El-Rei D. Duarte seu senhor; mas foi de parte do Infante tão mal guardado como se logo viu, porque as guardas e vigias se foram continuando com a mesma (ou pouco menos) estreiteza e a casa não foi mais provida que de antes, e os fidalgos não perderam o receio, e assim não continuavam em sua casa e serviço; o que vendo ella se queixou ao Infante governador e aos mais Infantes, mas não foi ouvida nem dado remedio a suas queixas; e o mesmo fez ao Infante D. Affonso em particular e a seus filhos, aos quaes tinha descontenta-

do muito tal concordia; mas não fizeram d'ella muito caso, porque bem entenderam que se lhe não havia de guardar, como logo se viu, pois se lhe não cumpria nada do que o Infante com ella fizera; e condoendo-se da sua miseria e trabalhos e presumindo que seria cada dia peor como quem conhecia as traças e dissimulações do governador, se foi de Barcellos a Guimarães onde fez segunda vez ajuntar os prelados e fidalgos d'aquellas comarcas, d'onde em seu nome e de todos elles por cartas mandaram avisar ao Infante governador que usasse com a Rainha como mãe de seu Rei e senhor, pedindo-lhe e requerendo que dêsse melhor ordem em suas cousas, e que fosse servida, provida e reverenciada como era de razão e como mulher de El-Rei D. Duarte, que tanto o honrara e fizera por elle mesmo governador, e que olhasse que havia de vir tempo em que o soubesse e sentisse, ainda que agora a elle não deixavam saber ou o não entendia El-Rei, que passasse pelo pensamento o que de ahi podia succeder; ao que respondeu de palavra aos mensageiros que seu irmão se devera aquietar e não dar no reino occasião de inquietações e revoltas, sem para que o tempo lhe diria o que com ellas accrescentava em suas cousas, e o mesmo veriam os mais que n'isso o seguiam, que a Rainha era tratada e servida como devia, porque isso a elle tocava, e não tinha ninguem para que se entrometter n'esta materia; a qual resposta deu com grande arrogancia, e finalmente esta embaixada antes damnou á Rainha do que lhe foi de proveito, porque se até então fôra maltratada, d'ahi em diante o foi muito peor.

Tendo esta resposta se tornaram a ajuntar, e juntos tratou com elles d'aquellas semrazões, trazendo

do-lhe muitas, porque tinham obrigação de favorecer a Rainha, e depois de bem praticado entre todos, vieram em que pois n'aquella occasião não tivera effeito sua pertensão, pela passagem dos Infantes de Aragão, fossem todos prestes para todo o tempo que se offerecesse, e sahisses por ella emquanto lhe fosse possivel, e com parecer de todos a avisou que com aquella concordia mal guardada que fizera com o governador, dera causa a enfraquecer suas cousas e desanimar a todos os fidalgos seus servidores, porque sendo assim, e que a vissem em casa e poder do Infante governador, como todos imaginavam e se esperava de seus tratos, não tratariam mais do que tocava a ella, antes cada um em particular ordenaria de salvar a si, e as suas cousas, e as d'ella e de El-Rei seu filho iriam sempre em diminuição, faltando-lhe seu favor, e que imaginasse que se o governador não receara e temera os que faziam por sua parte, e pela de El-Rei seu filho e se vira livre da contradicção que elles lhe faziam. E cousa sem duvida que tivera visto grandes mudanças no reino, mas que elles lhe serviam de freio para se recolher e não determinar ao que lhe pedia a vontade, e que pois via o pouco proveito que tirara da concordia e tratos que tivera com o governador, que se de antes era maltratada e perseguida o não fôra menos depois, que já que tinha razão de novo para se dar por aggravada por lhe não cumprir nada do que com ella tinha assentado, seu parecer d'elle e de todos aquelles fidalgos era que o mais breve que podesse se passasse ao Crato secretamente, onde tinha por si o Prior com suas terras e fortalezas, que d'ahi podia seguramente passar o Tejo, onde o Marechal, com outros muitos fi-

dalgos, se iriam para ella, que não esperavam outra cousa, o que não podia ser em Almeirim por estar tão perto o Infante D. Pedro, porque sendo assim elle mesmo seria com ella com que mais fidalgos, e sendo necessario a recolheria em suas terras e começaria a governar por aquellas comarcas, e que passando os Infantes seus irmãos com qualquer poder, succederiam as cousas como elles quizessem, e que se assim succedesse e se visse a sua parcialidade com estas forças, muitos fidalgos que se não declaravam, accudiriam como tinham na vontade, o que não faziam por verem sua parte tão debilitada, e todos descobertamente fariam seu negocio tomando mais confiança de suas cousas.

Este recado do Infante D. Affonso viu a Rainha por tal modo que não bastariam os vigias e guardas do Infante governador, nem as do Infante D. Henrique para lh'o poderem impedir, e tanto que lhe veiu o communicou com alguns fidalgos da sua casa de mais confiança, os quaes o houveram por mais acertado conselho que se podia tomar, e lhe aconselharam que logo o pozesse por obra, e com brevidade possivel o fazer saber ao Prior do Crato com outra semelhante industria como a com que fôra avisada do Infante D. Affonso. Tendo o Prior do Crato recebido este recado, não deixou de temer o governador, como homem de grande prudencia, experiencia e idade, parecendo-lhe que succedendo assim elle e suas cousas ficavam mui arriscados, porque conhecia bem o governador, sabia o rigor com que tratava todos aquelles que lhe encontravam de sua vontade; e respondeu á Rainha com boas palavras de offercimentos, mas desejando impedir-o, querendo-lhe fazer crêr que os fidalgos pro-

mettiam mais do que haviam de cumprir, e que temia que tudo eram palavras, e por isso não tinha por acertada sua passada para o Crato, que olhasse primeiro que o negocio era de grande peso, e que o Infante D. Pedro como todos entendiam folgaria com qualquer pequena occasião para n'ella fundar maiores semrazões e perseguições, quanto mais que essa que elle havia de encarecer e querer fazer muito grande, e outros muitos haviam de ser do seu parecer; mas que sem embargo d'isso, e de todos os mais inconvenientes, e lhe estava prestes para a servir e offerecer por seu serviço vida, honra e estado, e o estaria sempre tambem para a servir e deffender em suas terras emquanto lhe fosse possível, pospostos todos ou quaesquer inconvenientes que se podiam oppôr.

Algum tanto ficou a Rainha suspensa com as duvidas que punha o Prior do Crato, e avisou ao Infante D. Affonso da sua resposta, o que sabido pelo Infante mandou avisar ao Prior do Crato por Ayres Gonçalves, seu secretario, e mesmo a ida da Rainha era com sua ordem, e com parecer de todos os fidalgos d'aquellas partes, que não duvidasse de a recolher; o que visto pelo Prior se dispoz logo a recebê-la em suas terras sem medo dos perigos que se lhe representavam; para o que foram de grande ajuda dois mancebos filhos do Prior, orgulhosos e valentes, que fizeram tudo facil, parecendo lhe que tinham entre mãos occasião de grandes honras; e tanto que se determinou, ordenou de se fortalecer, munir e prover seus castellos o melhor e mais encobertamente que pôde, ainda que não foi como era necessario, assim por não querer ser sentido, como por haver falta de mantimentos.



CAPITULO XI

De como a Rainha se passou de Almeirim para o Crato

TANTO que a Rainha teve determinada sua partida, mandara os seus que se apercebessem de cavallos e o mais necessario, dizendo que queria ir ao mosteiro da Batalha fazer o sahimento e solemnidades d'elle, que ainda não tivera tempo de o fazer, porque não suspeitasse o governador alguma outra cousa, e por mais dissimulação mandou negociar na Batalha algumas cousas que parecessem mais necessarias para as solemnidades das exequias e celebração d'aquelle acto. O Infante D. Pedro soube bem d'estes preparamentos, mas não pôde alcançar a tenção com que se faziam, porque a Rainha o communicou com poucos, e esses muito fieis, porque tambem os tratos que tinha o Infante D. Affonso com ella sobre sua ida para o Crato não lhe viera a noticia, como havia pouco que fizera com ella sua malguardada amizade, não

lhe pareceu que seria mais do que ella dizia e seus criados publicavam; por essa razão não fez deligencia pelo saber, e tambem por se não dizer que dava occasião a novas discordias; ella antes de se pôr a caminho mandou chamar João Fernandes de Moura, seu confessor, que era um religioso de grandes lettras e virtudes, que estava em Santarem no Convento de S. Domingos, e vindo com grande segredo, lhe deu conta de sua determinação, dizendo-lhe que o fazia por fugir ás perseguições do Infante governador, dando-lhe conta do que em seu favor lhe estava ordenado pelo Infante D. Affonso; o qual ouvidas estas razões lhe reprovou com outras muitas mui bem fundadas, persuadindo-a a que se aquietasse e soffresse com paciencia todas as semrazões que lhe eram feitas, e se lhe fizessem, porque indo-se para o Crato haviam de ser muito maiores, e no desterro que se lhe esperava se havia de vêr em grande desamparo cercada de grandes desventuras, e que não fizesse tanto caso das negociações que dizia, porque nunca as cousas succediam como se esperava, que bem via quão impedidos estavam seus irmãos para lhe poder accudir, e que sem elles o Infante D. Affonso, nem os fidalgos do reino se haviam de aventurar; das quaes cousas pareceu fallar com espirito prophetico, que tudo lhe succedeu como pintou, e o tempo lhe mostrou quão acertado fôra tomar seu conselho e accommodar-se com o tempo, e lhe pesou muitas vezes, dando de mão a todas as vaidades e presumpções do mundo, e de se não accommodar a uma vida quieta e isempta de mil desgostos e desaconchegos, mas porquanto muito fez e disse, a não pôde mudar de sua determinação, fundando-se em ou-

tras razões de honra e presumpção que lhe parecia serem de mais força, e se despediu d'elle com grande sentimento, e poz em ordem sua partida, que foi um dia antes de vespera de Todos os Santos, e como tinha concertado vieram os dois filhos do Prior do Crato com boa gente, com a qual chegaram até junto de Almeirim, e deixando-a um pouco desviada em logar que não podesse ser descoberta, entraram na villa, com cuja chegada a Rainha se poz em ordem de partir acompanhada de grandissima tristeza e lagrimas que não pode encobrir. Em andando vira alguns fidalgos em que tinha mais confiança, lhe deu conta de sua determinação, que foram sómente D. Fernando, senhor de Cascaes e sua mulher D. Maria de Vasconcellos, D. Affonso seu filho, Nuno Martins da Silveira, que fôra aio de El-Rei, e lhe foi tirado o cargo pelo Infante D. Pedro, Diogo Gonçalves Lobo, veador de sua casa, João Vaz Marreca, seu secretario, Pedro Annes Lobato, que havia sido regedor da justiça e tambem fôra privado pelo governador por ser afeiçãoado ás cousas da Rainha, D. Maria, sua camareira e Beatriz Corelha, dama aragoneza; e mandando a estes pôr em ordem sua partida, com o que se havia de ter n'ella, os despediu para se aprestarem para a partida e se recolheu para a sua camara dando as boas noites, e passadas duas horas se sahiu com muito silencio por uma porta que sae para a coutada, onde estavam esperando os fidalgos e mais pessoas que tinha avisado, com os filhos do Prior, e levou comsigo a Infanta D. Joanna, menina de mama, com sua ama. Com esta companhia foi caminhando para o paul onde estava a gente que viera com os filhos do Prior, e ahi seguiram seu caminho para o Crato. Não se-

ria passada uma hora quando na villa se levantou um grande rumor com grande medo e alvoroço, dizendo que o governador mandava prender alguns fidalgos que estavam com a Rainha, com que se viram os que ficaram mui atalhados e indeterminados, e muito mais quando souberam de sua partida, porque se lhe não tinha communicado por causa do segredo que era necessario por não vir a noticia do governador até não serem alongados, tendo-se por certo que os mandaria prender a todos, porque sem se saber, nem presumir se soube que assim o tinha ordenado, posto que outros diziam que não era mais que querer-lhe pôr medo para a desampararem e deixarem sua casa, e por isso ordenava aquella noite o alvoroço, e para d'ahi tirar occasião de os perseguir, mas não que fosse sua tenção prendel-os.

Com esta confusão e alvoroço se pozeram em caminho todos os que ficaram, em seguimento da Rainha, que logo se soube o caminho que levava, cada um como melhor podia, uns a pé, outros a cavallo, com tão grande medo e inquietação que se acharam sendo manhã muitas damas e donzellas perdidas pelos mattos, e deixados todos os bens, fazendo sómente por salvar suas pessoas e vidas como se fôra rebate de inimigos da fé, e se temeram da morte ou captiveiro. Uns alcançaram a Rainha, outros a não poderam alcançar se não dentro no Crato, e ella com sua companhia seguiram seu caminho, não com pequeno medo, porque sendo alcançada de alguns dos que ficavam, souberam o alvoroço que andava na villa com a fama da prisão, pelo que houve grande receio de serem seguidos de alguma gente de cavallo com a qual se não podia escusar

revolta, do que a Rainha ia mui inquieta; e com esta travacão foram aquelle dia dormir a Ponte do Sôr, e o outro dia ao Crato, onde o Prior estava esperando meia legua da villa, e tanto que chegou a Rainha pondo o joelho em terra lhe entregou as chaves de suas fortalezas, beijando-lhe primeiro a mão com muita humildade e offerecimentos, e ella o agasalhou com grande agradecimento, e mostras bem conformes a necessidade que d'elle tinha.





CAPITULO XII

De como o governador soube da partida da Rainha e do que sobre isso fez

COMO na villa de Almeirim foi tão grande a inquietação e foi sabida a partida da Rainha, dentro de breve espaço deram as vigias recado em Santarem a Gil Pires, corregedor da côrte, que sendo a meia noute se foi ao paço e lh'o fez a saber, sem saber dizer com certeza o caminho que levava, nem a gente que ia em sua companhia, e se levava as Infantas suas filhas; e sendo passadas poucas horas chegaram novas vigias com recado mais certo que certificaram de seu caminho, e de como levava a Infanta D. Joanna, e deixava em Almeirim a Infanta D. Leonor, enferma, com todas suas donas e damas, e com toda sua casa e recamara; mostrou o governador notavel sentimento da partida da Rainha, posto que muitos julgavam d'elle o contrario, porque lhe parecia servir-lhe para suas pertensões; e tanto que foi manhã mandou a

Martim Affonso de Miranda que fosse a Almeirim tomar toda a fazenda que se achasse da Rainha, e de todos os fidalgos e mais pessoas de sua casa, e tudo pozesse em arrecadação e se entregasse aos ministros e officiaes de El-Rei; o que logo Martim Affonso poz em execução tomando e confiscando tudo para a corôa conforme lhe tinha mandado o governador; o qual se partiu logo para Almeirim a buscar a Infanta D. Leonor e a entregou a D. Guiomar de Castro, que foi sua aia, que a acompanhou até o tempo em que partiu d'estes reinos para imperatriz de Allemanha, e despachou para o Crato em nome de El-Rei a Diogo Fernandes de Almeida, veador da fazenda, a pedir á Rainha com muitas palavras de cortezia e segurança se tornasse a Almeirim ou a qualquer terra do districto e comarca de Lisboa ou Santarem, qual ella quizesse escolher, e não o querendo fazer entregasse a Infanta D. Joanna; e se tudo negasse lhe notificasse perante notarios publicos que para isso havia de levar, que elle se havia por desobrigado em seu nome e de El-Rei seu senhor de lhe dar dote ou outra alguma cousa para seu casamento ou para sustentação sua e da mesma Infanta. Aceitou Diogo Fernandes a embaixada e partiu com ella de Santarem, mas não satisfez ao que lhe fôra mandado, porque de Alter do Chão, onde chegou, que fica perto do Crato, se tornou a Santarem sem mais recado que umas escusas de não chegar a ella, dizendo que soubera ahi decerto que a tenção da Rainha era não vir em nada do que em sua embaixada lhe ia requerer, e com esta fria resposta se aquietou o governador; pelo que se entendeu e teve por certo que eram traças suas e dissimulações, e que assim o mandára e

ordenara a Diogo Fernandes como elle o fizera, e outros que eram mais affeiçãoados ás cousas do Infante attribuiram a que o embaixador Diogo Fernandes não cumprira com a obrigação da embaixada por não desgostar ao Prior do Crato, cujo genro era; mas se assim fôra, mais de crêr é que não accetára a jornada, pois a não havia de dar a execução.





CAPITULO XIII

Da liga que o Infante D. Affonso fez com El-Rei de Navarra e os Infantes de Aragão em favor da Rainha, e do que o Infante governador contra ella fez

VENDO o Infante D. Affonso a Rainha já no Crato conforme ao que tinha assentado com ella e com os fidalgos do reino, e elle por principal favorecedor e cabeça de sua parcialidade; revidando o fim que podiam ter aquelles negocios, pelo que lhe era necessario fortalecer seu partido, e vendo a liga que o Infante governador tinha feito com o Condestable D. Alvaro e com o Mestre de Alcantara, tratou de fazer outra com El-Rei de Navarra e com os Infantes irmãos da Rainha, a qual se effectuou por seus embaixadores, e entre outras capitulações que fizeram foram as principaes que haviam de ser amigos de amigos e inimigos de inimigos, e se haviam de ajudar com gente de armas todas as vezes que fosse necessario e fossem requeridos; da qual liga e capitulações foi logo sabedor o Infante governador, de que não ficou pouco

assombrado e temeroso, porque bem via que tendo tão grande cabeça no reino, se os fidalgos vissem dentro n'elle gentes de fóra sem falta se reuniriam todos contra elle e ficaria mui difficultoso seu partido, mas sabia elle tantas traças e tão boas que tudo desbaratou, com que a guerra que se lhe pertendia fazer n'este reino se fizesse em Castella aos Infantes por meio do Condestable D. Alvaro.

Não ficaram menos espantados os Infantes D. Henrique e D. João, porque viam que movendo-se a guerra contra o Infante governador e ficando elle de uma parte e da outra o Infante D. Affonso seu irmão, elles por ambas as partes interessados principalmente o Infante D. João, porque de uma parte lhe ficava o governador seu irmão a quem elle sempre favorecera e respeitara, e por seu parecer se investira no governo do reino, e da outra parte seu irmão e sogro o Infante D. Affonso, pelo que mettido n'esta confusão e querendo dar algum meio para que não viessem a rompimento, despachou a D. Vasco Gil, seu confessor, com recado e embaixada para o Infante D. Affonso, o qual Vasco Gil foi depois provido no bispado de Evora, com o qual lhe mandou estranhar muito a liga e capitulações d'ella, e persuadir que em todo o modo se apartasse d'ella e não fosse contra o governador seu irmão, e se conformasse com elle.

Outra similhante embaixada lhe mandou o Infante D. Henrique por Fernão Lopes de Azevedo, commendador mór de Christo, ás quaes embaixadas respondeu o Infante D. Affonso que elle sabia bem o que lhe importava, e o que tinha feito convinha-lhe ser assim, e o fizera não por seu particular interesse, mas porque assim convinha ao serviço de

El-Rei e bem commum do reino, e que finalmente por nenhuma via desistiria da liga que tinha feito e capitulações d'ella; e o mesmo respondeu a seu filho o conde de Ourem que sobre o mesmo negocio foi a elle a pedimento e instancia do Infante governador, por lhe não ficar cousa que tentar sobre vêr se o podia mudar de seu proposito. E fez o conde aquelle caminho porque n'esse tempo estava mui amigo com o governador e se não quiz unir com seu pae, antes dava mostras que se viessem a romper ambos um contra o outro, que seguiria a parte do governador seu tio, pelo que alguns quizeram entender que o fazia de industria e com licença do mesmo pae, porque se a parte da Rainha prevalecesse ficassem seguras as cousas do conde seu filho, e quando as do Infante governador ficassem superiores, não houvesse detrimento nas suas por rasão de seu filho, e assim para que sempre um d'elles tivesse em sua casa grande accrescentamento tirado d'aquella parte a quem seguisse, que como toda era uma casa, viria a redundar em proveito de ambos; e tambem se entendeu que queriam vêr o reino em necessidade de suas pessoas e poder (que era grande), o que era forçado succeder havendo guerras, para que depois lh'o compozessem com villas e castellos, como aconteceu; porque não tinha o Infante D. Affonso tão grandes obrigações á Rainha que por seu respeito se encontrasse com o governador e com todos seus irmãos.

Vendo pois o Infante governador as cousas postas em tanto rompimento, e seu irmão tão declarado contra elle, com todos os fidalgos do reino e liga feita de que senão esperava menos que gran-

des guerras civis e domesticas, e se viu mettido em grande confusão e mandou logo avisar a seus irmãos e a todas as cidades e villas do reino, e alguns fidalgos que eram de sua parcialidade que se apercebessem de gente de armas, fortalecessem os castellos e recolhessem n'elles todos os mantimentos, armas e munições que podessem, com tudo o mais necessario, por que não sabiam quando, nem por que parte haviam de ser commettidos ou se o seriam por mais de uma, e da sua mão escreveu á Rainha com grandes mostras de amor e grandes agradecimentos e promessas, e que tornando-se para dentro do Reino faria quanto ella quizesse; com as quaes mandou um fidalgo de sua casa, ao qual mandou que tomasse por instrumento certos requerimentos que lhe mandava fazer, se ella não quizesse conceder no que lhe pedia, e tomasse tambem por instrumento publico a resposta que desse, para constar a todo o tempo; mas como a Rainha sabia que as promessas do governador não eram mais que palavras sem fructo, nem quiz ouvir seu recado, posto que recebeu sua carta. O governador repartiu logo as comarcas e deffensão d'ellas e encarregou a provincia da Beira ao Infante D. Henrique, a de Entre-Tejo e Guadiana ao Infante D. João, á cidade do Porto mandou Ayres Gomes da Silva com os da cidade e comarca fazer resistencia a tudo o que naquellas partes se offerecesse, e mandou fixar editos publicos em muitas partes que á villa do Crato e aos mais logares do Prior não dessem mantimentos mais que para vinte pessoas do serviço da Rainha e da Infanta sua filha; de que ella se deu por mui offendida, queixando-se a Deus e ao mundo, e o mandou tomar por instrumentos publi-

cos ; e o Infante governador se ficou na cidade de Lisboa em deffensão da Extremadura, e fez capitão-mór d'esta parte que ficava a sua conta a seu grande amigo o conde de Abrantes.





CAPITULO XIV

De como o Infante D. Henrique se foi vêr com o Infante D. Affonso para o concertar com o governador

PARECENDO-LHE ao Infante D. Henrique que todas estas inquietações e guerras cessariam se se podesse acabar com o Infante seu irmão se apartasse da liga de El-Rei de Navarra e Infantes de Aragão, e se tornasse á amizade do governador, como na verdade assim era, quiz vêr se os podia conformar, para o qual effeito se foi logo a Vizeu, e d'ahi á cidade de Lamego, onde elle estava, e lhe mandou recado que se vissem no Mosteiro de Tarouca, que está junto da cidade, aonde tiveram grandes duvidas, dares e tomares sobre a pertensão que levava, mas por mais que insistiu não pôde acabar que se mudasse seu proposito, nem pôde saber d'elle em particular que agravos tinha recebidos do governador, ou porque razão, sendo seu irmão, lhe era tão contrario, que sustentasse contra elle a parte da Rainha, sendo estrangeira, e

não lhe tendo tão grandes obrigações; a que o Infante D. Affonso lhe respondeu com palavras geraes, dizendo que sempre n'elle achara um certo odio a suas cousas, que lhe merecia aquellas obras e outras muito peores, quanto mais que a que elle seguia era a razão e justiça, e a mesma seguia toda a nobreza do reino, e elle mesmo Infante D. Henrique tinha obrigação de a seguir, acrescentando por modo de remoque que nenhuma lei divina nem humana permittia que uma Rainha tão virtuosa que n'aquelle reino fôra tantos annos, e mãe do Rei e senhor d'elle, e do governador, e de todos elles, lhe tirassem não sómente o governo d'elle, que El-Rei seu marido lhe deixara, e o mesmo governador e elles todos com todo o reino lhe confirmaram com solenne juramento em côrtes geraes, mas ainda lhe tirassem a criação e companhia de seus filhos, e o que peor era que até o que El-Rei seu marido lhe deixara em seu testamento, e o dote que trouxera de Aragão, lhe tomavam por modo de confiscação, como se tivera commettido alguma grande herezia ou crime de leza magestade; e que ainda não paravam aqui as semrazões do governador, tudo por consentimento d'elle e do Infante D. João, que lh'as puderam estranhar, e remedial-as, e chegavam com ella a tal estado que lhe negavam o necessario mantimento para ella e para a Infanta D. Joanna, irmã e filha de seus Reis, que não sabia em que havia de parar o Infante D. Pedro com sua grande ambição, emboçada com hypocrisia, que se podia temer que quem d'essa maneira tratava mãe e irmã de seu Rei, o mesmo faria a elle, concluindo com dizer que em que conta haviam elles ser tidos em os reinos estranhos onde se soubesse o que n'este

se fazia á mãe do proprio Rei, e em qual seria tido o mesmo Rei se o não castigasse depois de ser homem, e que elle tinha obrigação de tudo advertir a seu irmão e ordenar que fosse a Rainha bem tratada, como era razão, e que o governador temperasse suas cousas.

Confuso ficou o Infante D. Henrique da resoluta e determinada resposta de seu irmão, e vendo que era escusado gastar com elle mais palavras, se despediu d'elle pedindo-lhe que até vir recado seu, não fizesse nada de novo, porque queria vêr se podia dar algum meio entre a Rainha e o governador, o que não houve effeito, porque o governador não quiz vir em cousa certa, e tudo fôra satisfazer com palavras geraes e muitas promessas de que o Infante D. Henrique não lançou mão por vêr quão mal cumpridas foram por muitas vezes; e ao partir levou comsigo Martim Vaz da Cunha, e o marechal, que persuadidos por elle o acompanharam e se passaram ao governador, sendo até então da parcialidade do Infante D. Affonso, o qual o sentiu notavelmente quando o soube.





CAPITULO XV

De uma embaixada que veiu d'El-Rei de Castella sobre a Rainha, e a resposta d'ella

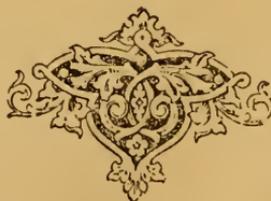
No tempo que estas cousas passavam em Portugal, mandou a elle El-Rei D. João de Castella por embaixadores D. Affonso, filho natural de El-Rei de Navarra (que depois foi duque de Villa Formosa) e o bispo de Coria, pessoas de grande auctoridade, e com elles alguns fidalgos e lettrados. E por esta ser a primeira embaixada que veiu a estes reinos de El-Rei D. João, depois do governador estar em posse do governo, quiz elle que fosse celebrada com grande magestade, e para isso mandou ajuntar todos os cortezãos e fidalgos que poude e a recebeu com muitas e desacostumadas cerimonias; a qual embaixada substancialmente continha duas cousas, a primeira em que fizeram mais instancia, foi a restituição da Rainha ao governo, e outras pretensões tocantes ao mesmo genero; a segunda tomadas de navios e outros dam-

nos feitos por mar por alguns capitães d'estes reinos, de que pediam inteira satisfação, com apercebimento que não sendo bem despachados denunciassem guerra com todo o rigor; e como se dilatasse resposta da embaixada, porque o governador ia con-temporisando com elles, dando por razão que os Infantes seus irmãos não estavam na côrte, e elle não havia de responder sem elles, requereram em nome de seu Rei e da Rainha D. Leonor que lhe dessem livre passagem para Castella, e lhe fossem entregues seus bens, assim os que trouxe em dote, como os que houve de El-Rei D. Duarte seu marido, porque não queria ser presente aos males que se aparelhavam a este reino; e fez El-Rei D. João tanta força n'esta embaixada, porque no tempo que despachou eram governados seus reinos pelos Infantes de Aragão, irmãos das duas Rainhas de Portugal e Castella; mas tardou pouco tempo que se mudasse o estado d'estas cousas com a mudança da privança, porque entrou n'ella o Condestable D. Alvaro que tinha feita liga com o Infante D. Pedro e se trocou o favor que a Rainha tinha em perseguições. Traziam mais por ordem os embaixadores que havida liança do governador notificassem e publicassem sua embaixada pelas principaes cidades e logares do reino, com pretexto que com medo das guerras que vinha ameaçando se mudariam á parte da Rainha, e faltando alguns povos ao governador o obrigaria a concertar-se sem esperar guerras; mas depois de passados muitos dias que se dilatou a resposta se lhe deu bem contraria do que elles esperavam, e a nenhum dos requerimentos de sua embaixada se defferiu em fórma, e muito menos a este ultimo, respondendo-lhe que encontrava a auctoridade do

governador e serviço de El-Rei, e que assim nem convinha nem se devia fazer pela pouca razão em que era fundado, e só a este respondeu com resolução, e para os mais tomaram alguns dias de tempo para tomar sobre isso conselho, e para responder avisou os Infantes seus irmãos e aos condes seus sobrinhos e ás cidades do reino, mandando-lhe o theor da embaixada e treslados d'ella, e tendo as respostas de cada um d'elles, mandou ajuntar os do conselho que estavam com elle em Santarem, que depois de bem praticado com elles e tomados os pareceres de todos e respostas que tinha por cartas dos ausentes, e em particular dos Infantes e condes, excepto o do Infante D. Affonso a quem elle o não pediu nem estava em estado de lh'ò dar; tomou a determinação que lhe pareceu e respondeu aos embaixadores no que tocava ás tomadas de navios, que para justificação de que não queria semrazões havia por bem se tomassem juizes arbitros de que determinassem as duvidas, de modo que os damnificados se satisfizessem, e se desse ordem que de ahi em diante se procedesse com muito rigor contra os que fizessem semelhantes semrazões, e quanto nas cousas que tocavam ao governo e á Rainha, que El-Rei mandaria seus embaixadores ao de Castella com muita brevidade com que se satisfizesse inteiramente de modo que El-Rei seu senhor se houvesse por bem respondido, para o que foi mandado em companhia dos embaixadores de Castella Lopo Affonso, que o governador havia feito secretario do reino, homem pratico e entendido, com ordem para que contemporizasse e dilatas-se a determinação, porque entendia que com metter tempo no meio faria seu negocio, porque tinha

sabido de Castella, e assim lh'o tinha dito o Bispo de Coria, que o Condestable D. Alvaro tomava a privança de El-Rei e esperava de o mudar por razão da liga que com elle tinha, e com isto desfazer a pertensão da embaixada; o que não tardou muito que não fosse visto por obra, porque o Condestable foi crescendo tanto na privança de El-Rei, que por sua ordem se mudaram todas as cousas e toda a negociação que havia por parte da Rainha; a embaixada por então ficou em suspenso sem mais se tratar d'ella, antes os Infantes de Aragão foram declinando, e d'ahi em diante seu poder foi mui pouco em Castella, em tanto que lhe foi necessario passarem-se a Aragão, tendo primeiro por algum tempo guerras com o Condestable. Despedidos os embaixadores que se não houveram por satisfeitos com a resposta do governador, elle tornou a escrever á Rainha em nome d'El-Rei seu filho, pedindo-lhe não quizesse inquietar o reino nem passar-se a Castella, que com isso punha grande nota em sua virtude, porque d'ella se esperavam differentes obras do que podiam resultar de sua passada áquelles reinos, e que bem sabia que estes a quem dava occasião de destruição eram de El-Rei seu filho, e que ninguem tinha mais razão de os conservar que ella, a quem cabia grande parte de seus trabalhos, prometendo-lhe que todos a serviriam como tinham de obrigação, querendo dar de mão a pertensões escusadas; mas todas estas lembranças e persuasões lhe não mudaram nada de seu intento por já estar determinada em sua partida, e porque tambem não confiava nas promessas do governador, dizendo que havia sido muitas vezes enganada d'elle, e que já bastavam com ella tantos embustes e enganos, e

com esta resposta despediu os mensageiros, confiada que haveria effeito o que fôra tratado com ella pelo Infante D. Affonso e o Prior do Crato e os mais fidalgos que com elles deram grande ajuda ás promessas que os embaixadores lhe fizeram quando se foram recolhendo para Castella, certificando-a que tanto que chegassem áquella côrte se daria ordem de apertar o negocio, e que quando por bem não houvesse effeito, á força de armas e da cruel guerra lhe fariam dar o governo, porque para isso se andavam já aprestando El-Rei e os Infantes seus irmãos.





CAPITULO XVI

De como o governador tratou de trazer a sua obediencia o Prior do Crato, e diligencias que sobre isso fez

ERA o Prior do Crato uma das principaes pessoas que n'estes reinos seguiam a Rainha, que estava tão declarado por ella como fica dito; a este pertendeu o Infante D. Pedro tirar de sua devoção por intercessão do Infante D. Henrique, a quem estava mui obrigado, por ser a principal parte e intercessor para haver o priorado; o qual a instancia do governador o pertendeu negociar e para o effectuar lhe mandou seus mensageiros com cartas de sua mão, em que lhe estranhava e reprehendia a determinação que tomara de encontrar tão descobertamente as cousas do Infante D. Pedro, e se oppôr por deffensor das mal fundadas pretensões da Rainha, aconselhando-o e persuadindo-o que logo se viesse ao Infante pessoalmente a desculpar com elle, e d'ahi em diante lhe obedecesse e o servisse, pois tinha o lo-

gar e vezes d'El-Rei seu senhor, affirmando-lhe que todos os que seguiam outra cousa iam errados e estavam em manifesto perigo de se perder.

Ficou o Prior mui confuso com esta embaixada por suas razões que em seu peito faziam grande repugnancia, que eram por uma parte ter recebido a Rainha em suas terras, e por assim ser, estar obrigado a deffendel-a e amparal-a emquanto seu poder alcançasse, até sobre isso perder a vida, e assim o tinha promettido ao Infante D. Affonso e tratado com os mais fidalgos e prelados do reino; a outra o respeito que tinha e devia ao Infante D. Henrique, que o pozera n'aquella grande dignidade, e juntamente o grande perigo a que se o punha e em que ficava elle e sua casa, não querendo obedecer a seus mandados e governo; mas n'esta grande confusão tomou um meio, que foi escusar-se com o Infante D. Henrique e com o governador com ser velho e mal disposto, e não se achar em estado para se pôr a caminho, mandando em seu nome um filho chamado D. Fernando de Goes a desculpar-se com elle, escrevendo a ambos com muita submissão e humildade, dizendo que elle recolhera a Rainha em suas terras como sua senhora e mãe d'El-Rei seu senhor, mas não com animo ou tenção de desobedecer ou offender o governador ou o encontrar em cousa alguma, e estava prestes e sempre o estivera para em tudo o servir e não faltar nunca com a obediencia devida a seus mandados; não foi bem recebida esta escusa do Prior pelos Infantes, porque lhe parecia que eram escusas, pois as obras com a resposta não diziam.

A Rainha tanto que foi no Crato, despachou mensageiros por todo o reino com cartas em que com

muitas razões se escusava da sua passada de Almeirim para aquella villa, dando por principal e bastante causa entre outras muitas que o Infante D. Pedro a tinha em Almeirim como presa, com muitos guardas e mostras de outra prizão mais apertada e mais affrontosa, e que sem duvida já estivera com grande quebra da real casa de Aragão, e não menos descredito da de Portugal, e não menos ignominia de El-Rei seu filho, accusando e notando grandemente ao governador a pouca verdade e lealdade que guardava, pois sendo ella mãe de seu Rei e que por si não merecia ser desacatada nem maltratada, a tratasse tão mal que até a liberdade e mantimento necessario lhe tirava a ella e sua filha, e o que peor era, que até os bens que trouxe de Aragão e de casa de seus paes lhe tinha tomados por modo de confiscação para si e para dar a pessoas de sua obrigação, que lhe ajudaram a sustentar sua tyrannia, lembrando e advertindo a todos a obrigação que todos tinham de a estimarem e servirem, e não serem-lhe feitas tantas semrazões.

D'estas cartas e recados mandou muitos pelo reino, uns a fidalgos particulares, outros a prelados, outros a cidades e villas do reino, os quaes foram recebidos por differentes modos, porque os fidalgos e pessoas mais qualificadas não deixavam de conhecer e sentir que injustamente era maltratada e perseguida, e muitos se offereceram a qualquer feito em seu favor se viram sua parcialidade com forças para poder sahir com alguma cousa de importancia, e até o Infante D. Affonso se via algum tanto retirado com as ruins novas que tinha de Castella, porque os Infantes de Aragão iam declinando n'aquelles reinos, por El-Rei D. João se ter mudado ao con-

destable D. Alvaro, pela qual razão o dito Infante estava quieto sem fazer movimento algum de novo, e elle e os fidalgos ficaram com seu desejo frustrado sem pôr nada em effeito; pelo contrario os povos o tomaram por tão differente modo que onde livraram melhor os mensageiros foram affrontados de palavras, e muitos o foram de obras, e foi a causa porque além das cousas acima que continham, se davam ao Infante governador muitas culpas, não só do mau tratamento da Rainha, mas tambem no que tocava ao governo, impondo-lhe que sómente tratava de seu proveito e accrescentamento de sua casa, e adquirir grandes riquezas, e não tratava do serviço de El-Rei seu senhor nem do bem do reino, e que era necessario pôr n'isso remedio, e se tornasse o governo a quem era devido e governava com mais serviço de El-Rei e bem commum, quando não que lhe não pozessem culpa, que senão escusavam guerras e metterem-se gentes estrangeiras n'estes reinos de que necessariamente haviam de proceder mortes, roubos e destruições e outros muitos males e desaventuras que as guerras costumam trazer consigo; o que tudo dando se meio com que estas cousas se emendassem e todos ficassem quietos e em paz.

D'estas cartas foi brevemente avisado o governador, das quaes se sentiu muito, tanto porque temeu alguma mudança nos fidalgos, quanto pelas culpas que se lhe davam que o infamavam com muitas suspeitas, e para se descarregar dos cargos e culpas que se lhe punham escreveu á cidade de Lisboa como a cabeça do reino, desfazendo com razões que propunha as que se lhe davam com que arguia serem falsas, e elle innocente a seu

parecer e dos que o seguiam; dado que outros lhe não achavam desculpa em muitas d'ellas; mas como os povos approvavam tudo o ordenado por elle, não só não fizeram algum na cidade de Lisboa nem se fez caso d'ellas, antes foi parte para accrescentar ao povo o odio contra a Rainha.

Faltavam já n'este tempo mantimentos no Crato, porque como a gente da casa da Rainha com o medo do governador se metteu n'aquella villa sem levar provimento e com tão grande medo, e o Prior o não tinha recolhido nem a terra estava provida pela brevidade que houve, e por não dar nota de que se presumisse alguma rebellião, e depois se mandou com gravissimas penas que lhe não fossem dados mais que para vinte pessoas da casa da Rainha (o que não era bastante para a casa de um de seus creados), e ainda esses se lhe davam mal pelo odio que todos lhe tinham, e por darem gosto ao governador: em pouco tempo se gastavam os que haviam e começou a haver grande aperto, principalmente de carnes e pescado e legumes, de que foi também causa que como os fidalgos da Beira tinham promettido á Rainha e ao Infante D. Affonso, e também ao Prior por suas cartas que tanto que fosse no Crato accudiriam logo com gente e mantimentos, sendo agora requeridos e avisados por ella, nenhum lhe accudiu nem cumpriu o promettido pela pouca união que entre elles havia, e por medo do governador, porque viam sua parcialidade d'ella ir enfraquecendo e cahindo; e finalmente pelas grandes penas e prohibições que de novo mandou o governador publicar contra os que em algum modo provessem ou favorecessem os que estavam n'aquella villa; com que foram mettidos em tanto aperto,

que mandou a Rainha pedir ao Infante D. João, que estava em Extremoz, que lhe mandasse dar mantimentos, ou pelo menos não prohibisse que por seu dinheiro lh'os déssem os logares visinhos; mas como o Infante lhe não era muito afeiçoado se escusou e com palavras descompostas e carregadas lhe estranhou e reprehendeu seus movimentos, e por mais a molestar lhe afeiou o metter-se no Crato com sua casa e mulheres, onde o Prior tinha dois filhos, que elle dizia serem mancebos inquietos, e não muito honestos, com outras palavras e reprehensões que bem mostravam a pouca afeição que tinha a suas cousas, e que as dizia pela molestar e magoar.

Estas admoestações e reprehensões houve a Rainha por uma das maiores perseguições que padeceu, e lhe respondeu por carta de sua mão e reprehendeu ao Infante seu ruim termo, e desconcertados procedimentos, dizendo que nem elle nem ninguem tinha licença nem podia ter atrevimento de usar com ella aquelles termos, e d'ahi em diante o teve por conhecido inimigo, tanto e mais que o Infante D. Pedro; admoestava mais o Infante D. João por modo de conselho e reprehensão que se tornasse para Almeirim, ou para qualquer outro logar que escolhesse, bem dentro no reino, e não désse occasião com suas desordens a mais inquietações com seu pouco repouso e socego; ao que respondeu que se elle fôra o que devia e correspondêra bem a suas obrigações que a El-Rei D. Duarte tinha e ás mercês e obras que d'ella tinha recebido, que nunca as cousas chegaram ao estado em que estavam, mas que esperava em Deus que lhe havia de valer contra tantos inimigos e a tantas perseguições, injustiças e tyrannias, que quando n'esta vida senão visse

satisfeita, que confiava que no juizo universal lhe Deus pediria estreita conta, e que ainda que o Infante governador a tinha muito offendida e perseguida não tinha tantas queixas d'elle, como do mesmo Infante D. João, porque ao governador conhecêra sempre por inimigo e pouco affeiçãoado a suas cousas, e lhe não tinha feito as mercês e boas obras, pois ella, e El-Rei D. Duarte que estava em gloria, o criaram em sua casa e tiveram em logar de filho, e elle por quem era tinha obrigação de não ser ingrato a tantas mercês, e que finalmente já sabia o que cabia n'elle e o que d'elle podia esperar, as quaes cartas assim as do Infante, como sua resposta mostrou e communicou com o Prior e com alguns fidalgos dos que estavam em sua companhia, que todos julgaram que o Infante procedia com a Rainha por mui differentes termos do que era obrigado e a razão pedia.





CAPITULO XVII

*De uma embaixada que veiu de El-Rei de Aragão
sobre as cousas da Rainha*

ESTANDO a Rainha D. Leonor no Crato cercada d'estas miserias e perseguições, chegou áquella villa um embaixador de El-Rei de Aragão que vinha para a côrte, e de caminho a visitou, de que era a principal pessoa o bispo de Segovia, e vinha sobre as cousas tocantes á Rainha, e trazia todos os poderes para compor e concordar suas differenças e algumas que tambem havia com El-Rei D. Affonso de Aragão, irmão da mesma Rainha, a qual lhe deu tambem seus poderes para poder aceitar e firmar quaesquer concordias que por elle fossem assentadas, e sendo ouvida sua embaixada, apontou muitos meios de concordia, mas como em cada um d'elles se continha e tratava que se lhe havia de dar parte no governo do reino ou da fazenda, e pelo menos a criação de El-Rei em casa da Rainha, nunca o governador quiz vir em nenhum,

e porque de todo se não dissesse que não queria acceitar meio nem vir a concordia, usou de uma traça com que veiu a conseguir suas pretensões, respondendo que senão podia tomar conclusão nem mão, nem elle o havia de dar sem estar presente a mesma Rainha, que fossem os mesmos embaixadores ao Crato e acabassem com ella que se viesse a Santarem ou a alguma de suas terras, com tal repouso e quietação que parecesse que não andava fugida e levantada, e que vindo ella, viriam tambem os Infantes que não estavam na côrte, e juntos elles com os do conselho praticariam sobre os meios apontados, e se concordariam no que fosse mais honesto e arrazoado, e que se a Rainha não quizesse vir, que de ahi se podiam ir seu caminho e escusassem tomar meio algum.

Vendo o Bispo que se lhe não dava outra resposta, e conhecendo que o governador não estava em estado de concordia, se partiu descontente, mas por lhe não ficar nada por tentar, por vêr se podia effectuar o a que viera, tentou a Rainha, e com essa tenção se foi ao Crato, e o tratou com ella, mas como estava certa e desmaginada que no governador tudo eram palavras para se escusar com ellas, e que posto que fosse a Santarem não havia de vir em meio algum que fosse de acceitar, e que sua pretensão era vel a outra vez debaixo de suas guardas e vigias, para assim perder parte dos receios que tinha, não quiz vir no que elle pedia, e o Bispo se tornou a Aragão sem outra alguma resposta de sua embaixada, de que seu Rei não ficou pouco sentido e escandalisado, e andando o tempo se satisfez bem do governador por mão de El-Rei D. Affonso seu sobrinho, a quem por muitas vezes escreveu e per-

suadiu que não ficasse sem castigo as perseguições que sua mãe padecera

Tanto que os embaixadores partiram de Santarem e o governador se viu livre de dar outra resposta á embaixada, dentro de poucos dias lhe foram trazidas cartas da Rainha tomadas pelos guardas e vigias que tinha pelos lugares do reino, escriptas para alguns fidalgos e outras pessoas de sua devoção, em que os avisava se povessem em ordem para accudirem ao Crato tanto que de Castella e outras partes lhe viessem as gentes que esperava; e tambem soube que no reino e fóra d'elle havia ajuntamento de gente de armas que elle com razão temia serem em seu damno; pelo que determinou não lhe dar lugar para se ajuntarem, temendo que seria para accudirem ao Crato ao fortalecer e soccorrer, pela qual razão determinou pôr-lhe logo cêrco, ainda que era na entrada do inverno, e tomar a villa desapercebida, e rendel-a com os mais castellos do Prior.





CAPITULO XVIII

*De como o Infante governador fez guerra ao Crato
e do que succedeu n'ella*

COM muita brevidade mandou o Infante governador aprestar e aperceber todos os logares do reino e fazer gente para fazer a guerra ao Prior, e como a guerra era contra a Rainha se fez em toda a parte grande diligencia e em breve tempo foram juntas muitas gentes, armas e munições; e o cerco do Castello de Belver encarregou a Lopo d'Almeida, que depois foi conde de Abrantes, e lhe mandou que tomasse e segurasse os celleiros do Prior com o pão que tivessem; e contra a Amieira mandou o capitão Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches, villa de França, ordenando e dando a cada um as gentes, armas e mais necessario. Elle com o Infante D. João e seus sobrinhos, filhos do Infante D. Affonso, ordenou de irem contra o Crato, e antes de partir mandou lançar um bando e pôr editos por logares publicos, com pena

de morte e confiscação de bens contra todos os que se achassem na villa do Crato e nas mais terras do Prior, que se não sahisses dentro de breve tempo que se lhe assignava; as mesmas penas se publicaram contra todos os que de novo viessem a metter-se n'ellas, ou por algum modo lhe dessem ajuda, favor ou mantimentos; e se pozeram outros editos com perdão geral de quaesquer crimes que tivessem commettidos aos que se viessem logo ao governador, excepto alguns a que se não concedia tal perdão, em que entravam o Prior e seus filhos, e outros fidalgos, todos nomeados nos mesmos editos. E feita esta diligencia se partiram os capitães cada um para onde estava ordenado a pôr os cercos que lhe foram encarregados; e o governador com os condes seus sobrinhos se partiram para o Crato, sendo primeiro avisado o Infante D. João que ainda estava em Estremoz que seguisse o mesmo caminho. Levava o Infante governador muita gente de guerra mui bem armada, com todos os instrumentos necessarios para os combates, e algumas peças de artilharia, que pouco tempo havia que a milícia diabolica tinha inventado para destruição do genero humano; Lopo de Almeida que foi o primeiro que poz em ordem sua partida, se partiu logo a pôr cerco a Belver, que lhe fôra encarregado, e a combateu com tanto animo, força e continuação, que em poucos dias poz os cercados em tanta necessidade que lhe foi necessario pedir partido com medo de serem entrados por força e mortos á espada, pelo que o capitão da fortaleza, que era João Lopes da Nobrega, grão soldado, depois de fazer brava resistencia com muito damno dos de fóra, tratou de fazer seus partidos e entregar o castello com segurança de sua vida e dos

mais que com elle estavam; mas não se entregou como bom vassallo sem primeiro pedir e lhe ser dado certo termo para n'elle avisar a Rainha e o Prior que mandassem accudir com soccorro, significando o grande aperto em que estavam, e como sem elle se não podiam deffender, e não lhe vindo no termo assignado, se entregou sahindo com todos os mais que dentro estavam, que não eram moradores na terra, tirando suas armas e o mais que n'ella tinham, a qual entrega se fez em 17 de dezembro de 1441.

O capitão Alvaro Vaz a quem era entregado o cerco da Amieira, se partiu de Lisboa com seu campo mui bem ordenado de boa gente e mui determinada, porque a este seguia com mais vontade a gente mais arriscada, da qual levava grande parte de seu campo, e indo caminhando com esta ordem, soube que El-Rei D. Affonso lhe havia de sahir ao encontro, porque para esse effeito com ordem do governador e sem El-Rei o saber o tinham levado á caça para aquella parte por onde o campo havia de passar; e com grande alvoroço quiz Alvaro Vaz dar mostras de si, e dar a entender que era sabio na arte militar e que podia reger muito maiores exercitos. Tinha-se El-Rei passado poucos dias havia de Santarem para Alemquer, por razão de alguns rebates de peste, e sendo avisado Alvaro Gonçalves de Athayde, seu aio, por Alvaro Vaz do tempo em que havia de passar, levou a El-Rei para aquella parte para se fazer contradicção e lhe mostrar o campo, e como elle por natureza era inclinado ás armas e exercicios bellicos, posto que não tinha n'aquelle tempo mais que nove para dez annos, e Alvaro Gonçalves lhe conhecia a inclinação e solli-

citava inclinal-o mais a aquelle exercicio por ordem do governador, fez com elle aquella sabida; mas como aquella se fazia mais com sua mãe que com outrem, lhe não deu conta, mas fel-o encontradiço sem El-Rei o saber, se não depois de estar á vista do campo entre a Castanheira e Villa Nova.

Trazia Alvaro Vaz ao tempo que chegou á vista d'El-Rei seu campo com toda a ordem e concerto, usando quanto sabia d'aquella arte de que tinha muita experiencia por a ter exercitado em França, Inglaterra e Allemanha e outras partes; e tanto que foi á vista de El-Rei, indo armado de fortes e lustrosas armas, se adeantou de sua gente, e chegando perto se lançou do cavallo pondo o joelho deante de El-Rei para lhe beijar a mão, dizendo: Senhor, assim como eu sou o primeiro que V. Alteza vê n'esta ordem e trajo, não serei o segundo em tudo o que cumprir a vosso serviço, assim para deffensão d'estes reinos, como para conquistar os alheios.

El-Rei mostrou ter gosto de o vêr e o mandou levantar e lhe disse algumas palavras com tanto assento e gravidade que admirou os presentes, porque da pouca idade se não esperavam, em que o louvou e honrou grandemente, e lhe mandou que fosse seu caminho. Alvaro Vaz se foi guiando seu campo e El-Rei o esteve vendo passar, e passado se tornou a sua casa; e logo perguntou a Alvaro Gonçalves se ia aquella gente para o Crato onde sua mãe estava, e como lhe respondesse que não, senão contra a Amieira, lhe perguntou El-Rei quem ia contra o Crato, ao que respondeu Alvaro Gonçalves que iam os Infantes D. Pedro e D. João seus tios, e seus primos os condes de Ourem e Arrayollos, mas a guerra se não fazia contra a Rainha sua mãe, mas contra o

Prior e outros rebeldes que não queriam obedecer ao governador; ao que El-Rei lhe tornou:—e o Prior do Crato não recolheu em suas terras a minha mãe, que mal fez n'isso, que razão ha para lhe fazer guerra? E apoz estas palavras mostrou grande tristeza a paixão; a qual Alvaro Gonçalves tratou mitigar-lhe em que pretendeu mostrar que a tenção do governador fôra sempre servir e honrar a Rainha sua mãe, mas que ella por conselhos de creados que lhe não fallavam verdade, se não queria conformar com elle, e procurar a quietação e bem do reino, se não destruil-o com guerras; não foi isto parte para mudar El-Rei de sua tristeza; mas ou fosse por seus aios e pessoas que o serviam o trazerem tão feito ao que o Infante D. Pedro queria, n'aquella edade lhe tinha Deus dado um espirito e entendimento de homem, em todo o tempo que esteve debaixo da tutela e administração do governador com sentir muito os trabalhos e perseguições de sua mãe quando alguma lhe vinham a noticia, ninguem lhe ouviu palavra alguma contra elle nem outra cousa mais que entristecer-se e sentil-o no intimo de seu peito, o que não sómente n'esta edade mas até se vêr inteiramente de posse do reino, mas tanto que se viu livre de seu governo logo começou a mostrar quanto o sentira, e posto que alguns quizeram pôr a culpa de seus trabalhos a seu irmão o Infante D. Affonso e a seu sobrinho o conde de Ourem, o fizeram sem fundamento, que como é razão poderam attribuir a suas obras que foram cousa para que El-Rei não entendesse em outra cousa no principio de seu reino, mais que em proceder contra elle, até que de todo acabou a elle e a sua casa, de que tambem foi muita parte tel-o

por pouco leal, ambicioso e desejoso de mandar, não querer conhecer Rei nem Senhor, se porventura teve animo de tyrannisar o reino como muitos d'elles suspeitaram, isso a Deus pertence; posto que não faltaram indicios e muitas mostras, mas dando de mão a estas digressões escusadas e tornando ao capitão Alvaro Vaz, tanto que se despediu d'El-Rei caminhou para a villa da Amieira e lhe poz mui apertado cerco sem querer ouvir os cercados, nem conceder-lhe partido algum, e com morte de muitos de ambas as partes os entrou e rendeu, mettendo a cutello a quantos havia na villa, que se deffenderam e poderam ser achados n'aquella primeira entrada, e alguns dos moradores que não tratavam de se deffender.

N'estes dias que durou o cerco aconteceram algumas cousas de que o capitão Alvaro Vaz tomou prognostico (e os seus com elle) da perdição do Prior e de sua casa, que foram que em se acabando de assentar o cerco, á vista de todo o campo, deu uma aguia em um ninho de cegonha que estava sobre as casas do Prior, e levou dois filhos que n'elle tinha, cada um por sua vez, e tornando terceira vez ao ninho derribou o pae d'elle abaixo, do que se fez no campo grande caso, tomando instrumentos e tomando d'ahi prognostico da cahida do Prior e de seus filhos; succedeu mais que do primeiro tiro que se tirou aos muros, veio a terra o escudo das armas do Prior que estava sobre a porta principal da villa, nas mãos de dois anjos, de que tambem se tomou o mesmo prognostico. Um caso succedeu de admiração no dito cerco, que por tal se poz n'este relatorio, que foi que o segundo tiro que se tirou do campo matou um homem que sendo

levado a sepultura a uma egreja dentro na villa, no ataude em que estava para se enterrar o foi buscar o terceiro tiro que se tirou do campo, e ahi o despedaçou.





CAPITULO XIX

De um soccorro que veiu de Castella á Villa do Crato

No tempo que estas cousas passavam no cerco de Belver e Amieira, chegou á villa do Crato D. Affonso Henriques, que foi o primeiro embaixador que veiu a este reino sobre as cousas da Rainha, mas foi tão pouca a gente e soccorro que trouxe, que fôra a sua vinda bem escusada, porque sómente veiu com sessenta homens de cavallo e cento de pé; e tanto que foi n'aquella villa e soube a grande falta que havia de mantimentos, com a sua gente, e com outra que tomou do Prior, sahiu a buscar-os e tomal-os dos lugares visinhos que lh'os não quizessem dar por dinheiro, e com duzentos de cavallo, e outros tantos de pé, fez algumas entradas com muito damno dos moradores d'elles, tomando todos os mantimentos que acharam e poderam haver, e os recolheram ao Crato, em a qual sahida despojaram a Cabeça da Vide e

lhe levaram todo o pão que n'ella acharam, e se recolheram sem acharem impedimento de consideração, porque posto que de Alter do Chão lhe quizeram sahir para lhe tirar a preza, por sua pouca ordem não sómente lh'a não tiraram, mas foram facilmente desbaratados e se tornaram a recolher com mais pressa do que vieram, ficando alguns mortos e muitos feridos por cuja causa em todo o reino, principalmente n'estas comarcas do Alemtejo se accrescentou grandemente o odio contra a Rainha, porque além d'esta sahida fizeram outras muitas por todos os lugares comarcãos, e deram muitas mortes aos que lhe faziam resistencia, se lhe não davam os mantimentos que queriam, com outras muitas destruições, recolhendo para o Crato muito pão, gados e outros mantimentos, e outras muitas couzas, que de volta roubavam, com que ficaram bem providos para largo tempo, e andavam tão soltos por todas as terras d'aquellas comarcas por ninguem os accommetter, ou lhe fazer rosto, que se julgavam já por superiores, e com este pequeno poder prezumiam pôr cercos para tomar terras, não sendo parte para lh'o estorvar o capitão Alvaro Vaz, por se não achar com forças para accudir ao cerco que tinha posto a Amieira, juntamente a resistir a D. Affonso Henriques. Vinha n'este tempo o Infante D. Pedro marchando com seu campo e lhe vieram tomar as novas d'esta devassidão á villa de Aviz, onde se veiu ajuntar com o Infante D. João e com os condes seus sobrinhos, como entre todos tinham concertado, para ahi terem conselho na forma do que se havia de fazer; o Infante D. Henrique se não achou n'esta jornada por estar n'esse tempo na Beira, em guarda d'aquella provincia. O

mais certo foi que se não quiz achar n'ella por ser contra a Rainha, e lhe não parecer justa.

Depois de se ajuntarem o governador e seu irmão e sobrinhos, tomaram conselho com os fidalgos e capitães do campo do modo que se devia ter, e tomado se pozeram em caminho para o Crato, levando seu campo em toda a ordem militar, aonde lhe sahiram ao encontro Ruy da Cunha, prior de Guimarães, e o Provincial do Carmo, que pouco depois foi bispo da Guarda, os quaes vinham de Roma onde havia muitos dias estavam por embaixadores sobre cousas de importancia, e as que trouxeram concedidas foi uma dispensação para El-Rei D. Affonso casar com D. Izabel, filha do Infante D. Pedro, a qual o Papa Eugenio não quiz então passar por escripto, e sómente a concedeu *viva vocis oraculo*, que por si, pelos reinos de Castella e Aragão, e outros principes seus cunhados e irmãos, que pretendiam impedil-o, e que não viesse a effeito sobre que tinham embaixadores na Curia Romana, e o Papa por não desgostar tantos principes foi dilatando a concessão da dispensação por algum tempo, até que a deu na fórma que fica dito; mas não quiz que se passasse por escripto, e andando o tempo a mandou passar patente, e a trouxe ao reino Fernão Lopes de Azevedo, commendador-mór da ordem de Christo, que pouco tempo depois foi mandado áquelle côrte por embaixador; o qual casamento a Rainha tratava de impedir por causa das inimizades com o governador. Trouxeram mais os embaixadores uma bulla expedida do Papa, em que havia por isentos aos bispados de Tuy certos logares d'estes reinos, que confinam com Galliza, que eram sujeitos áquelle bispado, para que de ahi em diante o não fossem;

e pela mesma bulla se isentou do bispado de Badajoz a villa de Olivença, a qual fôra até então sujeita a elle. Trouxeram outra bulla em que se continha que o mesmo Papa Eugenio houve por livre o mestrado de Aviz da sujeição e obediencia que tinha ao mestrado de Calatrava; o mesmo alcançaram e trouxeram para a ordem e cavallaria de Santiago, porque até aquelle tempo havia duvidas entre os reis d'este reino sobre a mesma materia, e havia havido entre elles grandes contendas que os de Portugal não queriam conhecer superioridade alguma nos Mestrados d'estes reinos aos de Castella, e elles pretendiam ser superiores, até que finalmente n'este tempo foi a contenda determinada pelo Supremo Pontifice Eugenio, e posto perpetuo silencio a todos os reis presentes e futuros com graves penas e censuras. Esta concessão estimou muito o governador, porque El-Rei D. João, seu pae, e depois d'elle seu irmão El-Rei D. Duarte a pretendiam alcançar pela grande resistencia que faziam os reis de Castella seus contemporaneos; e sobre o que se fizeram no campo grandes festas, e feitas foram continuando seu caminho.





CAPITULO XX

Do cerco que poz o governador á villa do Crato e partida da Rainha para o reino de Castella

CAMINHANDO vinha o Infante governador e em sua companhia o Infante D. João e os condes seus sobrinhos, e seu campo e muitas gentes, que de todas as partes lhe accudiam com grande alvoroço, que por contra a Rainha tinham por justa a guerra, nascida a razão d'ella do odio que todos lhe tinham, que foi causa de se ajuntar um exercito capaz de maior conquista e empreza do que era a da villa do Crato, mas como senão esperava por tantas gentes, lhe começaram a faltar os mantimentos, assim pela razão acima, como por o anno haver sido esteril, como tambem porque iam entrando n'aquelles logares em que D. Affonso Henriques tinha entrado, e os tinha mandado ao Crato; mas em breve tempo lhe foram trazidos bastante-mente, de que foi causa o grande alvoroço com que os povos accudiam áquella guerra. E pasando a ri-

beira de Seda se tornaram a ajuntar a conselho os Infantes e seus sobrinhos, e fizeram tambem ajuntar as melhores pessoas do campo para consultarem o modo com que haviam de fazer aquella guerra, e depois de algumas duvidas, por parecer do Infante D. João e dos Infantes seus sobrinhos, e contra a vontade do Infante governador que em renhum modo queria vir n'isso, assentaram que de alli fosse uma pessoa de auctoridade com embaixada á Rainha em nome de El-Rei, e de todos elles, em que se lhe requeresse tornasse para uma de suas terras, ou para outra qualquer que não fosse suspeita ou contraria ao governador, nem da raia de Castella, onde lhe dariam todas as seguranças que pedisse, de se lhe fazer todo o serviço e bom tratamento quanto fosse possivel, e que elles todos iriam por ella para a acompanhar, e serviriam como ella merecia, e como mãe de seu Rei e senhor; o que assim assentaram e houveram seu trabalho por bem empregado, porque isso feito ficava o reino quieto e menos por fazer; e que quando ella não quizesse vir n'isso, iriam contra o Crato, e a cercariam, d'onde não levantariam o cerco até o não render por força de armas, quando se não quizesse dar de outro modo, mas que sempre se tivesse muita conta como respeito que se devia a Rainha, e gente de sua casa, e se lhe não fizesse offensa alguma, e que com tudo que se apagasse aquella faisca de rebellião do Prior, e dos que o seguiam, porque d'ella não resultasse ao reino algum grande incendio de guerra que fosse mau de apagar. A Rainha tanto que soube que o governador ia determinado a lhe pôr cerco e o não levantaria até tomar a villa, e viu tambem que o Infante D. Affonso e os fidalgos lhe não accudiam

como esperava, e se escusavam com dizer que pois os Infantes de Aragão seus irmãos se entretinham em outras guerras, e de sua parte estavam os negocios tão debilitados, não era razão, nem conveniente que ella quizesse que se arriscassem a encontrar-se com o governador, pondo suas pessoas e vidas em notavel perigo, com pouca esperança de bom successo; pelo que vendo-se quasi desamparada, desconfiada de se poder deffender, determinou passar-se a Castella, e estando já para se pôr a caminho, foi aconselhada dos seus que o não fizesse até o governador chegar com seu campo mais perto da villa, para que assim tivesse mais razão de se queixar para poder procurar por todas as vias que lhe fosse possivel sua total destruição; e tanto que foi certificada que tinha passado de Seda para o Crato, se partiu para Albuquerque em amanhecendo, a 29 do mez de Dezembro, principio do anno de 1442, levando comsigo a Infanta D. Joanna, acompanhada do Prior e de D. Affonso Henriques, que viera em seu soccorro de Castella, e de D. Affonso, senhor de Cascaes, e de outros fidalgos e gente de serviço de sua casa; e a mais gente ficou no Crato com Gonçalo da Silveira e seu irmão Vasco da Silveira, filhos de Nuno Miz da Silveira, aio que fôra de El-Rei D. Affonso, aos quaes ficou entregue o castello e a deffensão d'elle, os quaes fidalgos nomeados e outros que acompanharam todos acabaram no serviço da Rainha e soffreram a mesma fortuna que ella; e o Prior e D. Affonso morreram esse mesmo anno em Samora.

Tanto que a Rainha partiu de Albuquerque, como o Infante tinha no Crato algumas pessoas de sua devoção, logo foi avisado de sua partida, e avisaram

tambem a Garcia Roiz de Sequeira, commendador mór de Aviz, que estava por fronteiro em Alter pelo governador, com um bom esquadrão de gente de cavallo e de pé, para que se fosse apoderar da villa, o qual foi com muita brevidade e se metteu n'ella fortificando-se e fazendo seus gallos e trincheiras para se deffender e evitar os damnos que os do castello lhe podiam fazer; e logo avisou os Infantes que vinham marchando com seu campo, os quaes tanto que foram chegados mandaram recado aos irmãos Gonçalo da Silveira e Vasco da Silveira, com o qual foi Vasco Miz de Mello por ser seu cunhado, casado com sua irmã, para que os persuadissem e notificassem que entregassem o castello, o que elle fez para os persuadir e aconselhar, mostrando-lhe quão danoso seria pôr-se em deffesa; mas Conçalo da Silveira sobre quem pendia o principal cargo da fortalezã se escusou da entrega, como bom fidalgo, em quem havia muita lealdade, saber e descripção, e não menos valoroso animo, dando por resposta que elle acceitara a guarda e deffensão d'aquelle castello da mão da Rainha, a qual lhe entregara as chaves d'elle e lhe tinha feito homenagem de o ter e manter por ella, e que emquanto a vida lhe durasse estava obrigado e apparelhado ao cumprir, e sobre isso perder a vida antes que ser tido por desleal. Com esta resposta tornou Vasco Miz ao governador, o qual logo com muita brevidade poz em ordem o cerco, porque se temeram que a Rainha provesse de soccorro ao castello, pois deixava n'elle o melhor de sua gente, e reparando suas estancias, o conde de Ourem, que era a de Lisboa, se aposentou dentro na villa, e os Infantes e conde de Arrayollos fóra em logares con-

venientes por tal ordem e cerco tão apertado que o castello ficou impossibilitado de poder ser socorrido; e tanto que o cerco foi posto em ordem, fizeram resenha da gente que tinham, e acharam doze mil homens bem armados e melhor determinados, com boa artilheria, que foi assentada nos lugares d'onde melhor podessem bater os muros, e fazer mais damno nos cercados, de que se começaram a temer, porque nunca cuidaram que fosse o cerco tão apertado, nem se ajuntasse tanta gente de exercito, e conheceram quão impossivel era poderem-se deffender muitos dias sem grande socorro, porque dentro não havia mais de quatrocentos homens; e esses não muito bem armados, e fracas munições; e posto que havia entre elles alguns bem praticos e entendidos em similhantes materias, esses mais claro viam ser temeridade pôr-se em defesa; e tomando parecer entre os cercados, os mais diziam que se entregassem com bons partidos.

O governador tanto que teve assentado seu campo, ordenou commetter o castello, e tendo o combate preparado, antes de começar a bater os muros, mandou outra vez o mesmo Vasco Miz de Mello a requerer a Gonçalo da Silveira se entregasse e tornasse para El-Rei, que se lhe daria o officio de escrivão da puridade, que fôra seu pae, e a seu irmão Vasco da Silveira accrescentariam e fariam outras muitas mercês. E vendo Gonçalo da Silveira o pouco apparelho que tinha para se deffender e o perigo que corriam elle e seu irmão que com elle estava, se senão dessem, e levado tambem como alguns diziam das promessas, pediu tempo de dez dias para avizar a Rainha e lhe pedir soc-

corro, com palavra que não lhe vindo n'elles, se entregaria, mas que vindo tal que fosse para se poder deffender, o havia de fazer até morrer por seu serviço; foi-lhe dado o tempo que pedia, ainda que contra vontade do governador, por parecer assim ao Infante D. João e a seus sobrinhos e aos mais capitães do campo. Mandou logo Gonçalo da Silveira ao alcaide-mór da fortaleza á Rainha que, como prudente mensageiro, lhe mostrasse a difficuldade que havia para se poderem deffender, por ser o castello grande, e os cercados poucos e mal armados, e os contrarios muitos e mui determinados, que mais vieram áquella guerra por vontade que obrigados, o que tudo tirava as esperanças de se poderem deffender, e que os oitocentos homens de armas que havia dias esperavam de Castella, em que tinham posto sua confiança, e com que entendiam fazer a deffesa, não eram ainda partidos nem pagos, pelo que ou mandasse o soccorro necessario no tempo determinado, ou consentisse fazer-se entrega da fortaleza, avisando que era impossivel ser soccorrido, não sendo com tal exercito que obrigasse a levantar o cerco, porque de todas as partes estavam apertados com fortes vallas e trincheiras, e no castello não havia artilheria para impedir a estreiteza do cerco, e assim como ella não tinha ordem para lhe dar o soccorro necessario, houvesse por mais seu serviço largal-o e conservar a vida da gente que alli tinha, que podia servir-a em occasiões de mais fructo. A Rainha, tanto que Gonçalo Anes, alcaide do castello, lhe deu esta embaixada, tomou conselho com os fidalgos que consigo levava, e com seu parecer houve por melhor que se entregasse, para o que foi logo mandado um filho do Prior

fazer a entrega; o que assim foi feito. e os do castello se foram, os mais d'estes para o Infante governador, e alguns, ainda que poucos, se passaram á Rainha. O Infante governador tomou posse do castello e o entregou ao Infante D. João, e havendo por privado o Prior do priorado, o deu a D. Henrique, filho de D. Fernando de Castro, o qual morreu dentro de breve tempo, e por sua morte o deu a D. João de Athayde, que tambem o logrou pouco, por morrer dentro no mesmo anno; por sua morte o deu a seu irmão D. Vasco de Athayde, que todos o não lograram tres annos inteiros, e por as vidas d'estes serem tão breves e o lograrem tão pouco tempo, por altos juizos de Deus, se conheceu quão injustamente foi tirado ao Prior.

Acabada a guerra e occasião d'ella, despediu o Infante a sua gente com grandes agradecimentos e offerecimentos dados a todos em geral, e a muitos em particular, e pedindo-lhe que estivessem sempre prestes, porque mui cedo os havia de mister, e despedida sua gente se partiu para Abrantes, e com elle o conde de Ourem seu sobrinho, e o Infante D. João com o conde de Arrayollos para a cidade de Evora.





CAPITULO XXI

De como o Infante governador tratou de fazer guerra ao Infante D. Affonso seu irmão

O governador com o Infante D. João antes de se apartarem, tentaram de proceder contra os fidalgos que seguiam a parcialidade da Rainha, e não queriam obedecer ao governador, e, ante tudo, ordenaram fazer guerra ao Infante D. Affonso seu irmão, para o reduzir a seu serviço, e obrigar por armas a obedecer, por estarem desconfiados de o reduzir por outra via, tendo por sem duvida que tanto que elle se rendesse todos os mais se sujeitariam, e obedeceriam por terem postos os olhos n'elle, e no que faria; e tambem assentaram que o governador se partisse para a Beira, e se ajuntasse com o Infante D. Henrique, e d'ahi tentassem se queria vir a sua obediencia e amizade, e não querendo, ordenariam o modo com que lhe haviam de fazer guerra; o que logo poz em execução e se partiu para Coimbra onde

ajuntou a mais gente que pôde; e posta em ordem a fôrma do exercito, se partiu para Vizeu onde estava o Infante D. Henrique, que já por recado seu estava do mesmo modo apercebido de gente, armas e mantimentos, e juntos ambos com sua gente se partiram para Lamego, começando logo o governador de uzar n'aquellas comarcas de Entre-Douro e Minho e Traz-os-Montes do poder de governador, nas quaes até então não governava senão o Infante D. Affonso, como mais poderoso n'ellas. N'este mesmo tempo se partiu de Albuquerque a Rainha, por ordem do mesmo Infante D. Affonso, com determinação de ir ao longo do extremo do reino, até ás mesmas comarcas de Entre-Douro e Minho e Traz-os-Montes, para por aquella parte entrar n'elle pelas terras de Alvaro Pires de Tavora, onde o Infante a havia de ir receber com os fidalgos de sua parcialidade; e se deteve em Ledesma, d'onde lhe mandou recado sobre o que deviam fazer, porque no caminho teve novas de como o Infante governador e o Infante D. Henrique iam com seu campo para aquellas partes, e os mensageiros o tomaram em Guimarães, ao mesmo tempo que os Infantes chegaram a Lamego; pelo que a Rainha se deixou estar em Ledesma alguns dias até que d'ahi se passou a Samora. Vendo o Infante D. Affonso e sabendo a determinação do Infante D. Pedro, e vendo-se desapercibido de gente e do mais necessario para lhe fazer resistencia; vendo tambem a Rainha tão desacompanhada de gentes e não lhe accudirem as ajudas promettidas de Castella, e que não podia remedial-a e accudir a ambas necessidades, suas e d'ella, a avisou que não passasse a Portugal, dizendo que deixasse os seus negocios para melhor

ocasião, pois n'aquella lhe não podia ser bom, encarecendo-lhe quanto lhe foi possível o pezar que d'isso lhe ficava, dando de tudo a culpa aos Infantes de Aragão, seus irmãos, que não cumpriam com palavras e promessas, e que os fidalgos de sua parcialidade estavam desconfiados e enfadados, e os mais d'elles mudados de seu primeiro intento, e necessitados de cada um tratar de si e de seu remedio, pelo que se queria algum bom effeito em seus negocios, sollicitasse com toda a instancia a vinda de seus irmãos para que sem dilação passassem a estes reinos com poder bastante, porque se a houvesse não seria sua vinda de nenhum effeito, pois o governador estava já entrando com mão armada nas terras que estavam em sua obediencia, e em breve tempo reduziria a seu serviço todos os fidalgos que n'ellas viviam, e que depois de assim ser não ficava esperança de remedio; e despedidos os mensageiros, por mostrar que lhe não faltava animo, e por não desanimar os fidalgos que o seguiam, mandou ajuntar seus vassallos, e d'elles e de outros de sua facção ajuntou um arrezoado batalhão, que não foi o que podera ajuntar-se se o não tomaram tão de improviso, e com elle em fórma de campo de guerra se foi caminhando para Meijão-frio, que está sobre o Douro duas leguas de Lamego, e indo caminhando, antes de chegar mandou avisar ao conde de Ourem, seu filho, que vinha em companhia do governador, que avizasse ao mesmo governador que não tentasse passar o rio, porque lh'o havia de deffender, que o achou tão resolutos e tão determinado que temeu as cousas de seu pae, e lhe pediu por mercê que sobstivesse alguns dias na passagem do rio, e lhe mandasse um

recado a seu pae, por pessoa de auctoridade, para tentar se o podia mudar de seu proposito, que quando elle não quizesse então lhe ficaria mais razão; o que o governador não duvidou conceder, dizendo ao conde que elle melhor que ninguem o devia fazer, de que o conde se escusou então, e o governador mandou com a embaixada a Luiz Alz de Sousa, fidalgo de muito saber e auctoridade, o qual o acceitou, e por muito que n'isso fez e lhe deu muitas e efficazes razões para o persuadir, o não pode mudar de seu proposito; e tornando com sua embaixada ao governador, elle mostrou sentil-o muito, e logo publicou que havia de proceder contra elle com todo o rigor; o que vendo o conde de Ourem quiz tomar aquelle trabalho e se foi vêr com seu pae, ao qual persuadiu por todas as vias que pode, umas vezes pedindo-lhe e outras mostrando-lhe o perigo do caso e a necessidade em que estavam, e porque o tempo e occasião assim o queriam, e pois assim era se accomodasse com elle; mas não pode acabar cousa alguma, nem mudal-o de seu proposito, e se tornou bem descontente ao governador.

Tanto que o conde se apartou de seu pae, elle foi continuando seu caminho com seu campo e aparato de guerra, e assentou seu arraial em a dita villa de Meijão-frio, com determinação de impedir ao governador a passagem do rio; o qual se partiu tambem de Lamego em companhia do Infante D. Henrique e conde de Ourem, e assentaram seu campo da outra parte do rio. O Infante D. Affonso, tanto que chegou, mandou tomar todos os barcos e bateis que havia no rio abaixo e acima por grande distancia, e todos mandou queimar e alagar; o

que, sabido pelo Infante governador, ardia em ira, desejando vingança pelos desprezos e porfia do irmão, pelo que determinou passar logo o rio contra elle, e mandou com a maior pressa que lhe foi possível fazer uma ponte de madeira sobre pipas e toneis para passar o rio, e se fez prestes para a passada. E vendo o conde de Ourem a pressa com que o governador aprestava a passagem, e tendo por certo que seu pae a havia de deffender, e que se não escusavam muitas mortes, o que succedendo ficariam as cousas em ruim estado para depois haver concordia, e temendo juntamente o perigo de seu pae por o vêr com menos poder, e ambos determinados, e seu pae com muito menos gente, e que ao governador lhe acudia cada dia muita de novo, elle com os principaes do campo se foi perante elle e lhe fez uma pratica em que lhe lembrou a obrigação que entre elles havia, por razão do parentesco tão conjuncto, por fim da qual lhe pediu que sustivesse na passagem e lhe dêsse logar para se vêr com seu pae, porque esperava de o reduzir a seu serviço, o que seria mais serviço de El-Rei e seu, que com derramamento de sangue. Concedeu-lhe o governador e lhe louvou o cuidado que tinha por suas cousas, porque entre outras virtudes que teve, n'esta excedeu aos mais do seu tempo, que nas materias de paixões proprias foi mui temperado, dilatando a execução d'ellas, e assim foi mui facil demover por intercessões.

O conde de Ourem se foi logo para seu pae acompanhado de alguns fidalgos principaes, ao qual deu mui efficazes razões, com que lhe mostrou os erros de sua dureza, e que seguia caminhos proprios a seu damno, sem fructo algum mais que uma opi-

nião levada de não se querer sujeitar e obedecer ao governador, a quem os mais irmãos estavam sujeitos, sendo assim necessario e preciso, e que por fim o governador havia de ficar conseguindo seu intento; e tantas cousas lhe soube dizer, que o pae se lhe rendeu, e sem entrevirem mais alguns recados nem seguranças passou logo o rio em companhia do filho e dos mais fidalgos, vindo-se para o governador e para o Infante D. Henrique; os quaes tanto que souberam sua vinda o foram esperar fóra da cidade com todos os fidalgos que se acharam presentes, e outra muita gente, e posto que entre elle e o governador fosse creado não pequeno odio, não foi parte para que n'aquellas vistas se podesse julgar havel-o entre elles, porque tiveram muitas palavras em que se mostraram grande amor e se abraçaram por vezes com mostras de tanta alegria e contentamento, que se representava a quem os via que cada um d'elles não queria mais bem que a vista do outro, que já se não lembravam paixões passadas; não passou menos entre elle e o Infante D. Henrique, que egualmente festejou sua vinda e a união de todos, e juntamente se alegraram todos os presentes em tanto que o Arcebispo de Braga, D. Fernando, começou a entuar, e com elle a cleresia o psalmo *o quam bonom et quam jucundum habitar fratres exunum*, etc., e tanto era maior alegria e festa quanto se imaginava com sua união e concordia que ficavam acabadas as inquietações e differenças do reino.



CAPITULO XXII

*Como se effectuou o casamento de El-Rei D. Affonso
com a filha do Infante governador*

PASSADAS aquellas vistas e festas d'ellas, que duraram alguns dias, tratou o Infante D. Henrique do casamento de El-Rei D. Affonso com D. Izabel, filha do Infante governador, propondo que se devia fazer logo, em que concordaram todos tres, e com elles o conde de Ourem, e que ao tomar de sua casa se fariam festas reaes com todo o apparato e magestade que fosse possivel, e convinha a seu estado e pessoas, e assim ficou assentado. Tratou tambem o Infante D. Affonso de restituir a seu arcebispado ao Arcebispo de Lisboa seu cunhado, o que logo teve tambem seu effeito, e lhe concedeu mais em nome de El-Rei outras muitas graças e mercês para seus creados e outras pessoas de sua obrigação, e muitos amigos, e conformes se despediram; e o governador e conde de Ourem se partiram para Lisboa, o Infante D. Henrique para a sua

cidade de Vizeu e o Infante D. Affonso para Guimarães. O Conde de Arrayollos senão achou presente por se escusar de ir a esta jornada por ser contra seu pae, o que tudo passou no mez de janeiro de 1442. Tanto que o governador e conde de Ourem foram em Lisboa, poz em ordem ajuntar côrtes, para o que mandou logo recado a todos os fidalgos e senhores de estado, e a todas as cidades e villas que n'ellas tem voto e lugar, que a certo tempo viessem a Torres Vedras e mandassem procuradores para n'ellas se tratarem algumas cousas de importancia, e em particular queria n'ellas tratar do casamento de El-Rei com sua filha, porque queria que fosse com voto de todo o reino. As côrtes se ajuntaram ao dia ordenado, e tanto que foram em o acto d'ellas, lhe poz e declarou o para que foram chamados, que era o principal o casamento de El-Rei, propondo que assim o deixára ordenado El-Rei D. Duarte, seu irmão, e que assim o tinha dito em vida por muitas vezes, e que á hora de sua morte o mandara e que era necessario effectuar-se logo pelo estado das cousas, pedindo que todos o houvessem por bem; e como os povos lhe fossem tão propicios, todos a uma voz acclamaram que sem dilação se effectuasse, e que não sómente o haviam por serviço de El-Rei e bem do reino, mas que para quando tomasse sua casa lhe promettiam e offereciam um rico presente, o que não encontraram os fidalgos e prelados, uns por lhe parecer acertado, e outros que não eram d'esse parecer, por se não atreverem, e viam que seu parecer não havia de ser de momento, e em effeito com o parecer do Infante D. João e conde de Arrayollos (que se não acharam nas côrtes) se effectuou e celebraram os des-

posorios na cidade de Lisboa em dia da Ascensão, e por então se fizeram poucas festas, e depois ao recebimento e tomar de sua casa, se fizeram algumas, ainda que não com tanta magestade com que o governador quizesse e se esperava em casamento de tão grandes principes.





CAPITULO XXIII

De como a Rainha se queixou a El-Rei de Castella e da embaixada que sobre isso veiu a este reino

No tempo que em Portugal passavam as cousas do capitulo acima, cançada a Rainha D. Leonor de sollicitar a seus irmãos por recados, sem poder alcançar remedio algum em seus negocios, quiz pessoalmente propor suas queixas ante El-Rei D. João, seu cunhado, e para isso se foi a Valladolid, d'onde a côrte residia, ao qual deu conta de todos seus aggravos e queixas, propondo-lhe que elle sobre todos tinha obrigação de lhe valer e a desaggravar, não consentir sendo parente tão conjuncto no sangue, ser-lhe feitas tantas e tão grandes vexações e andar tão perseguida de seus inimigos. Ouvidas de El-Rei D. João suas queixas, por satisfazel-a e cumprir com as obrigações da Rainha sua mulher, e intercessão dos Infantes de Aragão seus cunhados, irmãos da Rainha, ordenou mandar, como mandou, uma embaixada ao governador, fa-

zendo-lhe saber n'ella que desejava muito conservar a paz com elle, e por essa razão não tinha de todo rompido nem inquietado este reino com guerras, mas que eram tantas as sem razões e injustiças que se tinham feito á Rainha D. Leonor, que o obrigavam a que quando com ella se não fizesse o que era devido, entrar n'estes reinos com mão armada e obrigar ao reino e ao mesmo governador a reconhecerem-n'a e tratarem-n'a como quem era, e como mãe de seu Rei e senhor, e a servirem como eram obrigados. Chegados que foram os embaixadores, ouvidos que foram e propozeram na fórmula que fica dito, e depois de proposta em particular, pediram e requereram que se lhe desse logo a criação de seus filhos e outro sim fosse governada por sua auctoridade a fazenda e bens da corôa, como sua tutora; ouvida que foi a embaixada, para responder a ella mandou o governador consultar os Infantes seus irmãos, e sobrinhos, e ajuntar os do conselho. Tomado sobre o caso assento, determinou que de nenhum modo se havia de tornar á Rainha a criação e tutela dos filhos, e muito menos a pessoa de El-Rei, a quem se havia de dar casa dentro de pouco tempo, nem o governo da fazenda, porém que se quizesse tornar-se para o reino, lhe seriam logo restituídas suas terras e rendas que tinha da corôa, sem embargo que em umas côrtes que havia pouco foram feitas, fôra ordenado por todos os estados do reino que devia ser privada de tudo o que n'elle tinha, por metter gente de guerra dentro n'elle, por razão dos gastos que se tinham feito em se armar para a defeza, pelo receio e temor de tal guerra, e se haver por perigoso e grande inconveniente o odio e má vontade que tinha aos principes do rei-

no, de que se temia fazer com El-Rei seu filho que fizesse grandes castigos e vinganças e outras extorções que sua lealdade não merecia. Com esta resposta se despediram os embaixadores, dando conta d'ella a seu Rei e aos Infantes, irmãos da Rainha; e elles confiados no poder que então tinham n'aquelles reinos, porque n'este tempo tudo se governava por seu arbitrio, pelas mudanças que cada dia havia n'elles, e havendo por grande abatimento seu não se fazerem os negocios de sua irmã como elles pretendiam, mandaram logo outra segunda embaixada, que diziam seria a ultima, em que vieram por embaixadores um Gomes de Benevides e outro Allonso Martines de Ledesma, famoso doctor em leis, e ambos pessoas de muita auctoridade; os quaes em sua embaixada e requerimentos d'ella seguiram os passos dos primeiros embaixadores, pedindo o mesmo que elles tinham pedido, e com pretexto de intimidar traziam consigo farautes e trombetas, e outros ministros de real desafio, para que quando aos negocios da Rainha senão respondesse como pediam, logo com toda a determinação e solemnidades publicassem guerra de fogo e sangue, a qual vieram logo publicando, tanto que entraram no reino, para mais atemorisar, crendo que com medo d'ella tudo mudaria seu proposito, e se lhe concederia quanto pediam, afeiaram tambem no discurso de sua embaixada as sem razões que diziam usar-se com a Rainha, dizendo que nem entre gentes barbaras se poderam usar, mas tendo dado esta embaixada antes de serem respondidos, chegou ao governador da ordem dos Menores um religioso, com uma carta escripta da propria mão d'El-Rei D. João, e um treslado d'ella para os embaixadores, na qual sus-

tancialmente pedia e propunha o mesmo que elles já tinham requerido, dando as causas e razões porque a devia favorecer, e que por ellas podia fazer a guerra a estes reinos sem quebrantamento das pazes que tinha assentadas com El-Rei D. Duarte, e sem violarem os capitulos d'ellas. Estes accidentes e continuadas embaixadas tão resolutas pozeram o Infante governador em grande confusão, porque entendia que de duas cousas senão escusava uma, que eram ou travada a perigosa guerra com El-rei D. João e Infantes de Aragão, seus inimigos, a qual elle temia demasiadamente, ou pela escusar perder o governo do reino, e com elle a honra e opinião como elle imaginava, e cada uma d'estas cousas temia como a morte; e com muita mais razão se atemorizou, porque justamente soube que os povos d'aquelles reinos em umas côrtes que os Infantes irmãos da Rainha n'elles ajuntaram, tinham concedido e assentado se fizesse guerra a estes pela restituição da Rainha, e que para esse effeito se fizesse apurações de gentes, e se lançassem pedidos por todos elles, e sendo necessario se fizesse a guerra á custa dos mesmos povos; pelo que o governador combatido d'estes dois extremos, a saber, largar o governo, ou offerecer-se ás guerras que pelas apparencias pareciam de muito perigo, dilatou a resposta da embaixada por algum tempo, dizendo ser de tanto peso que lhe não podia responder senão em côrtes. E juntos os tres estados do reino e com parecer dos Infantes seus irmãos, e para isso pediu aos embaixadores esperassem até se ajuntarem, e serem feitas as côrtes, e por em tanto cessassem no denunciar da guerra até serem respondidos. Foram os embaixadores contentes de esperar como o go-

vernador pedia, porque entenderam que teriam boa resposta de sua embaixada, e porque tambem, n'essa dilacão se publicava por todo o reino o rigor d'ella, com que entendiam atemorisal-o, e porque tambem entenderam que o governador não estava livre do medo d'ella, o qual deu logar certo para as côrtes, que foi a cidade de Evora, d'onde mandou que se ajuntassem os procuradores dos povos e mais estados do reino para o mez de janeiro de 1443, notificando-se nas cartas declaradamente o theor da embaixada e sustancia d'ella, para que assim todos os povos entre si examinassem o caso e viessem os procuradores bem instruidos e determinados, entendendo que assim importava a seu negocio, pela confiança que sempre teve na gente popular; e por essa razão sempre em suas pretensões fez mais confiança d'ella que dos fidalgos e nobreza.





CAPITULO XXIV

Das côrtes que se fizeram em Evora, e da resposta da embaixada

ORDENADO pelo governador o chamamento para as côrtes e despachados mensageiros, porque entendeu que a guerra se não podia escusar, sobre o que entendia responder, porque por descuido ou negligencia não fossem os logares do extremo do reino maltratados, ordenou que fossem avisados os alcaides das fortalezas e outros a quem eram encommendados os castellos, que os provessem de gentes e de tudo o mais necessario, e os fizessem intrincheirar e bastecer de mantimentos e munições, para susterem largo cerco, se lhe fosse posto, e os avizou tambem que mandassem apartar os gados, pão e mais mantimentos do extremo do reino de Castella, e impedissem aos mercadores o commercio e entrada n'elles; o que se fez com muita deligencia e cuidado, como se já a guerra fôra começada; e aos Infantes e grandes do reino avisou

por cartas particulares que se achassem nas côrtes, e os que não podessem pessoalmente vir mandassem seus pareceres por escripto, respondendo em particular a cada um dos capitulos da embaixada; e despachados estes mensageiros se partiu para a cidade de Evora, e o mesmo fizeram os embaixadores. Chegado o dia deputado para as côrtes, sendo juntos todos os que accudiram a ellas, lhe propoz o governador com uma larga pratica que fez, a razão que houvera para serem chamados juntos, dando-lhe conta da embaixada presente e o mesmo da passada e capitulos d'ellas, e como El-Rei de Castella queria que a casa de El-Rei, seu senhor, e seus irmãos fosse entregue á Rainha com o governo do reino, quando não que ameaçava que com força de armas e dura guerra o havia de fazer, e que os povos de Castella lhe queriam á sua custa ajudar a fazel-a, e que se fizesse com todo o rigor que se esperava, rogando por fim de sua pratica examinassem bem a grandeza do caso, e como bons portuguezes lhe dessem seu parecer como fosse mais acertado, havendo em tudo respeito ao serviço de Deus, honra do reino e bem commum, e não temessem ameaças nem perigos de guerras, por que o fim d'ellas pende da vontade de Deus; tambem lhe encareceu a necessidade que havia de dinheiro para sustental-as, para o que pediu a todos ajuda, e que era necessario ser grande, porque pelas inquietações do reino as cousas da corôa estavam mui diminuidas e havia grande falta d'elle.

Acabada sua pratica, subitamente se levantou um rumor entre os procuradores dos povos, e outra muita gente, que sem termo nem modo, levantando vozes, acclamavam e bradavam que queriam

guerra, que se denunciasse logo a El-Rei de Castella, pois a queria; mas fazendo-os aquietar, lhe mandou o governador aos procuradores e aos mais a quem pertencia dar voto, que o praticassem devagar, e tomassem assento, e tomado lhe dariam seus pareceres; os quaes se recolheram, e bem praticado entre elles se tornaram ao governador, que remettiam inteiramente a resposta da sua embaixada a seu arbitrio e saber, porque confiavam em seu esforço e lealdade, que escolheria o melhor, lembrando-lhe, porém, que tinha obrigação de conservar a honra e estimação d'estes reinos, e que para sustentar as guerras e gastos d'ellas, concediam trez pedidos geraes, e mais se mais fosse necessario.

Com esta resposta e com a que teve dos Infantes seus irmãos, que não vieram ás côrtes, e outros ausentes, respondeu o governador aos embaixadores, que não havia logar, nem era justo o que El-Rei seu senhor queria, nem estes reinos queriam vir n'isso, e se El-Rei seu senhor quizesse por essa causa mover-lhe guerra, lhe pezaria muito por serem todos conjuntos em sangue e amisade; porém, que quando com tão pouca justiça se lhe movesse, e como inimigo o tratasse, fosse certo que a guerra não duraria muito tempo, que confiado em sua justiça e no esforço dos portuguezes, no campo o havia de achar, que porventura seria dentro dos seus reinos e não dos muros a dentro, como elle imaginava; e esperava ser nas victorias herdeiro de El-Rei D. João seu pae, como o fôra no sangue, e em tudo o mais.

Com esta resposta despediu os embaixadores, posto que descontentes pelo ruim despacho que levavam, e não publicaram a guerra como diziam que traziam por ordem.



CAPITULO XXV

*De uma concordia que se quiz tomar com a Rainha,
que não teve effeito*

TANTO que o Infante D. Pedro despediu os embaixadores, se foi á cidade do Porto, havendo tres mezes que n'ella estava, chegaram á mesma cidade quatro embaixadores sobre os mesmos requerimentos da Rainha, dois em nome de El-Rei D. João, e os outros em nome de seus reinos, o que se fez tão brevemente, porque como a Rainha viu a resposta da embaixada e viu tambem passarem tantas sem nenhnm effeito, nem se dar conclusão, e tudo seridas e vindas sem se passar a termos que obrigassem ao governador e reino, queixando-se com muita instancia aos Infantes seus irmãos, e elles fizeram com El-Rei D. João em côrtes, que estavam juntas em Valladolid, a ouvissem e se tratasse de seu negocio, entendendo que assim seriam todos os reinos movidos com suas queixas, e se poria em effeito de modo que logo se fizesse a guerra, ou se concordas-

sem em algum favoravel concerto; e sendo juntos em acto de côrtes, em presença de El-Rei D. João, muitos grandes dos seus reinos, com os tres estados d'elles, se propozeram as queixas e aggravos da Rainha D. Leonor, sendo ella tambem presente, e a sua instancia se despachou esta nova embaixada. reque-
rendo os mesmos capitulos, em nome de El Rei e de seus reinos, protestando-se resolutamente que quando senão satisfizesse aos requerimentos da Rainha, se moveria logo a guerra, protestando-se tambem como na outra embaixada de não serem vistas quebrantar as pazes feitas com El-Rei D. Duarte.

Tanto que os embaixadores chegaram ao Porto, propozeram sua embaixada; o governador mandou o theor d'ella como o da outra, aos Infantes seus irmãos, e aos condes seus sobrinhos, e á cidade de Lisboa, e a outros logares mais principaes do reino, e mandou vir os do conselho, e por parecer de todos foi respondido que a resposta d'aquella embaixada se daria a El-Rei D. João em sua côrte por embaixadores que logo se haviam de despachar, e por elles se satisfaria aos capitulos d'ella; o que assim se ordenou por ir contemporisando e dilatando por lhe não dar certa resposta, porque n'estas dilacões queria gastar tempo, que pelas intelligencias que tinha esperava mudarem-se os successos e negociações com a mudança do poder dos que governavam, como succedeu dentro de pouco tempo.

Despedidos os embaixadores, se partiu o governador para a villa de Tentugal, que era sua, e está no campo do Mondego, da qual villa partiram por seus embaixadores Leonel de Lima, que foi o primeiro visconde de Villa Nova de Ca-

minha, e o doutor Ruy Gomes da Alvarenga, que, bem instruidos do que haviam de fazer, se partiram para aquelles reinos, onde trataram com El-Rei D. João nas materias e razões da resposta de sua embaixada, em segredo, conforme a ordem que levavam, em que lhe concluíram com muitas razões que a Rainha não devia pertender o governo d'estes reinos nem a tutella de seus filhos; o reino havia por grande inconveniente ser ella admitida a tal pertensão, por se encontrar a quietação d'elle, em tanto, que por não vir a effeito antes queria o reino ficar sujeito a uma perpetua guerra, que consentil-o, e que ainda que de justiça lhe não tinham obrigação, comtudo por ser mãe de El-Rei seu senhor, e ella assim o querer, lhe dariam aonde ella quizesse, fóra d'estes reinos, seu dote e arrhas, com todos os bens que se achassem serem seus, e lhe dariam mais dez mil dobras de ouro para satisfazer aos que a serviram; e por fim quizeram por muitas razões mostrar e persuadir que El-Rei D. João devia mais satisfazer com El-Rei D. Affonso e com o governador, que com a Rainha, nem com os Infantes de Aragão, seus irmãos. El-Rei D. João depois de os ouvir teve conselho com os seus sobre esta resposta de sua embaixada, para que em presença da Rainha e dos Infantes seus irmãos, em acto publico, perante o seu conselho e muitos grandes de Castella, onde houve diversos pareceres de paz e guerra, e finalmente concluíram que conforme os capitulos das pazes que haviam sido feitas com El-Rei D. Duarte, não se podia fazer guerra a estes reinos pelos negocios da Rainha; e foram, os que mais insistiram n'este parecer o conde de Faro e o Bispo de Avila, dando-lhe para prova d'elle muitas razões de esta-

do ; e só podia haver logar a guerra sendo a Rainha irmã ou filha de El-Rei D. João, e de outro modo não ; e o conde de Faro fez uma pratica dirigida á Rainha que por todos foi ouvida com grande applauso, por elle ser pessoa de grande qualidade e muito respeitado, cujo theor se poz a letra, como de pessoa tão auctorisada.





CAPITULO XXVI

Da practica que fez o conde de Faro dirigida á Rainha

BEM creio, Senhora, que em caso que o voto que dei seja contrario ao que Vossa Alteza pretende e deseja, não deixará de crêr que amo muito seu serviço e dos Infantes seus irmãos, por cujo respeito e amor trabalhei sempre como elles sabem, mas porque estou confiado que assim Vossa Alteza, como elles estão certos que o que digo não é por me parecerem bem suas cousas, ou ser a ellas contrario, mas porque a razão está clara de minha parte, quiz dar livremente meu parecer, o que outros não fizeram por alguma razão ou respeitos entendendo-o como eu; é primeiramente Vossa Alteza mui mal aconselhada em pertender governar o reino de Portugal, e administrar a fazenda de El-Rei seu filho contra vontade do reino e principes d'elle, e havel-o por via de guerra, tirando-o ao Infante seu cunhado, pois é notorio que todo aquelle reino o

ama em grande maneira e o hão de favorecer e seguir, e sendo-lhe Vossa Alteza contraria lhe não hão de obedecer, antes perseguir emquanto poderem, e posto que o alcançara e algum tempo os tivera sujeitos, nunca a servirão leal e verdadeiramente, e a hora que poderem se hão de rebelar, e das promessas e palavras que alguns d'aquelles reinos lhe fizeram de a recolher, favorecer, e ajudar, já deve de estar desenganada da confiança que n'ellas deve ter, principalmente sendo certa a concordia do governador com o Infante D. Affonso seu irmão, com o qual todos os principes d'aquelle reino ficaram unidos e debaixo de sua obediencia, e dado que a Vossa Alteza lhe pareça que a necessidade lh'o fez fazer, e que por isso a não hajam de sustentar havendo guerras, e sendo estes reinos postos contra elles em armas, Vossa Alteza o não creia, quanto mais que eu não sei que amor ou segurança espera de reino cujo governo quer alcançar dos naturaes com mortes e outras desaventuras que costumam criar o odio e desamor; pelas quaes razões e outras muitas que podera dar, me parece que não deve Vossa Alteza procurar o governo por tal via; deixo á parte, nem fallo já no grande trabalho, perda, e excessivas despezas que a estes reinos se seguiriam, e quão duvidosas são as esperanças da victoria; e não se engane Vossa Alteza com cuidar que a guerra não tem muito perigo, e que a victoria está certa, porque já deve estar segura, e saber que aquelle reino é de gente muito leal em que não falta exforço e valentia, e assim ha de ser mui difficultoso de sujeitar, e para melhor se conhecer esta impossibilidade, é bom exemplo vêr que n'estes reinos um cavalleiro senhor de duas for-

talezas tem atrevimento para desobedecer a seu Rei nosso senhor, e se alevantar, e quero dizer, se me é licito, que com muito trabalho o pôde sujeitar, e vejo que os senhores Infantes, irmãos de Vossa Alteza, que presentes estão, lhe é necessario terem sempre gente de armas contra o condestable D. Alvaro e contra o mestre de Alcantara, seus inimigos, e será impossivel poderem accudir a uma e outra parte, ou para accudir ás cousas de Vossa Alteza lhe ha de ser necessario sujeitar-se a elles, o que nem é justo, nem pôde parecer bem a ninguem, nem Deus o quererá, por ser tão contrario a sua honra; e é cousa sem duvida que estes dois homens por grande inimizade que tem com elles, e com Vossa Alteza, e por as grandes ajudas e soccorros que tem recebido do governador em suas cousas, o hajam sempre de ajudar e favorecer, quando mais não seja por enfraquecer e debilitar aos senhores Infantes; e ainda que fizemos esta empreza e guerra com tão bom successo que sujeitassemos o reino de Portugal, duvido se lhe ficara o governo d'elle, nem o mesmo reino a El-Rei seu filho, porque em materia de ganhar novos reinos não ha reparo na co-biça humana, e é muito má de guardar a justiça, como por muitas vezes se tem visto no mundo, que depois de ganhadas semelhantes victorias, ficaram com os vencedores os reinos e provincias, e sobretudo, com reverencia de El-Rei meu senhor, que presente está, digo que Sua Alteza tem muita obrigação ao governador, e tenho por cousa certa que pelos rogos e importunações de Vossa Alteza e de seus irmãos, tem feito até agora deligencia com embaixadas para vêr se boamente com ellas podia haver algum bom concerto e concordia com que Vossa Alteza ficasse

bem; mas não ha-de passar adiante, nem fazer cousa que mude a quietação e segurança de seus reinos; pelo que, Senhora, meu conselho é que para quietação de sua consciencia e pessoa, accéite qualquer arrazoado partido que de Portugal se lhe fizer, que d'outro modo será cousa sem duvida que cada dia irá empeiorando, e terá menos remedio em seus negocios e razão de novas queixas.

Este desengano do conde de Faro foi mui louvado de todos a uma voz, e El-Rei D. João o approvou; e por parte da Rainha se apontaram alguns meios de concordia em que se pedia grande quantidade de dinheiro pago logo, e certa renda cada anno para sustentação da Infanta D. Joanna, e grandes casamentos para criadas, e mercês para criados, e satisfação de fazendas tomadas em alguns officios e cargos, pago tudo e satisfeito até certo tempo, com outras muitas cousas que se deram por escripto; com os quaes requerimentos se despacharam embaixadores com esperanças que em breve tempo tornariam despachados; mas como o governador foi avisado do que se tinha assentado e do desengano que fôra dado á Rainha, com que se viu desapressado e livre dos receios de guerra que tanto temia, dilatou a resposta com dizer não podia responder nem dar assento sem o tratar com seus irmãos e com outras pessoas a que era necessario dar conta; e foram tantas as dilações que senão effectuou nada, e se conheceu que o governador não queria vir em concordia alguma, nem satisfazer á Rainha, e que suas obras eram mui differentes do que as palavras promettiam; e n'aquelles reinos houve logo tantas novidades que foram parte para se não entender mais em suas cousas; e finalmente

os embaixadores se tornaram sem resposta, enfadados de esperas e do mau procedimento que com elles se tinha; nem a Rainha poude nunca haver do governador cousa alguma do que era seu, nem mantimento para si nem para a Infanta D. Joanna sua filha, que sempre a acompanhou em seus trabalhos.





CAPITULO XXVII

De como falleceu o Infante D. João, e d'outras cousas que se passaram n'este tempo

No fim do anno de 1443 falleceu o Infante D. João em Alcacer do Sal, d'onde logo foi levado seu corpo ao convento da Victoria, que agora se chama da Batalha, onde tem sua sepultura dentro da capella de El-Rei seu pae. Foi sua morte muito sentida, e chorou-se em todo o reino, porque era Principe de grandês virtudes, sem vicio algum que diminuisse o lustre de suas obras, e grande zelador do bem commum, e se conheceu bem em muitas cousas que se seguiram o grande amparo que n'elle perderam estes reinos, e quem mais perdeu foi o mesmo governador. Era principe de mui grande casa, a quem serviam muitos fidalgos dos melhores do reino; foi sua morte sentida em extremo do Infante governador, e com muita razão, porque tardou pouco tempo depois d'ella que elle e sua casa não começasse a declinar e ir cabe-

ça abaixo até de todo se consumir; o qual estava a esse tempo em Coimbra, onde lhe foi dada tão triste nova, e de tal modo o sentiu que de pura tristeza cahiu em cama e esteve á morte sem se lhe conhecer outro mal mais que o sentimento d'ella, como se já adivinhára a muita falta que lhe havia de fazer; e não era muito haver n'elle tanto sentimento porque se amaram mui verdadeiramente, e se elle vivera, porventura não vieram suas cousas a tanta diminuição, porque ou lhe fizera temperar suas cousas de modo que não viera a cahir em muitos erros em que depois cahiu, e interessara por elle com El-Rei D. Affonso seu sobrinho, que não chegara ao ultimo que chegou; mas faltou-lhe este Principe que sempre fez por elle e lhe não faltou nunca em suas necessidades.

Não acabou no governador com sua morte o que lhe queria, como mostrou depois a experienciã no que com seus filhos fez, porque de tres que lhe ficaram, a D. Diogo que sómente lhe ficou varão deu logo a dignidade do Condestavel, tanto que falleceu seu pae que o era; e lhe deu o Mestrado de Santiago com tudo o que seu pae tinha da corôa, sendo elle a esse tempo de mui pouca idade, o qual viveu pouco depois da morte do pae; a filha maior se chamou D. Izabel, Princeza de grandes perfeições e virtudes; que casou com El-Rei D. João, o segundo de Castella, de que temos fallado, da qual procedeu grande e real geração, e os mais dos monarchas e principes da Europa, e foi mãe da catholica Isabel, Rainha d'aquelles reinos, mulher de El-Rei D. Fernando catholico; a segunda filha do Infante D. João foi D. Beatriz, que casou com o Infante D. Fernando, irmão de El-Rei D. Affonso,

cujo filho foi El-Rei D. Manoel que tanto honrou e ennobreceu estes reinos, e da Rainha D. Leonor, mulher de El-Rei D. João o segundo; e D. Catharina, Duqueza de Bragança, mulher do Duque D. Fernando o segundo, que todos foram netos do Infante D. Affonso, primeiro Duque d'aquella real casa de Bragança, segundos netos do grão Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.





CAPITULO XXVIII

De como o Infante D. Affonso foi feito duque de Bragança e a dignidade de Condestavel se deu a D. Pedro, filho do governador

SENDO passados alguns dias depois da morte do Infante D. João, estando o governador em Evora em companhia de El-Rei, falleceu D. Duarte, senhor de Bragança, que tambem era senhor do castello de Outeiro de Miranda. Veiu logo á côrte a pedir este estado o Infante D. Affonso seu irmão; o governador se escusou por dizer que o tinha promettido ao conde de Ourem seu filho, que na pertenção se antecipou; mas o pae e filho se concordaram, com que o conde de Ourem desistiu da pertenção e promessa, porque como primogenito havia de succeder em seus estados, e com seu consentimento o houve seu pae com o ducado de Bragança e titulo d'elle, supposto que lhe não veiu a successão por seu pae o passar de dias, e por lhe não ficarem filhos, veiu a casa com todos os estados ao segundo filho, D. Fernando o primeiro, que como temos dito

era conde de Arrayollos. No Janeiro seguinte de 1444 falleceu D. Diogo, filho do Infante D. João, que pouco havia fôra provido na dignidade de Condestavel, cuja casa e herança se passou a sua irmã D. Isabel, mas como d'ahi a pouco tempo casou com El-Rei D. João de Castella, como fica dito, succedeu n'ella sua irmã segunda, D. Beatriz.

Por morte de D. Diogo proveu o Infante D. Pedro o cargo e dignidade de Condestavel em D. Pedro, filho maior seu, oppondo-se contra isso o conde de Ourem, que o pertendia e dizia dever-selle de direito por ser primeiro dado a seu avô D. Nuno Alvares Pereira, para elle e sua casa, e n'elle fôra principiada tal dignidade, com o qual direito pertencia a sua casa e descendentes, dizendo mais que posto que o não houvera o Infante D. Affonso seu pae, fôra porque do avô, o Condestavel, não ficara filho varão, e que por o Infante D. João casar com sua irmã, neta do mesmo Condestavel, lhe fôra dado, e elle e seu pae o houveram por bem, e com seu consentimento lh'o dera El-Rei D. Duarte, por ficar tão propinquo a ambos com o genro e irmão de seu pae e cunhado seu, e tambem o não encontrara quando agora fôra provido no Condestavel D. Diogo seu sobrinho, porque não sahia da geração e descendia do Condestavel seu avô, mas agora que era fallecido e não havia quem no direito lhe precedesse, como neto mais velho do Condestavel, a elle pertencia de justiça, e se lhe não devia tirar, e assim pedia ao governador lhe não tirasse seu direito; ao que lhe respondeu que El-Rei seu senhor tinha feito mercê d'elle a D. Pedro seu filho, para o poder servir mais commodamente em algum cargo de honra que se offerecesse, mas que mostrando

elle doação authentica, ou outra razão equivalente, por onde lhe pertencesse, que elle lh'o não tiraria, allegando mais para sua justificação, que havia poucos dias que recebera uma tão grande mercê de El-Rei seu senhor, como o ducado de Bragança que elle mesmo de sua vontade largara a seu pae, e o houvera por bem, por ficar em proxima esperanza de succeder n'elle e em todos seus estados, e ficar com titulo de duque que não se dera se não aos Infantes filhos de Rei, e segundo a muita idade de seu pae dentro de poucos dias ficaria com o ducado e tres condados, e com outras muitas terras e senhorios, e maiores estados que nenhum dos filhos de El-Rei D. João seu avô, e que pela estreiteza de Portngal não devia pertender mais, e se havia de haver por bem satisfeito, e portanto lhe rogava houvesse por bem que D. Pedro seu filho houvesse aquelle cargo e dignidade, que bem cabia n'elle, pois era seu filho, e tambem neto como elle de El-Rei D. João, e carecia de outros estados como elle bem via, e por outras muitas razões se lhe devia, que era escusado trazer á memoria, que elle o sabia muito bem, e que isto seria quando elle de sua parte não mostrasse pertencer-lhe de justiça, porque então fosse certo que seu filho o largaria logo.

Assim ficou a dignidade de Condestavel ao dito D. Pedro, com grande sentimento e paixão do conde de Ourem, que se deu por tão aggravado do governador, que nunca mais o quiz vêr, nem ir a sua casa como de ordinario o fazia, e se sahiu da côrte e não entrou mais n'ella emquanto elle governou, antes foi sempre tido e conhecido por seu capital inimigo; e muitos tiveram para si que esta dignidade de Condestavel, que lhe não deu, e odio que

d'ahi se começou entre elles, foi grande parte para as desaventuras do Infante D. Pedro, porque tanto que El-Rei D. Affonso tomou o governo do reino, o conde de Ourem se tornou á côrte e continuou com El-Rei com muita familiaridade, e d'ahi em diante foi o Infante desfavorecido e suas cousas foram declinando.





CAPITULO XXIX

Das grandes miserias que passou a Rainha em Castella, e de como morreu com suspeita de veneno

EM grande aperto, e soffrendo muitas miserias estava em Toledo a Rainha D. Leonor, porque, posto que, quando sahiu d'estes reinos levou copia de dinheiro amoedado, joias, e alguma prata lavrada, em pouco tempo se gastou, e lhe foi necessario vender tudo para provimento de sua casa e de seus creados, que com ella foram; e como todas as rendas e bens que n'este tinha lhe estavam tomados, em pouco tempo lhe faltou o necessario, e se viu em grande miseria, e lhe foi necessario largar a mais da gente que tinha, a qual deu em filamento a El-Rei de Castella, e outros accommodou com grandes e titulos d'aquelles reinos, conforme a qualidade de cada um.

E nem isso tardou para deixar de se vêr tão pobre e necessitada, que lhe foi necessario receber ajudas e serviços d'alguns prelados e fidalgos, do

que se sustentou por alguns annos, ella e a Infanta D. Joanna, sua filha, com grande ignominia d'estes reinos, bem pouco sentida do governador, em especial uma D. Maria da Silva, da cidade de Toledo pessoa muito principal e rica, gastou com ella muito de seus bens e rendas e a sustentou por algum tempo; e tambem d'estes reinos lhe accudiram com alguns serviços, e sobre todos foi o de D. Fernando de Noronha, primeiro conde de Villa Real, que da cidade de Ceuta, d'onde estava, lhe mandou uma grande quantidade d'ouro amoedado, em reconhecimento das mercês que d'ella recebera, e da criação que lhe fizera El-Rei D. Duarte, e outras muitas mercês com que o accrescentaram, o que lhe foi muito louvado, assim n'estes reinos como nos de Castella; e em reconhecimento lhe fez depois El-Rei D. Affonso muitas mercês.

Finalmente sentindo-se a Rainha muito alcançada de andar mendigando com tanta miseria, e cançada de requerer e esperar sem vêr termo em seus requerimentos, e vendo todos os mais caminhos atalhados pelas mudanças das cousas d'aquelles reinos, por as de seus irmãos irem empeiorando, de que era a causa que o Condestavel D. Alvaro de Luna tornou á sua privança e a governar os reinos de Castella; e aos Infantes seus irmãos lhe foi necesssrio passar-se a Aragão, como logo se verá, ella se achou desamparada e tomou por ultimo remedio tentar se podia tornar para estes reinos, entendendo que, como El-Rei seu filho ia já crescendo em idade e saber, á sombra d'elle mais commodamente viveria; pelo que determinou mandar a estes reinos Moises Gabriel, seu capellão, com cartas de crença e instrucção com seus poderes para que, por

via do conde d'Arrayollos e intercessão sua tornar a estes reinos, pedindo tambem ao conde desse conta a El-Rei seu filho de suas miserias e trabalhos, e quanto indecentemente estava em Castella, (porque já então tinha saber para sentir o mau tratamento de sua mãe) mas posto que algumas cousas sabia, era tão sujeito ao governador, que em nada lhe sahia da vontade, ainda que alguns tinham para si que mais era temor que respeito, e que dissimulava até se vêr livre do governo seu; tambem escreveu a Rainha ao Infante governador uma carta de sua mão, em que lhe recontava seus trabalhos e miserias, que elle bem sabia, com palavras bastantes a mover corações de pedra, dando-lhe conta das necessidades que ella e a Infanta sua filha padeciam, e como era necessario sustentarem-se de esmolas, que lhe pedia lhe mandasse largar seus bens e rendas, e dar o necessario para a Infanta sua filha, e houvesse por bem que ella se podesse tornar a estes reinos, não como Rainha ou senhora d'elles, mas como irmã sua menor.

Escreveu outra ao conde d'Arrayollos, em que lhe dava a mesma conta e pedia fizesse, como d'elle esperava, de modo que se podesse tornar para o reino.

Chegado Mosem Gabriel a Albuquerque, que não quiz entrar no reino sem licença do governador, lh'a mandou pedir, e tanto que a teve, se foi á cidade d'Evora, onde estava o conde d'Arrayollos, ao qual deu a carta da Rainha e lhe deu conta do a que vinha, e como elle lhe fôra sempre muito affeçoado e viu que o que pedia era tão justo, e a miseria em que estava, tomou á sua conta tratar o negocio com o governador e compôr a Rainha com

elle, e para esse effeito mandou com elles um Gabriel Vasco Gil, seu secretario, escrevendo-lhe sobre aquelles negocios a que vinha, pedindo-lhe que se houvesse como quem era, e como mãe d'El-Rei seu senhor; pois o que pedia era tão justo, e ella o pedia com tanta humildade.

O governador mostrou ouvir este requerimento com muito gosto, respondendo a Mosem Gabriel que estimava muito ter a Rainha já cahido na razão e estar desenganada no conhecimento dos errados caminhos que seus conselheiros lhe fizeram seguir, dando mostras de vir no que ella pretendia; mas debaixo d'estas boas palavras foram tantas as dilações, que o conde d'Arrayollos houve de vir pessoalmente a tratá-lo com elle, e em dares e tomares gastaram alguns dias, sem o governador se acabar de resolver, de modo que o conde conheceu que não queria vir em nada, e com esta desconfiança se despediu d'elle, deixando porém na côrte com seus requerimentos a Mosem Gabriel, sem lhe declarar a desconfiança que levava; mas tanto tempo dilatou o governador a resposta e resolução, que sendo passados sete mezes de requerimentos, até que no fim d'elles chegou recado que a Rainha era fallecida em Toledo a 19 de Fevereiro de 1445.

Sua morte foi mui apressada, sem ter uma hora para ordenar suas cousas, nem o tocante a sua alma, posto que vivia tão perfeitamente, que se cria estar a todo o tempo aparelhada para o que Deus d'ella ordenasse. Teve-se por cousa certa ser dada com veneno, e assim foi averiguado pelos medicos, porque em se lhe lançando uma medicina ou ajuda em que lhe foi dada, dentro de mui pouco espaço deu a alma a Deus; e o que poude investigar foi que

fôra traçada pelo Condestavel D. Alvaro de Luna e sollicitada pelo Infante D. Pedro, seu grande amigo; e foi ministro d'ella uma dona da Villa de Ilhescas, que na casa da Rainha tinha muita entrada e familiaridade, a qual morte se entendeu lhe apressaram com receios de que assistindo a Rainha em Toledo, o Infante D. Henrique, seu irmão, tornaria áquelles reinos, porque sobre isso trazia tratos com Pero Lopes ne Ayalla, alcaide mór d'aquella cidade, pessoa de grande valor e qualidade, e grande inimigo do Condestavel, que sempre lhe serviu de freio a muitas das suas tyrannias, e não tardaram quinze dias que não morresse a Rainha D. Maria, mulher de El-Rei D. João, irmã da Rainha D. Leonor, que tambem foi segundo se averiguou do mesmo veneno traçado pelo mesmo Condestavel, a qual morte por altos juizos de Deos, e caminhos incognitos procurados por elle mesmo, foi principio de sua perdição, como poucos annos depois succedeu, casando El-Rei D. João por ordem do mesmo Condestavel com a Rainha D. Izabel, filha do Infante D. João d'estes reinos, que foi quem lhe pôz o cutello na garganta, abrindo os olhos a El-Rei seu marido, dando-lhe a conhecer as obras do Condestavel, e fazendo com elle que o castigasse como merecia, como em effeito fez, mandando-o degollar em um cadafalso publico, como das chronicas do mesmo Rei se pôde vêr, e outras historias.

Tornando ao nosso discurso, por então ficaram as mortes d'estas duas Rainhas sem castigo, e sem se fazer sobre ellas a deligencia devida, porque como El-Rei se governava pelo mesmo Condestavel e não se fazia mais que o que elle queria, mal se podiam castigar, sendo elle o auctor d'ellas, mas fi-

cou bem claro que a Rainha D. Leonor foi uma grande crueldade e tyrannia, pois quem lh'a traçou senão houve por satisfeito de a vêr cercada de tantos trabalhos, e depois de se lhe tirar o remedio para a vida, se lhe tirou tambem a mesma vida, que tanto póde um odio reconcentrado em uma ambição insaciavel.

Tanto que o governador teve certeza da morte da Rainha, mandou logo buscar a Toledo a Infanta D. Joanna, que então era de 7 annos, e ficára n'aquella cidade em grande desamparo, e sendo na cidade de Lisboa a mandou pôr em companhia da Infanta D. Leonor, sua irmã, em poder de Violante Nogueira, sua aia, e tomou para o serviço d'El-Rei alguns criados que ficaram da Rainha, que lhe não foram contrarios, mas não eram de muito nome, que vieram de Castella com ella e ficaram no mesmo desamparo.





CAPITULO XXX

Em que se trata do soccorro que o governador mandou ao Condestavel de Castella D. Alvaro de Luna

COM morte das duas Rainhas de Portugal e Castella ficou o partido dos Infantes de Aragão, seus irmãos, mui menos fallado e diminuido, porque de todo lhe faltou o favor para com El-Rei D. João, o que vendo o Condestavel D. Alvaro, não quiz perder a occasião de os acabar e lançar d'aquelles reinos, o que bem pode fazer porque n'elles senão fazia mais que o que elle ordenava, tendo El-Rei sómente o nome, e o Condestavel o poder, e além dos preparamentos de gentes que contra elles fez em Castella, fez escrever cartas em nome de seu Rei ao governador, pedindo-lhe ajuda de gentes de armas contra elles, chamando-lhe inimigos communs, e o mesmo lhe escreveu o Condestavel da sua parte.

Tanto que o governador teve este recado mandou ajuntar os do Conselho e outros fidalgos em a Villa

de Tentugal, onde estava com El-Rei, e sendo juntos antes de lhe pedir conselho, depois de ter dado conta do que El-Rei e o Condestavel pediam, lhe propoz e affirmou que em pessoa os havia de ir ajudar com tanto poder de gentes como se devia, sendo elle o que levava o soccorro, mostrando tanto gosto e alvoroço para aquella ida, quanto era o odio que tinha aos Infantes, o que lhe foi de muitos mal julgado, em tanto que por essa mesma causa houve muitos fidalgos e pessoas de gran qualidade que reprovaram dar-se tal soccorro, assim por essa razão, como por ser contra os Infantes tios d'El-Rei seu senhor, contra os quaes não havia outra razão de guerra mais que o odio do Condestavel D. Alvaro de Luna e do governador, nem estes reinos tinham recebido d'elles nos negocios da Rainha aggravos alguns, porque posto que com embaixadas e requerimentos pertendessem que fosse restituida ao governo e cousas que pertendia, tinham obrigação de o fazer como irmãos, mas que nunca inquietaram o reino com guerras; que se o Condestavel tinha guerras com elles, e os queria destruir; não fosse com poder e armas d'El-Rei seu sobrinho, antes era mais justo que se lhe desse ajuda para se livrar de seu poder.

Não foi este parecer contrario da verdade, mas como os mais tratavam de contentar o governador, e o viam tão determinado para dar ajuda ao Condestavel, disseram que era bem que se dêsse, pois El-Rei D. João e o Condestavel o pediam, mas que não era licito que fosse elle mesmo em pessoa como dizia, pois tinha as vezes de Rei, que lhe não convinha a elle, nem á honra do reino passar a dar soccorro em reinos astranhos, não sendo contra ini-

migos da fé, e não para destruir principes christãos, que podia ir com elle um de muitos cavalleiros, de muitos que no reino havia, sabios e experimentados; e finalmente se resolveram que o soccorro fosse n'esta forma, o qual quiz o governador mandar tal que correspondesse com a vontade que tinha de o dar, o qual se fez logo preparar, querendo satisfazer todos o seu desejo, mas já que não havia de ir em pessoa, quiz que fosse por general d'elle seu filho D. Pedro, Condestavel d'estes reinos, que n'aquelle tempo seria de idade de quinze annos, e levou dois mil homens de cavallo e quatro mil de pé, em a qual viagem o acompanharam muitos fidalgos principaes do reino, assim como D. Alvaro de Castro, que depois foi conde de Monsanto, Lopo de Almeida, que foi conde de Abrantes, D. Duarte de Menezes, que tambem o foi de Odemira, Diogo Soares de Albergaria, Fernão Coutinho e outros. E porque a esse tempo ainda o Condestavel não era armado cavalleiro, quiz o governador que antes de partir o fosse da mão de seu tio o Infante D. Henrique, que a esse tempo estava em Lagos, no Algarve, e foi logo chamado a Coimbra, e sem dilação fez aquelle caminho, e sobre qual d'elles o havia de armar, houve entre elle e o governador uma politica profia que cada um dizia que ao outro pertencia, até que por rogo do governador o fez o Infante D. Henrique; o qual posto que em seu tempo houve muitos principes de grandes estados, não houve nenhum em grandeza de animo e saber do exercicio das armas se lhe podesse egualar, como creado na escola do valoroso Rei D. João, seu pae.

Esta solemnidade se fez com grande magestade no mosteiro de S. Jorge, que está junto ao Monde-

go, por cima da cidade de Coimbra, e d'ahi patriu com sua gente mui bem ordenado, e lhe não faltaram suspeitas que lhe não pareceu bem tanto aparato de guerra.

O Condestavel entrou em Castella pela via de Ciudad Rodrigo, onde se lhe ajuntou outra muita gente que o governador seu pae lhe mandou.

Tinha n'este tempo o Condestavel D. Alvaro cercados na villa de Olivedo a El-Rei de Navarra, e a seu irmão o Infante D. Henrique, com alguns fidalgos e senhores de Castella que os seguiam em odio do mesmo Condestavel, que era grande, muito malquisto por suas soberbas e tyrannias, os quaes forçados de sua gente e dos que os seguiam, e juntamente confiados nas promessas de muitos que andavam no campo do Condestavel, e no commum, que sabiam que todo o reino lhe tinha, crendo que a mais da gente que estava no cerco se lhe passaria, determinaram de dar batalha antes de lhe chegar o Condestavel de Portugal com sua gente; e n'ella foram vencidos por lhe não succeder como imaginavam, por lhe faltarem com a palavra os que lh'a tinham dado de se passar.

El-Rei de Navarra se recolheu a seu reino, e o Infante D. Henrique a Aragão, sem mais tornarem a Castella, nem poderem alcançar o posto que procuraram.

Estando ainda o Condestavel D. Pedro em Ciudad-Rodrigo, soube d'esta victoria, e sabido tomou conselho com os seus sobre o que faria, se tornarse d'ahi para estes reinos sem passar ávante, ou se continuaria seu caminho até onde El-Rei D. João estava, e tomado assentaram de passar por diante, e foram por suas jornadas até á cidade de Touro,

onde tiveram recado seu em que lhe rogava que do mesmo modo e na ordem em que iam fossem até á villa de Mayorga, onde elle estava, que os sahiu a receber com muitos de sua côrte, e os festejou e proveu abundantemente; e sendo passados alguns dias em que foram festejados, El-Rei lhe deu seus agradecimentos, dizendo que pois já não era necessario soccorro, se podiam tornar para Portugal; mas como o Condestavel D. Pedro se offercesse que queria ficar com sua gente em seu serviço, o não quiz acceitar, mas lhe pediu que com a gente de sua casa e serviço ficasse por algum tempo em sua côrte, e á gente de guerra mandasse recolher com seus capitães, o que não consentiram os fidalgos que com elle foram, por lhe não parecer bem ir-se e deixal-o sem licença de seu pae, pelo que El-Rei o despediu com muitas dadas e mercês de grande preço; e não faltaram muitos grandes e prelados que lhe offereceram alguns presentes, dos quaes não quiz acceitar nada, sómente os acceitou d'El-Rei e do Condestavel D. Alvaro, e elle fez muitas mercês de grande estima, em que mostrou seu grande animo; e com sua gente em ordem se tornou para estes reinos, nos quaes entrou pela cidade de Bragança, e d'ahi se veiu a Aveiro a d'onde achou o governador seu pae, com El-Rei, d'onde despediram os fidalgos que com elle foram com grandes mercês e promessas; e a mais gente mandaram recolher a suas terras com apercebimento que fossem prestes para todo o tempo que fossem avisados.



CAPITULO XXXI

De como o Infante D. Pedro mostrou querer entregar o governo a El-Rei D. Affonso

SENDO já El-Rei D. Affonso de idade de quatorze annos, alguns fidalgos e prelados do reino murmuravam de se lhe não entregar o governo, que segundo os foros de Hespanha assim era ordenado e se costumara sempre; o que sabendo o Infante D. Pedro quiz dar mostras de lh'o querer entregar para escusar maiores murmurações, e para esse effeito mandou ajuntar côrtes para o Janeiro de 1446 na cidade de Lisboa, e sendo juntos na sala grande dos paços reaes, elle e os Infantes seus irmãos e o conde de Arrayollos, e muitos prelados e fidalgos, com os procuradores de côrte e mais ministros costumados em semelhantes actos, o doctor Diogo Affonso, em nome do Infante governador, fez uma pratica, cuja substancia continha quatro pontos: o primeiro de como apresentava El-Rei aos tres estados do reino e principes d'elle

em boa disposição, e com saber e descripção mais do que sua idade promettia, de que dava a Deus muitas graças; o segundo, que no governo que todos lhe deram em nome de El-Rei seu senhor, com todas suas forças fizera muito além do que lhe fôra possivel, posto que por os successos tão contrarios e varios, com tantas discordias e inquietações, elle confessava havel-os feito com muitas faltas e menos bem do que desejára; o terceiro foi dar graças aos que lhe deram ajuda para bem governar; o quarto e ultimo, que, posto que não parecia decente darem-se em tão pequena idade aos reis seus reinos livres para por si os poderem governar; que vista a perfeição de El-Rei seu senhor, e saber e entendimento por especial graça se lhe devia conceder como se fôra de perfeita idade, e como tal lh'o entregava livremente; e acabada esta pratica o governador lhe metteu o sceptro na mão, e com os joelhos em terra e grande acatamento e submissão, lhe beijou a mão, e o mesmo fizeram os Infantes D. Affonso e D. Henrique seus tios, e o conde de Arrayollos seu primo co-irmão, e apoz elles os estados do reino cada um por sua ordem, conforme os estylos de similhantes actos.

Acabada a solemnidade se recolheu El-Rei á sua camara acompanhado do Infante D. Henrique, que o ia instruindo do modo que havia de governar seus reinos, aconselhando-lhe que devia ter sempre consigo uma pessoa da casa real que fosse bem vista e pratica em materias de governo, que o ajudasse a levar o peso d'elle; e depois de El-Rei o ter ouvido por algum espaço lhe respondeu que não deixasse o Infante D. Pedro de governar em seu nome como até ali fizera, dando-lhe comtudo conta dos

negocios de importancia, porque receiava que elle por si não poderia com tão grande cargo; e sendo passados tres ou quatro dias ordenaram os mesmos Infantes D. Pedro e D. Henrique outro ajuntamento em que o mesmo doctor Diogo Affonso fez outra pratica larga e assás prolixa de louvores e engrandecimentos do governador, e por fim d'ella tratou que havia El-Rei por recebido do Infante D. Pedro seu tio, o governo de seus reinos, dando-lhe grandes louvores pelo haver governado com grande satisfação, deffendendo-o de seus inimigos, e deixando-lh'o em paz e rico, dizendo mais que El-Rei lhe dava e concedia largas quitações de todo o tempo que governara, e por maior honra sua ficasse por lembrança e registro verdadeiro que por isso lhe ficava El-Rei e todo o reino em grande obrigação, não só a elle, mas tambem a todos os que d'elle descendem, e conhecia, confessava e declarava, que nenhum Principe fôra tão bem servido nem creado com tanta perfeição, com tanta lealdade como elle fôra, e que por falta de idade e experiencia que se requeria para poder governar seus reinos, lhe era necessario eleger quem o ajudasse e encaminhasse, e por muitas razões e respeitos não havia em todos seus reinos quem fosse mais conveniente que seu tio o Infante D. Pedro, que El-Rei sem requerimento nem lembrança de pessoa alguma o elegia para isso, e havia por bem que elle governasse e administrasse como até então fizera, até elle se sentir em idade e disposição para por si o poder fazer sem sua companhia, o que geralmente mandava a todo seu reino, que todos lhe obedecessem e o servissem assim e da maneira que até então o tinham feito; disse mais que El-Rei dava grandes agrade-

cimentos ao mesmo Infante D. Pedro e aos mais Infantes seus tios, em lhe darem por mulhor a Rainha D. Isabel, filha do mesmo governador, e os mesmos agradecimentos dava a todos os fidalgos e prelados do reino, e os mesmos aos ausentes por todos lhe procurarem, e que n'isso fôra de todos mui bem servido, e que por este seu casamento quando primeiramente fôra celebrado, por ventura defeituoso, por El-Rei não ter edade perfeita, era necessario ratifical-o agora que a tinha, o approvava como se n'aquella hora fôra celebrado, e o fizera, que ninguem imaginasse ou tivesse para si que fôra feito por negociação de pessoa alguma, senão de sua espontanea e livre vontade, e que elle fôra o que n'elle ganhara e interessara tudo.

E como esta pratica foi feita por ordem do mesmo Infante governador, ainda ficou menos encarecida do que podera ser, e a tudo El-Rei assistiu callado e soffrido, sem de sua bocca se ouvir se aquellas cousas eram com seu consentimento, do modo e maneira que se ordenavam e praticavam.





CAPITULO XXXII

De como El-Rei casou a filha do Infante D. João seu tio

Foi o Infante D. Pedro em companhia d'El-Rei por algum tempo governando livremente como d'antes o fazia, com muito descontentamento do Infante D. Affonso e de seus filhos, e contra vontade de todos os fidalgos e prelados do reino, dissimulando-o El-Rei que tambem por algumas razões mostrava desgostar-se d'isso.

N'este tempo tratou El-Rei de casar suas primas, as filhas do Infante D. João, e tendo-o concertado, sendo no principio do anno de 1448 se partiu com o Infante D. Pedro da cidade de Evora para a villa das Alcaçovas, para onde foi chamada a Infanta D. Izabel mulher do Infante D. João, e filha do Affonso, primeiro duque de Bragança, para que viesse com suas filhas, por estar concertado que D. Izabel, mais velha, cazasse com El-Rei D. João, o segundo

de Castella, e ahi foi logo recebida com elle na pessoa de seu embaixador Garcia Sanches, que com sua procuração se recebeu por elle; a segunda filha D. Brites na mesma villa celebrou matrimonio com o Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei, as quaes eram bisnetas do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e do dote que se prometteu a El-Rei D. João, que foram cem mil florins de Aragão, se seguiu pouca despeza, porque El-Rei os recebeu em compensação do soldo que se havia de pagar á gente de socorro que o governador mandou com seu filho o Condestavel D. Pedro, que tudo o mais podia n'aquelles reinos o Condestavel D. Alvaro de Luna, que era o que os governava; e ordenou este matrimonio bem fóra de imaginar o que por elle lhe havia de succeder; e logo no Maio seguinte, que era o tempo em que a Rainha D. Izabel havia de entrar em Castella, El-Rei D. Affonso e o Infante D. Affonso seu irmão, fizeram grandes festas em Lisboa a honra d'estes casamentos. E acabadas ellas o Infante D. Pedro acompanhado de muita fidalguia do reino o levou a Coimbra, onde foi tambem festejada, e d'ahi a Pinhel, logar que estava deputado para ahi a vir buscar El-Rei D. João pessoalmente, posto que não veiu, e se mandou escusar com muitos grandes de seus reinos, aos quaes foi entregue, que a levaram á cidade de Touro, onde El-Rei a estava esperando, e d'ahi foi com ella para Valladolid, onde se fizeram muitas festas por seu casamento.

Tanto que estes casamentos foram celebrados, houve alguma mudança no reino, nascida do descontentamento e mormurações que havia de El-Rei não tomar o governo sobre si, ou como outros di-

ziam, de o Infante D. Pedro o não querer largar; como tudo se verá mais largamente no livro terceiro d'este discurso.

FIM DO LIVRO SEGUNDO

INDEX

INDEX

CAPITULO I.—Em que se contem como o Infante D. Pedro tratou de tirar El-Rei á Rainha.....	5
CAPITULO II.—De como a Rainha foi avisada, e como os Infantes foram fallar com ella sobre alguma concordia	12
CAPITULO III.—De como a Rainha se apartou de El-Rei, e o deixou em Santo Antonio, e como o Infante se entregou d'elle.....	15
CAPITULO IV.—Do despedimento que a Rainha fez d'El-Rei seu filho e do Infante D. Fernando.....	21
CAPITULO V.—De como a cidade quiz levantar estatua ao Infante D. Pedro.....	24
CAPITULO VI.—De como a Rainha se queixou aos Infantes de Aragão, e á Rainha de Castella, seus irmãos	27
CAPITULO VII.—Em que se trata de como se entendeu no resgate do Infante D. Fernando que não teve effeito	33
CAPITULO VIII.—De como se partiu a Rainha de Alemquer para Almeirim.....	40
CAPITULO IX.—De como o Infante D. Affonso ajuntou os fidalgos de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes em favor da Rainha.....	45
CAPITULO X.—De como a Rainha se concertou com o governador, cujo concerto se lhe não guardou.....	50
CAPITULO XI.—De como a Rainha se passou de Almeirim para o Crato.....	56
CAPITULO XII.—De como o governador soube da partida da Rainha e do que sobre isso fez.....	61
CAPITULO XIII.—Da liga que o Infante D. Affonso fez com El-Rei de Navarra e os Infantes de Aragão em favor da Rainha, e do que o Infante governador contra ella fez.....	64
CAPITULO XIV.—De como o Infante D. Henrique se foi vêr com o Infante D. Affonso para o concertar com o governador.....	69

INDEX

CAPITULO XV.—De uma embaixada que veiu de El-Rei de Castella sobre a Rainha, e a resposta d'ella.....	72
CAPITULO XVI.—De como o governador tratou de trazer á sua obediencia o prior do Crato, e diligencias que sobre isso fez.....	77
CAPITULO XVII.—De uma embaixada que veiu de El-Rei de Aragão sobre as cousas da Rainha.....	84
CAPITULO XVIII.—De como o Infante governador fez guerra ao Crato, e do que succedeu n'ella.....	87
CAPITULO XIX.—De um soccorro que veiu de Castella á Villa do Crato.....	94
CAPITULO XX.—Do cerco que poz o governador á Villa do Crato e partida da Rainha para o reino de Castella	98
CAPITULO XXI.—De como o Infante governador tratou de fazer guerra ao Infante D. Affonso seu irmão....	105
CAPITULO XXII.—Como se effectuou o casamento de El-Rei D. Affonso com a filha do Infante governador	111
CAPITULO XXIII.—De como a Rainha se queixou a El-Rei de Castella, e da embaixada que sobre isso veiu a este reino.....	114
CAPITULO XXIV.—Das côrtes que se fizeram em Evora, e da resposta da embaixada.....	119
CAPITULO XXV.—De uma concordia que se quiz tomar com a Rainha, que não teve effeito.....	122
CAPITULO XXVI.—Da pratica que fez o conde de Faro dirigida á Rainha.....	126
CAPITULO XXVII.—De como falleceu o Infante D. João, e d'outras cousas que se passaram n'este tempo....	131
CAPITULO XXVIII.—De como o Infante D. Affonso foi feito duque de Bragança, e a dignidade de Condestavel se deu a D. Pedro, filho do governador.....	134
CAPITULO XXIX.—Das grandes miserias que passou a Rainha em Castella, e de como morreu com suspeita de veneno.....	138
CAPITULO XXX.—Em que se trata do soccorro que o governador mandou ao Condestavel de Castella D. Alvaro de Luna.....	144
CAPITULO XXXI.—De como o Infante D. Pedro mostrou querer entregar o governo a El-Rei D. Affonso....	149
CAPITULO XXXII.—De como El-Rei casou a filha do Infante D. João seu tio.....	153

OBRAS PUBLICADAS

- I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas..... 600
- II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas 600
- III — ETHIOPIA ORIENTAL, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 27000
- IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 1.º volume 350
- V — O INFANTE D. PEDRO, 2.º volume (em publicação).

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO—LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

O INFANTE

D. PEDRO

CHRONICA INEDITA

POR

Gaspar Dias de Landim

VOLUME III

ESCRITORIO—RUA DOS RETROZEIROS, 147

LISBOA — 1894

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario — LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

O INFANTE D. PEDRO

CHRONICA INEDITA

POR

Gaspar Dias de Landim

LIVRO TERCEIRO



ESCRITORIO

147, *Rua dos Retrozeiros*, 147

LISBOA

—
1894

LISBOA
Impresso na Typ. do Commercio de Portugal
41, Rua Ivens, 41

1894



LIVRO TERCEIRO

CAPITULO I

De como El-Rei D. Affonso houve o governo do reino contra vontade do Infante D. Pedro

Ficou o Infante D. Affonso (que como fica dito foi o primeiro Duque de Bragança) mui descontente de vêr que o Infante D. Pedro, governador, não queria largar o governo a El-Rei seu sobrinho, ou movido de pouca amizade que com elle tinha, ou por ventura por lhe não parecer conveniente que tendo-o largado em côrtes, por via de negociações e dissimulações não queria desistir d'elle, e trazer El-Rei sujeito de traz de si por onde andava, sendo já de idade e saber para se governar por seu arbitrio e não por vontade alheia. Pelo que avisou a El Rei por Gonçalo Pereira, fidalgo de sua casa, e lhe mandou uns apontamentos em fórmula de conselho em que o persuadia que governasse seus reinos, e não andasse sujeito ao Infante D. Pedro, pois lhe dera Deus tão perfeito juizo e entendimento, que podia governar outros estados muito maio-

res. O mesmo lhe persuadia e aconselhava por suas cartas o Conde de Ourem, e quem mais continuo era n'estas lembranças e persuasões foi o Arcebispo de Lisboa, que havia dias assistia na presença de El-Rei muito contra vontade do Infante, mas oppunha-se em contrario a agencia e diligencia do Infante D. Henrique que lhe persuadia e aconselhava o contrario.

Mas tardou pouco que se não deliberasse que, já como casado e como quem tinha sua casa apartada, tinha mais liberdade para tratar com todos mais livremente, e o Duque D. Affonso seu tio continuasse com seus avisos lembrando-lhe que não era razão que em seu reino fosse outrem mais reverenciado e estimado que elle. E juntos estes aos que o Arcebispo seu tio lhe dava, e lembranças que se lhe faziam de que quem o trazia sujeito lhe perseguiu sua mãe, e senão deu por satisfeito com menos que com lhe tirar a vida depois de lhe ter tirado o remedio para ella, e a tirara tambem a elle se vira modo para poder tyrannisar o reino, e se o não pozera por obra fôra com medo de não sahir com essa pertensão que sempre se lhe conhecera, e se o não fizera fôra com medo de alguns Principes da casa real que eram leaes e verdadeiros, que sabia lh'o haviam de contradizer e impedir, e que pois assim era porque queria que em lugar de grandes castigos que merecia tivesse tanto poder que trouxesse a elle seu Rei sujeito de uma parte para outra tanto contra a auctoridade real como honra sua e de todo o reino.

Com estas e outras razões que se imprimiram no animo de El-Rei se determinou de excluir logo ao Infante do governo, e com effeito o avizou que logo

o largasse e se não entromettesse mais no tocante a elle, por que só queria governar, e lhe convinha assim.

Bem entendeu o Infante D. Pedro que aquelles movimentos tão determinados e resolução tão apresada procediam de animo apaixonado e sollicitado por seus inimigos e outras pessoas que lhe não eram affeioados e com grandes mostras de paixão lhe disse que era muito contente, mas que bem sabia que tudo nascia do que seus inimigos lhe faziam crêr e bem se tinha conhecido ser falso quanto lhe quizeram pôr, e que já nas côrtes proximas passadas se tinha escusado e largado o governo, e se tornara a acceitar fôra por elle lh'o mandar e todo o reino lh'o pedir, e fôra continuando com elle mais forçado que voluntariamente, o que já então vira e conhecera bem que lhe dera Deus o sigo e entendimento para que sem outra ajuda podesse governar seus reinos, e que pois assim queria que tambem tomasse juntamente sua casa e mulher com o governo pois estava em edade sufficiente e assim convinha a seu estado. No que El-Rei veiu tambem e ficou acertado entre elles o tempo em que se havia de effectuar.

O Infante tratou de se aperceber de tudo o necessario para a casa e serviço d'El-Rei e da Rainha sua filha como convinha, e o mesmo para a sua, não deixou o governador de continuar alguns dias com o governo por lhe parecer que El-Rei o havia por bem até tomar sua casa; mas teve logo aviso de El-Rei que não tratasse mais d'elle nem de cousa que lhe tocasse, por que antes de tomar casa e mulher queria governar por si que assim convinha a seu estado e honra. De que pesou muito ao Infante que dizia que juntamente tomasse mulher e governo,

ainda que muitos diziam que sua tenção era não o largar; de que sendo elle informado por tirar a occasião de algumas suspeitas ou de outros inconvenientes o largou de todo e se não entrometteu mais em materia alguma tocante ao governo, em tanto que algumas cartas que em seu nome estavam despachadas as não quiz assignar.

El-Rei sendo em o mez de maio de 1448 tomou casa com sua mulher em Santarem com as ceremonias e benções ordenadas pela egreja, com algumas festas, mas não foram aquellas que o Infante D. Pedro quizera e tinha ordenadas, porque El-Rei as não quiz, nem consentiu fazerem-se, em que deu ao Infante muito que cuidar, ao qual d'aqui em diante não succederam as cousas tão prosperamente, porque como de algum modo o sentiam desfavorecido de El-Rei, d'ahi resultou que muitos que lhe não tinham boa vontade se declararam contra elle, ainda dos que mostrvam ser-lhe affeicionados. Não houve poucos que lhe deram as costas, que taes são as pagas do mundo.





CAPITULO II

Em que se trata de algumas cousas que se fizeram em odio do Infante D. Pedro

TINHA chegado a este reino um João de Berredo que havia tempo assistia na côrte romana sobre negocios de importancia do reino, o qual era filho de Gonçalo Pereira, fidalgo da casa do Infante D. Affonso, e governando o Infante D. Pedro continuava muito sua casa, como tambem a do Conde de Ourem, e tanto que El-Rei começou a governar teve entrada com elle por razão dos negocios de Roma, e como da casa do governador e seu familiar descobriu a El-Rei muitos segredos e entre outras cousas lhe disse que o Infante D. Pedro tinha grão desejo de reinar e deixar seus filhos grandês, posposta toda a obrigação de lealdade; e dado que como obrigado ao Infante como quem tinha recebido d'elle muitas mercês e amigo de seu serviço e honra, tinha mais obrigação a seu Rei e senhor, e como bom portuguez não callar cousas de tanta impor-

tancia, e como tal lhe fazia esta lembrança para que atalhasse todos e quaesquer inconvenientes.

Dizendo tambem que ouvira outras muitas cousas contra sua real pessoa; accumulando mais que bem se colhia da pertinacia de querer governar contra sua vontade, em tanto que tendo-lhe por vezes mandado não se entromettesse nas materias do governo, não havia acabado com elle sem ainda depois de lh'o ter mandado por tantas vezes com tanta resolução nem havia despacho de negocio de importancia em que consentisse se admittisse outro parecer senão o seu, nem se determinasse senão por seu mandado e ordem, affirmando sobre tudo que em quanto elle andasse na côrte não havia de ser sua real pessoa respeitada como devia, porque os fidalgos e pessoas da casa real respeitavam mais ao Infante que a elle proprio, e portanto convinha que não andasse na côrte, e muito mais convinha para segurança de sua real pessoa, e que como tinha dito elle era creado do Infante D. Pedro e muito seu servidor, mas que a obrigação de bom vassallo atropelava todas as mais razões e obrigações, e como tal lhe descobria todas estas cousas por serem de tanto peso e importancia.

De tal maneira soube encarecer a El-Rei estes avizos, e de tal modo se lhe imprimiram no entendimento, que foi mettido em grande confusão, porque ainda que o Berredo não fosse pessoa tão qualificada como se requeria para lhe dar estes avizos, o conhecia por grande servidor do Infante.

Pelo que vacillando em seu pensamento sobre o modo que teria, não se quiz determinar sem primeiro tratar o negocio com pessoa de mais qualidade; e porque o Conde de Ourem lhe tinha escri-

pto sobre a mesma materia e dado alguns avisos, se partiu El-Rei para Torres Novas onde estava a vêr-se com elle e tratar do remedio e ordem que se poderia dar, aonde communicaram ambos largamente sobre o caso, o qual lhe aconselhou, e persuadiu que importava despedir o Infante tanto para segurança de sua pessoa, e estado, como para a auctoridade real e bem de seus reinos, havendo tambem respeito ao grande abatimento que se lhe seguia de andar em sua companhia, sendo assim que não queria de todo deixar de se entrometter nas cousas do governo, e por excusar o pejo de o despedir pessoalmente lhe mandasse recado por um fidalgo que se recolhesse logo a suas terras, e se nem isso quizesse fazer que d'ahi se passasse El-Rei para outra parte e o deixasse em Santarem até ordenar o que se devia fazer; e depois de bem praticado entre ambos assentaram que El-Rei o despedisse; mas porque lhe pareceu que seria de animo acanhado em não o despedir por si ou não tornar a Santarem, disse que logo se queria partir a despedil-o pessoalmente; ao que o Conde lhe respondeu que pois assim queria, levasse alguma gente armada que porventura o Infante resistiria e não faltaria quem o ajudasse, e não querendo obedecer o faria por força cumprir seu mandado. O que a El-Rei pareceu bem, e mandou ajuntar d'aquelles logares a gente que com brevidade podesse e a levou comsigo bem armada. Foi logo avizado o Infante em Santarem, onde ficara, da gente que El-Rei ajuntara, e da razão por que por via de alguns de muitos que serviam na casa d'El-Rei que lhe eram affeições como postos de sua mão; e tanto que o soube foi posto em grande confusão não se sabendo

determinar no que faria, attribuindo todos aquelles preparamentos e receios d'El-Rei ao odio que sabia que lhe tinha o Conde de Ourem, e por fim determinou mudar a força em virtude aparente e mostrar a El-Rei e a todo o reino que por sua vontade se queria sahir da côrte. Tanto que El-Rei chegou a Santarem o foi visitar encobrando sua grande tristeza, e com mostras de alegria, depois de lhe perguntar pela sua saude e pela razão de sua ida e tornada, lhe disse :

Senhor, dez annos ha que n'este cargo de governador, que Vossa Alteza, e vossos vassallos me deram, vos servi como melhor soube, e poude, nos quaes, por minha ausencia, minhas terras passaram algum trabalho, minha fazenda grande perda, porém tudo hei por bem empregado pois redundou em vosso serviço e boa criação de vossa real pessoa. Agora pois Deus chegou a Vossa Alteza a tal idade com tal entendimento e saber que póde governar seus reinos ainda que foram muito maiores, lhe peço licença para ir prover em minhas cousas que de mim tem muita necessidade, e quando em casos graves que succederem fôr necessaria minha presença, mandando-me chamar achará que assim n'isso, como em tudo o mais sou o mais leal de todos vossos vassallos.

D'esta despedida do Infante D. Pedro, seu tio, teve El-Rei sumo gosto por ficar descarregado e livre do pejo que se lhe oppunha de o despedir pelo grande respeito que lhe tinha, e com sua real condição e animo compassivo lhe tomou algumas palavras de agradecimento e satisfações por o consolar, porque conheceu n'elle que vinha atormentado de profunda melancholia que não poude encobrir

como quiz, e lhe deu a licença que pedia mandando-lhe passar largas quitações de todo o tempo que governara o reino com grande approvação de seu governo.

O Infante tanto que se despediu d'El-Rei poz em ordem algumas cousas convenientes, e se partiu para Coimbra; e porque se receiara do Conde de Ourem, seu sobrinho, porque soube que tinha mais gente comsigo do que costumava ter de seu serviço, temendo-se d'elle por o ter já por inimigo descoberto, se quiz segurar para aquelle caminho, e mandou aprestar a gente de sua casa, e com outra que ajuntou foi até Thomar bem acompanhado para tudo o que succedesse, e tendo passado por aquella villa dando-se d'ahi em diante por seguro, despediu toda a que não era de sua casa e serviço, e chegado a Coimbra ahi esperou muitos infortunios que o seguiram, como se dirá.





CAPITULO III

Do que o Infante D. Affonso fez nas comarcas de Entre-Douro e Minho e Traç-os-Montes em odio do Infante D. Pedro

TANTO que o Infante D. Affonso, Duque de Bragança, soube que o Infante D. Pedro éra despedido da côrte e estava em Coimbra, se partiu da villa de Chaves onde estava, com muita gente armada de seus vassallos e outros que vieram a seu chamado para esse effeito, e se foi á cidade do Porto, Guimarães, Vianna, e Ponte de Lima, e outros logares d'aquellas comarcas e tirou todos os alcaides dos castellos e fortalezas e outros cargos e officios de importancia que o Infante D. Pedro tinha provido sendo governador, e os lançou fóra d'essas terras com nota de desleaes e traidores, e as fortalezas deu a outros, e mandou vigiar os ditos castellos como se esperára alguma guerra e por todo o reino se fizeram outros semelhantes apercebimentos, por ordem do mesmo Duque e de seu filho, o Conde de Ourem. As quaes novidades sabidas

pelo Infante D. Pedro as sentiu grandemente e se mandou queixar d'ellas a El-Rei por cartas e recados seus, encarecendo o grande sentimento que d'isso tinha.

Mas achou já El-Rei tão contrario a suas cousas, e lhe deu resposta tão resoluta e secca que o Infante temeu suas cousas conhecendo que cada dia iriam em peor.

Sucedeu tambem que tanto que o Infante sahiu da côrte logo o Conde de Ourem se veiu a ella que ainda El-Rei estava em Santarem, e não tardou muito o Arcebispo de Lisboa que tambem era inimigo do Infante, que aconselharam a El-Rei que convinha para segurança de sua vida e pessoa despedir de seu serviço alguns officiaes e ministros de sua casa, camara e meza, pela suspeita que havia contra elles por serem affeiçãoados ao Infante e os mais d'elles providos por elle nos cargos e officios, o que logo se poz em execução, provendo-se tambem de novo alguns cargos principaes da justiça e fazenda, e muitos d'elles se foram para o Infante D. Pedro, que o sentiu em extremo, porque com elles tinha satisfeito a muitos d'elles do que por elle haviam feito sobre as maiores duvidas do governo e em outras cousas e senão era tempo de os poder satisfazer por serem muitos e alguns d'elles pessoas de qualidade; a isto se ajuntou que tinham ficado em Castella alguns fidalgos que por serem da casa da Rainha se passaram com ella áquelles reinos, e não se tornaram a estes por se temerem do Infante D. Pedro; mas tanto que souberam que já não governava, e que El-Rei o tinha mandado recolher a suas terras, se vieram logo á côrte, os quaes joram grande parte de sua destruição, porque tanto

que chegavam a ella se vinham aos pés de El-Rei com grandes exclamações e lhe lembravam as perseguições com que d'elle fôra tratada a Rainha sua mãe, e a miseria e desamparo com que morrera em Toledo e quão perseguida desde o dia que El-Rei seu pae, que estava em gloria, fallecera, affirmando-lhe por cousa infallivel que por sua ordem e do Condestavel D. Alvaro de Luna, seu grande amigo, lhe fôra dado veneno, e d'elle morrera tão apressadamente que nem logar lhe deram para saber que morria.

E tambem o notaram de desleal, e lhe requereram que não se fiasse d'elle, nem de todos aquelles que com elle tivessem alguma affeição, porque era certo que a Rainha sua mãe, que estava em gloria, teve certa informação de que o Infante D. Pedro tinha intento de lhe tirar a vida com outra semelhante morte secreta para poder tyramnisar o reino, e se o não pozerá em effeito não fôra por lhe faltar desejo e vontade, mas por não vêr nunca o reino em estado para poder sahir com sua pertensão pelas grandes pessoas que tinha contra si, e negociações da Rainha sua mãe, e principalmente pela muita resistencia que fizeram sempre o Infante D. Affonso, Duque de Bragança e seus filhos os Condes de Ourem e Arrayolos, com os fidalgos e prelados os quaes lhe serviram de freio, e impediram sua insaciavel ambição.

Soavam tanto estas exclamações nos ouvidos do moço Rei, que ainda que quizera o não podia esquecer porque cada dia vinham de novo á côrte muitos, assim dos que estavam em Castella, como outros que senão sahiram do reino, os quaes com semelhantes lembranças refrescavam na mente d'El-Rei

aquellas cousas e outras com que procuravam chegar o Infante á ultima perdição, e não se enganaram porque se foi creando no intimo de El-Rei contra elle um desejo de o destruir, se não foram bastantes para o mudar d'esta determinação a intercessão da Rainha sua filha, e seus rogos, nem satisfações do Infante D. Henrique, e Conde de Arroyollos que queriam persuadir a El-Rei ser o Infante innocente das culpas que lhe punham, dizendo que posto que algumas succedessem mal, não era elle o que tinha a culpa, senão os que aconselhavam a Rainha, o que não deviam, e fizeram dar occasião a todas inquietações e trabalhos, e que esses não foram tantos como lhe encareciam; e que todas as cousas que o Infante ordenara eram fundadas em um certo zêlo de seu serviço, do bem commum, e proveito de sua corôa e tudo fôra feito com o parecer dos mais Infantes e de todo o reino, e sem seu parecer não fizera cousa de importancia.

Estas satisfações que por suas cartas faziam não mudaram nada o animo de El-Rei por estar tão levado de sua paixão por tantas informações que tinha tomado do contrario, e as ter por certas. Não eram estas cousas occultas ao Infante D. Pedro, principalmente a indignação que El-Rei mostrava contra elle pelas cousas de sua mãe, que elle nunca cuidou que as tomasse tanto em grosso, mas enganou-se com pouco fundamento, porque necessariamente lhe havia de vir a noticia e bem entendeu agora que se lhe acrescentavam seus trabalhos.



CAPITULO IV

De como o Infante D. Henrique veiu á côrte interessar por seu irmão

Poucos dias depois do que fica dito, se partiu El-Rei de Santarem para Lisboa, indo em sua companhia o Conde de Ourem, seu primo, que sempre o acompanhou, depois do Infante D. Pedro se partir da côrte. Tanto que foi na cidade chegou a ella o Infante D. Henrique, porque no Algarve onde estava foi informado do máo estado em que estavam as cousas de seu irmão, por cuja causa sua vida e honra estava tão arriscada, e tanto que foi na côrte, e foi visitar a El-Rei, e por bom espaço esteve com elle trabalhando pelo persuadir a que tudo o que se dizia contra o Infante D. Pedro, porque dado caso que se sua parte houvesse alguma severidade, ou pequena culpa nas materias áa Rainha sua mãe, não era tal, nem de qualidade para que por essa razão merecesse tantos desfavores; e lhe pediu juntamente que não desse ouvidos a alguns

inimigos seus que de virtudes lhe queriam fazer culpas graves; nem tivesse por leaes os que affirmavam que com cubiça de reinar matara com peçonha El-Rei D. Duarte, e que o mesmo fizera ao Infante D. João, a qual culpa dizia fôra levantada pelo Arcebispo de Lisboa; e ainda que muitos esperaram que a chegada do Infante D. Henrique e sua agencia fosse parte para melhorar as cousas do Infante D. Pedro, não foi assim, antes muito pelo contrario porque El-Rei estava tão resolute e lhe mostrou suas culpas tanto ás claras, que lhe não deu logar para mais tratar de o desculpar, antes ficou algum tanto desabrido para o Infante D. Henrique, porque os creados da Rainha lhe tinham persuadido que o mesmo Infante fomentara as cousas do Infante D. Pedro e fôra muita parte na crueldade que com ella se usou, pois podera ir á mão ao Infante seu irmão, e que se elle se houvera como se houve o Duque de Bragança, nunca o governanador chegara com ella ao que chegou, porque ainda que lhe não podera atalhar todas as que com ella usou, impedira muita parte d'ellas como fez por algum tempo em que mostrou zêlo de justiça, mas que depois fôra quem mais ajudara a perseguil-a; pelo que El-Rei lhe não estava affeioado, d'onde o esquivou de algum modo por entender que o que lhe diziam tinha não pequeno fundamento.

Poucos dias tambem depois da chegada do Infante, chegou tambem o Conde de Abranches, Alvaro Vaz de Almada, grande amigo e parcial do Infante D. Pedro, e tão zeloso de seu serviço que se prezava de inimigo do Conde de Ourem, porque sabia que elle o era do Infante, o qual não foi recebido de El-Rei como esperava e cuidava mere-

cer, e posto que sentido de se lhe não fazer o recebimento que esperava, como era arrogante e demasiadamente atrevido, defendia em publico as cousas do Infante com demasiada soltura e palavras soberbas, engrandecendo sua fidelidade e afeando com demasiado atrevimento os que lhe queriam pôr nota de desleal. Como alguns da casa de El-Rei lhe aconselhassem que logo o mandasse fóra da côrte por insolente e revoltoso dando-lhe muita culpa nas desordens do Infante, tersou por elle o Infante D. Henrique por lhe parecer que sua presença seria de importancia para as cousas do Infante, e com esta imaginação encarecia sob grão modo os merecimentos de Alvaro Vaz dizendo a El-Rei por vezes que não sómente Portúgal, mas toda Hespanha se devia ter por honrada em crear tal cavalleiro como aquelle por seus muitos e grandes feitos de que todo o mundo estava cheio.

Como El-Rei era affeiçãoado a homens esforçados e bons cavalleiros e tinha por tal a Alvaro Vaz (ainda que esse nome senão deve dar a homens temerarios como elle era) lhe concedeu ouvil-o, o que tinha pedido por muitas vezes, e não o tinha alcançado por El-Rei ser informado que este Alvaro Vaz sollicitara e dera muito calor aos povos para tirarem o governo do reino a sua mãe, e fóra tambem muita parte nas muitas perseguições com que fóra tratada; mas tanto instou o Infante D. Henrique que houve de conceder-lh'o; e sendo-lhe dado dia certo, algumas pessoas lhe disseram que não fosse diante d'El-Rei porque o havia de mandar prender, mas elle com muita arrogancia pospondo todo o medo de temer, lhe respondeu que não podia ser preso, salvo se o prendessem por muitos ser-

viços que tinha feito a estes reinos, e por muito leal á corôa d'elles, mas que não era muito ser assim, pois ao Infante D. Pedro perseguiam pela mesma razão, mas que elle fiava de si que antes o haviam de vêr na sepultura que em prizão, e que ninguem houvesse dó d'elle perder a vida porque sua honrada morte o faria ficar vivo para sempre.

E apoz estas palavras disse outras conformes á sua presumpção e soberba, e finalmente na hora que havia de ir ante El-Rei se armou de fortes armas secretas, debaixo dos vestidos, e sendo El Rei presente, e com elle muitos prelados e fidalgos, e assim o Infante D. Henrique, fez uma pratica onde primeiramente tratou de como lhe fôra denunciada sua prizão, a qual não receara por haver mais razão de se lhe fazer mercês que semelhantes injustiças, depois com muita confiança se metteu em tratar das cousas do Infante D. Pedro e suas, encarecendo em extremo a lealdade de cada um d'elles, e concluiu dizendo que qualquer pessoa ou pessoas que do contrario tinham informado a El-Rei eram falsos e desleaes, e que o faziam falsamente e por odio que lhe tinham, e sobre isso combateria com tres juntos em campo aberto até morrer sobre essa verdade, mas que confiava que sua muita justiça e seu braço lhe fariam a victoria certa, dizendo por fim de sua pratica que El-Rei tinha obrigação de fazer muitas mercês ao Infante D. Pedro e de castigar gravemente todos os que punham nota em sua lealdade.

Mostrou El-Rei ouvil-o sem paixão, mas não fizeram n'elle effeito algum suas palavras; e ao outro dia se partiu para Cintra sem dar ao Infante D. Henrique esperança alguma boa de que podesse to-

mar confiança dos requerimentos que trazia sobre a segurança das cousas de seu irmão. Pelo que o Infante se partiu para Coimbra com pouca alegria, e com elle o conde de Abranches a dar-lhe conta do que passava, com a qual vista elle e os que o acompanhavam se alegraram muito pela grande estimação em que de todos era tido e pelo tempo em que se achavam; e sendo chegados mandou o Infante D. Pedro avisar alguns fidalgos do estado de sua devoção que se viessem vêr com elle, e vindos lhe deu conta dos aggravos que tinha recebidos de El-Rei e do Duque de Bragança e do Conde de Ourem e que remedio teriam para se poderem valer e defender d'elles; e posto que n'isso gastaram alguns dias em tomar e dar pareceres não assentaram em cousa alguma.





CAPITULO V

De como El-Rei mandou restituir os criados da Rainha e os mais que foram privados por sua causa

TANTO que El-Rei foi em Cintra, mandou avizar a todos os fidalgos de estado e qualidade que sabia serem afeiçoados ao Infante D. Pedro, que com pena de caso maior o não visitassem nem communicassem com elle por escripto, nem por outra alguma via; e mandou mais pôr edictos pablicos em muitas partes do reino que todos os creados da Rainha sua mãe, e outras quaesquer pessoas que por seu respeito foram privados de alguns bens, rendas, officios e outras cousas, parecessem para serem restituidos, e sendo mortos parecessem seus herdeiros, a qual restituição mandava se lhe fizesse inteiramente com todos os interesses e perdas, e para juiz d'esta restituição elegeu a Lopo de Almeida, fidalgo mui principal que tambem era tido por homem de muita inteireza e grande prudencia, ao qual mandou que summariamente com muita bre-

vidade os ouvisse, e mandasse restituir de tal modo que em nada ficassem damnificados. E elle o fez mui pontualmente e com muita rectitude com todas as rendas, fructos e interesses como lhe fôra mandado; e como os taes bens e officios haviam sido providos em pessoas de facção e obrigação do Infante D. Pedro, se foram a elle com grandes queixas dizendo que lhe fizeram restituir muito mais do que lhe fôra tomado, e lhe tomavam suas proprias fazendas por interesse e rendas, e que ficavam perdidos e destuidos, e que Lopo de Almeida por com-prazer a El-Rei fizera muitas injustiças.

As quaes cousas serviam ao Infante D. Pedro de crueis estimulos que o atormentavam; nem lhe bastou o soffrimento para levar esta paixão e outra maior que lhe causou uma notificação que lhe chegou mandada fazer por El-Rei que continha que o havia por desterrado de sua côrte e mandava que com pena de ser tido por desleal e rebelde não entrasse n'ella, nem sahisse de suas terras. Com que ficou mui atalhado, porque tinha determinado parecer diante de El-Rei a queixar-se das cousas que se ordenavam contra elle; e alguns fidalgos que com elle estavam ficaram atemorizados, e se despediram d'elle temendo a indignação d'El-Rei, mas não todos que alguns o não desampararam nunca, assim da parte d'elle, como d'elles houve grandes queixas publicando que seus inimigos lhe procuravam aquelle desterro e ausencia porque sabiam que se o Infante fôsse á côrte desfazia todas aquellas culpas que lhe punham. E tomando novo conselho com o Infante D. Henrique, mandou a Gonçalo Gomes de Valladares, do habito de S. Bento por ser homem eloquente e bem entendido, dar descarga das culpas

que lhe impunham, o qual propoz diante d'El-Rei seus recados e embaixada por razão de cartas de crença que apresentou. Mas posto que foi ouvido e andou na côrte muitos dias esperando resposta, lhe não foi dada outra mais que dizer El-Rei que elle mandaria avizar o Infante do que cumpria a seu serviço (o que parecia corresponder com as respostas que n'outro tempo o Infante dava aos negócios da Rainha), pelo que Gonçalo Gomes depois de muitos dias de requerimentos sem outra resposta, se tornou para os Infantes que ficaram mui confusos e desanimados, e foi causa de alguns fidalgos se irem pouco e pouco despedindo do Infante temendo sua destruição.

E o Infante D. Henrique foi para a Villa de Soure e D. Pedro para Montemór-o-Velho que são lugares visinhos, e cada dia se podiam communicar; e ao tempo que se despediram vendo o Infante D. Henrique a seu irmão inquieto e vacillante, lhe disse e encommendou que tivesse paciencia, que não havia outro remedio para o tempo em que estava e que pozesse tudo nas mãos de Deus; no que elle não podia vir, nem tinha soffrimento para isso, antes despendeu muitas palavras a modo de queixas e ameaças contra o Duque D. Affonso seu irmão e contra o Conde de Ourem e algumas alcançavam a El-Rei.



CAPITULO VI

De uma concordia que El-Rei ordenou entre o Infante D. Pedro e o Duque de Bragança, que se não guardou

ERA notorio a El-Rei D. Affonso que entre o Duque de Bragança seu tio, e o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, havia grandes odios e inimizades, cujo principio era antigo, e a principal fôra sobre a Rainha sua mãe, a que o Infante D. Affonso sempre favorecera e servira; pelo que mandou a Montemór tanto que o Infante foi n'elle, a D. Fernando, chamado o Cegonho, fidalgo dos principaes de seu serviço, e com elle Ruy Galvão, seu secretario, com uma instrucção e modo de concordia por escripto, assignada por elle e com seu sêlo real, em a qual mandava que sem réplica fossem amigos, com certas declarações e instrucções expressas na dita instrucção, que El-Rei ordenara e queria que ambos guardassem, e a notificaram por seu real mandado, que assignasse n'ella e pozesse á parte direita da de El-Rei e que d'ahi haviam de ir

a Bragança para que assignasse da outra parte o Infante D. Affonso para que El-Rei ficasse entre elles por firmeza da paz e amizade que mandava fazer entre elles.

O Infante D. Pedro posto que se quizera escusar com dizer que o mcdo de paz e concordia palavras e capitulos d'ella offendiam sua honra e desfaziam em sua pessoa, que assignaria como El-Rei lhe mandava por evitar sua indignação, por ser avisado e aconselhado por D. Fernando e pelo secretario que lhe não convinha fazer outra cousa, finalmente assignou dizendo que bem sabia que a concordia não podia durar; e no mesmo tempo que El-Rei lhe mandou fazer esta notificação mandou tambem cartas pelos logares principaes do reino e a muitos fidalgos e senhores de terras com apercebimentos de guerra, para que todos fossem prestes quando tivessem recado seu, por ter ordenado que se o Infante D. Pedro não quizesse obedecer e assignar como lhe mandava, o ir logo cercar a Montemór ou a Coimbra, e como rebelde o destruir.

Não eram bem tornados á côrte D. Fernando e o secretario, quando El-Rei mandou a Diogo da Silveira, filho de Nuno Martins da Silveira, que era novamente provido por elle no corpo de escrivão da puridade que seu pae tivera no tempo d'El-Rei D. Duarte, e da Rainha D. Leonor e o Infante lh'o tinha tirado no tempo que governou; pelo qual mandou El-Rei estranhar ao Infante e reprehender o ajuntamento de gente e armas que fazia em seus castellos sem ordem sua, notificando-lhe que o havia por claros indicios de rebellião e desobediencia; e posto que o Infante mostrou a Diogo da Silveira os castellos de Montemór e Coimbra e lhe quiz persuadir que era

falso dizer-se que elle os tinha fortificados com gente e armas, e o mais necessario, com tudo a informação que Diogo da Silveira deu foi mui differente do que o Infante lhe quiz persuadir. E tanto que Diogo da Silveira tornou á côrte e deu esta informação a El-Rei com toda a declaração do que vira, logo El-Rei tirou o castello de Lisboa e alcaidasia-mór d'elle ao Conde de Abranches, ao qual o Infante a tinha dado quando a tirou a D. Affonso, senhor de Cascaes. E tirou tambem El-Rei o cargo de regedor da justiça a Ayres Gomes da Silva; e a Luiz de Azevedo o de vereador da fazenda que tambem fôra provido pelo infante D. Pedro quando os tirara áquelles que antes os tinham, por serem affeioados á Rainha; os quaes El-Rei tornou aos que foram privados d'elles ou a seus successores.





CAPITULO VII

De como El-Rei tirou a dignidade de Condestavel a D. Pedro, filho do Infante, e lhe mandou tornar as armas ao almazem de Lisboa que d'elle tinha tiradas.

Ao tempo que o Condestavel D. Pedro passou a Castella com a gente de soccorro que levou ao Condestavel D. Alvaro de Luna, levou do almazem de Lisboa todas as melhores armas que n'elle estavam do tempo d'El-Rei D. João I e de outros reis antecessores, e ao tempo que se tornou com sua gente para o reino se veiu a Coimbra a onde despediu sua gente e ahi ficaram todas as armas, que foram recolhidas no Castello d'aquella cidade, e nunca mais o Infante as tornou ao almazem, o que em muitos criou ruim suspeita e diziam que de industria fizera por alli a volta para ficar em poder de seu pae por elle assim o ordenar; e agora tanto que Diogo da Silveira tornou a Lisboa ante tudo privou da dignidade de Condestavel a D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, e a deu ao Infante D. Fernando, seu irmão, sem embargo que o Conde de

Ourem a pertendia como atraz fica dito, ainda que não fez muita força por ser dada ao Infante D. Fernando, a que era muito affeiçãoado, e porque tambem ficavam os descendentes do grão Condestavel seu avô, por ser o Infante D. Fernando casado com a Infanta D. Brites, filha do Infante D. João, segunda neta do mesmo Condestavel.

Foi esta uma das cousas que mais sentiu o Infante D. Pedro; mas não tardou muito outra que lhe não custou menos paixão, que foi uma notificação que El-Rei lhe mandou fazer que logo tornasse as armas ao almazem de Lisboa com uma reprehensão de não as haver tornado. Da qual tornada se excusou a este, e segundo e terceiro recado que de El-Rei teve; pelo que vendo sua dureza lhe mandou notificar que logo as entregasse sem replica alguma com expresso mandado que quando não as desse procederia contra elle como rebelde e desleal; a que respondeu que lh'as não podia, nem devia dar em tal tempo, nem elle as havia mister, pois não tinha guerras, e seus vassallos estavam mui quietos, nem menos as tinha com os estranhos, porque elle emquanto governara tivera o reino obediente e uma paz perpetua, pelo que de presente não tinha necessidade de armas, e a elle lhe eram necessarias por ter grandes inimigos, e lhe pedia muito que pois as armas de sua innocencia não eram bastantes para o deffender d'elles, nem elle o queria deffender, antes com seu poder o perseguiam; lhe deixasse aquellas de ferro para sua defeza, pois tão combatido era d'elles, e que estava em tempo de lhe não serem pouco necessarias, e não só aquellas, mas outras muitas lhe devera dar que isso, e muito mais mereciam seus serviços, e que quando de todo em todo

quizesse embicar com elle em similhantes cousas lhe desse tempo para mandar vir de fóra do reino outras tantas e melhores que ellas, ou quando se avaliassem, e o preço lhe pagaria logo, mas que em resolução as não havia de entregar de outro modo.

Com esta resoluta e desobediente resposta do Infante ficou El-Rei mais indignado, e foi uma das principaes razões da aspera resolução que tomou contra elle.

Estava n'este tempo em Ceuta o Conde de Arrayollos, ondè El-Rei o tinha mandado pelo perigo que aquella cidade tinha por razão do cerco que se esperava que El-Rei de Fez lhe havia de pôr; e sabendo lá do perigo em que estavam as cousas do Infante D. Pedro seu tio, a quem sempre foi muito afeiçoado, se partiu para estes reinos deixando Africa a bom recado, por vêr se podia pôr paz entre elle e seu pae, e irmão, e tersar por elle com El-Rei para que o não tratasse com tanto rigor. E tanto que chegou á côrte se metteu de permeio; mas estava o odio tão endurecido entre elles que não houve modo algum de concordia e menos pôde mitigar a ira de El-Rei que não admittiu desculpa, nem quiz tornar atraz em cousa alguma das que tinha ordenadas contra elle; e como via que n'aquellas materias El-Rei o ouviu com pouco gosto, e sua estada na côrte não era de effeito, e juntamente se temia que El-Rei de Fez se aprestava para pôr o cerco á cidade de Ceuta, deu volta a Africa, com muita brevidade, por lhe ser então encarregada a segurança d'aquellas fronteiras, e não tornou mais a este reino até depois da morte do Infante D. Pedro.

Não foi só o Conde de Arrayollos o que intercedeu pelo Infante, mas também outros príncipes e alguns prelados, e sobretudo a Rainha D. Isabel, mulher d'El-Rei D. João de Castella, filha do Infante D. João, e neta do Infante D. Affonso I, Duque de Bragança; e os quizeram concertar por entenderem que na concórdia de ambos os Infantes estava a salvação do Infante D. Pedro; e o mesmo procuraram com o Conde de Ourem, porque só elles podiam mitigar em algum modo a dureza de El-Rei contra elle; mas estava o odio tão reconcentrado nos animos de cada um d'elles que não foi possível concordal-os, e assim não houve esperança de El-Rei cessar com suas asperezas, e ainda que alguns dessem a culpa ao Duque e ao Conde seu filho, dizendo que, o Duque com continuas cartas que escrevia a El-Rei seu sobrinho, e o Conde de Ourem com sua presença não davam lugar a que os que entercediam fossem bem ouvidos; mas quem seguia a verdade desinteressadamente, e via as obras do Infante julgava serem dignas do rigor com que El-Rei o tratava.

Vendo-se pois o Infante tão opprimido e cercado de continuos temores que lhe nasciam das muitas cousas que cada dia se ordenavam contra elle, escreveu uma carta a El-Rei, que lhe foi dada por seu confessor mui humilde, e com grande submissão pedindo misericórdia, e que por indozimento de seus inimigos o não tratasse com tanto rigor, e houvesse por bem apartal-os de seus ouvidos, e mandasse que se sahissem da côrte como mandara a elle, por que sendo elles fóra de sua presença, não teria seus mandados por tão graves e pesados como então lhe pareciam, e os cumpriria sem escanda-

lo, nem replica, e a tudo o que dispozesse e lhe mandasse lhe obedeceria com todo o amor e lealdade como sempre fizera, e lhe pedia que se lembrasse da grande perfeição com que o criara e o acatamento e vontade com que o servira, e o pouco que em sua causa e fazenda acrescentara, e que para mais confirmação e certeza de sua lealdade e amor que lhe tinha, considerasse que lhe dera por mulher sua filha que' tanto amava, de que bem claro se conhecia que lhe quizera conservar a vida, e não tirar-lh'a como alguns inimigos seus lhe faziam crêr, e se conhecia tambem d'ahi que quizera n'elie e na Rainha sua filha perpetuar sua real geração; e que nas causas da Rainha elle não era culpado porque Deus e o mundo sabiam muito bem que ella não quizera nunca seguir o que era razão, nem aquietar-se no reino; e tambem era bem sabido quanto desejara servil-a, mas que seus conselheiros lhe fizeram fazer contra elle e contra o reino alguns excessos, por razão dos quaes ficou muito odiada n'elle, de tal maneira que não queriam seus vassallos vê-la dentro n'elle de nenhum modo.

Com esta carta parou El-Rei por alguns dias nos procedimentos contra elle, mas não de maneira que de todo perdesse a vontade de chegar com elle ao fim por razão da grande indignação que tinha creado em seu peito a perseguição de sua mãe e a contumacia do Infante, mas pouco tempo depois d'esta carta se deram outras a El-Rei do mesmo Infante, mui differentes, em que fallava com alguma soltura e resolução, e algum tanto livres e descompostas, as quaes diziam seus affeioados que eram falsas e escriptas por seus inimigos; e no mesmo tempo foram algumas ao Infante da mão de El-Rei bran-

das e benignas, em que o avisa que se reportasse e obedecesse a seus mandados; e outras escriptas pelos secretarios e ministros do conselho com mais aspereza, de que era causa de que ao que El-Rei escrevia de sua mão eram precedidas de sua real clemencia, e as que sahiam do conselho escriptas pelos secretarios, eram de rigor e de justiça e a estas respondia o Infante com mais resolução e inteireza.





CAPITULO VIII

De como El-Rei mandou vir á cõrte seu tio o Intendente D. Affonso, Duque de Bragança.

PARTIU El-Rei D. Affonso de Cintra para Lisboa no 1.º do mez de outubro de 1448, e tanto que foi n'aquella real cidade, reconhecendo como o Duque D. Affonso, seu tio, sempre favorecera e servira a Rainha sua mãe, e todas suas cousas, e ainda depois da sua morte recolhera muitos creados seus e a todos os que se vieram a elle amparara, se lhe conhecia por mui obrigado (porque foi cousa em que muito se esmerou, favorecer e premiar todos os que por respeito de sua mãe foram perseguidos os levantou e fez muitas mercês, e pelo contrario aos que deram ajuda ou favor para ser perseguida os desfavoreceu e a muitos que foram culpados castigou rigorosamente) mas tornando ao que tratavamos, vendo juntamente que o Duque D. Affonso era pessoa de grande prudencia, conselho e auctoridade, e elle como moço não estava muito pratico nas materias

do governo, e achava que lhe fazia grande falta, determinou mandal-o vir á côrte e tel-o em sua companhia para o descarregar do trabalho de assistir sempre nos concelhos, e sobre sua vinda lhe escreveu e mandou um fidalgo de sua casa em que lhe mandou encarecer a muita obrigação que lhe tinha, e o grão desejo de o vêr, pedindo-lhe com muita brevidade se viesse para elle. E sabendo o Conde de Ourem, seu filho, como El-Rei o mandava vir, lhe pediu por cartas suas que em todo o modo viesse, porque era de muita importancia sua vinda, e tambem lhe lembrou e advertiu que viesse bem acompanhado, porque havia necessariamente de passar por terras do Infante D. Pedro, seu capital e descoberto inimigo, não recebesse ao passar alguma força ou aggravo.

Ó Duque obedecendo aos mandados de El-Rei se poz logo em ordem apercebendo-se de gente e armas, e ajuntou de sua casa e de seus vassallos e fidalgos que se lhe offereceram para o acompanhar n'aquella jornada, confiados que os favoreceria em suas pertensões que tinham com El-Rei, com os quaes ajuntou 1.700 homens de cavallo, e de pé mais de 2.000, e com esta gente posto em ordem de paz, em caminho, com proposito de passar pelas terras do Infante D. Pedro, que era commum, por onde se ia para a cidade de Lisboa, onde El-Rei estava.



CAPITULO IX

De como o Infante D. Pedro tratou de impedir o caminho ao Duque seu irmão, e do que sobre isso ordenou.

SENDO avizado o Infante D. Pedro da vinda do Duque seu irmão para a côrte, e do modo e gentes com que vinha, havendo-o por menoscabo da sua honra e abatimento de sua pessoa passar-lhe por suas terras com tal acompanhamento, tratou de lhe impedir o passo; e antes de determinar o que faria, quiz saber a ajuda e favor que teria nos fidalgos de sua devoção, para que os mandou com brevidade avisar para se virem vêr com elle; e juntos alguns d'elles, que sómente foram os agravados d'El-Rei por serem privados de alguns cargos e officios, e com elles os de sua casa, aos quaes juntos deu conta de como o Duque seu irmão vinha com determinação de passar por suas terras com grande poder de gente armada em ordem de guerra, pelo que lhe pedia lhe aconselhassem o que faria, e o que mais convinha a sua honra, se devia

deixal-o passar com tão grande abatimento de sua pessoa ou impedir-lhe o passo com todo o seu poder, e de seus amigos, com todo o rigor de guerra

Houve duvidas e diversos pareceres, porque uns diziam que não estava o Infante em tempo, nem suas cousas em estado de ajuntar gente armada, nem fazer estrondos de guerra, e que era conselho mais são acomodar-se com elle, e dissimular com a passada do Duque. E este pareceu melhor aos mais dos fidalgos que com elle se acharam, ao que se opoz o Conde de Abranches, que deffendeu que de nenhum modo devia o Infante soffrer passar-lhe o Duque por suas terras, e como quem era, e por sua honra tinha obrigação de lh'o deffender até ao chegar a morte podendo, dizendo mais que era grande mercê de Deus offerecer-lhe tão boa occasião de se vingar de um tão grande inimigo e tão prejudicial a sua honra; e como o Infante já estava determinado ao parecer d'este, seguiu-o, e tomou por ultima resolução. levado de entranhavel odio que tinha ao Duque. E se partiu logo de Coimbra para a villa de Penella a se fazer prestes para lhe sahir ao encontro, o que dentro de poucos dias se soube na côrte; e não foi parte o aperto em que o Infante estava, e saber que se encontrava o serviço d'El-Rei, para deixarem alguns fidalgos de se sahirem d'ella, e se virem ao Infante, vendo a necessidade que tinha de sua ajuda, como foram Ayres Gomes da Silva, Fernão Telles de Menezes, João da Silva e seus filhos, e Luiz de Azevedo, os quaes estavam aggravados d'El-Rei por razão de cargos e officios que lhe foram tirados.

Poucos dias depois d'estes se sahiram tambem da côrte Martim de Tavora e Gonçalo de Athayde e

outros de menos qualidade, e Alvaro Gonçalves, Conde de Atouguia, e seus filhos, que eram mui afeiçoados ao Infante, foram mandados prender por El-Rei, porque se entendeu que queriam fazer o mesmo; e algumas pessoas contra razão murmuraram d'elles, dando-lhe em culpa que o conde procurou sua prisão por se não entender d'elle que fazia falta ao Infante, por sua vontade, como se não fôra mais obrigado a ser leal a seu rei, que deixar de lhe obedecer pelo Infante, e o que peor é, arriscando não sómente o condado, mas ainda a honra e vida, como arriscaram os que se foram para elle e os mais que o seguiram.

O Infante D. Pedro como tinha grande confiança em seu irmão o Infante D. Henrique, que n'este tempo estava em Thomar, lhe mandou recado por um fidalgo de sua casa chamado João Pires Drago, pelo qual lhe escreveu, trazendo-lhe á memoria os agravos e desfavores que d'El-Rei tinha recebidos, procurados por seus inimigos, pelo que temia que segundo as causas contra elle iam de menos a mais se encaminhavam ao quererem-no de todo destruir e acabar; e assim de como o Duque de Bragança seu irmão queria passar por suas terras com gente de guerra e exercito formado sem o avisar e para isso se estava aprestando; e lhe pedia com grandes encarecimentos que então era urgente necessidade com aquella, e as mais que já sabia, lhe valesse com seu saber, auctoridade e poder, e lhe aconselhasse o que devia fazer; porém que sua determinação era impedir-lhe o passo com todo o seu poder e valias, e que o mesmo lhe diziam todos os fidalgos e amigos de sua honra, porque vindo tão poderoso por suas terras e sendo tão descoberto inimigo, tendo

outros caminhos por onde podera ir sem escandalo, queria passar pela Louzã, villa sua, sem lhe pedir para isso licença, e que bem mostrava ser sua tenção affrontal-o ou aggraval-o notavelmente, com grande nota de sua auctoridade e honra, com achaque de dizer que ia a chamado d'El-Rei pelo caminho direito para a côrte.

Ao Infante D. Henrique lhe pareceu mal o intento de seu irmão, e lhe respondeu que elle o avisaria do que lhe parecesse mais acertado, como fez logo por Fernão Lopes de Azevedo, cavalleiro da ordem de Christo, e passados poucos dias fez o mesmo por Martim Lourenço, da mesma ordem, e a conclusão de seu parecer e resposta que deu foi que não fizesse de si cousa alguma sem primeiro elle dito Infante D. Heurique se ir vêr com elle, avisando-o que olhasse os tempos como corriam, e o estado em que suas cousas estavam, que não era acertado dar a seus inimigos nova occasião e maior razão a El-Rei para crescer em sua indignação; e por o Infante D. Pedro não querer desistir de seu proposito, o tornou a avisar que por nenhum modo convinha encontrar o Duque, por assim ser conveniente á conservação de sua vida e estado; e porque lhe respondeu que antes queria arriscar a vida e estado que sua honra, não sómente se não quiz ir vêr com elle, antes se foi retirando e apartando das terras visinhas ás suas, em que até então tinha estado, e muito mais quando de ahí a poucos dias soube que o Infante fôra notificado por expresso mandado de El-Rei que não impedisse o passo ao Duque, e logo despedisse a gente que tinha junta; no que o Infante D. Henrique procedeu como prudente e como leal vassallo, e erraram notavelmente os que

lhe quizeram dar em culpa dar-lhe de mão em tal tempo, ou desamparal-o como outros diziam, porque claro estava que se lhe fôra companheiro na desobediencia e rebellião, que tambem o fôra na indignação d'El-Rei, pois das cousas de seu irmão se não podia esperar outro fim, senão o que teve; e os que melhor julgaram da materia, tiveram que fizera o que devia, e já que não podia emendar suas desordens, não ser participante n'ellas; e que não sómente acertára no que fizera, mas que á lei do bom vassallo e tio d'El-Rel tinha obrigação de assim o fazer.





CAPITULO X

Das embaixadas que houve entre o infante D. Pedro e o Duque seu irmão, sobre passar por suas terras

O INFANTE D. Pedro antes de romper com o Duque seu irmão, quiz tentar se podia acabar com elle que mudasse seu caminho por atalhar os males que d'ahi podiam resultar, ainda que muitos dos que com elle se acharam eram de contrario parecer, aos quaes elle aquietou com lhe dizer que os queria guardar para outras occasiões de mais honra e proveito.

Logo antes de o Duque seu irmão passar o Mondego ordenou mandar-lhe sua embaixada com pensamento que ainda que se não acabasse com elle mudar o caminho, pelo menos lhe serviria de saber sua determinação; para o que despachou Vasco de Souza, fidalgo de sua casa, instruido de sua embaixada com sua carta de crença, o qual foi com a brevidade que lhe foi encarregada, apresentando ante o Duque a carta que elle mandou lêr perante

muitos fidalgos de sua casa, e outros de sua companhia, e lida, mandou a Vasco da Silveira, dissesse a que vinha, o qual propoz sua embaixada n'esta forma :

Senhor : o Infante meu Senhor sabe da vinda de V. Alteza, e d'esta ordem de exercito com que vem com tantas gentes armadas, e é certificado que assim quer passar por suas terras contra sua vontade, de que é muito maravillhado, assim por querer passar com exercito formado com tantas gentes de guerra, sem necessidade que no reino haja d'ellas, como tambem por lh'o não fazer a saber primeiro para que elle soubesse como o havia de receber, porque havendo de ser como irmão e amigo, que é o que quer e deseja, lhe pede que seja pacificamente, sem estrondo, como sempre passou, porque sendo assim o receberá em suas terras com a vontade com que sempre o recebeu; mas que se com este desacostumado estrondo, de guerra e armas, quizer passar adiante, porquanto elle o ha por menos cabo de sua honra, e tanto contra observação das amizades que entre elle eram feitas por ordem e mandado d'El-Rei seu senhor, lhe será contado a grande covardia consentil-o, e assim mandou avisar e advertir a V. Alteza que o ha de receber no campo como inimigo ; pelo que por escusar os males que se podem seguir, lhe pede tome outro caminho, pois sem nenhuma quebra de sua honra o póde fazer.

Ouvida sua embaixada, o Infante Duque o despediu, dizendo que elle responderia a seu Senhor; e com esta resposta tornou Vasco de Souza ao Infante D. Pedro ; e tendo-o despedido despachou com sua embaixada e carta de crença a Martim Affonso de Souza, fidalgo de sua casa, de solar bem antigo,

com a resposta da embaixada que recebera, o qual sendo em presença do Infante D. Pedro, em presença dos principaes de sua companhia, lhe deu sua embaixada que tambem se poz pelas mesmas palavras :

Senhor: o Duque meu Senhor faz a saber a V. Alteza em resposta da embaixada que ora recebeu, que elle teve sempre a V. Alteza por amigo e irmão, e que agora por esse o tem com o mesmo amor e vontade, e que por obedecer ao que El-Rei seu Senhor lhe manda, vae para a sua côrte caminho direito, e que a gente que leva não é para guerra como lhe fazem vêr, mas é a de sua casa e a que costuma acompanhar, e alguns fidalgos que vão á mesma côrte a seus negocios em sua companhia para melhor commodidade sua, e que não vê como possa ser quebra de V. Alteza, nem dar-lhe escandalo haver de tocar suas terras, nem acha que de nenhum modo possa offender sua honra e auctoridade, nem elle ha de consentir se faça aggravo ou sem razão alguma a vassallo, e sómente pediram os mantimentos e cousas que lhe foram necessarias, por seu dinheiro, como V. Alteza fará passando por suas terras quando por ellas quizer passar, que por tanto determina seguir seu caminho sem se desviar, e lhe pede haja assim por bem, e que se com tudo lh'o quizer impedir, que sera contra toda razão, e a V. Alteza ficará o cargo de todo o mal que succeder.

Acabada sua embaixada o Infante D. Pedro lhe respondeu: Martim Affonso, dizei ao Duque que me não tenha por tão nescio que com essas dissimulações me deixo enganar e anniquilar minha honra tanto ás claras, que tempo ha que nos conhecemos,

e que por muitas vezes passou por minhas terras, e sei bem a gente com que costuma acompanhar, e que sei que leva agora dois mil homens de cavallo armados, ou muito perto d'elles, com outra muita gente de pé, toda apercebida para peleja e que não responde com a amizade que diz que quer comigo, e menos aos tempos passados, e ao que por elle tenho feito, e lhe não quero declarar mais o porque assim vem, pois elle o sabe e quer, e eu entendo, e tambem entende o abatimento que n'isso recebo e em resolução lhe dizei que se não toma outro algum modo de passar com que seja notorio que passa como irmão e amigo, que vivo o não heide consentir.

Com esta resposta tornou Martim Affonso ao Duque, que não esperava d'elle menos, porque estava informado de sua determinação, e de que ajuntava armas e gente com todas as valias que podia para lhe impedir o passo.





CAPITULO XI

Das preparações do Infante D. Pedro para impedir o passo ao Duque.

VENDO o Infante D. Pedro que conforme a determinação do Duque seu irmão e sua, se não podia entre elles escusar o encontro e batalha; com a brevidade possível fez todos os apercebimentos de gente e armas, e algumas peças de artilheria, para o ir logo esperar ao caminho antes que entrasse em suas terras, de que sendo avisado o Conde de Ourem que assistia na Côrte, pela pouca confiança que tinha em muitos fidalgos que vinham com o Duque seu pae, que eram de Traz-os-Montes e Entre Douro e Minho, que o acompanhavam n'aquella jornada, e temendo que na maior affronta o desamparassem, deu conta ao Infante D. Fernando, a quem tambem não pareciam bem as cousas do Infante D. Pedro e lhe não tinha boa vontade pelo que sabia que usara com sua mãe, e pelo mais que n'elle tinha visto, e tendo junta-

mente as cousas do Duque proprias suas como avô que era da infanta sua mulher, e como tal o nomeava por inimigo da casa real, pelo que ambos trataram de escrever a uns fidalgos mais principaes que vinham na companhia do Duque, que como leaes o acompanhassem e servissem com toda a fidelidade, esforço e constancia, e lhe não fizessem falta, e o não deixassem em tempo de tanta necessidade, e fossem certos que vinha chamado por El-Rei, e assim os avizavam da parte do mesmo senhor, e não sómente deu o Infante estas cartas mas tambem se offereceu ao Conde de Ourem para ir em sua companhia em ajuda do Duque seu pae, e mandaram com estas cartas Alvaro de Faria, que depois foi Commendador do Casal, mas sua ida não teve bom effeito, porque não pôde dar as cartas aos fidalgos por ser tomado pelos descobridores e vigias do Infante D. Pedro, e sendo-lhe levado as abriu e o fez tornar para Santarem onde El-Rei estava, despojado do cavallo e do mais que levava; o qual deu conta ao Infante D. Fernando e ao Conde de Ourem do que passava, e de como o Infante D. Pedro dizendo-lhe que as cartas eram suas as abriu e lhe mandara tomar as armas e cavallo, e dissera muitas palavras arrogantes e de ameaça contra o Infante, e algumas contra El-Rei e contra o Conde de Ourem; e logo o Infante e o Conde levaram Alvaro de Faria perante El-Rei, e lhe recontou tudo o que lhe tinha dito que o Infante D. Pedro dissera e fizera, de que El-Rei se sentiu muito, e o mandou riscar de seus livros com todos os assentamentos que tinha de suas rendas, e aos almoxarifes e officiaes da fazenda que lhe não corressem mais com elles d'ahi em diante; e assim mandou ao Infante

D. Fernando seu irmão, e ao Conde de Ourem que não fizessem movimento algum, e que deixassem tudo a sua conta e com muita brevidade avizou por carta sua ao Infante D. Pedro por João Pires de Carvalho, cavalleiro principal de sua casa, e deffendeu com muita resolução e grandes avisos que não impedisse o caminho ao Duque seu tio, e o deixasse livremente passar que assim era servido; e sendo-lhe dado o recado por João Pires o recebeu com mostras de grande paixão e maior indignação, soltando palavras mal compostas, de que João Pires se tornou escandalizado, e firmou com grandes juramentos que publicamente lhe dissera o Infante D. Pedro que não era vassallo d'El-Rei de Portugal, mas subdito e servidor e amigo d'El-Rei de Castella, e que assim como podera desterrar d'estes reinos a Rainha D. Leonor, mãe d'El-Rei, o poderia fazer a seus filhos, e a outros inimigos que o perseguiam e o determinavam deshonnar e destruir; as quaes palavras mandou tomar por actos publicos, e por cartas suas mandou d'isso avisar as cidades e villas do reino para que a todos fosse notorio como o Infante se negava de seu vassallo e era rebelde a sua real corôa; ainda que os affeioados ao Infante o desculpavam dizendo que as palavras que dissera que foram com paixão de se vêr perseguido, e que não foram feias nem tão asperas como João Pires de Carvalho as fazia.



CAPITULO XII

De como o Infante D. Henrique largou de todo ao Infante D. Pedro

CANSADO já o Infante D. Henrique de persuadir e avizar a seu irmão que desistisse de seu errado intento, quiz ainda tentar se poderia mudar sua dureza por lhe não ficar modo por fazer, pelo que lhe mandou a D. João, Bispo de Ceuta, homem de grandes letras e prudencia, a lhe persuadir que era errado seu proposito, o qual escolheu para esse effeito por ser homem de que se podia esperar e confiar, o que de outros muitos não; e sendo com o Infante D. Pedro, depois de dizer a que vinha e por cujo mandado lhe fez uma breve pratica ou oração, em a qual lhe provou com auctoridades e catholicas razões que não podia, nem devia tratar de impedir a passagem do Duque seu irmão, e com muito maior razão tendo-lhe El-Rei assim mandado o não fizesse, concluindo-lhe que o contrario arguia desobediencia notoria e

grande rebelião, e não pequenas mostras de deslealdade de que o queria notar e que já d'ahi por diante parecia não suspeita, mas descoberta, e por mais que trabalhou com elle o não pôde mudar de seu proposito, respondendo com outras razões de estado e de honra, por razão das quaes queria mostrar que não desfaziam em sua lealdade, pondo por razão principal que a vinda do Duque não tirava a outro intento mais que a deshonor-o e aniquilal-o, que se elle quizera passar como irmão e amigo, como muitas vezes passara, o recebera como tal, mas que d'outro modo tinha determinado de o não consentir, como por Vasco de Souza o mandara avizar, e que d'esta determinação não havia de haver mudança alguma, que já estava apparelhado para tudo o que viesse.

Vendo o bispo D. João a dureza e contumacia do Infante, espantado de o vêr tão precipitado e incapaz de bom conselho, se tornou para o Infante D. Henrique, que, ouvida a resposta de seu irmão, o deu por acabado; e, supposto que por vezes lhe tinha mandado dizer que se iria vêr com elle em Penella, o não quiz fazer por não cahir em desgraça d'El-Rei, como já por todo o reino se suspeitava, porque o caminho que seu irmão levava dava indicios do que d'elle se podia esperar, e se partiu logo para Santarem, onde El-Rei estava. O que, sabido pelo Infante D. Pedro, o sentiu muito, por não ter outra pessoa da casa real que o favorecesse, ou de quem se valler.

E no principio do mez de Abril de 1449, tempo em que estas cousas passavam, veiu de mandado d'El-Rei á mesma villa de Penella, Fernão Gonçalves de Miranda, fidalgo illustre, com uma instrucção

cuja determinação era estranhar El-Rei muito ao Infante suas rebeliões e isenções, em especial os ajuntamentos de gente e armas contra a prohibição que elle tinha feito, e mandado notificar, e sem obedecer a seus mandados querer impedir o passo ao Duque seu tio, mandando-lhe que logo despedisse a gente que tinha junta e se recolhesse a Coimbra e não sahisse d'ella sem seu especial mandado, e que nem por si, nem por outra pessoa, impedisse o passo ao Duque, por qualquer parte que elle quizesse passar, assim de maneira que ia, com aviso que se assim o não fizesse procederia logo contra elle com o rigor que tão grande rebelião merecia, sem se lhe acceitar desculpa ou razão alguma.

A esta embaixada respondeu o Infante (posto que Fernão Gonçalves lhe disse que El-Rei lhe mandara que não esperasse nem tomasse resposta). com muitas justificações e submissões, dizendo que pois El-Rei o mandava recolher, e despedir a gente e queria que elle o fizesse tanto contra sua honra, que o mesmo devia mandar tambem ao Duque, pois era injusto que permittisse a um o que negava a outro, e que pois Sua Alteza não tinha necessidade de gente de armas, mandasse que, se o Duque queria passar por suas terras, o fizesse quietamente, sem estrondo de armas e gente de guerra, levasse mui embora comsigo a gente de sua casa com que costumava acompanhar-se em tempo pacifico, e sendo assim o não teria por quebra, nem abatimento, e faria em audacia fazer ao Duque seu irmão todo o serviço e bom recolhimento como por muitas vezes tinha avizado ao mesmo duque, mas que de outro modo, recebendo tamanha deshonna,

o não havia por serviço de S. Alteza, pela muita razão que com seu real sangue tinha.

Tanto que Fernão Gonçalves foi em Santarem, deu a El-Rei a resposta do Infante, que a sentiu no extremo, como mostrou por palavras e obras, dizendo que já o Infante D. Pedro descobria claramente o animo que sempre tivera de não conhecer rei nem senhor, mas elle lh'o faria conhecer.

Mandou logo ajuntar todos os do conselho, e fidalgos principaes que se acharam na côrte, para tratar com elles do modo com que se havia de haver para castigar tal desacato e rebellião, chamando-o de desleal e rebelde a seus mandados, mostrando porém grande pezar de elle lhe dar tanta razão de indignação que lhe não dava lugar de poder dissimular; e porque alguns dias se tratou o caso no conselho até se dar a determinação que adiante se verá.





CAPITULO XIII

*De como o Infante D. Pedro poz sua gente em ordem,
e da falla que lhe fez*

PELAS vigias que o Infante D. Pedro tinha postas em alguns logares soube que o Duque não deixava de proseguir seu caminho para passar por suas terras; pelo que logo ordenou sua partida contra elle, e tomou conselho com os seus onde, e como o esperaria; e alguns aconselhavam que para sua justificação o devia deixar entrar em suas terras, a que respondeu o Infante e com elle Alvaro Vaz, Conde de Abranches, que por aquella vez o Duque não pisaria parte alguma da terra que elle possuia que houvera d'El-Rei D. João seu pae, que fóra d'ella o havia de ir esperar; e com muita brevidade se partiu com sua gente em ordem para a Louzã, e d'ahi caminhou para uma aldeia chamada Villarinho, onde soube que o Duque tinha chegado a Laxes, couto do Bispo de Coimbra. E tanto que foi em Villarinho fez a sua gente em dois batalhões,

o primeiro da vanguarda deu ao Conde Alvaro Vaz de Almada em companhia de D. Jayme seu filho, e o da rectaguarda tomou para si, em que iam os mais dos fidalgos que com elle se achavam; e é bem de notar que de todos os que com elle iam, sabendo as penas e prohibições que El-Rei tinha mandado publicar contra elles, nenhum o largou, nem quiz obedecer, antes não faltaram alguns que depois de publicadas se foram para elle, tendo mais respeito ás promessas que lhe fazia, que a lealdade devida, e serviço de seu rei e senhor.

Tanto que ordenou sua gente se poz em caminho em demanda do Duque, que começando a marchar lhe foi dada uma carta sem firma, em que lhe advertiam que logo movesse o campo contra o Duque porque elle o não havia de esperar, a qual se entendeu ser feita por ordem do Conde de Abranches por se mostrar n'aquella occasião e dizer que isso era ordem do Duque, e traça sua para o tomar em alguma cilada d'onde se não podesse valer por causa da estreiteza do passo onde com a pressa e esperança da victoria ficasse vencido, que bem cria que sendo filho de seu pae, e tendo d'elle herdado o valor de que no mundo houve tanta fama, e indo com tanta e tal gente não havia de fazer pé atraz, e que antes se offerencia á morte que cahir em tal fraqueza tão contraria a sua honra e opinião; e estando já com sua gente posta em ordem para partir em demanda do Duque a lhe dar batalha, a cavallo como estava fez uma partica a sua gente n'esta fórma dizendo: Que se alegrava summamente do esforço, animo e constancia que em todos via e conhecia para defender sua honra, e bem claro via que todos lhe eram leaes amigos, o que não era

sem justa causa e razão, porque a todos podia contar por filhos e irmãos, pois eram os mais seus creados e filhos de outros que o foram, e os que não eram tão intimos e leaes amigos, que sabia que por sua honra perderiam as vidas; e depois de lhe encarecer sua fidelidade, lhe contou particularmente todos seus aggravos, desfavores, e sem razões, dizendo que o Duque e o Conde de Ourem seu filho, eram a causa d'elles, o Duque com continuos avisos e cartas que a El-Rei escrevia, e o Conde pelos conselhos e admoestações que pessoalmente lhe dava cada dia e cousas que lhe fazia crêr d'elle, por cuja vingança eram ahi vindos, e que de nenhum modo se imaginasse que n'isso entrava odio ou má vontade contra El-Rei seu senhor, porque elle como muito leal vassallo o conhecia por seu legitimo senhor e successor d'estes reinos, e que Deus era boa testemunha que elle o amava sobre todas as cousas do mundo, e que na criação que em sua real pessoa fizera, e na paz e governo de seus reinos, que dez annos que os governara, o mostrara bem, que quem sem paixão o quizesse olhar acharia d'isso prova certissima, e o de que se queixava é porque padecia, não procedia da natural inclinação d'El-Rei, mas de sua pouca idade, por razão da qual não podia perfeitamente ter conhecimento das cousas, e como seus inimigos maquinavam contra elle, e lhe impunham o que queriam e notavam de desleal e traidor, faziam crêr a El-Rei que elle o era, e que a cousa porque seus inimigos o perseguiram não era por lhe ter dado pouco do patrimonio real, porque elle os tinha mais accrescentados, o que não fizera com os seus proprios, mas porque lhe não dera tudo, em especial porque não dera ao Duque a ci-

dade do Porto e villa de Guimarães que lhe pedira, e ao conde de Ourem a dignidade de Condestavel, e que o accrescentamento que em suas cousas fizera não fôra outro mais que de muito amor, e lealdade com El-Rei alcançar aquelles desfavores, e que em verdadeiro desejo de o servir não dava vantagem ao mais leal do mundo, e que bem sabido estava que da corôa de Portugal estava ainda a primeira mercê por receber, não tratando do que El-Rei seu pae lhe déra, e porque seus inimigos sabiam que seu conselho e inteireza na presença de El-Rei lhe seria freio contra suas colicas, trabalhavam pelo apartar d'elle e do amor e confiança que lhe conheciam; e que finalmente a vinda do Duque por suas terras com tantas gentes armadas e tão grande estrondo, não era com zêlo do serviço d'El-Rei, mas afim de o affrontar ou por lhe dar occasião a El-Rei para mais se indignar contra elle para o destruir, porque se consentisse passar d'aquelle modo sem fazer resistencia, seria grande fraqueza sua com nota de sua honra, o que para elle seria de grandissima pena, e para o Duque de grande gloria, e se lhe impedisse o caminho seria imputado a desobediencia e rebelião contra El-Rei e lhe ficaria occasião para lhe persuadir, e aconselhar sua total destruição, e que tivessem por certo que esta era a tenção do Duque, porém que já tinha dito e tornava a confirmar, que como filho de seu pae não havia de soffrer tão grande deshonna, e que tanto animo teria para morrer sobre isso acompanhado de um só pagem, como n'aquella hora de tantos amigos e cavalleiros vencer e viver como esperava e tinha por certo, o que tambem conhecia, que era escusado, para os confirmar, lembrar-lhe os heroicos feitos de seus pas-

sados, pois via quão promptos e determinados estavam para justa vingança de suas injurias, e para vencer ou morrer sobre isso, antes se o caso viesse a rompimento como já não havia que duvidar, lhe pedia não mostrassem crueldade contra os vencidos porque até vencer e render o inimigo era esforço, mas d'ahi para diante se podia chamar crueldade.

Acabada sua pratica, levantando os olhos ao céo com muitas lagrimas, pediu perdão a Deus de seus peccados com palavras de muita devoção e se commendou a Elle, e mandou que todos se apercebessem para ir tomar o Duque na entrada de suas terras, e, pondo seu campo em ordem, começou a marchar com todo o concerto do modo que tinha ordenado, com animo de que tanto que chegasse o Duque lhe apresentar batalha e o obrigar a pelejar.





CAPITULO XIV

*Do modo que se houve o Duque, e da falla que fez
aos seus*

O INFANTE Duque continuou seu caminho até duas leguas da Louzã, crendo que o Infante seu irmão se não atreveria a resistir-lhe, nem moveria seu campo de Penella para ir em sua demanda, tanto por não desobedecer aos mandados d'El-Rei, que sabia lhe haviam sido notificados, quanto por a pouca gente que tinha comsigo, mas como por suas espias soube que vinha até Serpins, que era uma legoa do lugar d'onde estava, e que vinha com determinação de dar batalha, posto em grande confusão, mandou logo fazer alto e tomar uns cabeços e fortifical-os, ordenando suas atalhas e vigias em logares convenientes, e postas as seguranças necessarias, mandou ajuntar os fidalgos e pessoas mais qualificadas assim creadas em sua casa, como outras que o não eram, e juntas lhe fez uma pratica n'estas palavras:

Bem sabeis, honrados amigos e companheiros, como somos tão perto do Infante D. Pedro, e já deveis ser sabedores da determinação com que vem de nos dar batalha, sobre nos impedir o caminho e passagem, pois nos vem a buscar com apparato de gente e armas, antes que entremos em suas terras; portanto quero que todos me deis vosso parecer sobre qual será melhor, se esperarmos por elle n'este logar onde estamos, ou irmos a buscá-lo dentro de suas terras, e se tambem vos parece, por evitar tantas mortes, como se esperam d'este encontro, seguirmos outro caminho, vós me aconselhae o que melhor e mais acertado vos parecer, porque no estado em que estamos não ha mais que estes dois meios.

Esta pratica assim tão breve, e como está ouvida, lhe fez o Duque, por conhecer o animo de cada um d'elles e saber se estavam dispostos e determinados a offerecer por elle as vidas, ou se o deixariam no maior perigo, porque não tinha muita confiança em alguns d'elles; e começando alguns a dar seus votos, foram mui diversos, de que o Duque se desenganou de sua suspeita, e alcançou de suas respostas que muitos não tinham animo de pelear e temeu, que o desamparassem antes da peleja, pela frialdade de suas respostas.

Mas não se conheceu esta falta em Alvaro Pires de Tavora, cavalleiro muito illustre de grande casa, e dos melhores de seu tempo, senhor de muitos vassallos, que vinha acompanhando o Duque com mais de vinte de cavallo seus, afóra alguns fidalgos seus parentes que vinham na mesma companhia, o qual lhe offereceu sua vida, e como tão grande pessoa respondeu contra a frieza

de outros e fez uma pratica ao Duque n'esta fórma e palavras :

A mim, Senhor, me parece que para quem V. A. é e para a determinação com que partiu e gente que leva consigo, será cousa de grande vituperio tornar um só passo atrás, porque ainda que como christão e para com Deus por escusar mortes e outros males, o mundo lhe não ha de acceitar essa desculpa, mas ha de tel-o por grande fraqueza e covardia, pois são tão descobertos inimigos e todas mais dissimulações e palavras com que querem fingir o contrario são escusadas, e alliança e amizade que El-Rei fez eutre muitos, sabemos que nunca se cumpriu nem teve effeito, como depois as obras lhe mostraram, e posto que esta ida seja por mandado d'El-Rei, não tem o Infante seu irmão tão pouco saber que, vendo o que entre ambos tem passado, e o modo de que imos, não entenda que é para o abater e aniquilar, e como principe tão animoso e pontual o ha de deffender até sobre isso perder a vida e mil vidas, se tantas tivera ; por tanto o meu parecer é que o que elle quer fazer em o vir a buscar, o façamos nós em o ir a buscar, ganhando-lhe de mão, e o tomemos dentro em seu estado podendo ser, e nos entreguemos á ventura que nos vier, e posto que haja alguns que não são d'este parecer, nem tenham os animos promptos e aparelhados para pelejar como devem e tem de obrigação, aqui estou eu e muitos parentes meus com nossa gente prestes para perdermos a vida em seu serviço, e V. Alteza leva de seus amigos, vassallos e creados mil e quinhentos cavalleiros, com animo de morrerem todos por seu serviço ; pelo que, conforme ao que tenho dito de meu parecer, sem ne-

nhuma detença devíamos seguir nosso caminho e dar-lhe batalha se nos esperar.

Este parecer teve o Duque por melhor e mais honrado e determinava segui-lo: e sendo certo que o Infante seu irmão tinha ordenado de o esperar no extremo de suas terras, para lhe impedir a entrada n'ellas, e d'ahi lhe dar batalha, antes de mover seu campo quiz dar uma vista ao dos inimigos e vêr sua disposição e concerto, para que, vendo-o, determinasse o que melhor lhe parecesse; o que assim levando diante suas espias e descobridores e vendo, o que sem perigo pôde fazer, se tornou aos seus, aos quaes fez uma segunda pratica n'esta maneira:

Honrados cavalleiros, amigos e leaes vassallos: bem sabeis que sou até vindo por mandado d'El-Eei meu senhor, caminhando para sua côrte pela estrada publica, sem aggravar ninguem, como bem tendes visto; e tambem sabeis que o Infante D. Pedro contra seu serviço e mandado vem com muita gente de guerra, com proposito de m'o impedir com mão armada e porque, por muitas razões que tambem sabeis, estou determinado a seguir meu caminho, vos encommendo por serviço d'El-Rei meu senhor, e pelo que toca a minha honra em tudo o que se efferecer vós vos oppunhais como bons e leaes portuguezes, como eu de vós espero, e deveis ter a victoria por muito certa e sem perigo, por a gente do Infante D. Pedro é pouca, em comparação da nossa, e vem já cortada de medo, mais constrangida de vergonha que por vontade, porque, além de conhecer que nos são inferiores no numero e esforço, temem a destruição de suas casas e descendencias, pela grande deslealdade que commettem em não

obedecerem a seu Rei, e cumprirem seus mandados, pelo que havei por sem duvida que em nos vendo com o medo ficarão rendidos, e eu vos peço que vos não encarniceis em seu sangue, que por fim são christãos vassallos de vosso Rei, e entre elles ha muitos parentes e devidos vossos, e por virem enganados e levados de promessas que se lhe não hão de cumprir, se podem chamar innocentes. Ainda que temo que esta temperança não quererá ter a gente do Infante D. Fernando meu sobrinho, nem a de meu filho o Conde de Ourem, que já em nossa ajuda estarão perto e na hora de romper serão comnosco, que por ventura da destruição e mortes d'estes não quererão ter esta temperança e moderação, porque a indignação que contra elles trazem os desculpa por serem todos desleaes e desobedientes a seu Rei ; e perdoe Deus ao Infante D. Pedro, pois tanto contra o que deve á sua honra e a quem é, põe em tal perigo sua pessoa e os que o seguem, e o trabalho que por mim tomardes sempre o conhecerei e lembrarei a El-Rei meu senhor, e a obrigação em que por isso vos está que por minha intercessão vos satisfará com honras e mercês como a leaes vassallos, e eu metterei sempre em todas as occasiões de vossa honra em que vos não farei nunca falta.

Acabada esta pratica do Duque, como sua tenção fosse notar os animos dos que o acompanhavam, alcançou a pouca confiança que d'elles podia fazer, que foi causa de ficar indeterminado.



CAPITULO VX

De como El-Rei mandou ao Duque D. Affonso que não chegasse a rompimento com o Infante D. Pedro; e do que ambos ordenaram.

ESTANDO o Duque na confusão sobredita pela desconfiança que teve de muitos de sua companhia, chegou a seus alojamentos João Pires de Carvalho, com uma carta da letra do mesmo Rei D. Affonso, em que lhe mandava expressamente que não pelejasse com o Infante D. Pedro, e com muita brevidade se fosse a Santarem tomando outro caminho, porque assim compria o seu serviço, e que a emenda e satisfação de assim o fazer deixasse a elle com a execução do castigo de quem não queria obedecer a seus mandados.

Tambem lhe trouxe João Pires cartas do Infante D. Fernando e do Conde de Ourem em que o avisavam que não haviam de ser com elle como lhe tinham escripto, por El-Rei assim lh'o ter mandado, e porque assim convinha que fosse por honra da corôa de Portugal e principes d'elle.

Tanto que o Duque recebeu estas cartas e mandados, determinou como bom vassallo obedecer e fazer o que El-Rei lhe mandava, e encommendado pelo Infante D. Fernando e pelo Conde de Ourem. seu filho, de que deu conta a Alvaro Pires de Tavora e alguns fidalgos em que tinha mais confiança.

O Infante D. Pedro que estava em Serpins soube como o Duque seu irmão viera dar vista a seu arraial, e soube tambem que fizera pratica aos seus esforçando-os para a batalha, e que muitos não achára firmes, e pelo que sabia de alguns que se lhe tinham passado, e por espias que trazia no arraial do Duque, que se lhe haviam de passar outros muitos, se deixou estar com os seus sem fazer mudança alguma, mais que mandar alguns de cavallo repartidos em quadrilhas, a modo de descobridores, para que recebessem e amparassem os que se passassem, estando a este tempo em campo do outro cousa de meia legua.

Cansado já o Conde de Abranches d'estas detenções, se sahiu com um esquadrão de cavallos ligeiros de seu arraial, contra o do Duque, com animo de, vendo occasião, fazer o damno que podesse em alguns desmandados, e por ver a boa ordem que havia no arraial deu logo volta ao Infante a dar-lhe conta do que vira, dizendo que vinha muito alegre de vêr seus inimigos, dos quaes lhe prometiam dar n'aquelle dia muito inteira vingança, que lhe aconselhava e pedia que a não dilatasse e fosse logo a dar n'elles, porque via grande confusão e tristeza que n'elles conhecera, vira certos signaes de facilmente serem vencidos, que não perdesse tão boa occasião como a ventura lhe offerecia, que porventura não teria em sua vida outra, e tivesse por certo que se

alargava a vida a tão grande inimigo como era o Duque, elle lhe havia de ordenar a morte pela via que podesse, que era acertado ganhar-lhe por mão e que tivesse por sem duvida segundo se alcançava sua tenção, era seguir o caminho que levava, porque ou havia de tomar outro, ou dar volta atraz. Ao que o Infante respondeu que elle conhecia bem ao Duque, e conhecia que tinha por sem duvida que não havia de degenerar de quem era, e mais vindo acompanhado de tantos fidalgos como com elle vinham, nem havia de tomar nenhum d'aquelles desvios como tão contrarios á sua honra e opinião, que o conhecia por de animo tão altivo que como se determinara a passar por suas terras e para isso se aprestara, sem falta havia de experimentar sua fortuna, se lhe não fosse impedimento a desconfiança dos que o acompanhavam, e que cada um d'elles sahiria como Deus ordenasse, e que repousassem e dessem logar aos inimigos para fazerem o mesmo, porque segundo tinha sabido esperava se lhe haviam de passar muitos dos do Duque, e que com sua ajuda lhes ficava a victoria mais segura, e que por essa razão se apparelhassem com duzentos de cavallo para os recolher e segurar, e para esse effeito desse vista ao arraial do inimigo, porque com isso daria animo aos que se quizessem passar, e os fosse recolhendo, porque sendo assim, poderia ser escusarem a batalha, que era o que elle estimara e desejara muito, que sendo assim ficaria quieto e sem alguma quebra em sua honra.

E dado que o Conde de Abranches reprovou muito este conselho, se seguiu, porque assim lh'o aconselhavam os mais e melhores do campo.



CAPITULO XVI

De como o Infante D. Affonso tomou outro caminho e por elle se veiu á côrte

ERA em sexta-feira antes de dia de Ramos do anno de 1449, quando o Duque, que tinhã ordenado seu caminho pela maneira que El-Rei tinha mandado, ainda que estimulado da honra tornára offerecer-se aventura porque temia que não haviam de faltar muitos que lhe julgassem a fraqueza, se não temera os mesmos de que ia acompanhado, e essa desconfiança o fez seguir a determinação que tinha tomado, posto que para os divertir de lh'a alcançarem, lhe fez uma pratica, em que lhe disse como era chegado o tempo em que deviam mostrar para quanto eram e a lealdade que n'elles havia, pois aquella havia de ser a primeira batalha que haviam de dar em serviço de seu Rei, que sem pejo lhe dissessem se porventura por alguma razão os movia a outra coisa e lh'o declarassem que lhe proveria o que lhe convinha fazer.

Bem viu o Duque no fim da sua pratica que, dado que Alvaro Pires de Tavora e outros fidalgos se mostravam firmes em seu serviço e mostravam que morreriam por elle com mais fidalgos de sua casa e muitos de seus vassallos; em outros não achou aquella determinação e animo, e lhe pareceu que ainda o haviam de fazer peor do que mostravam, porque conheceu quanto lhe importava seguir o conselho que tomava, em pôr-se em salvo sem esperar que o Infante o viesse a buscar, e já se não havia por seguro tendo similhante gente comsigo; e não querendo dar volta atraz determinou tomar outro caminho, de que avisou aquelles que conhecia por leaes, e dos em que conheceu o contrario não fez caso, determinando deixal-os nos seus alojamentos como lhe mereciam em pena de sua pouca lealdade, e aos leaes avizou que em sendo noute fossem poucos e poucos por differentes caminhos a um certo logar esperar por elle; e com uma hora de noute com poucos em companhia se foi ajuntar com elles e tanto que chegou á ligeira atravessou a Serra da Estrella, que lhe ficava á mão esquerda; e porque as noutes eram ainda frias e a terra tinha muitas neves, tiveram grande trabalho na passagem d'ella.

A mais gente que ficou no arraial de que se não fiou nem lhe deu conta, em que havia muitos fidalgos e alguns d'elles mui principaes, ficaram muito alcançados e sentidos, porque entenderam que o Duque se não fiara d'elles, e por esta razão os deixara, dos quaes uns se foram ao arraial do Infante D. Pedro, e outros em seguimento do Duque, como melhor poderam; e houve em sua partida mui grande desordem, uns tomaram o caminho por onde

elle ia, outros passaram pela serra do Boco e foram sahir da outra parte a Covilhã, e na passagem tiveram grande trabalho com os crueis frios, e n'essa noute se perderam e pereceram alguns cavallo e azemolas, com muita bagagem e cargas que levavam para a côrte. E em cima da serra onde se chama Albergaria, se acharam algumas pessoas mortas de frio, com que foram castigados por sua pouca fidelidade.

E depois o sentiram todos porque El-Rei se houve por mal servido d'elles, e na materia de suas perensões e requerimentos não foram ouvidos, e lhe fôra melhor não sahirem de suas casas; o que foi muito pelo contrario nos que foram leaes ao Duque e mostraram sempre os animos aparelhados a seu serviço, porque a todos fez El-Rei muitas mercês.

No arraial do Infante D. Pedro não se soube da partida do Duque senão á meia noute, quando a elle chegaram alguns dos que ficaram no seu arraial, e juntamente os descobridores deram recado da desordem que n'elle ia a tempo que o Duque ia d'ahi tres legoas ou quatro, mas não se soube o caminho certo que levava senão em amanhecendo; e quando o Infante o soube mostrou receber d'isso grande contentamento; mas, pelo contrario, os seus muita paixão, por se ir o Duque sem irem com elle á batalha, e muitos pediam licença ao Infante para irem em seu seguimento, e o que mais insistiu n'isso foi o Conde de Abranches, fazendo grandes feros e fazendo-se muito sentido de o não irem buscar ao seu arraial, e destruir e matar ou perderem todos sobre isso as vidas.

O qual ainda commetteu ao Infante que lhe desse duzentos ou trezentos de cavallo que elle iria em

seu seguimento, promettendo que o que não fizeram todos juntos, com aquelles poucos o acabaria, o que o Infante lhe não concedeu, porque o tinha por precipitado e temerario, dizendo que não queria n'aquella occasião aventural-os, que os queria poupar para occasiões que dizia ser de muita importancia, palavras de que muitas vezes usava, que, como fossem palavras que pareciam prenhes, muitos as tomavam como lhe parecia, e El-Rei D. Afonso as não julgava bem. E tanto que se recolheu a Coimbra, despediu a gente que chamara de seus vassallos, lembrando-lhe que estivessem prestes, porque os havia de haver mister muito cedo, agradecendo-lhe muito a lealdade que dizia terem, e com que accudiram a seu chamado, fazendo-lhe grandes promessas e agradecimentos, advertindo-os que estivessem prestes, porque entendia que muito cedo os haveria mister, que tanto que tivessem recado seu, logo accudissem. E, despedidos estes, se ficou com os mais fidalgos, de quem se entendia valer e ajudar, porque estes não largava nunca.





CAPITULO XVII

De como o Infante D. Affonso chegou á côrte, e de como El-Rei ordenou ir contra o Infante D. Pedro

ODuque tanto que passou a serra se deteve dois dias para recolher a gente que o seguia, que pela incommodidade da serra se não podia ajuntar mais depressa, e passados elles seguiu seu caminho para a côrte que ainda estava em Santarem, e tanto que El-Rei soube sua vinda, e o que passára em seu caminho, o mandou esperar por toda a côrte, e n'ella foi recebido como em triumpho, porque quiz santar-lhe a quebra que por seu mandado teve em se desviar do Infante D. Pedro; e o recebeu com grandes mostras de amor e agradecimento, dizendo-lhe que não tivesse paixão, que o agravo a elle mesmo fôra feito, e por proprio seu o tomava, que lhe não lembrasse d'ahi em diante, e a emenda deixasse a sua conta, mandando-lhe que fosse descansar por ser tarde, e que logo ao dia seguinte se viesse para elle para tratarem da

emenda, e assim se fez; posto que era segunda feira da semana santa, mandou El-Rei ajuntar os fidalgos e prelados que se acharam na côrte, mandando tambem recado ao Duque seu tio, e a seu primo o Conde de Ourem.

Não foi presente o Conde de Arroyllos porque estava em Ceuta, por lhe ser encarregada aquella fronteira e conquista; e sabendo o Infante D. Henrique d'este ajuntamento e do que se havia de tratar n'elle, se quiz tambem achar prêsente sem ser chamado, para vêr se podia escusar a seu irmão os trabalhos que via o estavam ameaçando.

E sendo juntos em conselho, fez El-Rei uma breve pratica em que propoz as muitas causas e razões que havia contra o Infante D. Pedro, pelas quaes o tinha por rebelde e desleal a sua real corôa, e como tal tinha determinado proceder contra elle com todo o rigor que houvesse lugar, e castigal-o como mereciam suas culpas, que os mandara ajuntar para lhe dar a melhor ordem que podesse ser para se pôr em execução sua determinação.

Não deixava de haver alguns no conselho a que doiam seus trabalhos, e de boa vontade accudiram por elle; mas vendo a resolução d'El-Rei e a auctoridade do Duque, se não atreveram a tersar por elle, antes o Duque, e o Conde seu filho e o Arcebispo de Lisboa e outras pessoas qualificadas, approvaram a determinação d'El-Rei, dizendo que não sómente era necessario, mas preciso quebrantar a soberba do Infante, que não desse El-Rei logar a que sua brandura fosse causa de passar a outras rebelliões de mais prejuizo para seu reino e corôa, porque bem mostrava animo de querer reinar quem não conhecia Rei nem senhor, como tinha mostrado

em muitas occasiões, lhe fôra por muitas vezes ouvido; porque diziam, não eram para dissimular, nem consentia dillação, quanto mais além d'esta culpa outras muitas tinha commettidas porque merecia gravemente castigado, como fôra a perseguição da Rainha, mãe de seu Rei e senhor; e que tambem se havia de ponderar o que se presumia levar do castello de Lisboa as armas que os Reis seus antecessores tinham n'elle ajuntadas e encerral-as no castello de Coimbra sem as querer tornar, sendo-lhe mandado por muitas vezes que as tomasse; que finalmente estavam suas dissimulações descobertas e suas traças bem conhecidas, que se com muita brevidade El-Rei o não acabava, que elle poria o reino em alguma grande oppressão. Ao que se oppoz logo o Infante dizendo que não consentiria, nem havia de soffrer, dizer-se que, alguns dos filhos d'El-Rei D. João seu pae e senhor era desleal, nem o podia ser, que posto que no Infante D. Pedro houvesse algumas desobediencias causadas da paixão que n'elle creavam os desfavores que com elle se tinham usado, que não eram de qualidade para que d'ellas se podesse tomar suspeita de deslealdade, nem que se presumisse d'elle animo de mais que de sentir-se dos desfavores que se lhe faziam.

Com esta intercessão do Infante D. Henrique se animaram outros dos que estavam no conselho, e eram seus affeioados, a interceder por elle, e dizer que suas culpas não eram tão feias que merecessem chegar-o ao ultimo, e que devia ser ouvido e novamente admoestado, e quando então não quizesse obedecer, então se trataria como se haviam de haver com elle.

O mesmo pedia por elle o Infante D. Henrique,

mas contra elle se oppoz o Duque de Bragança e Conde de Ourem a quem seguiam muitos fidalgos e prelados que com claras razões mostraram que as cousas do Infante D. Pedro e sua rebellião e deslealdade estavam tão patentes, que se não podia negar, mas nem ainda admittir desculpa.

Ouviu El-Rei por algum tempo suas altercações, e ouvidas declarou sua vontade e determinação ser quebrantar sua soberba, e fazer-lhe conhecer que tinha El-Rei e senhor, como já tinha dito que se escusassem descargas e desculpas, d'onde as não havia, nem podia haver, que sómente os chamara e mandara vir para se dar ordem ao como se haviam de haver na execução de sua determinação.

E vendo o Infante D. Henrique o estado em que estavam os negocios de seu irmão e que não valiam já descargas nem intercessões, e que sua vinda ao conselho não era de proveito, antes seria de indignar mais El-Rei, não tornou mais a elle; e não tiveram razão alguns que injustamente o calumniaram que o desamparara, e que se elle o deffendera, não tiveram suas cousas tão dura determinação, nem elle e sua casa e descendencia tiveram tão miseravel fim, porque emquanto pôde o deffendeu, até conhecer claramente que El-Rei o ouvia mal e com notavel paixão; e finalmente no fim de tres ou quatro juntas que houve se assentou que o Infante fosse havido por rebelde, desleal e inimigo da corôa real e principes d'ella, e por tal foi nomeado e declarado pela bocca do mesmo Rei, e como tal se procedesse contra elle com todo o rigor que sua rebellião e deslealdade merecia, apontandõ-se as razões porque era havido por tal, que foram a primeira e mais principal a perseguição da Rainha e

sua morte dada com veneno ; a segunda querer fazer guerra ao Duque e não querer obedecer aos mandados e prohibição d'El-Rei, que sobre isso lhe foram notificados ; a terceira não querer conhecer El-Rei por seu senhor como em diversas occasiões o tinha declarado, negando-se de seu vassallo ; a quarta por levar as armas de Lisboa e as não querer tornar, sendo-lhe por vezes mandado, com que dava certos indicios de pertender tyrannisar o reino.

Além d'estas razões que foram as principaes se apontaram outras de menor qualidade, e não foram pouca parte para se dar assim esta conclusão tão aspera contra elle, as queixas dos Infantes D. Fernando e D. Leonor, e os mais irmãos, que por diversas vezes pediam justiça d'elle, lembrando-o a El-Rei por momentos, e, encarecendo-lhe suas perseguições e a miseria a que chegara a Rainha sua mãe, e que não fôra satisfeito com ellas ; mas ainda em Castella onde se recolhera lhe fôra tirar a vida, ajudando-se para o pôr em effeito de outra crueldade, conforme a sua, como era a do condestavel D. Alvaro de Luna, seu grande amigo.

Tanto que esta determinação foi dada, mandou El-Rei fazer gente com muita brevidade, por todo o reino, e por cartas particulares mandou avizar muitos fidalgos, e as cidades e villas do reino, como queria fazer guerra ao Infante por estar rebelde e levantado, e pelas mais razões acima, avizando-os que se viessem a Santarem com a maior brevidade que fosse possivel com toda a gente de armas que podessem, como bons vassallos, para o pôr em effeito.



CAPITULO XVIII

Dos preparamentos que El-Rei mandou fazer contra o Infante

TÃO determinado estava El-Rei a acabar de todo as cousas do Infante D. Pedro, que por todas as vias tratou sua destruição, e logo mandou pôr editos por muitas partes do reino de perdão geral para todos os culpados de quaesquer delictos, posto que graves, que andassem ausentes fóra de seus reinos ou dentro n'elles, que n'aquella guerra o viessem servir; e assim mandou pôr editos contra todos os que estavam em Coimbra com o Infante, que dentro de tres dias se partissem d'elle e o deixassem, sob pena de traidores.

A mesma pena se promulgou contra os que de novo se fossem para elle, ou de qualquer modo tratassem de o ajudar, e d'estes editos mandou fossem levados porque os que estavam não podessem entender ignorancia, e n'ella foram entregues a notarios publicos para por elles serem fixados; a qual

publicação não quiz o Infante consentir que se fizesse, e sendo levado perante elle Lourenço Abul, que por mandado d'El-Rei os levou áquella cidade, o Infante lhe mandou que os não publicasse, e se tornasse logo a El-Rei e lhe dissesse que elle tomava aquelles editos, e por seu serviço e honra os não deixava publicar, porque elle era um dos braços mais fortes que havia n'estes reinos para os ajudar a manter e deffender em justiça, e que appellava d'aquelles procedimentos de sua ira, para sua clemencia mais verdadeiramente instruida.

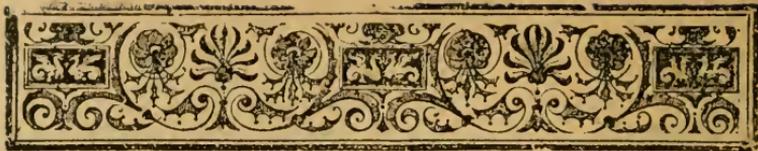
E com esta resposta o despediu, tomando os despachos e papeis que quiz publicar; mas como bom ministro, indo-se sahindo, fixou alguns que de novo fez, nas portas da cidade e partes por onde ia; e se senão pozerá em salvo lhe custara a vida, porque foi de muitos seguido, e lhe valeu a ligeireza do cavallo, que de industria, com o medo do que lhe podia succeder, levou; e foi tanta a pressa com que El-Rei procedeu n'este negocio, que sendo assim que o Duque partiu de seu alojamento, vespera de Ramos, e Lourenço Abul chegou a Coimbra vespera de Paschoa, e em dia de Paschoa se apresentou a El-Rei, que tanto que soube a resposta do Infante, e que os que estavam com elle não tratavam de obedecer a seus mandados, os houve logo por traidores, e mandou lhe fossem confiscados seus bens, apropriados á corôa, e d'elles fez mercê depois aos que n'esta jornada o fizeram por onde o mereceram.

O que tanto que foi sabido em Coimbra causou diversos effeitos, que uns temendo sua ruina em falta de seus bens desanimaram de todo; outros, que eram de mais bravos corações, levados de uma

certa desesperação, determinaram vender bem suas vidas ou á custa de seu sangue remir seus bens, e alguns que os não tinham ficar com elles se a ventura lhe voltasse.

Não foi menor o sentimento do Infante D. Pedro, porque temeu que, com medo de outro semelhante perigo, lhe não accudiriam alguns fidalgos e outras gentes que esperava, até dos que tinha em sua companhia se temia que o desamparassem com esperança de perdão; mas não bastou esse medo para deixarem de lhe acudir algumas pessoas de qualidade, e muita gente popular que era a em que tinha mais confiança.





CAPITULO XIX

Como El-Rei procedeu contra D. Pedro, Mestre d'Aviz, filho do Infante

D Pedro, filho maior do Infante D. Pedro, que havia sido privado da dignidade de Condestavel, quando foi provido n'ella o Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei, estava nas comarcas d'entre Tejo e Guadiana, e, como era Mestre de Aviz, tinha alguns castellos em seu poder, como eram a cidade de Elvas, o castello d'Olivença e o de Castello de Vide e Marvão e outros, e não estava declarado se seguiria a rebelião de seu pae, ou obedeceria a El-Rei, pelo que foi aconselhado que lhe tirasse os castellos e fortalezas por evitar outros maiores inconvenientes, e pela suspeita que podia haver de o seguir, e porque tambem como o Infante tinha feito uma liga com o Condestavel de Castella, D. Alvaro de Luna, e com o Mestre de Alcantara, e podiam em seu favor meter gente por aquellas partes n'estes reinos e fazer-se forte n'ellas,

quize El-Rei acudir a tão grande inconveniente e tirar-lhe os castellos e fortalezas, e por escusar maiores dilacões, que podiam ser causa de o apertar, dilatando-se a execução com recados e respostas, determinou mandar com brevidade contra elle, e não se querendo entregar lhe pôr cêrco; para o que mandou fazer prestes o Conde de Odemira, a quem deu a gente bastante com o mais que era necessario para aquelle cerco, havendo de o haver, o qual partiu com a mor pressa que foi possivel.

Sendo certificado D. Pedro de como o Conde ia em sua demanda, tomando conselho com os que com elle estavam, que se achavam atalhados, porque nunca lhe pareceu que primeiro tratasse El-Rei de proceder contra D. Pedro, que contra o Infante seu pae, que até então se não fallava em outra cousa mais que queria El-Rei proceder contra o Infante, e se resolveu de não entregar as fortalezas, seguindo a rebellião de seu pae. E vendo que Fronteira tinha ruim defenza, nem elle tinha gente para a poder defender, com o parecer d'alguns cavalleiros d'aquella ordem e fidalgos que estavam em sua companhia, se passou a Marvão, entendendo que ahi se poderia melhor deffender pela fortaleza do castello.

O Conde chegou a Castello de Vide, e achando-o desocupado o poz o recado, e deixando n'elle a gente que lhe pareceu necessaria, se passou a Elvas e Olivença, onde fez o mesmo, e em outros logares da raia, o que fez com a maior pressa que lhe foi possivel, e com a mesma caminhou para Marvão a pôr-lhe cêrco, o que sabido por D. Pedro e pelos que com elle estavam, se ajuntaram a conselho sobre o que fariam; e ainda que elle se mostrou firme em não entregar o castello, todos os mais foram de pa-

recer que se não pozesse em defeza, nem esperasse cêrco, porque assim cumpria a honra, e porque tambem seria em grave damno das cousas de seu pae, que tão arriscadas andavam, como todos sabiam que aquellas imaginações de se defender no castello ou esperal-o no campo (como elle dizia) eram impulsos despropositados, porque a gente que tinha em comparação da do Conde não era nada, e a mais d'ella bisonha e mal armada, e o que peor era que muitos não haviam de querer pelejar contra os d'El-Rei, e que no castello não havia mantimentos nem munições, e assim senão podia esperar cêrco de muitos dias e para quem elle era, e sangue d'onde procedia, seria grande abatimento e quebra de sua honra esperar cêrco tão desesperado como aquelle, pois não havia de d'onde esperar soccorro, e mais havendo de ser cercado por quem era seu desigual, e vinha com tanto poder; e finalmente lhe não podia resistir, e lhe havia de ser necessario entregar-se, e não sabiam depois de entregue como El-Rei se quereria haver com elle, depois de se lhe ter mostrado rebelde; pelo que lhe aconselhavam se passasse a Alcantara, que era do Mestre, onde sem falta seria recolhido e amparado, e deixasse o castello e algumas fortalezas que ainda tinha com seus alcaides, com ordem e mandado que os entregassem a quem por El-Rei se entregasse d'ellas, e se os negocios de seu pae tivessem bom fim sem difficuldade as tornaria a cobrar.

Bem viu o Mestre D. Pedro que nenhum d'aquelles cavalleiros lhe havia de ser bom, antes se quizesse esperar cêrco o haviam de desamparar, porque sempre lhe aconselharam que por nenhum modo resistisse ao que El-Rei ordenasse; nem tinha mais confiança na outra gente de melhor condição, e se

temeu que o entregariam, com medo da recente lembrança da miseria dos que estavam em Coimbra com seu pae.

Pelo que mais por necessidade que por vontade seguiu seu conselho, e se sahio de Marvão com poucos que o quizeram seguir, que foram os que não tinham que perder, como gente de sua casa; e deixou no castello por alcaide Arthur Gonçalves, que logo o entregou ao Conde de Odemira.

Tanto que foi chegado o fortificou, pondo n'este a gente necessaria, e deixando as fronteiras seguras se tornou para El-Rei.

O Mestre D. Pedro se passou a Valença, onde por principio de suas fortunas começou a experimentar a ingratição do Mestre de Alcantara, que em nada respondeu ás obrigações que lhe tinha em satisfação das grandes ajudas que seu pae e elle lhe deram para lançar de Castella os Infantes de Aragão, e das boas obras que elle e D. Alvaro de Luna receberam como fica recontado, o não quizeram ajudar, nem favorecer; e logo em sahindo o Mestre de Marvão se publicou pelos que ficaram n'elle que os mesmos D. Alvaro e Mestre de Alcantara tinham promettido ao Infante D. Pedro grandes ajudas de gentes, com que pertendia buscar El-Rei em Santarem onde estava, e que tambem tinha ordenado fazer grandes pedidos pelos logares do reino, com outras grandes oppressões; o que logo foi sabido na cõrte, pelo que ordenou El-Rei com mais brevidade sua destruição.



CAPITULO XX

De como a Rainha intercedeu pelo Infante D. Pedro, seu pae, e da resposta que teve d'El-Rei

Foi a Rainha D. Isabel, tão obediente a El-Rei seu marido e tão conforme com a sua vontade, e lhe guardou sempre tanto respeito, que em todo o tempo que duraram as desavenças, embaixadas e respostas com seu pae, posto que via que suas cousas iam precipitando-se e cada dia estavam em peor estado, não se tinha entromettido n'ellas, posto que em seu coração padecia grandes afflicções, porque via que a indignação d'El-Rei era justa, e via juntamente a severidade e inteireza com que procedia n'ellas e se serrava para com ella nas materias tocantes a elle, o que era causa de se encolher e lhe não fallar n'isso determinadamente; e como alguns diziam, o mesmo Infante seu pae a tinha avisado que se não entromettesse n'ellas, por não cahir em desgraça d'El-Rei seu marido; contudo, sabendo agora da rigorosa determinação dada

contra elle, e da diligencia que se punha em ajuntar gente e armas para a ir pôr em execução, e que finalmente sua vida e honra estava em tão manifesto perigo, se não pôde ter que não atropellasse todos os inconvenientes; e tendo por certo que suas lagrimas achariam misericordia em El-Rei, como quem sentia n'elle um animo compassivo, com certas esperanças de que em todo ou em parte mitigaria sua ira e a rigorosa sentença que contra elle tinha pronunciado, de modo que ficasse mais toleravel, buscando tempo e occasião, estando El-Rei com a Infanta sua irmã, se apresenta perante elle com muitas lagrimas, e pondo os joelhos em terra, o que elle lhe não quiz consentir, antes presumindo a que era sua vinda a levantou, e tomando-a pela mão e assentando-a entre si e a Infanta, lhe pediu conta de suas paixões. A Rainha, socegada algum tanto, lhe fallou d'esta maneira: Foi V. Alteza servido, meu Rei e meu senhor, de me acceitar por sua legitima serva, mulher e companheira, por filha do Infante D. Pedro, meu pae, ao qual, depois de Deus, devo o ser, e não tenho por maior obrigação essa, que a outra de me grangear a V. Alteza por senhor e pôr-me no alto logar que tenho (ainda que indigna) que é maior que a ventura me podia escolher, que são dividas tão grandes que lh'as não posso satisfazer, ainda que por elle offereça esta vida e ser que me deu; se estas me obrigam a sentir suas fortunas e miserias, V. Alteza melhor que todos o pode julgar, e se tambem tenho obrigação de lhe procurar o remedio. Não posso negar que da sua parte houve algumas desobediencias, a que seus inimigos querem pôr nome de deslealdade e rebellião, e lhe dão outras culpas que não sómente

as não houve, mas nem ainda lhe passaram pela imaginação; nem se pode cuidar de tão leal vasallo como elle é e sempre foi; e esta dureza que se lhe nota de não obedecer com muita pontualidade aos mandados de V. Alteza, é por lhe parecer que procedem mais do odio que alguns lhe tem, que da benignidade de V. Alteza, a quem em todas as occasiões achou propicio a suas cousas; pelo que, senhor, peço a V. Alteza ponha n'elle e em mim os olhos de misericordia que nunca lhe faltou para os estranhos, e os ponha tambem em sua honra e minha e no real sangue de Portugal, cuja fama ficará condemnada no mundo para sempre, se elle por tal caso fôr opprimido, e lhe perdôe algumas leves culpas que de sua parte pode haver; e a outras que lhe impõem seus inimigos não dê credito como imaginadas e levantadas por elles, cujo intento não é menos que chegar-o ao peor estado a que a fortuna pode chegar a um miseravel.

Acabada esta rogativa da Rainha, que ella acompanhou com copiosas lagrimas, a Infanta D. Leonor, que com as suas lhe fez companhia, ajudando suas rogativas e intercessões, intercedendo quanto n'ella foi, pediu a El-Rei houvesse com elle misericordia e não chegasse ao cabo com suas cousas, nem crêsse quanto lhe diziam, e examinasse bem suas culpas, porque se as visse com olhos desapaixonados e pios, creia que não eram merecedoras de chegar com elle ao fim, mórmente sendo tão grande pessoa, e seu tio, irmão de El-Rei seu pae.

Ouviu El-Rei a Rainha e a intercedencia e rogativa da Infanta sua irmã, e suas lagrimas acompanhou com algumas de seus olhos, e com palavras graves e sentidas lhe respondeu:

Bem vejo, Senhora, a obrigação que tendes de acudir pela honra e vida de vosso pae, estando em tempo de tanto perigo como elle se quiz pôr, e se assim o não fizesseis não corresponderieis bem á obrigação de quem sois, mas suas culpas e excessos são tão grandes que na determinação que contra elle se tomou houve grande moderação, e se guardou o respeito devido a ser filho d'El-Rei meu senhor e avô que está em gloria, e não menos por ser vosso pae, que quando assim não fôra houvera de ser castigado com a pena de vida a seus excessos e delictos, não havia outro mais que perder a vida e sua memoria, condemnada para sempre, e sua casa e bens tomados para a corôa de meus reinos, cujos são; e para que saibaes quaes são as culpas e crimes que d'elle me pedem justiça, ainda que vós os não duvideis ou devais de ignorar, mas como os vêdes com olhos de filha, não vos deixa a affeição julgal-os como merecem, mas porque eu os tenho bem examinados, vol-os direi:

Sabei, Senhora, que vosso pae, depois de desterar a Rainha minha mãe d'estes meus reinos, sendo eu n'elles Rei e senhor, que tambem o era d'ella, onde ella fôra Rainha e mulher d'El-Rei, meu senhor e pae, e legitimamente por seu mandado governadora d'elles, a ella e á Infanta D. Joanna, minha irmã, negou o natural sustento, fazendo-a andar mendigando em reinos extranhos: tomando para si as rendas de meus reinos, e ainda os bens que minha mãe tinha seus proprios, por dote que El-Rei, meu senhor e pae, lhe fez, e os que em seu testamento lhe deixou; e o que peor é que não perdou aos que trouxe de Aragão, tomando-lh'os todos, como por confiscação, para si e para outros,

que o ajudaram em suas crueldades e tyrannias, como que tivera ella commettido os crimes de lesa-magestade que elle tem; e se não houve por satisfeito da miseria em que a tinha posta, porque n'ella lhe traçou tirar a vida, com veneno, ajudando-se de outra similhante crueldade a sua, como a do Condestavel de Castella, não perdoando a crueldade nenhuma que com ella não usasse. E não ignorava elle n'esse tempo que me offendia a mim, seu Rei e senhor, e que o devia sentir e castigar se porventura não tinha no pensamento atalhal-o, fazendo a mim o que a ella, do que não ha pequenos indicios debaixo de suas dissimulações e hypocrisias, e se o não poz em effeito, não foi por falta de ambição e vontade, mas pelas grandes contradicções que no reino tinha d'esses mesmos que nomeia por inimigos, que lhe foram impedimento para não commetter o que o desejo lhe pedia.

Vejo depois d'isso tantas rebelliões, que bem me dão a conhecer que vosso pae não me tem por seu Rei e senhor, e elle por sua bocca o publica assim; de que é bem clara prova que, mandando vir á minha côrte o Duque de Bragança, meu tio, e mandando-lhe que não impedisse seu caminho, não quiz obedecer a meus mandados, quanto mais se pôde esperar de quem mandou levar as armas do meu armazem de Lisboa para o castello de sua cidade de Coimbra, e, sendo-lhe por mim mandado as tornasse, o não quiz fazer, a que não pôde dar desculpa, antes mostrou a tyrannia que sempre teve no animo, de que ha outros muitos indicios, como é que, sendo-lhe por mim mandado que, despedida a gente de guerra que tem comsigo, o não quiz fazer, antes lhe fez muitas promessas, tudo presumpções

certas do que sempre n'elle se temeu. Deixo outras muitas razões, que vos podera dar, porque as dadas são bem bastantes para maiores castigos dos que contra elle estão ordenados; comtudo não quero que se diga que, pedindo-m'o vós, falte em mim para com elle aquella brandura e compaixão que tenho para os mais, e vos dou palavra que, se vosso pae, conhecendo suas culpas, se offerecer com aquella humildade que como a seu Rei e senhor me deve, pedindo-me d'ellas perdão, de modo que o mundo conheça que tem arrependimento, e da sua parte houver a satisfação devida no que a póde haver, e cumprir o que eu lhe ordenar, suas culpas não terão diante de mim aquella fealdade que merecem, e alcançará de mim esquecimento e perdão d'ellas, como quereis, porque quero ser tido para com elle, por amor de vós e da Infanta minha irmã, antes por remisso que por severo. Mas se sua contumacia e rebellião fôr por diante, far-me-ha ter por sem duvida que tem arreigada no coração a tyrannia, o dar-se a brevidade na execução do que está ordenado contra elle.

Com este bom despacho d'El-Rei ficou a Rainha mui consolada, e por elle lhe quiz beijar a mão (o que El-Rei não consentiu) e com grande agradecimento se despediu e recolheu para logo avizar ao Infante seu pae.



CAPITULO XXI

De como a Rainha avisou o Infante seu pae, e do que elle n'isso fez

TANTO que a Rainha se recolheu, e poz por obra avisar o Infante seu pae que logo viesse lançar-se aos pés d'El-Rei a pedir-lhe perdão, porque o tinha alcançado, avisando-o tambem da determinação que estava dada em conselho, e da pressa que El-Rei punha em se apresentar, e que o mesmo Rei em pessoa havia de ir a fazer-lhe guerra, escrevendo-lhe largamente tudo o mais que se havia assentado contra elle; e com estes despachos mandou Vicente Martins, seu secretario, a quem de palavra mandou tambem que dissesse a seu pae que importava muito não haver dillação alguma; e o que em effeito continham as cartas era que sahira despachado em conselho que se lhe fizesse guerra, e não querendo render-se, fosse cercado em Coimbra, d'onde estava, e lhe seria dada uma das tres penas e castigos que se regulariam pela resis-

tencia que fizesse, que eram lhe fosse cortada a cabeça ou prisão em ferros até morte, ou desterro de Portugal para sempre, e suas terras e bens confiscados para a corôa, e que para isso tinha junto e ia ajuntando um grande exercito, e havia de partir contra elle até o quinto de Maio. E que ella pelo muito que lhe n'isso ia lhe tinha pedido e alcançado perdão, e se queria atalhar sua destruição e salvar sua vida, e a conservação de sua casa, com a mór brevidade que lhe fosse possível se viesse lançar aos pés d'El-Rei a pedir-lhe com toda a humildade, e que em todo o caso viesse logó, antes de El-Rei partir.

Esta carta mostrou a Rainha a El-Rei, e com sua licença lh'a mandou; nem ella se atrevera a fazer outra cousa, porque lhe foi tão sujeita que não soube nunca sahir-lhe da vontade.

Dada que foi ao Infante por Vicente Martins, que a recebeu perante alguns fidalgos que em seus trabalhos o acompanharam, e o não quizeram nunca desamparar, e por essa razão tiveram a mesma fortuna que elle, a qual logo leu, sem dar conta a ninguém do que continha, e sem fazer mudança, nem alteração, posto por ella viu a rigorosa determinação dada contra elle, que já por outra via soubera, com o rosto quieto e seguro, com mostras de alegria mais que de tristeza esteve por algum espaço perguntando a Vicente Martins pela saude e disposição d'El-Rei, e em que cousas se entretinha e passava o tempo; e dado que as em que El-Rei n'esse tempo se occupava eram todas contra o mesmo Infante, lhe recontou outras, e como todas redundavam em louvores e perfeições d'El-Rei, o Infante mostrava d'isso grande contentamento; e

tendo gastado n'isso algum tempo, se assentou a comer, e acabado o comer se recolheu sua camara, para onde fez chamar os fidalgos que se acharam em sua casa, perante os quaes mandou lêr a carta de sua filha, e como a determinação que continha era um espantoso pregão da ira d'El-Rei contra elle, de que não ficavam isentos os mais que a ouviam lêr, ficaram todos cortados, cada um menos, ou mais segundo o animo que tinha; e não ficou menos cortado o mesmo Infante, porque ainda que já tinham sabido o que no conselho se ordenára e como se ajuntava gente para isso, não sabiam com tudo da resolução d'El-Rei e presteza com que em pessoa os ia buscar; e não podendo dissimular sua grande paixão e tristeza, com os braços abertos e em cruz levantou os olhos ao ceo, rompendo n'estas palavras:

D'estes agravos e perseguições em que a justiça, razão e humanidade não consentem, primeiramente me queixo a Deus que sabe meu animo e intenção e a lealdade, que n'elle ha, e depois á real casa d'este reino em que nasci e me criei, que até agora bem e lealmente servi, e á de Inglaterra em que tanta parte de sangue tenho, e finalmente a vós meus amigos, companheiros e criados, como participantes de minha tão adversa fortuna, aos quaes como secretarios do meus conselhos, e não menos de meus perigos, direi em breves palavras minha determinação que se tomar por melhor, mais acertada e mais honra minha, a mais rigorosa parte d'esta sentença que contra mim se tem dado, por que das outras que são ser desterrado, e que eu filho d'El-Rei D. João, meu pae, que quando sahia de seus reinos enchia de mercês a todo o mundo com tanta veneração de to-

dos, haja de andar agora em minha velhice por reinos alheios e terras estranhas mendigando e soffrendo miserias e trabalhos com tanta deshonra minha e de toda a real casa de Portugal, não quererá Deus; pois da outra que é ser preso para sempre e que sobre cincoenta e sete annos de idade haja de consentir ferros de justiça em minhas carnes, a quem não parecerá ser muito menos mal morrer, pelo que a morte por mais honra minha escolho, debaixo da confiança que quem m'a traça e procura senão ficará gabando a todo meu poder e valer. Deixo de parte como cousa escusada a confiança de perdão procurado pela Rainha minha filha, de que não ha que tratar, pelos grandes inconvenientes que tem, e quanto mais que dado caso que eu me quizera pôr n'isso, tenho por certo que quem a El-Rei fez tomar contra mim tão dura resolução lhe fará tambem que lhe falte para comigo misericordia; e pois em minhas cousas quiz ser por vós bem aconselhado, n'esta que é de mais importancia que todas, o queria ser melhor; e portanto vos rogo e encommendo que consideradas todas as cousas e razões d'esta fortuna, e a qualidade de minha pessoa, o queiraes bem examinar, e cada um amanhã me dará seu parecer, advertindo que meus inimigos em tão breve tempo como é até cinco dias de Maio, determinam partir contra mim para com tanta brevidade me atalharem poder-me aprestar para me deffender; e ainda que diga meus inimigos, não entenda ninguem que offendo minha lealdade, nem que metto n'elles a El-Rei, meu senhor, porque em caso que elle venha em sua companhia contra mim com mostras de ira, sempre crerei que vem forçado e enganado d'elles, a que sua pouca edade e menos experiencia não sabe ir á mão

a similhantes pensamentos, que eu tenho por sem duvida que sua vontade sempre estará certa e firme para as cousas de minha honra, como se deve esperar de principe tão generoso e agradecido como elle é, e ante tudo vos quero declarar minha determinação e vontade, que é partir d'aqui no meio dia que elles tem ordenado, ou antes podendo ser, e os ir buscar e esperar no campo, e pedir a Deus e a El-Rei meu senhor justiça d'elles, como de quem tão sem razão tanto mal me tem feito e pretendem fazer; e quando por meus pecados o não conseguir, e a fortuna me fôr adversa, contentar-me-hei com acabar como bom cavalleiro; porém de agora para todo o tempo protesto de ser tido e conhecido por bom e leal vassallo, e que minha tenção não é offender em nada El-Rei meu senhor; e sobre tudo vos lembro que se a fortuna me fôr favoravel e minhas cousas tiverem bom successo, que assim como até agora fostes companheiro, e participante, em meus trabalhos, tambem o haveis de ser com as prosperidades que eu tiver.

Com estas palavras, prehes e enfeitadas, queria o Infante mal encobrir sua tenção e dar a entender o que no peito tinha; juntamente queria com a parte mostrar ser leal vassallo, e por outra parecia brotar a ambição que tinha encerrada no coração; e os mesmos que estavam em seu serviço lhe tinham tanto amor que não duvidavam morrer por elle, conheceram que era dissimulação das suas costumadas, e que uma cousa lhe sahia pela bocca, outra lhe ficava no peito, o que bem se deixava entender nas promessas e offerecimentos que lhe fazia, e era tambem certos e averiguados argumentos não se deffender de seu Rei em suas terras e

lhe desobedecer tanto ás claras de tantos modos e armar contra elle exercito, mas ainda querer ir buscar-o ao caminho com presumpção de não perder reputação se esperasse cerco, com achaque de dizer que ia contra seus inimigos, como se não fôra o mesmo Rei quem o vinha buscar como a rebelde e desleal a sua corôa, com animo de o fazer obedecer a seus mandados e reconhecer por senhor; e os desmagnou e que na materia do perdão que sua filha a Rainha lhe offerecia, não queria conselho, que como cousa escusada não havia que tratar d'ella.

E com esta pratica os despediu, dizendo que ao outro dia lhe viessem dar seu parecer, como lhe tinha dito.





CAPITULO XXII

Do conselho que tomou o Infante D. Pedro com os seus e dos pareceres que houve

CONFORME ao que o Infante D. Pedro tinha asentado, se ajuntaram ao dia seguinte os fidalgos e cavalleiros que o seguiam, e juntos, lhe pediu que dessem seus pareceres, e, depois de entre elles haver muitas duvidas e altercações, se repartiram em trez opiniões, a primeira de que foi auctor o doutor Alvaro Affonso, homem muito esforçado e de muita prudencia e grande jurista, o qual, em uma pratica que fez, concluiu que o Infante, amo bom e leal vassallo e catholico principe, não podia, nem devia ir buscar El-Rei com gente armada, antes o devia esperar na cidade de Coimbra, onde estava, deixando-se cercar e protestando sempre de sua lealdade, mostrando estar apparelhado para serviço d'El-Rei, porque, fazendo outra coisa, o mundo o julgaria por desleal, e que d'ahi se El-Rei o cercasse e combatesse, se podia deffen-

der de todo seu poder, e para sua segurança do melhor modo que podesse fortalecer aquella cidade e os castellos de Montemór e Penella, e os provesse do necessario, porque com tão boa gente como tinha não podia ser rendido senão por longo tempo, que, conforme o que se sabia, El-Rei não vinha apparelhado para cerco mui prolongado; e que tambem se pozessem guardas na foz de Buarcos, por onde se poderiam pôr em salvo, vendo-se em necessidade, e d'esta maneira estenderiam o tempo e as cousas com a dilação se poderiam mudar; que posto que por então El-Rei se governava por seus inimigos, podia mudar de parecer, e o tempo o desenganiaria com que suas cousas lhe não parecessem tão mal, para o que seria de grande ajuda as esperanças da parte da Rainha, com que se daria El-Rei por obrigado e elle teria mais attrevimento de se entremetter em seus feitos, e os povos que estavam escandalisados d'elle com a nova publicação de sua deslealdade, vendo-o cercado e humilde seriam em seu favor, e quando menos pediriam a El-Rei por elle, e por uma ou outra via, haveria algum meio ou modo de partido, e se conheceria que com temor se punha em deffesa e não como desleal e ambicioso como seus inimigos faziam crêr a El-Rei; e que o ir buscar a El-Rei com exercito formado, de nenhum modo se podia attribuir a menos que a deslealdade e pertensão de tyrannia; nem se escusava com dizer que ia pedir a El-Rei justiça de seus inimigos, porque essa não podia pedir a El-Rei com mão armada, senão com humildade e submissão.

Este parecer approvaram e seguiram D. Fadrique, Martim de Tavora, Ayres Gomes da Silva, Alvaro de Athayde, João Correia com outros fidalgos e ca-

valleiros, que era a melhor gente que acompanhava o Infante, e parecia o mais conveniente a suas honras e estados, e por onde conseguia perdão ou de algum modo ter esperança de remedio.

O segundo parecer foi de Luiz de Azevedo e seu irmão Lopo de Azevedo, e Martim Coelho, aos quaes seguiam tambem outros fidalgos e cavalleiros que tambem diziam que o Infante não devia ir contra El-Rei pelas razões dadas acima, mas que tambem convinha a sua honra não esperar cerco dentro na cidade, como cavalleiro da Garrotea que era, antes devia esperar que El-Rei o viesse a buscar, pelo que deviam formar seu arraial fóra da cidade em lugar conveniente e seguro, e esperar que El-Rei viesse em sua demanda, e vindo, com toda a submissão e obediencia fazer-lhe seus protestos e requerimentos de como o queriam, e obedecer como a seu Rei e senhor, e pedir-lhe justiça em nome do Infante e seu, e que apartasse de sua presença e conselho seus inimigos, ou pelo menos as cousas que tocassem ao Infante as ordenasse e despachasse sem elles; e se com estas justificações não quizesse ouvil-o, nem tomar outro meio senão o que levava ordenado, então morressem todos no campo ou resgatassem bem suas vidas, e já poderia acontecer que a ventura ajudasse de modo, que os de El-Rei se achassem enganados, pois tratavam de o haver com gente desesperada de outro remedio, mais do que lhe podia dar seu esforço.

O terceiro parecer foi do Conde de Abranches, por quem sempre o Infante se governou, que foi causa a fim tão apressado, o qual posto que fosse homem conhecido por um dos melhores cavalleiros do seu tempo, era tão temerario e arrojado que pro-

metia muito mais de si do que seu poder alcançava; e seu parecer foi que ao Infante lhe convinha fazer-se prestes e ir buscar seus inimigos, dos quaes prometia dar-lhe inteira vingança, e quando lh'a não desse perder sobre isso a vida, e que fiava de si que a não havia de perder sem o vingar d'elles, que se pozessem logo a caminho e não esperassem que seus inimigos lhe ganhassem por mão em os vir buscar, porque elle o haveria por mui grande quebra do Infante e sua, e dos mais que o acompanhavam, e que a sua honra convinha partirem o caminho de Santarem com seus inimigos ou ganhar-lhe por mão, podendo, despendendo depois de seu parecer muitas palavras soberbas, conforme a sua demasiada loucura.

E como este fosse tambem o parecer do Infante, e ambos o tivessem já praticado e assentado entre si, só a elle lhe pareceu acertado por mais conforme a seu animo ou a sua tyrannia, como muitos diziam, o qual seguiram poucos, antes todos lhe protestaram e rogaram que o não seguisse, que era caminho de total desesperação e destruição sem esperança de remedio, e que a confiança que faziam de ter victoria era cousa ridicula, pois sabiam o pouco poder que o Infante tinha, e o grão exercito que El-Rei levava; que se desmagnassem já do favor que esperava dos povos, porque já era notorio que todos se haviam mudados e acudiam a El-Rei, e que sómente seus vassallos lhe tinham acudido, e ainda esses mal. Mas como por fim viram que era escusado, desconfiados de poderem mudar seu proposito, cessaram de o persuadir, e se começaram todos a prestar.

E acabado o ajuntamento, se recolheram o In-

fante e Conde, e fizeram entre si aquella tão injusta como barbara conjuração ou juramento reciproco, com voto solemne de que ambos haviam de seguir uma mesma fortuna, que se um morresse, o outro não ficaria com vida; e não faltaram alguns de tão fraco discurso que lh'o louvaram, sendo tanto para se borrar da memoria dos homens e de tanto descredito para o mesmo Infante e para toda a casa real d'estes reinos, assim para ser exemplo mais para gentes barbaras e sem Deus nem fé, como por ser um principe creado no gremio da igreja catholica, e no coração d'ella, como é este reino de Portugal; e mais sendo entre pessoas de differente qualidade como elle era, e tão sabio e prudente na opinião dos homens; e um cavalleiro que não era dos melhores do reino, se já não foi levado do grande desejo de reinar (como muitos querem), seguindo a opinião do primeiro Cezar, que dizia que se podia atopellar a razão por reinar, e não por outra alguma cousa; e logo ordenaram sua partida, como entre ambos estava ordenado contra a opinião de todos os mais que seguiam ao Infante.





CAPITULO XXIII

De como o Infante D. Pedro quiz dissuadir El-Rei de sua partida; e como El-Rei partiu em sua demanda

O INFANTE D. Pedro, posto que estava em caminho com os seus para sahir ao encontro d'El-Rei, com a mais gente que podesse, para com elle pelejar em campo, como se via tão inferior no poder, quiz tentar-se por suas artes, e a pouco custo poderia dissuadir El-Rei a que o fosse buscar, juntamente por cumprir com sua filha, a Rainha, respondeu á carta que ella lhe tinha escripta, e o que a sua continha era querer persuadir que as culpas que seus inimigos encareciam de grandes o não eram, porque a muitas d'ellas estava obrigado em honra, e não devia fazer menos como quem era, e a estas ajuntava outras muitas razões, que lhe fôra melhor não escrever.

E a El-Rei escreveu outra com muita submissão, dando-lhe grandes descargas, e querendo-o persuadir que nas materias da Rainha, sua senhora, se

lhe fôra concedido descarregar-se e mostrar sua innocencia, o fizera bastantemente, mostrando que tudo o que tinha feito fôra com justiça e fundado em bem publico e proveito do reino, sem entrevir odio ou má vontade, como seus inimigos affirmavam, e que ainda que parecesse que procedera com alguma severidade, não era ella merecedora de se proceder contra elle rigorosamente.

E que as mais cousas que tinha feitas não foram tão descaminhadas que merecesse nome de desleal e rebelde, como lhe queriam pôr. E que outras muitas que lhe oppunham, que mostravam apparente deslealdade, eram falsas; e que para quem elle era, e os serviços que lhe tinha feito, merecia bem ser tratado com mais brandura, e não mereciam pô-lo em estado de desesperação.

Era o animo d'El-Rei D. Affonso tão compassivo e exoravel que com estar tão resolutu no castigo do Infante, a humildade fingida da sua carta e as muitas rogativas de sua mulher e intercessão da Princeza D. Leonor (cujo grande animo foi dotado de outra semelhante brandura a de El-Rei), que esteve quasi mudado de seu proposito; mas esteve sua desgraça em algumas palavras demasiadamente livres que o Infante escreveu á Rainha sua filha, porque, querendo El-Rei vêr a carta, achou que entre outras, que n'ella se continham, dizia que por satisfazer ao que ella lhe pedia e mandava, pediria perdão a El-Rei por cartas suas, mas não por sua vontade, nem porque fosse justiça nem razão, nem havia de ser pessoalmente, porque não queria dar esse gosto a seus inimigos, com o vêrem ajoelhado pedir perdão de culpas que não tinha.

O que visto por El-Rei se apaixonou gravemente

concebendo em seu animo que o perdão que pedia não era pedido com animo humilde e de emenda, mas por atalhar a partida d'El-Rei contra elle; pelo que se apartou da Rainha e Infanta dizendo-lhe que era escusado fallar mais em perdão, que o Infante não estava capaz d'elle, e com estas ultimas palavras as despediu, com que ficou a Rainha cortada e turvada de tal modo que se não atreveu a fallar mais a El-Rei n'isso.

Não tardaram as novas que o Infante se punha em caminho para partir em demanda d'El-Rei, com que se acabou de inteirar que o perdão que pedia era mais para o advertir da jornada, que com animo de se reduzir a sua obediencia; para o que mandou apressar com muita instancia para partir no dia e tempo que tinha ordenado.

Tinha El-Rei junto dois mil homeñs de cavallo e seis mil de pé, e não a gente que outros dizem, que põem outras sommas mui excessivas, posto que no caminho se lhe ajuntaram outras muitas gentes, que como leaes o vieram servir contra o Infante (bem diffèrente do que elle esperava) e se lhe ajuntaram tambem muitos delictos, os quaes elle recebeu com bom rosto, que com a gente do Duque de Bragança seu tio, vieram a fazer numero de quatro mil de cavallo, e doze mil de pé, com o qual exercito caminhou El-Rei de Santarem com o Conde de Ourem e o Duque seu pae, com muito concerto e ordem militar tomando o caminho de Coimbra, resolutos tirar de uma vez do seu reino tão grande inconveniente.

O Infante D. Pedro tanto que despediu o secretario Vicente Martins, fez ajuntar os seus que já todos estavam com elle em Coimbra, Montemór e Pe-

nella, e juntos, achou que tinha mil e duzentos homens de cavallo, ainda que outros diziam menos, e de pé dois mil e trezentos, e postos em muita ordem tomaram o caminho de Santarem, levando á vanguarda o Conde de Abranches com quinhentos de cavallo e oito centos de pé e algumas peças de artilheria, e á rectaguarda do Infante com toda a mais gente partiram em quatro de Maio, indo o Conde blazonando e fazendo grandes ferros, e passada a primeira jornada mudaram o caminho tomando a via de Lisboa, porque ainda lhe não faltava ao Infante a confiança que sempre teve do favor d'aquella cidade, que foi quem trouxe suas cousas a tão trabalhoso estado. Ainda esperava que n'aquella occasião o favorecessem, mas enganou-se, porque ou a lealdade, e amor do seu Rei, ou o medo de serem castigados rigorosamente por desleaes, e ainda dos alvoroços passados de que El-Rei não estava esquecido, os teve tão quietos que não houve pessoa que se atrevesse a fazer movimento algum, e seguindo suas jornadas chegaram á villa de Castanheira, onde se detiveram até serem informados de seus descobridores do caminho que El-Rei levava.





CAPITULO XXIV

De como o campo de El-Rei se veiu acercando ao do Infante

TINHA partido de Santarem o campo d'El-Rei na via de Coimbra como fica dito, repartido em tres batalhas das quaes a da vanguarda levava o Conde de Ourem com novecentos homens de cavallo e dois mil de pé; a segunda seu pae o Duque D. Affonso com a sua gente e a rectaguarda levava El-Rei com toda a mais gente em que iam dois mil de cavallo, e de pé oito mil.

E posto este campo em toda a ordem, tendo aviso que o Infante D. Pedro tinha tomado outro caminho, e ia na volta de Lisboa, conhecendo-lhe os pensamentos e com algum risco que o povo de Lisboa fizesse algum levantamento, a grandes jornadas o foram demandar; o que sabido pelo Infante e certificado do grande exercito d'El-Rei (qual o Infante nunca imaginou) temendo ser cercado, contra o parecer do Conde de Abranches, se metteu em uma

terra aspera e fragosa junto de um ribeiro que chamam Alfarrobeira, com animo de alli se fazer forte e não o obrigarem a pelear senão como e quando elle quizesse.

Ao mesmo lugar chegaram El-Rei e o Duque ao segundo dia com seu campo, o qual fortaleceram e vallaram como pede a arte militar, e repartiram suas estancias, ordenando que na guarda e vigia d'elle não houvesse descuido, porque bem tinham entendido que o Infante e Conde de Abranches haviam de usar de alguns estratagemas e industrias de guerra para lhe fazerem todo o mal que podessem, pois por se embuscarem, conheciam já d'elles que não queriam pelear em campo aberto. E tambem tomaram os altos mais convenientes que viram ser de importancia para segurança sua, e opprimirem os inimigos; e estando ainda no fortalecimento e obra d'elle lhe veiu o Conde de Abranches dar uma vista, e vendo bem a gente que tinha e considerando a ordem que se guardava em seu assento e fortalecimento, viu tudo bem differente do que elle imaginava, e se achou mui enganado, porque tinha determinado e tratado com o Infante de dar no campo d'El-Rei desapercibido, confiado o desordenar e desbaratar, porque entendia que senão guardaria com tanta pontualidade e ordem militar de que elle se tinha por mestre; mas vendo agora o contrario, e que não podia ser entrado e combatido menos que com outro poder maior do que n'elle estava, perdeu as esperanças não sómente de conseguir effeito sua industria, mas ainda de se poderem salvar sem perda da mór parte de sua gente, e dando volta ao seu arraial, desconfiado e perdida já a mór parte de sua temeraria presumpção, sem dar a conta a ninguem,

se foi á tenda do Infante, ao qual sómente a deu do que vira e do pouco que podiam fazer por então, e lhe requereu com muita instancia que se pozesse em salvo, porque não sentia outro caminho de salvação, encarecendo-lhe o grande poder do campo d'El-Rei e a ordem de guerra que n'elle havia, e muita confiança, e o desprezo que faziam d'elle e de seu pouco poder, do que tudo se informara de espias do campo d'El-Rei, attribuindo aquella ordem ao Duque de Bragança, do qual sabia ser assaz perito na arte militar, como filho de El-Rei seu pae, e criado na eschola do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, seu sogro.

Ficou o Infante D. Pedro cortado e mais desconfiado que o Conde, dando-lhe por resposta que era já tarde, e que pois assim era, que elle estava determinado a morrer quando não houvesse outro modo de salvação com que sua honra ficasse sem diminuição; quanto mais que quando d'alli se salvassem via atalhados todos os caminhos de se poder conservar com honra que era o que mais queria e estimava; e então conheceu bem quão mal aconselhado fôra, e como por seu parecer pozera suas cousas na ultima desesperação a que suas arrogancias o tinham chegado. E tendo largamente praticado o negocio, se determinaram a morrer, e de novo confirmaram o juramento que tinham feito de que morrendo qualquer d'elles na batalha, outro não ficaria com vida, e seguiriam ambos a mesma fortuna; e ainda sua desesperação lhe creou não pequena confiança de fazerem algum bom effeito; e para crear animo nos seus os mandou o Infante ajuntar sem em algum modo mostrar desconfiança, aos quaes fez uma breve pratica em que lhe encareceu o esforço e nobreza de

seus antepassados, mostrando-lhe que nunca como n'aquella occasião lhe fôra necessario, porque vencendo os esperavam grandes honras e acrescentamentos que elle a todos promettia, e pelo contrario sendo vencidos não havia lugar seguro no mundo para elles; que se determinassem a vencer ou morrer. Não lhe dando nem ainda nas mostras do rosto signaes de sua desconfiança nem conta do grande exercito d'El-Rei por de todo os não desanimar. Acabada esta pratica todos os que foram alli a uma voz responderam que estavam prestes para morrerem por seu serviço e amor, mas que esperavam de lhe dar victoria infallivel, e quando assim não fosse vender bem suas vidas, porque bem viam que assim elles, como suas honras, e o mais consistia sómente em seu esforço. E debaixo d'esta confiança se animavam uns aos outros propondo de vencer ou morrer; e com este proposito cada um se foi a sua estancia até ser tempo de accommetter.





CAPITULO XXV

Das diligencias que El-Rei fez para reduzir o Infante a seu serviço

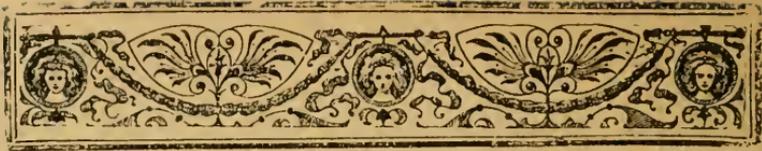
ESTANDO ainda o Infante D. Pedro em sua pratica, mandou El-Rei lançar um bando ao redor do seu arraial por reis d'armas e farautes, com som de tambores e trombetas, em que se cõtinha que todos os que estavam dentro dos alojamentos do Infante se viessem logo a El-Rei com suas armas e creados, sob pena de traidores, que não vindo os havia desde logo por taes, e encorrido nas penas de direito, e por condemnados n'ellas e banidos para que em todo o tempo os podesse matar quem os topasse. E sendo assim publicado e sabido por todos os do Infante, não bastou verem caminho aberto de perdão e salvação, que tão obstinados estavam que não houve algum que o desamparasse.

Dado que foi este pregão não faltaram no campo d'El-Rei algumas pessoas nobres e bem intenciona-

das que, condoendo-se da miseria do Infante e da infeliz fortuna em que o viam, que juntos não fossem pedir a El-Rei misericordia por elle ; a que El-Rei respondeu que o Infante não queria, nem pedia perdão, como bem mostrava por suas obras ; nem a elle lhe estava bem dar-lh'o em tempo que o Infante vinha com tanta gente d'armas, em que bem mostrava que o não reconhecia como senhor, comtudo se lhe conhecia que se o Infante viera pessoalmente a pedir-lh'o lh'o daria, e, quando menos, lhe daria a vida ; e com estas boas esperanças algumas pessoas qualificadas do campo d'El-Rei, se foram ao Infante a lhe persuadir o quizesse fazer, e affirmando-lhe que não havia duvida no perdão se o pedisse pessoalmente ; e por muito que lhe disseram e seguranças que lhe deram se não pôde acabar nada com elle como obstinado e entregue á sua desesperação, nem o Conde de Abranches lhe deu logar para tomar o caminho que bom fosse. E claramente se viu que El-Rei lhe quizera dar a vida, porque estando os campos tão juntos um do outro com tanta vantagem da parte d'El-Rei que não estava a victoria em mais que em mandar romper ou dar licença aos seus para lhe darem batalha, o foi dilatando mandando sempre acercar o seu arraial ao do Infante e largando seus fortalecimentos, em que se gastaram tres ou quatro dias até estarem tão juntos que se alcançavam de um a outro com os tiros dos arcabuzes, dos quaes havia já alguns, posto que poucos, no campo, e se detivera El-Rei mais se não succedera que querendo os capitães do campo real tomar um cabeço alto que ficava sobre o arraial do Infante, que os seus tinham occupado, acudiram outros a defendel-o, e posto que fizeram

alguma resistencia, não foi parte para não serem lançados d'elle com morte de muitos, e sendo assim tomado por ficar emminente e superior ao arraial do Infante, d'elle começaram a fazer alguns danos nos seus com arcabuzes, béstas, e outros tiros, e com achaque d'isso da sua parte assestaram um grosso pedreiro, dizendo contra o cabeça, mas foi assestado contra a tenda de El-Rei e do Duque de Bragança, que estavam juntas, o qual disparado matou alguns homens junto das tendas, fez mudar a El-Rei e Duque a estancia, que causou grande indignação no arraial. E logo o Duque e Conde d'Ourem, com as principaes pessoas do campa d'El-Rei, se vieram a elle a persuadil-o que não havia que esperar, que claramente se conhecia o animo do Infante, que era tirar-lhe a vida, que elle queria fazer com suas traças, se fizesse logo d'elle. Como a indignação era em El-Rei maior que em cada um d'elles, mandou que se não esperasse mais e se não desse vida a nenhum, e que o mesmo Infante fosse o primeiro, pois em tempo que elle estava dando tantas esperanças de perdão, andava machinando e traçando tirar-lhe a vida; o que logo se poz em effeito, como se verá do capitulo seguinte.





CAPITULO XXVI

Da batalha que houve e morte do Infante e todos os seus

Foi tão grande a indignação d'El-Rei, Duque de Bragança e Conde d'Ourem, e ainda de todo o campo, que a grandes vozes clamavam que logo commettessem os arraiaes do Infante e se não desse vida a nenhum de quantos traidores com elle estavam, pois tanto ás claras mostrava ser traidor, o que faziam com tanta confusão e determinação que os não podiam ter; mas temendo El-Rei e o Duque alguma grande desordem, se confusamente e sem a ordem devida commettessem, louvando-lhe a sua resolução, lhe mandaram que se não desordénassem e seguissem suas bandeiras, e a ordem de seus capitães e todos a de seu general, que era o mesmo Duque; e repartindo o combate do arraial, do qual o Infante se não atrevia a sahir, e recolhido esperava alguma desordem no d'El-Rei, por ter ouvido a confusão que n'elle ia, da qual se

esperava aproveitar, succedendo o que esperava a que se não deu lugar, porque n'aquelle breve tempo deu o Duque tal ordem aos coroneis e capitães, que toda a industria do Infante e suas traças, com a insolencia do conde d'Abranches, ficaram frustradas, e seu arraial foi por muitas partes combatido; e ainda que os seus se deffendiam e offendiam valorosamente e como gente desesperada, foi tão grande a indignação e resolução dos d'El-Rei, e com tanto animo accommetteram, que foi logo por ventura e por muitas partes entrado, pondo por terra e arrasando os vallos e deffensas, o que não poudo, sem muitas mortes de ambas as partes, e da parte d'El-Rei, foram mortos muitos bons cavalleiros e soldados de nome conhecido por esforçados, porque de uma parte sua determinação e da outra vêr que estavam á vista d'El-Rei e conhecerem d'elle quanto estimava os que eram taes não receiavam metter-se nos maiores perigos, arriscando suas vidas pela honra e fama por livrar a seu Rei de um tyrano e tão grande inimigo como o nomeavam, que era o assumpto para que ali eram vindos com tanto animo e vontade. E se levantou logo um rumor e vosearia, em que se dizia que d'aquella vez não ficasse raiz nem semente de traidores que tornassem a inquietar o reino, em que sempre a lealdade fôra tão estimada.

Conheceu-se bem o valoroso animo do moço Rei n'aquella primeira batalha em que se achou, porque acompanhado do Duque seu tio e do Conde d'Ourem, seu primo, que como tão propincuos no sangue e leaes nas obras quizeram atalhar que seu grande esforço o não mettesse em algum perigo em que arriscasse a vida, por lhe ser tão notorio quanto

desejavam os contrarios de lh'a tirar; porque nunca o desacompanharam, e assim em sua companhia com outros muitos cavalleiros andaram discorrendo de uma parte a outra, louvando as cavallarias e esforço de uns, e animando a todos, que é o mais certo caminho para fazer os principes amados e os vassallos valorosos, e fazerem obras dignas de eterna fama, sendo coisa que ao Rei lhe custa pouco, e o vassallo tanto estima; injustamente faz o principe que nega semelhante satisfação; esta falta se não conheceu nunca no valoroso Rei D. Affonso, porque sempre premiou os seus, honrando-os por todas as vias que lhe foi possivel e fazendo-lhe outras mercês mui avantajadas, que foi causa de em seu tempo haver valorosos cavalleiros, com os quaes fez em Africa valorosos feitos com que mostrou bem não degenerar dos seus antigos progenitores, antes dar lustre ao valor dos que mais ennobreceram o real tronco de que era felice ramo.

Entrado que foi o arraial do Infante não se viu n'elle mais que mortos de uma e outra parte, porque como os d'El-Rei fossem muitos e viessem levados de uma determinação tão resoluta de não deixar nenhum com vida, e os do Infante conhecessem que lhe não restava outra esperança de vida mais que o valor de seus braços lhe podia dar, o que era coisa de todos, assim uns como outros fazerem façanhas dignas de eterna fama. E como d'ambas as partes houvessem tal resolução e pelejassem a pé quedo, (se assim se póde dizer) em espaço de hora e meia foram os do Infante postos a cutello, ficando mortos e estirados n'aquellas fragas e asperezas, que lhe não valeram pelo grande desejo com que eram buscados e mortos, porque como lhe tivessem

tomado todos os altos, cercados por todas as partes, alguns que pozeram suas esperanças na fugida, foram tomados e mortos como estava mandado por El-Rei e pelo Duque.

O Infante andando a batalha em pezo, e elle acompanhado d'alguns cavalleiros pelejando e discorrendo de uma parte a outra e animando os seus, lembrando-lhe que de suas obras podiam tirar honra e vida com outros grandes bens e esse era o unico e só remedio em que podiam estribar, que aspirassem á victoria ou que morressem como cavalleiros com as armas nas mãos e não nas dos vis algozes como cobardes e pusilanimos; o que foi parte para se metterem pelos d'El-Rei, levados d'aquella fraca esperanza, e fazerem obras temerarias. Mas por fim todos acabavam nas suas mãos no pequeno espaço que fica dito.

Andando pois o Infante assim discorrendo dando e fazendo dar muitas mortes como esforçado que era, veiu uma seta perdida, que o não foi n'aquella hora, que lhe passou uma cota de malha e uma roupeta comprida de veludo carmezim, que debaixo d'ella trazia e lhe atravessou o coração, que deu motivo a muitas prespectivas para dizerem que foi justo juizo de Deus (como todos o são) ser ferido n'elle como centro onde teve, em quanto viveu, reconcentrados os pensamentos de tyranno, tendo sempre em todos os seus actos as palavras differentes das obras, como bem se colhe d'ellas e do discurso de sua vida, porque estas denunciavam animo tyranno, cheio de ambição insaciavel que era causa de não reconhecer Rei nem senhor; nas palavras mostrava uma justa moderação e modestia ajustada com a razão; mas conforme as sentenças de muitos

sabios havemos de dar credito ás suas obras e não a suas palavras.

Foi sua morte tão repentina que se póde duvidar se teve tempo para pedir perdão a Deus de suas culpas, n'aquelle ultimo transito; mas como Elle é tão misericordioso que nunca falta com todos os auxilios necessarios para nosso remedio, não se póde duvidar que n'aquelle pequeno espaço, que lhe duravam as ancias da morte, lhe acudiria com a Sua Misericordia, para que pois o corpo pagava com tão deshonorada e ignominiosa morte, sua alma se salvasse e fosse gosar da Bemaventurança para que a creou.

O conde d'Abranches, causa d'esta destruição, depois de por bom espaço ter pelejado e feito grande damno nos d'El-Rei, e tendo já recebido algumas feridas, vendo-se cançado, fraco e já desfallecido, tornou á sua tenda, e pediu comer, e ahi soube da morte do Infante, dizendo logo que nunca Deus quizesse que elle faltasse da promessa e voto que tinha feito de morrer com elle; depois de ter comido e bebido, se tornou á batalha contra os d'El-Rei, que andavam encarniçados em dar mortes, e se lançou entre elles, fazendo algum damno, como vinha de refresco; mas tardou pouco que não cahisse atravessado de muitas lançadas e feridas mortaes, e em logar do dôce nome de Jesus, que n'aquella ultima hora lhe podera ser de grande bem, acabou com estas palavras: — Ora fartar, rapazes, e vingar, villãos.

E, acabando de cahir (por ventura com a alma inda entre os dentes, se assim se póde dizer), um amigo seu lhe cortou a cabeça, que levou a El-Rei, que por preço d'ella alcançou perdão, que lhe foi

concedido; pela vontade que El-Rei tinha ao conde, que bem sabia que se este homem não sanara as cousas do Infante, por ventura que não chegariam ellas a fim tão desesperado.





CAPITULO XXVII

Do que mais succedeu depois da batalha

ESTAVA o animo de El-Rei tão entregue e senho-
reado de sua paixão, que não bastou para mi-
tigar sua ira a presente miseria do Infante com
a morte de tantos cavalleiros quantos estavam lava-
dos em seu sangue, e alguns d'elles ainda com as
ancias da morte por aquella fragosa serrania, por-
que, vendo a batalha acabada, deu livre o saque
aos seus, para que cada um fosse senhor do que
tomasse. E mandou tambem que nenhum cavalleiro
ou soldado, ou outra alguma pessoa, se partisse
emquanto elle os não mandasse despedir.

E com toda a gente com que ali viera esteve no
campo os tres dias que costumam os vencedores, e
n'elles não quiz nem consentiu que se desse sepul-
tura ao Infante, nem que fosse tirado d'entre os
mortos, do lugar em que cahira e acabara envolto
em seu sangue; e, passados aquelles dias, deu li-

cença que o sepultassem, mas não em sepultura como quem era e como se devia a pessoa de tanta qualidade; e ao tempo que foi levado estava inchado já e corrupto de tal modo que se não podia soffrer o mau cheiro que d'elle procedia, e foi d'ahi levado a sepultar ao logar de Alverca, em sepultura humilde, como El-Rei já tinha mandado, sem se fazerem em seu enterramento honras algumas.

Os mais mortos da parte do Infante ficaram no logar onde perderam a vida, salvo alguns, a que seus parentes e amigos fizeram sepultar, uns no mesmo arraial, outros nos logares mais visinhos; e todos os mais ou foram comidos das aves e animaes brutos, ou o tempo gastou seus corpos n'aquellas solitarias asperezas e incultas fragas, bem conforme desventura a sua deslealdade e rebellião e caminho errado que seguiam; porque, ainda que Deus, como misericordioso, tarda com o castigo que lhe merecemos, sempre lhe chega o tempo de nossa emenda tarda.

Os mortos do campo d'El-Rei mandou fossem enterrados, e todos os fidalgos e cavalleiros de conta fossem levados a sepultar em logares e sepulturas convenientes, e os soldados communs foram enterrados n'aquellas mesmas serras.

Passados os tres dias, sahiu El-Rei d'aquellas asperezas, com todas suas gentes, indo ainda o campo com ordem militar costumada, seguindo cada um seu capitão e bandeira. Logo ao outro dia despediu sua gente, dando-lhe muitos agradecimentos pela vontade com que n'aquella occasião o vieram servir, louvando e encarecendo sua lealdade, promettendo-lhe muitos favores, honras e mercês, dizendo-lhe mais que esperava com elles fazer grandes conquistas em serviço de Deus, estendendo sua

Santa Fé; e despedidos com o Duque de Bragança e Conde de Ourem, e gente mais qualificada, e a mór parte da de cavallo, se tornou a Santarem, ficando por então este reino por muitos annos com a maior paz e quietação que havia tido de muito tempo atraz; e não sómente a houve n'estes reinos, mas quasi foi universal na maior parte da Europa.

A morte do Infante foi julgada com diversidade, porque os que lhe eram affeiçoados a julgavam por dura e cruel, e não queriam que de sua parte houve culpa para tanto, e attribuindo-a ao odio que havia entre elle e o Duque seu irmão e o Conde de Ourem, seu sobrinho, o qual não parou aqui, antes lavrou, e se accendeu mais em seus descendentes, como bem se viu no que El-Rei D. João II usou com o Duque D. Fernando, seu primo, e com o Condestavel, seu irmão, Marquez de Montemór-o-Novo, com os mais irmãos o Conde de Faro e D. Alvaro, pois é bem sabido que o mais que se lhe impoz com verdade foi queixar-se por cartas a El-Rei D. Fernando Catholico, e á Catholica Rainha Izabel, da aspereza com que El-Rei D. João o tratava a elle e a seus irmãos, e a todos os mais da casa real d'estes reinos, o que não dava materia de que se podesse fazer muito caso, e menos a dava pertender que se lhe guardassem suas juridições e mercês que lhe foram concedidas pelos reis D. Duarte e D. Affonso seus tios; e foi mui differente materia a que deu o Infante D. Pedro que fica referida, e comtudo não falta quem lhe ache desculpa e a queira dar ao Duque D. Fernando, mas não ha opinião por mim, e desarrazuada que seja, que não tenha alguém por si, porque é cousa infallivel que nunca o vulgo sabe julgar das cousas como merecem.



CAPITULO XXVIII

E ultimo de muitas cousas pretencentes á historia

TANTO que El-Rei despediu sua gente se recolheu a Santarem, acompanhado do Duque seu tio e seu primo o Conde de Ourem, e alguns fidalgos mais principaes do reino, e tanto que foi n'elle os mandou ajuntar para tratar dos negocios do Infante D. Pedro e suas cousas, e n'elle foi determinado que como rebelde e desleal a seu Rei e corôa merecera a morte que lhe fora dada, e sua memoria condemnada, e seus estados e terras, com todos os seus bens confiscados e adjudicados á corôa real; e n'elle se começou e acabou sua casa com grande detrimento da casa real de Portugal, nem seus filhos e descendentes permaneceram, porque, posto que tiveram grandes pretensões lograram-se mal, como por alguns outros está escripto.

Contra os mais que o seguiram, que todos com elle morreram, se fulminaram processos, e foram

condemnados por traidores a seu Rei e inimigos da casa real, e todos os seus bens confiscados; dos quaes fez d'elles mercê aos mais leaes dos seus; alguns tinha já d'antes dado no tempo que o Infante estava em Coimbra, que eram os que elles tinham da corôa; e tambem muitos d'elles foram dados aos creados da Rainha, que a serviram e acompanharam em seus trabalhos e miserias; e acabado de tratar o tocante ao Infante D. Pedro e seus sequazes, ficou El-Rei temido e amado de todos os seus vassallos, e reconhecendo as grandes obrigações que tinha ao Duque seu tio, como aquelle que sempre favoreceu a Rainha sua mãe, e nunca a desamparou; e elle e seus filhos fizeram brava resistencia ao Infante Governador para não pôr em effeito o que sua ambição lhe pedia; e finalmente por ordem sua se fez esta guerra, pelas quaes razões e outras muitas lhe fez mercê de lhe dar a cidade do Porto, e a villa de Guimarães, e outras terras d'aquellas comarcas, com todas suas jurisdicções, achando ser ainda pequena satisfação em respeito de tão grande Principe e tão leal vassallo que tão bem o tinha ajudado.

Logo o Duque houve a Guimarães, e porque a cidade do Porto fez grande resistencia, alegando fôra primeiro patrimonio de Portugal, e cabeça da casa real d'elle, a não houve o Duque por não ter vassallos forçados, e desistiu da doação, o que El-Rei lhe satisfez com outras terras e grandes mercês do patrimonio e corôa real, com que se houve por bem satisfeito, ficando com tanta reputação, que emquanto viveu ficou governando este reino de Portugal com tanta satisfação e prosperos successos, que El-Rei lhe dava a mão em todos os negocios

do governo, com que ficou bem gratificado do que por elle, e pela Rainha sua mãe tinha feito.

Não ficou a ira d'El-Rei mitigada com a dura morte do Infante, porque não sómente lhe negou por então ser sepultado em sepultura honrada, mas nem d'ahi a muitos annos o quiz conceder, porque passado algum tempo passaram seus ossos a uma sepultura pouco mais auctorizada, que se lhe fez em Abrantes, para onde foram levados de Alverca, e no castello da villa d'Abrantes estiveram alguns annos, os quaes passados foram levados a S. Bento de Emxabregas, até que no anno de 1455, a instancias da Rainha sua filha, do Summo Pontifice e da Duqueza de Borgonha, sua irmã, tia d'El-Rei, houve por bem d'elle mandar dar honrada sepultura no mosteiro da Batalha, para onde foi levado com grande pompa, onde está. E da villa d'Alverca onde ficou a maior parte d'elle, sabemos que se ha de levantar no ultimo dia e final juizo, a dar conta, e então serão bem publicos e conhecidos seus pensamentos, e se era verdadeira a tyrannia que d'elle se suspeitava, e suas obras mostraram, ou a lealdade que suas palavras queriam dar a entender; que dos homens é julgar pelas obras e actos exteriores; mas a Deus é que nada se esconde, não só pelas obras mas pelos mais intimos movimentos do coração.

INDEX

INDEX

DO

LIVRO TERCEIRO

	Pag.
CAPITULO I—De como El-Rei D. Affonso houve o governo do reino contra vontade do Infante D. Pedro.....	5
CAPITULO II—Em que se trata de algumas cousas que se fizeram em odio do Infante D. Pedro	9
CAPITULO III—Do que o Infante D. Affonso fez nas comarcas de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes em odio do Infante D. Pedro.....	14
CAPITULO IV—De como o Infante D. Henrique veio á côrte interessar por seu irmão...	18
CAPITULO V—De como El-Rei mandou restituir os creados da Rainha e os mais que foram privados por sua causa.....	23
CAPITULO VI—De uma concordia que El-Rei ordenou entre o Infante D. Pedro e o Duque de Bragança, que se não guardou	26
CAPITULO VII—De como El-Rei tirou a dignidade de Condestavel a D. Pedro, filho do Infante, e lhe mandou tornar as armas ao	

INDEX

almazem de Lisboa, que d'elle tinha tiradas.....	29
CAPITULO VIII—De como El-Rei mandou vir á côrte seu tio o Infante D. Affonso, Duque de Bragança.....	35
CAPITULO IX—De como o Infante D. Pedro tratou de impedir o caminho ao Duque seu irmão, e do que sobre isso ordenou.	37
CAPITULO X—Das embaixadas que houve entre o Infante D. Pedro e o Duque seu irmão sobre passar por suas terras.....	42
CAPITULO XI—Das preparações do Infante D. Pedro para impedir o passo ao Duque.....	46
CAPITULO XII—De como o Infante D. Henrique largou de todo ao Infante D. Pedro	49
CAPITULO XIII—De como o Infante D. Pedro poz sua gente em ordem, e da falla que lhe fez.....	53
CAPITULO XIV—Do modo que se houve o Duque, e da falla que fez aos seus.....	58
CAPITULO XV—De como El-Rei mandou ao Duque D. Affonso que não chegasse a rompimento com o Infante D. Pedro, e do que ambos ordenaram.....	63
CAPITULO XVI—De como o Infante D. Affonso tomou outro caminho e por elle se veiu á côrte.....	66

INDEX

CAPITULO XVII — De como o Infante D. Affonso chegou á côrte, e de como El-Rei ordenou ir contra o Infante D. Pedro.....	70
CAPITULO XVIII — Dos preparamentos que El-Rei mandou fazer contra o Infante	75
CAPITULO XIX — Como El-Rei procedeu contra D. Pedro, Mestre d'Aviz, filho do Infante	78
CAPITULO XX — De como a Rainha intercedeu pelo Infante D. Pedro seu pae, e da resposta que teve d'El-Rei.....	82
CAPITULO XXI — De como a Rainha avizou o Infante seu pae, e do que elle n'isso fez	88
CAPITULO XXII — Do conselho que tomou o Infante D. Pedro com os seus, e dos pareceres que houve.....	94
CAPITULO XXIII — De como o Infante D. Pedro quiz dissuadir El-Rei de sua partida, e como El-Rei partiu em sua demanda ...	99
CAPITULO XXIV — De como o campo d'El-Rei se veiu acercando ao do Infante.....	103
CAPITULO XXV — Das diligencias que El-Rei fez para reduzir o Infante a seu serviço....	107
CAPITULO XXVI — Da batalha que houve e morte do Infante e todos os seus.....	110
CAPITULO XXVII — Do que mais succedeu depois da batalha	116
CAPITULO XXVIII — E ultimo de muitas cousas pertencentes á Historia	116



OBRAS PUBLICADAS

- I— HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas 600
- II— HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Gq-ny de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas..... 600
- III— ETHIOPIA ORIENTAL, por *Frei João dos Santos*, 2 grossos volumes..... 27000
- IV— O INFANTE D. PEDRO, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes..... 17000
-

EM PUBLICAÇÃO

- V— CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I (O JUSTICEIRO), por *Fernão Lopes*.

Dias de Landin, Gaspar

198617

Dias de Landin,
Gaspar

O infante D. Pedro.

198617

5/28/60 Recd. from Mundo do Livro
Lisbon \$4.20 - Europe - bought
ms checked - 118 A

